

SEXO

DROGAS

AMOR

FAMÍLIA

PODER

AMERICANOS SELVAGENS

TRAÇÃO

ASSASSINATO

VINGANÇA

MEDO

J. J. McAvoy

RUTHLESS PEOPLE



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



DROGAS

AMOR

SEXO

FAMÍLIA

PODER

AMERICANOS SELVAGENS

TRAÇÃO

ASSASSINATO

VINGANÇA

MEDO

J. J. McAVOY

RUTHLESS PEOPLE



AMERICANOS SELVAGENS

J. J. McAvoy

RUTHLESS
PEOPLE

PODER
DROGAS
AMOR
TRAIÇÃO
ASSASSINATO
FAMÍLIA
VINGANÇA
SEXO
MEDO

1ª Edição



Ribeirão Preto/SP

Direitos Autorais



Título original: American Savages
Ruthless People Series #3
Copyright © 2015 Judy Onyegbado
Copyright da tradução © 2024 Leabhar Books Editora Ltda.

Tradução: Viviane Almada
Revisão: Soraya Defavari
Diagramação e Capa: Labellaluna Web®

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada, distribuída ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do proprietário dos direitos autorais, exceto em publicidade e resenhas.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP) FICHA CATALOGRÁFICA

M478lbe

McAvoy, J.J.

Título: Americanos Selvagens (recurso eletrônico) - ©2024

Leabhar Books Editora Ltda- Ribeirão Preto - SP

Tradução de: American Savages © 2015 - Judy Onyegbado

Formato: Livro digital

Veiculação: Digital

ISBN 978-65-5444-292-3

1. Contemporâneo. 2. Canadá. 3. Almada, V. I. Título

80754

CDD 82-32
CDU 134-3

Todos os direitos reservados, no Brasil e língua portuguesa, por Leabhar Books Editora Ltda. CEP: 14025-200 - RP/SP - Brasil

E-mail: leabharbooksbr@gmail.com | www.leabharbooks.com

Dedicatória



A todos meus leitores implacáveis:
Espero que esse livro te faça sentir
Alegria
Aversão
Ânimo
E
Angústia.
Porque isso é um adeus.

Prólogo

“Nasci perdido e não sinto prazer em ser encontrado.”

— *John Steinbeck*

Orlando

Catorze anos atrás

O punho dele colidiu com o rosto dela, a mandando para o chão tão rápido que o cabelo chicoteou seu rosto antes de cair no tatame. Ficou lá por um momento, congelada no chão do ringue de boxe, quase morta, antes de tentar se levantar. Os braços bambearam, e o peito subiu e desceu enquanto tentava desesperadamente levar ar aos pulmões. Conseguiu ficar sobre um joelho antes de cair de volta no chão.

Lamentável.

— Levante, Melody —, falei para ela, encostado na parede da velha academia de boxe fora da cidade. Era tão acabada quanto a própria cidade. Ninguém além dos nossos vinha aqui mais — suor do nosso suor, sangue quente do nosso sangue quente, éramos italianos; um só povo. E ela estava se humilhando na frente das pessoas que mais precisavam respeitá-la.

Não se mexeu, apenas ficou deitada lá como uma *coisa* morta. Nem humana nem animal.

— Mandei se levantar, Melody!

Com um gemidinho frustrado, se colocou de pé, e se jogou nas cordas do ringue para conseguir se manter assim enquanto Gino a segurava.

— Senhorita? Senhorita Giovanni? Está tudo bem? — Gino perguntou, me olhando de relance, os olhos esbugalhados quando ela não respondeu.

— Solte a menina. E juro pelo Deus Todo Poderoso, Melody, se cair de novo...

— Estou bem. — Empurrou as mechas de cabelo soltas para trás das orelhas e endireitou a postura ao levantar os pulsos enfaixados. Balançou a cabeça algumas vezes e tentou manter a compostura.

— Viu? Ela está bem. Agora comece de novo — falei para ele.

— Senhor, já faz duas horas...

— Não ligo se forem dois dias! — rosnei, e foi aí que eu vi. Todos os olhos se viraram para minha filha com pena, e para mim com desdém, como se eu fosse algum monstro. — TODO MUNDO PARA FORA! — gritei de repente, fazendo todos pularem e correrem para a porta.

Gino olhou para Melody e para mim antes de sair do ringue.

— Você e eu vamos ter uma conversinha depois —, falei para ele, que acenou antes de sair.

A academia estava escura. A única fonte de luz vinha do centro do ringue onde ela esperava calada. Entrando no ringue também, peguei os aparadores acolchoados, a rondando enquanto os vestia.

— Me decepçiona, Melody — sussurrei. — E não apenas isso, como também me envergonha e a si mesma, porra. Quantos anos tem, doze ou quatro? Ainda precisa que alguém te salve? Te mime? É isso que quer?

— Não, senhor. — Manteve a cabeça erguida. — Estou bem, posso continuar.

— Bem? Um minuto atrás parecia um cervo recém-nascido. É porque estamos sozinhos agora que não quer fazer nenhum showzinho?

Ela me olhou com raiva.

— Estou fazendo isso há duas horas, pai. Qualquer pessoa normal...

— Você não é normal! É Melody Nicci Giovanni, filha do Mãos de Ferro — minha filha! Normal nunca será o adjetivo usado para te descrever! Excepcional. Infame. Imparável. Esse devia ser seu objetivo. Está com dor? Seu corpo está dolorido? Adivinha? Essa é sua vida. Acha que aqueles idiotas lá fora te ajudaram porque se importam? Por que é *preciosa*? Interviram para te deixar fraca, para te puxar para baixo até os limites *deles*, a fraqueza *deles*. A mão que ajuda é egoísta. Se não pode salvar a si mesma, não tem direito algum de ser salva. — Olhei para seus olhos castanhos carrancudos. — Entendeu?

Ela não respondeu, só continuou me encarando.

— Fiz uma pergunta.

— Sim, senhor. Eu te ouvi — murmurou.

— Bom. — Levantei os aparadores. — Agora, punhos para cima.

— *Ti odio* — falou baixinho enquanto batia neles.

— Não entendi, odeia o que...?

— Nada.

Foi o que pensei.

Um dia ela me agradecerá por isso.



Sedric

Catorze anos atrás

— Liam, daqui uma hora vou almoçar com Neal e Declan, quer vir? — Evelyn perguntou, quase implorando que viesse.

Liam estava sentado, cercado de livros, no canto do meu escritório. As pernas longas se esticavam no chão, e as costas descansavam contra a estante. Ele parou por um momento e olhou para ela, minha esposa, e ela suportou seu olhar gélido.

— Obrigado, mãe, mas já almocei — respondeu como se não tivesse emoções para desperdiçar com ela.

— Muito bem então, vou deixar vocês fazendo o que quer que façam nessa masmorra. — Sorriu para mim e tentei devolver, mas por algum motivo não consegui.

— Te ligo mais tarde — falei quando beijou minha bochecha antes de sair.

Só quando a porta fechou que fui até o canto e dei um tapa na cabeça dele.

— Ai! Que caralho foi isso?

— Por que tem que ser tão parecido comigo? — Suspirei ao me sentar do lado dele. — Deveria herdar meus traços bons e largar os ruins. Não guardar rancor da família.

— Não estou guardando rancor.

O encarei, meu filho. Era quase engraçado o quanto conseguia ler as outras pessoas, mas não conseguia entender a si mesmo.

— Ainda está bravo com ela...

— Não, não estou.

— Ainda estou bravo com ela também, às vezes —, o cortei e ele congelou, desviando o olhar e apertando o exemplar de *Viajando com Charley* do John Steinbeck. — Tento não pensar muito nisso. Os anos que ela passou nos afastando. Como teve que...

— Estou bem —rosnou.

— Tão bem que não consegue me deixar terminar uma frase?

Ele respirou fundo.

— Seja a pessoa mais forte, Liam. Perdoe. Ela não estava ao seu lado quando menino, eu sei, mas deixe isso para lá e a ame mais pelo fato de querer desesperadamente estar ao seu lado agora. Nunca está velho demais para ter uma mãe.

— Achei que tivesse dito que eu sou como você? Sempre dá conselhos que não segue. — O espartinho murmurou, e resisti ao desejo de dar outro tapa na cabeça dele.

— Jantamos como uma família, e eu e sua mãe comemos a sobremesa toda noite.

— Eca, pai! Não fale isso, parece que está falando de sexo. — O rosto dele ficou todo apertado antes de se enfiar atrás do livro.

Pegando a cabeça dele em um mata-leão, o puxei para mim.

— Não foi isso que quis dizer, seu idiota.

Ele empurrou meus braços quando soltei e riu.

— Mas fazemos isso também.

— Fala sério! Eca... pare de compartilhar, por favor —implorou, e ri de novo quando ele se encolheu de nojo.

— Tudo que temos, e tudo que eu faço, é pela família, Liam. Os Clãs Irlandeses, nosso sangue pessoal, não importa o quanto nos machuquem ou decepcionem, família é o único porto seguro que temos nessa vida. Tudo isso começou porque ninguém cuidou de nós, e nos chamavam de vira-latas irlandeses. Nos largaram nas ruas para apodrecer, então nos unimos, sobrevivemos, e agora ficamos juntos para não morrermos sozinhos. Esse é o trabalho do *Ceann na Conairte*. O único jeito de fazer isso é...

— Perdoar —sussurrou, e fiz que sim com a cabeça.

— Vá almoçar, porque se não for bem no tiro ao alvo hoje à noite, não vai comer até o jantar de amanhã.

Isso o colocou de pé rapidinho. Quando abriu a porta, Neal estava bem na frente, como uma torre acima do irmão caçula que ou não ligava que era mais

baixo, ou não percebia. Liam, mais orgulhoso que um menino de quinze anos deveria ser, encarou o irmão.

— A mãe quer muito que vá no almoço —Neal disse.

— Já ia mesmo, *irmão* —Liam respondeu. A farpa no tom era evidente quando saiu da sala.

Neal. Liam. Me pergunto o que será de vocês dois.

“Apesar de isso ser loucura, há método.”

— *William Shakespeare*

Liam

DIA 1

123.

124.

125.

126.

Contei enquanto me puxava para cima. As barras atravessando o teto concediam uma ampla estrutura para o meu treino. Ignorando a dor queimando meus braços, continuei com a sequência. Se abstraísse das vozes roucas, profundas e uivantes ao meu redor, conseguia encontrar silêncio na minha cela de dois por dois e meio feita de aço e pedra. Por cento e vinte sete dias, tinha ido de uma cela para outra em cadeias diferentes pelo estado todo para minha “segurança”. Mas nada disso importava; estava longe dela, do meu filho, da minha família. Devaneios e exercícios para todos os músculos até o limite da exaustão era a única forma que tinha de manter o pouco de sanidade que me restava.

Sem emoção. Sem medo. Era o mantra que seguia enquanto esperava.

— Está gostando do novo palácio, Callahan? — um dos carcereiros perguntou ao bater a mão contra a entrada da cela. Sem as algemas e as barras, essa bravata não existiria. Sabia disso, e ele também.

— Parece que nunca estive em um palácio — respondi sério enquanto me puxava para cima mais uma vez; cento e cinquenta puxadas altas; duzentos agachamentos, duzentas e cinquenta flexões, assim eram meus dias aqui.

— Bem, é o que acontece quando mata sua esposa. A diretora quer te dar as boas-vindas ao novo lar pessoalmente — falou, e queria amassar a cara dele.

Com um suspiro, me alonguei antes de pegar minha camisa no tapete que chamavam de cama. Colocando as mãos na janelinha da porta, o putinho apertou as algemas muito mais forte do que precisava. Mas se queria uma reação, estava procurando na porra do lugar errado. Dando um passo para trás, esperei ele abrir a porta e saí. Precisava de três deles, todos enormes e ficando carecas, para me escoltar.

— Ande — o mais velho declarou, enquanto acenava em direção ao corredor com o peito estufado como se fosse um pinguim. Isso não era novidade, era a terceira penitenciária, e por alguma razão todos eles sentiam a necessidade de provarem seu valor e me mostrar quem era o rei dessa pocilga. Enquanto andava, os insultos eram os mesmos das outras instalações, uma enxurrada de barulho e ameaças na minha direção.

— Uuuh, olha só o branquelo bonitinho.

- Cadê seu dinheiro agora, Callahan?
- Callahan, é a *minha* putinha agora.
- Não vale merda nenhuma, menino!

Indo até as escadas de aço prateado, apenas os ignorei. Todos queriam uma reação, serem notados. Por um momento na vida ridícula deles, queriam ser vistos e ouvidos. Não ia me rebaixar à incompetência deles, pois tinha gente para isso.

— É melhor tomar cuidado, Callahan —o guarda, cujo nome eu nem me preocupava em guardar, disse ao abrir a porta de aço para mim.

Estava sentada entre uma mesa velha organizada e uma parede coberta de prêmios, certificados e medalhas. Tinha cabelo ruivo curto, na altura dos ombros, usava óculos de armação escura e um blazer. Não podia ter mais do que quarenta anos, e a placa dourada na mesa dela dizia: “Dra. Rachel Alden.”

— Sente-se, sr. Callahan. — Apontou para a cadeira de madeira em frente à mesa enquanto se virava e pegava meu arquivo.

Quando me sentei, os dois guardas atrás de mim garantiram que eu soubesse que estavam ali. Ela me observava com olhos de águia. As mãos estavam dobradas, e o corpo inclinado para a frente como se estivesse prestes a dar o bote.

— Sua audiência é em vinte dias.

— Estou ciente —respondi.

Ela franziu o cenho.

— E sua alegação não mudou.

— Não.

— Encontraram seu sapato com o sangue da sua esposa, uma ligação da sua casa.

— Estou sendo julgado agora? Porque se estiver, acho que me deve um advogado. — Me reclinei na cadeira e relaxei os ombros.

Respirou fundo antes de ir para trás também.

— Tudo bem. Gostaria de explicar por que está na minha instalação? Ou melhor ainda, por que estive em três cadeias diferentes nos últimos quatro meses?

— Prefiro não fazer isso.

— Já chega, espertalhão, ou vai para o buraco! — o homem atrás de mim latiu e agarrou meu ombro.

Olhei para a mão peluda dele antes de me virar para ela.

— Pelo jeito não sou muito bom em fazer amigos... se quer mais que isso, talvez deva os chamar aqui. Ou melhor ainda, leia meu arquivo, afinal, está bem aí na sua mesa.

— Vou deixar isso bem claro, se nos próximos vinte dias, fizer qualquer tipo de alvoroço, ou disser qualquer coisa que coloque em risco a vida dos meus funcionários, vou garantir que vá para a pior prisão de segurança máxima do estado quando for considerado culpado, e acredite, *vai* ser considerado culpado com o tanto de evidência que continua caindo do céu

contra você. Está entendendo?

Quase me fazia querer rir. Era para me intimidar?

— Sim, senhora — sorri, o que fez a sobrançelha dela ter um espasmo. — É só isso?

Acenou, e mais uma vez os guardas colocaram as mãos nos meus ombros, mandando me levantar.

Quando fiz isso, me virei uma última vez para me dirigir a ela.

— Vou querer uma carta de desculpas *escrita à mão* quando isso acabar, Diretora.

— Essa sua atitude confiante pode ter sido charmosa do lado de fora. Mas aqui, só vai te arranjar problemas, sr. Callahan. Bom almoço — cortou quando a porta abriu.

Difícilmente poderia chamar a merda que nos forçavam a comer de almoço, mas não falei nada no caminho para o refeitório. Esse lugar não era nada demais, só aço, tijolo, e macacões laranja. Não tinha nada para olhar, e nada que valesse a pena reparar. Eu tinha sido a coisa mais interessante a entrar no prédio desde Al Capone. Os carcereiros riram ao tirar minhas correntes quando chegamos nas portas duplas vermelhas.

— Espero que esteja de acordo com seus padrões, Callahan. Porque não vai melhorar daqui para frente — ele falou e eu mordi a língua para não responder.

Sem mais uma palavra, fui para a mesa preta vazia no canto da sala. Contudo, antes que chegasse na metade do caminho, dois homens com tatuagens dos braços ao pescoço entraram na minha frente.

— Não pode passar para esse lado — o skinhead coberto de tatuagem latiu com um sotaque pesado de Chicago. Os homens na mesa dele cruzaram os braços, fazendo o que podiam para me intimidar.

O outro homem deu um passo para a frente.

— Ou pelo menos *você* não pode sem pagar pedágio.

— Sério? E por que isso?

Flexionando os músculos, eles sorriram.

— Escute aqui, seu arrombadinho, essa é a nossa casa, é melhor ir andando, ou pode ser que a gente tenha que te machucar. Só leva três minutos para o esquadrão de rebelião aparecer, menino, e podemos fazer muito estrago nesse tempo.

Mais da equipe ficou de pé e foi aí que notei a gelatina em cima da mesa.

— Vai comer isso?

Eles riram debochados.

— Menino, está fodido da cabeça? Quer morrer, caralho? Saia da porra da nossa área antes que a gente te desça o cacete.

— Tenho certeza de que conhecem ou já ouviram meu nome —, sussurrei, sem recuar —, mas não me *conhecem*, e tenho certeza de que não *querem* fazer isso.

Olharam entre si antes de rirem como hienas.

— Olha, você...

Antes que ele pudesse dizer outra palavra, um garfo derretido e afiado estava em seu pescoço.

Avançaram tão rápido e com tanta força que mal podia ver seus rostos. O grupo na mesa foi puxado dos assentos para a briga que tinha estourado no meio do refeitório. Afinal, nos chamavam de irlandeses por um motivo. Se espalhou como uma praga em uma sala fechada. Infectando tudo e todos. Quando dei uma olhada pela sala, vi que até quem não tinha nada a ver com isso havia sido sugado para o conflito, e estavam lutando pela sobrevivência enquanto cada homem com uma gotinha de sangue de irlandês sequer os espancava.

— Urh... — O skinhead aos meus pés tossiu e as mãos dele cobriram o furo profundo no pescoço.

— Vão ser três minutos bem longos. Devia ter me deixado passar logo. — Franzi o cenho quando me sentei à mesa e peguei o copo de gelatina vermelha.

Contando os segundos até a unidade antimotim finalmente chegar, notei que no patamar mais alto estava a Diretora Alden, de braços cruzados e com labaredas no olhar. Levantando o copo para ela, brindei com um sorriso antes de pegar uma colherada.

— Todo mundo no chão! — o salve-uma-putinha gritou e começou a separar as brigas.

Terminei a gelatina e tomei meu lugar no chão, sem quebrar contato visual com ela uma só vez. Ela iria aprender, assim como o resto deles. Não era dona desse lugar... eu era. Só precisava de três dias em qualquer cadeia. Nos dois primeiros eu a queimava até o chão, e no terceiro, reconstruía da maneira que quisesse.

Se ia passar os próximos vinte dias nesse buraco infernal, ia garantir que todos soubessem quem eu era e o que significava ficar no meu caminho. Ainda era um maldito Callahan, preso ou não.



DIA 2

— Não estava exagerando quando disse que tinha dificuldade para fazer amigos. Aquela rebelião foi culpa sua — a diretora disse do outro lado da minha porta.

Parando na metade do abdominal, lancei facas com o olhar.

— Alguém disse que fui eu?

— Essa é a minha unidade, Callahan.

— Quem precisa reivindicar algo com seu não é dono de verdade. Se mandasse mesmo no lugar, não precisaria dizer isso, Diretora.

Os olhos de águia dela se estreitaram na minha direção.

— Sua mãe veio te ver. Infelizmente, o que aprontou ontem nos colocou em confinamento. Ela até trouxe fotos, menino fofo o seu, mas elas não são permitidas para criminosos. Pornografia infantil é contrabando.

Fiquei de pé em um salto e fui até a porta.

— Que caralhos está tentando dizer?

— Eis aí aquela raiva. Sabemos que é um assassino, mas que outro tipo de monstro também é? Vejo homens como você o tempo todo, e a escuridão é a mesma. Como eu disse, esse lugar é meu.

Calma, Liam. Mantenha a calma. Sem emoção. Sem medo.

Me inclinei na direção da porta.

— Nunca conheceu um homem como eu antes, Diretora, e provarei isso com prazer.

— Tenha um bom dia, sr. Callahan, te deixaremos sair amanhã —sibilou e me deu as costas.

O guarda empurrou minha bandeja de comida pelo buraco o mais forte que conseguia quando fui para trás, a derrubando no chão... nem tinha gelatina.

Cerrando o punho, olhei pela janela e tentei não pensar *nela*. Queria ela fora da porra da minha cabeça!

— Que merda, Mel.



DIA 3

Olhando o pátio, observei eles passarem por mim. Ninguém olhou nos meus olhos, apenas chutavam as pedras do chão enquanto andavam. Todos mantiveram distância, e um pequeno grupo de irlandeses, os que não foram mandados para a solitária, estavam próximos de mim, encostados na parede. Ia sair daqui, e quando saísse, a última coisa que precisava era a polícia tentando ligar os pontos. Eles sabiam disso. Ou pelo menos achei que soubessem até um deles se aproximar.

— Sr. Callahan.

— Sim, O'Connor? — perguntei para o grandalhão de cabelo laranja e bigode.

— Abatemos quatro. Mas perdemos um ontem.

— Mande o nome para o meu irmão. Cuidaremos da família dele como de costume.

— Sabemos, senhor. Obrigado. Mas tem outra coisa que precisa saber.

Suspirando, acenei e olhei para o homem.

— Então desembuche.

— Tem alguns italianos aqui. Não muitos, mas o suficiente para criar problemas.

Não falei por um momento. Minha mandíbula ficou dura.

— Eles acreditam que matei ela.

— Sim, senhor, e querem vingança.

É claro que queriam.

Minha família tinha levado anos para manipular o sistema penitenciário. Era bem mais complicado do que parecia. Precisava ter um líder que fosse leal o suficiente para manter todos os irlandeses na linha atrás das grades, inteligente o suficiente para saber passar despercebido, e forte o suficiente para colocar medo no coração de todos os outros arrombados lá dentro. Além

disso, tinham que ser condenados à prisão perpétua sem chances de saírem. Se não fossem, nos entregariam com prazer por um acordo. O'Connor era esse homem. Ele tinha matado dois policiais depois que tomaram sua esposa e filho. Estaria na prisão do condado agora se não fosse pela superlotação.

— Quem é o líder do lado de dentro? — perguntei por fim.

— O Colher.

Olhei de novo para ele, que apenas sorriu.

— O Colher?

Deu de ombros.

— O homem dobra colheres, como mais vou explicar?

Rindo, balancei a cabeça antes de passar a mão pelo cabelo. Depois a coloquei para trás para apreciar o sol.

— Tudo bem. Arranje uma reunião com *O Colher*. Juro, italianos e seus apelidos.

— O senhor se deitou com eles, não sei como isso vai acabar — murmurou.

Franzindo a testa, endireitei a postura.

— Não é da sua alçada saber. Só arranje a reunião. Mais alguma coisa?

— Tem muita gente aqui querendo produto.

— Tchau, O'Connor — cortei.

Com um aceno, ele se virou e voltou para o canto com o resto dos irlandeses.

Precisava focar em qualquer coisa que não fosse ela. Mas como poderia fazer isso se toda vez que sentia meu coração bater, pensava nela e em Ethan?

Uma chamada soou no interfone.

— Callahan, visitante. Callahan, visitante.

Me afastando da cerca, senti os olhares enquanto ia até o prédio.

Os que sobraram do grupo de skinheads ficaram de olho em mim, mas não ousaram chegar mais perto. Os mexicanos apenas abriram caminho para eu passar, enquanto os negros fingiram que eu não existia. Desde que não entrassem no meu caminho, ficariam bem.

Os guardas na porta me escoltaram, acorrentado, para dentro. Minha mãe, sem exceção, me visitava dia sim dia não, não importava em que prisão eu estava, nem a distância. Sempre vinha com o cabelo enrolado, o vestido passado e mesmo através do vidro, podia sentir o cheiro delicado do seu perfume de rosas, e não importava o que estivesse acontecendo, ela sempre tinha um sorriso enorme no rosto para mim. Odiava que precisava a ver assim.

— Bom dia, mãe — sussurrei no telefone.

— Bom dia, bebê. Como é está? — Franziu a testa e me olhou.

— Estou bem.

— A diretora me contou que houve uma rebelião ontem.

— Mãe, estou bem.

— Pare de dizer isso! — ralhou. — Você *não* está bem. Estar aqui *não* está bem. Odeio você aí dentro, com esses vira-latas. Não matou a Melody.

— Acha que não sei disso, mãe? — ralhei de volta, me levantando um

pouco da cadeira. Os guardas deram um passo à frente e me sentei de novo. Passando as mãos pelo cabelo, elas foram parar no meu queixo de novo.

— Me desculpe — sussurrou, mas não deveria.

— Não, mãe, me desculpe. Como o Ethan está? — O nó no meu peito se apertou ao pensar nele.

O sorriso dela voltou.

— Ele é tão... ele é incrível. Ontem, quase arrancou o cabelo da cabeça do seu pai, e assim que Sedric gritou, ele começou a balbuciar. Era como se estivesse tentando subornar o avô com fofura.

Ri só de imaginar.

— Liam, já se passaram quatro meses, você precisa ver ele.

— Não, mãe. Não vou deixar meu filho me visitar na cadeia. Essa não é a vida dele. Me recuso a deixar que ele veja o lado de dentro desse lugar. — Ele era um Callahan. Jamais o sujeitaria a isso sem necessidade.

Ela suspirou.

— Tudo bem. Mostro fotos e vídeos de você para ele todo dia. Ele te conhece, e não vou deixar que se esqueça.

— Garanta que também veja *ela*. — Ele precisava saber quem ela era.

— Então ela precisa voltar para a casa e te tirar daqui — sibilou entredentes.

— Mãe.

— Tudo bem. Eu sei. Mas quando ela voltar, vamos ter uma conversinha.

— É claro.

— Chega de papo. O horário de visita acabou! — o guarda gritou.

Levantando o braço, espalmou a mão no vidro.

— Te vejo na próxima sessão de visitas.

— Mãe, não precisa vir.

— Te vejo na próxima sessão de visitas, Liam — repetiu.

— Tudo bem então. — Minha mão se alinhou à dela no vidro antes de eu desligar. Colocando o telefone de volta no gancho, dei um passo para trás.

Mais uma vez, as algemas me prenderam enquanto me levavam para longe do aroma de rosas frescas. Esperava um momento sozinho na minha cela, mas em vez disso, fui levado de volta ao refeitório. O lugar todo estava esterilizado, lavado com água sanitária do chão ao teto como se a rebelião jamais tivesse acontecido. As algemas se soltaram tão rapidamente quanto fecharam, e O'Connor acenou com a cabeça na direção do homem sentado sozinho na mesa do meio. Ele era grande, é claro, de pele morena e uma cabeça coberta de cabelos brancos.

Indo para a frente pelo mesmo caminho que tinha ido alguns dias atrás, nenhum dos Skinheads ousou olhar na minha direção ou mesmo se mexer. Estavam cientes da minha presença, mas não reagiram.

Quem disse que não se pode ensinar truque a cachorro velho?

Me sentei de frente para o homem que cheirava à carne moída.

— O Colher? — perguntei, e em resposta à minha pergunta ele apenas

dobrou a colher *plástica* ao meio. Ele queria um prêmio?

— Chamou, Callahan? — perguntou com nojo, enquanto escolhia a comida com os dedos.

— Você trabalha para a minha esposa.

— Trabalhava — corrigiu, os olhos me fuzilando. — No passado.

— Não, presente. Minha esposa ainda está viva.

Ele riu baixinho.

— O quê, quer que acredite no que diz?

— Sim. Porque sou um homem de palavra e devia pensar nas consequências de se esquecer disso. Depois de tudo que eu e minha esposa fizemos, acha mesmo que eu seria burro o suficiente para ser pego por assassinato? Acha mesmo que o DP de Chicago, não o FBI ou a CIA, mas a porra da polícia de Chicago finalmente conseguiu me pegar? Sério, você não me parece um idiota, e mesmo assim aqui estou eu, como minha esposa diria, ‘desperdiçando saliva.’ — Tirando o pudim da bandeja dele, abri o pote e comi um bocado usando a mesma colher que ele tinha dobrado.

A mandíbula dele ficou tensa e me olhou e mediu por um momento. As engrenagens em seu cérebro minúsculo pareciam estar fazendo hora extra, tentando compreender tudo que eu tinha dito. Por fim, ele apenas congelou.

— Está aqui porque quer? — sussurrou, totalmente confuso.

— É mais que eu preciso estar, mas é por aí — corrigi antes de comer outra colherada.

— Está planejando algo grande.

Queria revirar os olhos com o quanto ele soava animado e burro.

— Estou. Estamos. Então coloque a porra dos seus homens na linha, porque vocês trabalham para a minha esposa, e, portanto, trabalham para mim. Se tiver que te lembrar disso, vai amaldiçoar o dia em que nasceu, Nicoli. Sim, sei seu nome e devia parar de se chamar de “O Colher.” Elas são feitas de plástico, meu filho de quatro meses pode dobrar uma se quiser — falei quando me levantei do banco e deixei o copo vazio para ele.

Mais dezessete dias. Mas dezessete dias arrombados.

“Sou, de fato, um rei, porque sei como me governar.”

— *Pietro Anetino*

Liam

DIA 11

Meu olhar passou por todos eles, os corpos curvados, tentando tirar as mãos da minha vista. Odiava ficar em situações como essa.

Jogando outro pacote de ketchup no meio, os três detentos me olharam.

— Está blefando — Chris, um homem negro pequeno com uma cicatriz estragando o rosto, disse com uma careta.

— Eu não blefo, nem por cinco milhões — respondi antes de olhar de novo para as cartas na minha mão.

— Foda-se, mano, estou fora — Justin, amante do Chris falou ao jogar as cartas no meio da mesa. Não eram abertos sobre o lance deles, mas eu conseguia perceber.

— Estava fora já tem um tempo — o mais velho, Matty, murmurou antes de abaixar as cartas.

Um a um, todos saíram até que só restaram o tagarela e eu.

Ele olhou nos meus olhos, procurando qualquer sinal de fraqueza, com os lábios franzidos antes de desistir também. Um sorriso de Grinch se espalhou pelo meu rosto quando mostrei minhas cartas.

— Filho da puta! Nos enganou, caralho! — Chris brigou, se levantando da cadeira.

— Acho que o termo correto é *blefou* — falei enquanto pegava todos os pacotes de ketchup.

Matty me encarou com chamadas nos olhos, cruzando os braços.

— O que aconteceu com não blefar, nem por cinco milhões?

— Regra número oito: dinheiro é dinheiro. Se não consegue ganhar, então tome —, respondi, já embaralhando as cartas. — Agora, é melhor eu receber até amanhã.

Chris cuspiu. Depois foi até o outro lado do refeitório e falou com algumas pessoas, com alguma sorte sobre conseguir meu dinheiro. Chris era parte de uma gangue de rua que provavelmente vendia minhas drogas mais caras para as pessoas do bairro. Era um dos contras de usar intermediários. Depois que compravam o produto, já não era mais da nossa conta, podiam vender pelo preço que quisessem. Não me importava com isso. O que me deixava puto era quando tentavam misturar com a merda deles, como se fossem malditos cientistas. Os idiotas não percebiam que se alguém tivesse overdose, perderíamos clientes e lucro. Qualquer coisa que tirasse dinheiro do meu bolso precisava ser resolvida.

— Seu dinheiro vai ser transferido, Callahan — Chris escarneceu quando

voltou. Ele se sentou, mas não encostou nas cartas.

Olhando para cima, notei que O'Connor esperava na última mesa à esquerda; *O Colher* estava sentado na frente dele.

— Bom saber que homens na cadeia também mantêm a palavra.

— O quê, acha que é melhor que a gente? — Matty sibilou por dentes pretos.

— Não quer saber o que eu acho —, falei antes de me levantar. — Já abusei da sorte o suficiente por hoje, obrigado pelo jogo.

— Como caralhos eu vou ganhar meu dinheiro de volta? — Chris gritou.

— Não vai — respondi.

Quando estava prestes a sair, ele segurou meu braço. Olhando para os dedos dele, minha mandíbula se contraiu.

— Chris — Justin murmurou baixinho.

O refeitório todo congelou. Ninguém ousava respirar. O'Connor, se levantou junto com O Colher, todos a postos para outro dia violento.

— Se quiser ficar com o braço, é melhor soltar — falei.

Os olhos dele ficaram estalados quando fez o que pedi.

— Sr. Callahan, eu...

— Callahan, visitante. Callahan, visitante — a voz familiar falou no interfone.

Largando o idiota, fui até as portas. Vi O'Connor acenar para dois homens que foram até a mesa para assumir meu lugar. Eu poderia poupá-lo, deixar para lá, mas esse lugar era um tanque de tubarões. Se não pudesse nadar, se afogava. Se mexia com o alfa, virava janta.

Quando saí, Coisa Um e Coisa Dois estavam esperando, algemas na mão. Me acorrentaram como se eu fosse a porra do Hannibal Lecter. Estava acostumado com a caminhada até a sala dos visitantes. Toda vez que ia, sentia que estava sendo guiado até a morte. Pelo bem da minha mãe, tentei pensar em um momento bom, um ponto positivo nesse inferno para fazê-la se sentir melhor. Podia lidar com o confinamento, mas era o olhar dela toda vez que vinha me ver que estava me abatendo. Quase não queria ter que vê-la.

Quando cheguei ao vidro de segurança, não era ela sentada do outro lado, e me senti suspirar de alívio.

— Você está com uma cara de merda.

— Bom te ver também, pai — falei no telefone. Os olhos dele viajaram por mim, seu rosto calmo, sem expressão, antes de balançar a cabeça.

— Desde que nasceu, eu sabia, apenas sabia que me levaria a uma morte prematura. Sempre foi aquele que precisava passar da linha.

— Pai, estou na cadeia, preciso mesmo de um sermão? — Sorri, fazendo o canto da boca dele se erguer.

Os olhos dele caíram até as algemas ao redor dos meus pulsos.

— Mesmo que esteja com uma cara de merda, ainda parece bem para os padrões da cadeia.

— Vou levar isso como um elogio. Esse é seu jeito de perguntar se estou

bem?

Não me respondeu, mas eu sabia que sim. Estava tão preocupado quanto minha mãe, mas pelo menos tentava não demonstrar.

— Você tem um plano, certo. — Não era uma pergunta.

Fiz que sim com a cabeça.

— Tenho.

Ele esperou.

— Liam...

— Regra número nove: um segredo só é segredo se apenas uma pessoa sabe. Confie em mim, pai, estou bem.

— Talvez esteja, mas o resto da família não.

— Vou consertar tudo.

— E confiaria em você se confiasse em si mesmo. Parece que está só seguindo o fluxo, sem plano nenhum. Estamos perdendo negócios. Parecemos fracos. Está preso, Liam.

— Será que podem parar de me falar onde eu estou, caralho?! — ralhei e puxei as algemas. — Eu sei em que porra de lugar eu estou caralho, que droga. Sei que estamos perdendo negócios; estou trabalhando nisso. Quem dá a mínima se *parecemos* fracos? Não estamos. E se alguém acha isso agora, em alguns dias beijarão meus pés de novo.

— E se ela não voltar, Liam? — perguntou.

Me levantando, me preparei para desligar, não queria tocar nesse assunto.

— Liam, por favor, sente-se — falou.

Mas eu estava farto. Dei as costas para ele e olhei para os guardas.

— Ethan está com dor de ouvido.

Foi como se alguém tivesse me jogado em uma piscina de gelo. Olhando para ele, tentei pensar no que dizer.

— Ethan está com dor de ouvido, que é o motivo de não ser sua mãe aqui. Ela esteve com ele a noite toda tentando fazê-lo dormir — completou.

— Ligou para o médico dele? Ele está bem? Que remédios está tomando? Isso foi agora? A mãe estava aqui ontem e não falou...

— Ele está bem, Liam, respire. Bebês ficam com dor de ouvido. É doloroso de assistir, mas vai ficar tudo bem. Com a família toda tentando cuidar dele, o coitado provavelmente está chorando agora porque não tem um minuto de paz.

Respire, ele disse, como se fosse fácil.

Colocando a cabeça nas mãos, tentei acalmar a porra do coração. Mas estava além do meu controle. Queria vê-lo. Havia uma necessidade urgente e dolorosa de ver o rosto dele. Não tinha como fingir que não ou tentar disfarçar, pois doía. Doía saber que eu não estava ao lado dele. Doía saber que talvez não me conhecesse. E pior de tudo, doía saber que tinha falhado com ele; ao não proteger a mãe dele, tinha falhado com ele.

— Liam...

— Estou bem —, tossi e endireitei a postura. — Desde que ele esteja bem,

estou bem. E ele está bem, certo?

Deu um sorriso triste e fez que sim com a cabeça.

— Filho, se ele não estivesse bem, não estaria aqui desperdiçando tempo com você. Ele está feliz, saudável, e tem os seus olhos. Exatamente o mesmo verde.

Fiquei em silêncio por um momento antes de concordar.

— Callahan, acabou o tempo — o agente atrás de mim avisou.

Encarei meu pai, que me lançou um olhar, um que costumava usar quando eu era criança. Como se estivesse tentando ler um livro complexo em uma língua desconhecida.

— Ela vai voltar —, sussurrei. — Diga que sou louco, trouxa, ou simplesmente iludido. Mas eu a conheço. Apesar de saber que é má ideia, ainda a amo e tenho que acreditar que vai voltar.

Coisa Um e Coisa Dois vieram para o meu lado e me levaram até o corredor familiar de celas. Não queria falar com mais ninguém, não queria fazer nada. Toda vez que via minha família, sentia que outra lasca havia caído da minha alma. Callahans não deveriam ser trancados, coisas ruins aconteciam quando se tentava manter um monstro em uma gaiola.

— Abra a cela D2344.

Minha porta se abriu, e quando o fez, na cama em cima da minha havia um adolescente imprestável, de pele marrom e olhos pretos. Era alto e magro, não tinha mais do que dezoito anos, se tivesse, e além de tudo, estava assustado, podia sentir o cheiro de medo radiando dele.

— Conheça seu novo companheiro de cela, Callahan. Avery Barrow — riram.

Entrando, a porta se fechou. Colocando as mãos pela abertura, eles tiraram as correntes quando me virei.

Idiotas.

— Ei, não vou ficar no seu caminho. Só estava...

— Pare de falar —, disse e me inclinei contra as barras. — Saia dessa cama e será a última coisa que vai fazer na vida.

Ele não falou mais nada e eu não fechei os olhos. A diretora tinha feito isso e ela pagaria.



DIA 14

Está de brincadeira, caralho?

Cada detento se deitava de barriga para baixo no chão enquanto os paramédicos se amontoavam em volta do idiota tendo uma convulsão no meio do refeitório. Nem tinha almoçado ainda e esse arrombado estava comendo meu tempo.

Provavelmente estava tendo overdose da merda que tinha encomendado. Não ia sobreviver, então por que perder tempo com esse dramalhão da porra?

— Ele morreu? — Avery sussurrou com os olhos estalados. Para um cara que supostamente deu um tiro de espingarda na cabeça do padraço, era mais

verde que todas as colinas da Irlanda.

— Sim — falei quando finalmente levaram o corpo embora.

— O que ‘cês’ tão olhando? — o guarda gordo gritou. — Sentem essas bundas e comam.

Nenhum deles se mexeu, e alguns me olharam rapidamente.

Indo em frente, meus passos ecoavam pelo lugar. Só quando me sentei que todos voltaram ao normal. De novo, sorri. Matty e Avery vieram junto, se sentando ao meu lado. Parte de mim queria poder ao menos se sentar com a minha gente. Mas por enquanto, estava encalhado.

— É praticamente um rei aqui. — Avery se inclinou na minha direção enquanto eu comia as ervilhas praticamente congeladas.

— É porque ele é, garoto —, Marty riu. — Seu colega de cela é o Liam Chapeleiro Maluco Callahan.

— O Chapeleiro Maluco? — perguntou ao me lançar um olhar rápido. — O que foi que fez? Você é tipo o Jeffrey Dahmer ou o Ted Bundy?

Tive que conter o desejo de revirar os olhos.

— Como caralhos não sabe quem esse homem é? Não tem TV em casa, menino? — Marty jogou um enroladinho na cabeça dele, mas o peguei antes que acertasse e dei uma mordida.

— Obrigado —, murmurou na minha direção depois olhou para Marty. — Meu padraço acreditava que a televisão era uma fonte de pecado.

— Nunca leu um jornal? Saiu de casa? Que caralho ele fez? Te manteve em uma gaiola? — Marty brincou.

— Algo do tipo, correntes não são a única forma de prender alguém —, respondeu e mexeu com a comida. — Mas não importa mais. Explodi a cabeça dele com um tiro só.

Balancei a cabeça. Estava tentando esconder o medo, mas em vez disso soava como um idiota.

— Se não quer uma agulha no seu braço, não fale essas merdas — Matty avisou, piscando seu purê de batata.

— Se algum dia for a julgamento. O cara que me deram diz que posso ficar esperando por um tempo. Seu julgamento saiu bem rápido, quem é seu advogado? — me perguntou.

Parecia que estava tentando pegar dicas ou alguma merda assim. Sem dizer nada, me levantei da mesa e fui embora.

Quando saí, alguns outros vieram junto. Não falaram nada, apenas me seguiram escada acima. Nossas celas ficavam logo acima do refeitório, era um dos únicos lugares onde podíamos andar sem algemas.

— Pare — Coisa Um ralhou e entrou na minha frente. O resto dos homens se demorou nas escadas, alguns passos atrás de mim.

— O que estão fazendo? — observei enquanto jogavam tudo para fora da minha cela.

— Revista nas celas. Desde que chegou, houve um aumento na entrada de drogas. A diretora não gostou disso.

A diretora pode ir tomar na porra do cu.

— E acham que as drogas estão escondidas onde? No meu colchão?

Ele não respondeu, apenas manteve os braços cruzados enquanto o outro guarda rasgava absolutamente tudo. E a cada rasgo e objeto jogado, a vontade de amassar os crânios deles crescia, até o ponto em que minhas mãos tiveram espasmos. Mais sete dias. Mais sete.

— Está puto, Callahan? Parece que está tendo dificuldades —Coisa Um comentou.

Foda-se tudo. Eu era a porra de um Callahan.

Me virando, me inclinei sobre o corrimão e encarei todos os homens que estavam pinicando por uma ordem. O'Connor me olhou de baixo.

— Callahan, estou falando com você.

— Pelo bem da sua família, espero que tenha um bom seguro de vida — acenei, sem quebrar contato visual com O'Connor.

Os homens nas escadas avançaram sobre os guardas, agarraram seus pescoços e os jogaram no chão. Abaixo de nós, o caos eclodiu, o que trouxe todos os guardas e funcionários para a área. As sirenes dispararam como uma orquestra sinfônica; era música para os meus ouvidos.

— A temporada de caça está aberta, meus amigos, deixem o monstro interior sair —declarei suave.

Passando por cima do guarda, peguei o lençol e rasguei uma parte dele antes de o segurar contra a boca e o nariz. Comecei a contagem regressiva no cinco, e como esperado, quando cheguei ao um, caníços de gás explodiram, se espalhando lá embaixo como névoa.

— Todo mundo no chão! Tudo mundo no chão, agora!

O que será que a diretora vai dizer agora?



DIA 17

151.

152.

153.

— Como está fazendo isso? — berrou e bateu a mão contra a porta.

154.

A ignorando, fiz outra flexão.

— Callahan, estou falando com você! — a boa e velha diretora rosnou.

— Sinto muito, diretora, a solitária mexeu com minha audição — falei quando fiquei de pé para me alongar. — Como a senhora está hoje?

— Está aqui há três dias. Nenhum visitante. Nenhum contato. Nada, e mesmo assim as famílias de seis homens meus foram atacadas. *Seis*. Duas a cada dia. Como está fazendo isso? Sei que é você! — uivou e bateu na porta com tudo.

— Deixe-me ver se entendi direito. — Usei a camisa para limpar o rosto.

— Quando estou preso, é minha culpa. Quando não estou preso, ainda é minha culpa de alguma forma? Talvez não seja eu. Talvez seja o

Departamento de Polícia de Chicago. Talvez seja você, por me deixar puto da cara. Mas por outro lado, essas são apenas hipóteses...

Ela engoliu devagar.

— Então esse é o monstro que você é?

— Sou apenas um homem em uma gaiola.

— E espera que eu acredite que é inocente?

Não respondi, realmente não dava um caralho de asa se ela acreditava em mim ou não.

— Você é maluco.

— Ah, pode acreditar, Dra. Alden, eu mal comecei —, fui até a porta e quase ri quando ela deu um passo para trás. — Te falei para ler o arquivo, afinal, essa é a sua instalação.

— Mais três dias e você sai do meu pé. — As narinas dela se alargaram.

Sorri com malícia.

— Então de acordo com sua teoria, mais seis famílias? A hora que eu sair daqui. Nenhum guarda vai querer trabalhar nesse buraco. Se já não for o caso. Ah, e como foi a busca pelas drogas?

— Seu filho da puta doente, vai pagar por isso! — sibilou.

Essa conversa já estava me entediando, e pelo meu tom de voz, tinha certeza de que ela podia perceber.

— Estou tremendo de medo. Essa cela é a pior coisa que pode fazer comigo, mesmo se me deixar passar fome. Imagine o que pode ser possível se eu me esforçar.

Ela abriu a boca para falar, mas não houve som.

Estava tão próximo da janela, que a ponta do meu nariz a tocou.

— Quer que isso acabe? Aceite que não sou seu prisioneiro. Você é minha. Quanto antes perceber, a menos funerais vai ter que ir.

Abaixando a cabeça, ela deu outro passo para trás antes de se virar.

— Levem ele até o irmão na sala de visitas. Para lá, depois para a cela — falou antes de ir embora o mais rápido que suas perninhas minúsculas permitiam.

— P-p-precisamos d-das suas m-m-mãos, sr. C-C-Callahan —, o guarda gaguejou. Estava branco como um lençol e parecia pronto para mijar nas calças.

Me virando, permiti que me algemassem.

— Está muito apertado? — perguntou.

Balancei a cabeça.

— Não. Está bom assim.

— Cela 16012 —o guarda chamou quando a porta abriu.

Quebre alguns e todos caem.

Quando entrei, ninguém olhou nos meus olhos. Abriram caminho para mim como se eu fosse Moisés abrindo o Mar Vermelho. Depois da segunda rebelião, acharam que todos os problemas acabariam se me trancassem em uma cela escura e jogassem a chave fora. Infelizmente, isso fazia parte do

meu plano. Havia um certo limite ao dano que se podia causar de dentro da cadeia antes de sermos todos trancafiados. Contudo, do lado de fora... do lado de fora vale tudo. O'Connor só precisava dizer um nome a cada punhado de dias.

Indo até o vidro, Declan apenas balançou a cabeça enquanto um sorriso malicioso se espalhava por seu rosto.

— Como está o Ethan? — era a única coisa em que estava pensando.

— Ele está bem. A infecção passou e ele já voltou a deixar bombas tóxicas na fralda — falou, e me senti um pouco mais leve. — Ah, por sinal, eu te odeio para caralho, cara.

— Bom ver sua fuça pálida também — murmurei no telefone.

— Só você para ficar grandão e aumentar o lucro de dentro da cadeia. Verifiquei nossos fundos, e por um minuto fiquei embaçado. Então de novo, eu te odeio para caralho, cara. — Se sentou na beirada da cadeira sorrindo. O cabelo estava um pouco mais escuro e curto, mas ainda parecia o bom e velho Declan.

— O que mais eu deveria fazer com meu tempo?

Ele deu de ombros.

— Bem, fico feliz que não esteja vindo para a casa doente e deprimido. Parece que o mundo está enlouquecendo sem você para o comandar.

— Como estão os negócios da família? — Com a minha sorte, ele e Neal provavelmente estragaram tudo.

— Mais ou menos estável.

— Que porra isso significa?

— Significa que estamos pisando em ovos. Por enquanto, está tudo bem. Vivemos um dia de cada vez. Todo mundo é uma bomba-relógio.

— E você?

— Isso me inclui. — Franziu a testa e me perguntei se estava se segurando.

— Eu...

— Sr. Callahan, só tem mais alguns minutos — o guarda atrás de mim disse.

Me virando para ele, levantei uma sobrancelha, o que o fez desviar o olhar enquanto suas mãos tremiam levemente.

— Jesus Cristo, parece o ensino médio de novo — Declan riu enquanto encarava o guarda assustado antes de voltar a atenção para mim.

Mas ele estava certo.

— É exatamente como o ensino médio. Remova os elos fracos, quebre o líder, e em um piscar de olhos, sua mesa é a dos populares.

— Nunca vou me esquecer dos slides que mostrou durante a aula expondo os segredinhos obscuros de todo mundo.

— Estou surpreso que conseguiu ver através da sua franja emo — ri dele e do meu eu de doze anos. Achava que era tão fodão, mas era a melhor vingança em que podia pensar sem machucar alguém fisicamente.

— Ahh, Deus. — As mãos dele foram até o rosto. — Tinha esquecido dos

meus dois anos como Ciclope. Tempos sombrios.

— A mãe odiava muito o seu cabelo, estava sempre tentando tirar do seu rosto.

— É, eu meio que esperava que ela fosse entrar no meu quarto e cortar.

Tinha certeza de que a ideia tinha passado pela cabeça dela.

— Como o público está reagindo a isso, ou melhor, a mim? — Suspirei, apertando o canto dos olhos, precisava dormir de verdade.

— As enquetes da CNN dizem que setenta e três por cento do público acha que é culpado. Por outro lado, Nancy Grace está em oitenta e oito por cento e está chamando todas as suas garotas do passado para testemunharem sobre o quanto é um cuzão controlador. Foda-se elas. Nenhuma porra de respeito. Juro. Depois de tudo que fizemos por essa maldita cidade.

Ou pelo menos todas as coisas boas que tínhamos feito.

— O que esperava? Isso é Chicago. Não pode confiar em ninguém, nunca. Essa cidade e o povo dela vão te comer vivo. Se não fizessem isso, não seria a mesma coisa. — Mesmo com toda a filha-da-putagem, ainda era o meu lar.

— Também tem alguma coisa acontecendo, Liam. Evidências. Provas que não deveriam existir continuam caindo nas mãos impacientes da polícia. De início, sem um corpo, diria que isso é uma tentativa triste, mas alguém está ajudando.

Ele parecia frustrado, mas não podia contar para ele. Não ainda, eu tinha que estar fora e longe dos telefones do governo antes de apontar o dedo para o diretor do FBI.

— O caso ainda é fraco —era tudo que eu podia dizer.

— É, bem, não ajuda em nada que Natasha foi encontrada morta em uma vala. — O sorriso no rosto dele me fez querer quebrar o vidro e o nariz dele com um soco.

— Mesmo do além-túmulo, ela continua me emputecendo. É como um pesadelo infinito. Coraline sempre me disse para ficar longe dela.

Algo brilhou nos olhos dele só de falar nela.

— Como a Coraline está? — perguntei devagar.

Ele sorriu.

— Ela está bem. Passou por uma fase de perucas horríveis por um tempo. Mas o câncer se foi. Agora ela é a líder da Campanha Liam Livre.

— A Campanha Liam Livre? — Quase tinha medo do que isso significava.

— Sim, e acompanha fotos fofas de bebê do Liam, junto de fotos suas com a Mel, por todo o Twitter, Facebook e Instagram. Também tem histórias sobre a ótima pessoa que é. Oitenta e oito por cento não é todo mundo. Minha esposa é uma organizadora, o que posso dizer?

Pelo amor da porra.

— Diga obrigado a ela, acho.

— Liam, sobre a Mel...

— Declan, não. Ela vai estar lá. — Não podia deixar que ele duvidasse também.

— Já se passaram cinco meses. Nenhuma ligação, nenhum contato.

— Declan...

— Talvez ela queira vir para a casa, mas não pode. Ou tenha sido levada de novo. Precisa se preparar para todas as possibilidades. Seu julgamento é em três dias. Não pode contar com ela lá, principalmente quando sei que tem alguma coisa que não está me contando. Diga alguma coisa, Liam, qualquer coisa. Contra o que estamos lutando?

Olhou em meus olhos procurando por alguma coisa, mas desliguei o telefone, fiquei em pé, e voltei até os guardas.

Contra o que estávamos lutando? O que Ivan DeRosa queria de verdade? E como diabos eu ia matar ele?

Eram perguntas que eu precisava da resposta antes de dizer a ele.



DIA 20

Não conseguia dormir. Não iria. Não em um dia como esse. Me sentei, os sapatos amarrados com um nó frouxo, o cabelo tão bagunçado quanto de costume, e esperei. Três minutos até duas da manhã.

— Sr. Callahan.

— Vá dormir, Avery — falei, encarando a parede.

— Posso falar uma coisa?

— Já falou. — Na verdade, o menino nunca calava a porra da boca. Devia ter mandado a diretora tirar o bundão da minha cela. Não sabia bem por que não fiz isso.

Ele ficou em silêncio e apenas revirei os olhos antes de apertar o canto dos olhos.

— O que foi? — perguntei.

O ouvi engolir enquanto lambia os lábios.

— Tem cinco segundos, Avery.

— Eu só... não acho que tenha matado sua mulher. Não me parece um assassino ou um homem mau. Sei como um homem mau se parece. Você não é *legal*, mas não é um homem mau. Então boa sorte, acho.

Eu ri. Apenas ri. A sensação era ótima, na verdade. Nunca tinha ouvido algo tão ridículo na vida.

Parando por um momento, sabia o que podia fazer.

— Meu pessoal vai cuidar de você aqui dentro até eu te tirar. Assim que eu sair, as linhas entre raças vão ser traçadas e vai sentir a necessidade de se juntar aos outros negros. Não faça isso. Esse é seu único bilhete de saída do inferno. Depois que sair, vai trabalhar até se tornar alguém grande.

Ele riu.

— Não sei jogar basquete nem futebol.

— E só pode ser bem-sucedido através do esporte? Pare de falar antes que me irrite e eu mude ideia. Nós. Vamos. Te. Tirar. Daqui. Vai trabalhar para cacete para se tornar alguém que vale alguma coisa, porque essa é a única forma que tem de me pagar por isso. Daqui dez ou vinte anos, irá pagar o que

deve. Porque acredite, eu vou cobrar. Temos um acordo, Avery Barrow? — perguntei sério.

O ouvi se sentar.

— Está falando sério? Como diabos vai me ajudar se tem a sua própria merda para consertar?

— Temos um acordo? — Revirei os olhos sem saber direito porque estava ajudando esse pirralho.

— É. Sim. Vou fazer o melhor que puder.

Ele ia precisar fazer mais que o melhor dele.

— Callahan. — O policial bateu na porta.

Finalmente.

Dando as costas para ele, colocou as algemas através da abertura.

— Abra a cela D2344 —o guarda gritou.

— Espera, e os seus livros? — Avery perguntou.

Minha mãe tinha trazido para me manter são. Infelizmente, tinha terminado todos na primeira semana.

— Fique com eles. Comece a se consertar —falei para ele quando saí para o corredor.

Ao meu redor as pessoas começaram a esmurrar suas portas, gritando meu nome com orgulho. A cada passo que dava, o alvoroço ficava mais alto.

Eles sabiam que eu não voltaria... nunca. Só precisava passar pelo julgamento.

“Nossas provações, nossas angústias e nossas dores nos desenvolvem.”

— *Orison Swett Marden*

Liam

— Entendeu, Sr. Callahan? — meu advogado, Dillon DiMarco, perguntou.

Desviei o olhar do meu filho por um momento. Ele mastigava o próprio pulso sem uma preocupação sequer enquanto se sentava no colo de Coraline. Contudo, Olivia segurava uma das mãos dele. Tentei não deixar minha desaprovação transparecer. A família sabia como me sentia sobre ela, mas agora não era a hora de reforçar minhas preferências. Ele estava no meu campo de visão e só isso importava. Era como um ímã para os meus olhos, não conseguia os manter longe dele por mais do que alguns segundos. Ele parecia um mini Garoto Bombril de terno, a cabeça careca até tinha um certo brilho.

— Sr. Callahan? — DiMarco perguntou de novo, e o exército de advogados parou de se mexer para me encarar. — Sei que pode ser bem assustador. Mas farei tudo que puder para te tirar daqui.

Tudo que ele puder. Se ao menos soubesse o quanto o poder dele era inútil para mim.

— Tentar não sorrir e nem rir, porque o júri vai achar que não estou levando a situação a sério. Não ser muito sério nem frio, porque irão achar que não tenho coração. Encontrar um equilíbrio e manter meu rosto nele. Sim, entendo. — Não sabia como isso era humanamente possível, mas entendia.

Me virando de volta para Ethan, Coraline pegou um dos bracinhos rechonchudos dele e o fez acenar para mim. Seus olhos verdes me encararam com tudo e deu um sorriso tão largo que não pude evitar sorrir de volta. Não tinha certeza se ele sabia quem eu era ou era só um bebê feliz, de qualquer forma, o ver fazia a vida valer a pena de novo. Coraline também sorriu, depois se virou para mim e balancei a cabeça para a camiseta preta que ela usava com o meu rosto. Declan devia ter adorado isso. Parecia mais saudável do que na última vez em que a vi, mas ainda tinha um lenço na cabeça.

Declan revirou os olhos para mim antes de descer o zíper da jaqueta para me mostrar que estava usando a mesma coisa. Meu Deus. Ainda bem que meu pai e Neal tiveram senso o suficiente para virem de terno.

Mas quando olhei direito, notei bottons presos na lapela dos paletós. Parecia que a única pessoa que não estava usando a parafernália de “Liam Livre” era Olivia. Na verdade, parecia que nem queria estar aqui. Seu cabelo loiro estava puxado para trás, fazendo seu rosto parecer mais frio do que de costume. Balançou a cabeça na minha direção antes de voltar a atenção para o meu filho. Queria quebrar o pescoço feio dela, mas novamente, não era a hora nem o lugar.

Minha mãe apontou para o meu pescoço sinalizando para que arrumasse a gravata. Ela e Coraline tinham deixado um terno novo para mim, junto com uma gravata verde escuro que supostamente acentuava meus olhos. Era estranho como mesmo com toda a roupa que estava vestindo, ainda me sentia nu sem a aliança. Tinha sido tomada quando fui preso, e não poderia receber meus itens pessoais de volta até que essa farsa de julgamento acabasse. Arrumei a gravata como instruiu, e ela sorriu e fez joiha. Às vezes éramos tão *A Família Sol-Lá-Si-Dó* que me dava nojo.

A família toda estava aqui, exceto uma pessoa. Olhando para a porta, notei pela primeira vez as câmeras apontadas na minha direção. Tinha que ter pelo menos doze emissoras grandes de notícias fazendo a cobertura de ‘Liam Callahan; O Bilionário Assassino.’

— Hora do show — DiMarco falou e abotoou o paletó.

Olhei para ele com uma sobranceira erguida.

Isso é um show para você?

— Por favor, todos de pé, a meritíssima juíza Kelly Weston está presidindo — o meirinho avisou, e todos nos levantamos.

Porra.

Ela era uma mulher baixinha de traços simples e cabelo preto oleoso. Pessoas baixas sempre tentavam compensar isso de outras formas. Muito provavelmente ela era osso duro de roer.

— Bom dia, por favor, sentem-se — falou, parecendo quase entediada. — Tudo bem, estamos falando oficialmente, caso número 67F82C5, o Estado de Illinois contra Liam Callahan. Todas as partes estão presentes, existe mais algum assunto a tratar antes de chamarmos o júri?

DiMarco, que ainda estava em pé, balançou a cabeça.

— Não no momento, vossa excelência.

— Também estamos prontos para começar — o promotor acrescentou.

Ele parecia uma bola de gordura, tinha o cabelo penteado para trás e sapatos de couro de jacaré. Sabia que Coraline e minha mãe estavam fazendo algum tipo de careta para ele, e desejei poder olhar para trás para ver.

— Tudo bem, traga eles para dentro. — A juíza Weston comandou.

Não sabia bem quem achava que essa gente era um júri composto de meus iguais. Parecia que alguém os tinha selecionado entre o povo que estava sendo expulso de um bar... ou em um Walmart às três da manhã.

— Bom dia, senhoras e senhores, espero que não tenham problemas em estar aqui. Só preciso perguntar uma coisa. Algum de vocês leu, ouviu ou escutou alguma coisa sobre esse caso?

— Não. — Todos sacudiram a cabeça e todos estavam mentindo, talvez fossem meus iguais afinal de contas.

— Tudo bem então. — Ela acenou para o promotor, e DiMarco, junto com seu time de advogados, se sentou.

— Mais uma vez, bom dia, senhoras e senhores. — Ele apertou um botão no notebook e uma foto de Mel vestida de noiva, um sorriso brilhante e

expressão feliz apareceu na tela do projetor. Me fez querer rir, porque nessa época do nosso relacionamento, ela queria me matar. Mas a foto a capturava lindamente e muito além da mentira. — Quero olhem bem para o sr. Callahan, aquele homem sentado ali, um dos filhos da infame família bilionária, Callahan, e se lembrem que ele não é um de vocês. Vejam bem, o sr. Callahan nunca trabalhou um só dia na vida dele. Nunca teve que se preocupar com contas, comida ou mesmo segurança alimentar. Tudo sempre foi entregue de mão beijada... não, *jogado* nele. Mulheres especialmente. Agora voltem apenas dois anos e meio e analisem a vida dele sem a esposa, Melody Giovanni. Festa atrás de festa, garota atrás de garota, liberdade onipotente. Liam Callahan fazia o que queria, *quem* ele queria. Nenhuma mulher durava mais do que um mês em seus braços antes que as jogasse fora. E então *puf*, ele está casado com a linda sra. Melody Giovanni, e é de se imaginar que isso seria o suficiente. É de se imaginar que estivesse feliz. Mas um homem como ele não pode ser amarrado sem repercussões. Ex-namoradas dele estão ou mortas, ou suas vidas mudaram tão drasticamente que se tornaram incapazes de funcionar como costumavam; ele as quebra e depois as joga fora.

Pelo amor de Cristo, alguém precisava meter uma entre os olhos dele.

— Isso soa como um homem pronto para se casar? Um homem pronto para começar uma família? Não. Liam Callahan fez o que todos os homens Callahan fazem; eles se casam jovens, uma tradição. E as evidências apresentadas hoje irão mostrar que o sr. Callahan queria voltar para sua vida anterior. Queria as festas, as garotas, a diversão, e faria qualquer coisa para conseguir isso. Não podia viver a vida imoral que queria com a devotamente religiosa e adorada Melody. Quando ela engravidou do primeiro filho, Liam entrou em pânico e tentou se livrar da criança poque se sentia encurralado. Melody foi hospitalizada com um ferimento à faca no estômago, e alegou que caiu das escadas.

VAI SE FODER. Como ousa? Eu gritava por dentro.

A dor de perder nosso primeiro filho ainda ardia. *Tínhamos perdido nosso filho.*

De canto de olho, percebi que Olivia ficou em pé, pegou Ethan dos braços de Coraline e foi até a saída.

— Infelizmente para o sr. Callahan, Melody não morreu. O bebê se foi, mas ela não morreu. Contudo, essa não foi a última vez que Melody foi hospitalizada. Na verdade, ela tinha recebido um ferimento à bala no ombro. Esteve em um acidente de carro. E não houve explicação. Como um acidente de carro causa um ferimento à bala? *Por coincidência*, Melody estava grávida de novo. Dessa vez, o sr. Callahan sabia o que fazer. O jeito de conseguir sua liberdade de volta era se livrar dela. Apenas momentos após dar à luz, Melody desapareceu. As únicas pessoas que podiam ter estado lá eram os médicos e o próprio sr. Callahan.

Você vai pagar por isso. Vou garantir que passe a vida toda se arrependendo dessa declaração de abertura longa do caralho.

— Senhoras e senhores, o sangue dela foi encontrado nas roupas e nas botas dele. Testemunhas vão corroborar a raiva dele, os registros do hospital mostrarão o sofrimento de Melody. Não deixem que esse homem de terno chique os engane. Liam Callahan matou a esposa. Não temos um corpo; queríamos ter para que o filho dela pudesse ter ao menos isso. Mas dinheiro pode comprar muitas coisas doentias nesse mundo. Liam Callahan queria fazer Melody sumir da face da terra, e achou que poderia se safar disso. Não deixem que se safe. Melody Nicci Giovanni-Callahan precisa de justiça. O pequeno Ethan Callahan precisa de justiça. — Ele se virou e andou até a cadeira ao lado de seus colegas orgulhosos.

Ele está usando a porra do meu filho?

O sangue em minhas veias parecia que ia ferver a qualquer momento. O que piorava a situação era o fato de que o júri realmente parecia estar acreditando nas lorotas dele. Todos olhavam para a tela, encarando infelizes a foto dela. Ele a deixou ali por alguns segundos antes de finalmente apagar a tela.

DiMarco ficou de pé, indo para a frente, sua cabeça careca brilhando enquanto limpava os cantos da boca e balançava a cabeça.

— Essa declaração de abertura que acabaram de ouvir é a pura essência desse caso; nenhum fato, apenas suposições, feitas contra meu cliente, Liam Callahan, por causa de duas coisas: ele é rico, e ele tem um passado. É por isso que o estado de Illinois quer o deixar atrás das grades pelo resto da vida, por algo que ele não fez. O sr. Callahan nunca tentou esconder seu passado. Na verdade, ele e a esposa faziam piada dele abertamente para a imprensa. A diferença com Mel é o fato de que ele a ama.

— O sr. Callahan me disse para não a chamar de Melody porque ela odeia isso. A acusação não a conhece. Se conhecessem, saberiam que Mel era a orgulhosa dona de uma arma e frequentemente ia caçar. Gostava da ópera, ainda que desafinasse até uma campainha, mas cantava mesmo assim porque Liam falou que adorava a voz dela. Todos que são próximos de Mel estão ao lado do meu cliente; acreditam na inocência dele. Todas as evidências que a acusação vai tentar apresentar não passam de provas circunstanciais, no melhor dos casos.

— Não há arma do crime. Não há cena do crime. Isso é apenas mais um caso em que o Departamento de Polícia de Chicago falhou em proteger os cidadãos e está atrás de um bode expiatório. Pergunto a vocês: confiam de verdade na polícia dessa cidade? Depois de tudo que não conseguiram fazer?

Se virando de volta para a tela, ele deu um clique e novamente uma foto de Mel apareceu.

— Essa foto é perturbadora, não consigo imaginar o que meu cliente está sentindo sabendo que a esposa ainda está por aí, mas não pode procurar por ela. Não pode ajudar a procurar a esposa porque o Departamento de Polícia de Chicago desistiu das buscas e apontou o dedo para ele. Isso não é justiça. É uma *caça às bruxas*, e não vou deixar um homem inocente ser queimado na

fogueira só para a acusação e o departamento de estado se darem tapinhas nas costas. Digam a eles para fazer o trabalho pelo qual são pagos. Digam a eles para encontrarem Mel, porque Liam Callahan *não* matou a esposa. Liam Callahan é um homem inocente. Ele e a família *precisam de justiça*.

Ele andou confiante de volta para a nossa área e se sentou ao meu lado.

Encarando a foto dela, o nó na minha garganta não passava. Me virando, olhei para a porta. Pessoas entravam e algumas saíam. Nenhuma era ela.

Onde caralhos você está, Mel?



— Por favor, diga seu nome para que conste dos autos —o promotor falou para a loira no banco de testemunhas.

— Dra. Amy Lewis. — Se inclinou na direção do microfone.

— Dra. Lewis, você era a médica de Melody Callahan, correto?

— Sim, eu a acompanhei durante a primeira gravidez.

— Pode nos relatar o incidente que aconteceu na primeira vez que encontrou o sr. Callahan dois anos atrás?

Ela olhou na minha direção e depois passou os olhos pelo júri.

— Naquela noite, a esposa dele deu entrada com um ferimento à faca no estômago. Ela estava em cirurgia, e o sr. Callahan estava bravo. Ele me pegou pelo pescoço e me jogou contra a parede.

Puta que pariu.

DiMarco endireitou a postura na cadeira e folheou suas anotações.

— O sr. Callahan falou alguma coisa para você?

— Protesto! — DiMarco se levantou. — Relevância?

— Excelência, a Dra. Lewis está aqui para testemunhar quanto ao caráter do sr. Callahan, então acredito que seja relevante. — Ele devolveu o olhar fuzilante.

— Concordo —a juíza falou olhando para DiMarco. — Negado.

— Perdão, dra. Lewis, como estava dizendo, o que o sr. Callahan falou para você?

Acenando, as mãos dela se enrolaram no próprio pescoço.

— Ele disse algo como ‘vou arrancar sua cabeça dos ombros, sua puta sem classe, baixa e idiota.’ Que ele era dono do hospital e dessa cidade.

Ah, essa vadia.

O júri se virou na minha direção com choque e desgosto colorindo suas faces.

O promotor se virou para o júri.

— Então ele te ameaçou?

— Sim.

— Acredita que estava falando sério?

— Sim.

— Obrigado, dra. Lewis. A testemunha é sua —o promotor falou para DiMarco.

Se levantando da cadeira, ele arrumou o paletó.

— Isso deve ter sido assustador. Você chamou a polícia, dra. Lewis?

Me reclinando, só conseguia encarar os olhos dela. Parecia encurralada enquanto fazia o melhor que podia para desviar o olhar.

— Não, não chamei.

— Mas acabou de contar para essas pessoas que ele te ameaçou, que acreditava mesmo no que ele disse, por que não chamou a polícia?

— Eu... eu não sei.

— Não sabe? Por que não sabe? Parece simples; um homem ameaça sua vida, você chama a polícia.

— Protesto! Importunando a testemunha! — O promotor praticamente pulou da cadeira.

— Concedido. Sr. DiMarco, por favor deixe que a testemunha responda suas perguntas — a juíza falou, e tive que conter o impulso de revirar os olhos. Se isso era “importunar a testemunha,” a dra. Lewis deveria aceitar Jesus logo, porque depois que isso acabasse, não tinha dúvida de que nos encontraríamos de novo.

— É claro, excelência — DiMarco concedeu. — Dra. Lewis, enquanto a sra. Callahan estava perdendo o bebê, lutando pela própria vida, você estava tentando flertar com o sr. Callahan?

O queixo dela caiu e os olhos quase saltaram das órbitas.

— Eu... eu... não... eu...

— Então você não colocou a mão no braço do sr. Callahan e se ofereceu para fazer *‘qualquer coisa’*? — ele insistiu.

Ela engoliu em seco e fez que não com a cabeça.

— Talvez ele tenha entendido errado, estava tentando oferecer um pouco de conforto.

— Em vez de ajudar a esposa dele — ele interrompeu.

— Tinha gente suficiente a atendendo.

— Então você foi colocada no caso da sra. Callahan?

Ela suspirou alto.

— Não, estava na ala quando ele entrou.

— Então o abordou?

— Sim.

— Ele parecia aflito?

— Sim, por isso fui até ele! — ralhou rápido. — Ele parecia que ia desmoronar a qualquer momento.

— Por que amava a esposa e estava preocupado?

Ela parou por um segundo e fez que sim com a cabeça.

— Sim. Acho que sim.

— Dra. Lewis, o sr. Callahan ameaçou mais alguém no hospital?

Ela abaixou a cabeça e encarou as mãos.

— Não.

— Esses são os raios-X da sra. Callahan tirados depois que ela perdeu o bebê, certo? — DiMarco apertou um botão, e na tela apareceram os raios-X

do torso, das mãos e das pernas da Mel.

A dra. Lewis pareceu levemente confusa, e se inclinou para frente antes de fazer que sim.

— Sim, são dela.

— E como sabe disso?

— As fraturas antigas no rádio esquerdo, tíbia direita, e as fraturas cicatrizadas na falange proximal.

— Falange proximal?

— Os ossos da mão dela.

— Sim, é claro. E quanto a caixa torácica dela? — perguntou enquanto clicava em outra foto.

— Mais do mesmo, fraturas cicatrizadas ao longo da quinta, sexta e sétima costela.

— Há quanto tempo foi isso?

Ela deu de ombros.

— Não sou antropologista forense, mas diria que entre doze e quatorze anos atrás para algumas delas.

— Tempo esse em que a sra. Callahan não poderia ter...

— Protesto! Fora do escopo! — o promotor berrou. — A dra. Lewis não tem como testemunhar sobre isso.

Está de brincadeira, caralho? Ela pode dizer que a assustei, mas não pode dar a porra de um testemunho usando o próprio diploma de medicina?

— Excelência!

— Mantido. Por favor se atenha aos fatos, sr. DiMarco — a juíza declarou, e estava tentando me decidir entre gritar e descer um taco na cabecinha dela.

Talvez os dois.

— Por que alguém teria esse tipo de fratura, dra. Lewis? É possível que ela fosse uma lutadora?

— Protesto!

— Sem mais perguntas—DiMarco falou ao andar de volta até mim. A boa doutora desceu do banco rápido, fazendo o que podia para não olhar na minha direção. — Excelência, a defesa gostaria de chamar Fedel Morris para depor — DiMarco falou, lendo o nome nas suas anotações.

Eu nem sabia que nossos homens estavam na sala, mas lá estava ele, vestido nas roupas de domingo. Era estranho como todo mundo parecia estar com a mesma aparência. Tinha estado fora por cinco meses, e as únicas duas pessoas que estavam diferentes eram Ethan e eu.

DiMarco deu um passo à frente novamente.

— Por favor, diga seu nome para que conste nos autos.

— Fedel Gino Morris.

— Obrigado, sr. Morris. Vou direto ao ponto, há quanto tempo trabalha para a família Giovanni?

— Pouco mais de uma década. — Ele parecia entediado.

— Então sabe por que ela estava tão machucada?

— Sim, posso testemunhar que sou o motivo de pelo menos uma das mãos quebradas — zombeteou.

— Quebrou a mão dela?

— Foi mais que ela a quebrou contra minha mandíbula.

Ela provavelmente tinha feito isso mais de uma vez.

— Ela era violenta? Por que te bateu? — perguntou para ele antes de olhar para o júri.

— Nós treinávamos juntos. Ela passou anos aprendendo a se defender. O pai dela não queria que fosse uma vítima por motivo algum.

— E se o sr. Callahan tivesse colocado um dedo nela...

— Ela estaria sentada no lugar dele agora.

— Confia bastante nela.

— Protesto! Tem alguma pergunta nessa declaração?

Esse promotor filho da puta estava esgotando a porra da minha paciência.

— Perdão, excelência, me permita reconstruir a frase — DiMarco respondeu. — Por que confia tanto na Mel?

— Ela é uma lutadora, sempre foi, sempre vai ser. Não é uma esposa fraca que deixa o marido tirar vantagem dela. E se em alguma realidade distorcida o sr. Callahan estivesse a machucando, posso dizer sem nenhuma dúvida que ele não estaria aqui hoje.

Bem, isso é reconfortante, e eu achei que estava fazendo progresso com a gente dela.

Ouvi a porta se abrir, e o clique de saltos no chão, a esperança cresceu dentro de mim enquanto tentava conter o desejo de me virar para trás. Não era ela. Nunca era ela. Não tinha sentido em olhar para trás.

— Sem mais perguntas. Obrigado, sr. Morris.

Quando ele se sentou, o promotor ficou de pé.

— Não temos perguntas para essa testemunha, excelência. Mas gostaríamos de chamar o policial Anthony Scooter ao banco.

É tipo um quem é quem de todo mundo odeia o Liam.

Não tinha dúvidas de que seria divertido.

Ele se sentava ereto e orgulhoso como se estivesse esperando que a cidade o desse a porra de uma medalha. Queria arrancar a cabeça dele e espetar na merda de um mastro.

— Policial Scooter, era um dos policiais que deram a voz de prisão, correto?

— Sim, eu era. Também era o líder do caso.

Continue falando, cuzão, está cavando o próprio túmulo e nem sabe.

— Por que suspeitou do sr. Callahan?

— O sr. Callahan fazia o que podia para evitar conversar conosco. Depois descobri uma conexão entre as ex-namoradas dele e ficou cada vez mais claro que estava escondendo alguma coisa. Havia sangue da sra. Callahan nas botas dele, além de três armas de fogo, isso apenas dentro do quarto.

O que, só tinham encontrado três? Declan devia ter trancado todo o resto.

— Com certeza o questionou sobre essas descobertas, o que ele disse?
— Não disse nada. O advogado de gente rica dele entrou e ele não falou uma palavra. Parecia atordoado.

— Atordoado?

— É, como se estivesse drogado ou bêbado.

— Protesto! Especulação. — DiMarco se levantou.

— Sem mais perguntas —o promotor respondeu, economizando o tempo de todos.

— Policial Scooter, é verdade que essa não é a primeira acusação que faz contra meu cliente e a família dele? — DiMarco perguntou.

— Não entendi a pergunta —respondeu.

Sério que esse era o homem em que todos confiavam para dizer toda a verdade?

— O senhor tem uma vendeta contra os Callahan, policial Scooter? — DiMarco rosnou, fazendo os jurados se ajeitarem nas cadeiras.

— Não. Apenas acredito que os ricos não devem sair impunes de assassinato. Não são intocáveis, não importa o quanto desejem ser —grunhiu, encarando meus olhos.

— Então seu problema é com os ricos.

— Não tenho problema com ninguém. Se comete um crime, tem que pagar o preço. Simples.

— E só esteve esperando para fazer o sr. Callahan pagar. Escolheu rotas próximas às casas deles para patrulhar, sempre é um dos primeiros na cena quando se trata da família deles, não é?

Fez que sim com a cabeça.

— É, claro.

— Em termos policiais, ainda é um recruta, correto?

— Tenho quase dois anos de experiência.

— E nesses dois anos, seu departamento foi suspeito de aceitar subornos, e a média de crimes subiu, correto?

— Sim. — Ele cruzou os braços sem querer recuar.

— Você faria qualquer coisa para limpar as ruas e acredita que tudo isso vem dos Callahan?

— Eles têm essa cidade na palma da mão, e por causa disso, as pessoas fazem vista grossa.

— Você, um oficial de polícia, faria vista grossa? Seus colegas na polícia fariam vista grossa?

Nenhuma resposta.

DiMarco se virou para o júri.

— Esses homens deveriam nos proteger. Mas ele diz que fazem vista grossa? Para o quê? Como foi que *você*, policial Scooter, conseguiu acusar e conseguiu processar o sr. Callahan, quando tantos outros, mas sábios que você, não encontraram evidência alguma de que meu cliente fez qualquer coisa errada?

— Muitos homens tentaram. Perdemos muitos homens bons, vários deles estão desgastados e só querem receber o salário e ir para casa ver a família em paz.

Se ele fosse esperto, teria feito a mesma coisa.

— Senhoras e senhores, vocês ouviram —comentou com o júri. — O departamento de polícia está cansado de fazer o próprio trabalho. O que significa que estavam muito *cansados* para encontrar a sra. Callahan.

— Protesto!

Mas ele não parou.

— Estavam apáticos, fartos de perderem homens demais, então decidiram pela saída mais fácil.

— Protesto!

— Queriam voltar para o café com donuts. Quem liga se um homem inocente apodrecer na prisão? Estão *cansados*!

— Excelência!

— Sr. DiMarco! — A juíza bateu o martetele. — Senhoras e senhores do júri, por favor retirem as declarações anteriores dos autos. Sr. DiMarco, está pisando em ovos muito frágeis.

— Minhas desculpas, excelência, só estou um pouco *cansado* —falou, e se eu pudesse, teria rido.

O tribunal parou.

— Muito bem então, gostariam de uma hora e meia de recesso para o almoço? — a juíza ofereceu ao júri, e todos fizeram que sim com a cabeça, o que significava que eu voltaria para as tumbas sob o tribunal.

— Quero testemunhar —cochichei para DiMarco enquanto o meirinho e outro guarda vinham até mim, algemas preparadas.

Ele me olhou como se eu realmente fosse louco.

— Sr. Callahan...

— Apenas os culpados e fracos ficam de fora. Não sou nenhuma dessas coisas. Estava te avisando que vou depor, não pedindo permissão. — Ele trabalhava para mim, e não o contrário.

— É o seu julgamento —murmurou, balançando a cabeça na minha direção.

Acenando, olhei para a porta, e mais uma vez as pessoas entravam e saíam, mas a única que eu precisava ainda não estava em lugar algum. Queria ver Ethan de novo, mas depois que Olivia saiu, ela não voltou mais para dentro.

Me virando, eles me levaram para fora da sala de julgamento. As celas sob o tribunal pareciam um túmulo; escuras, úmidas, e provavelmente infestadas de mofo. Havia um vaso sanitário, um banco parafusado na parede de pedra ao canto, e nada mais. Por sorte, não tinha mais ninguém ali.

— Alguém vai trazer seu almoço —o meirinho avisou quando me trancou lá dentro.

Me sentei no banco, já que não havia mais nada a fazer.

Ela não vem. Não queria acreditar nisso. Doía acreditar nisso. Parte de mim

queria que ela estivesse machucada, capturada como Declan tinha dito, pelo menos assim teria um bom motivo. Mas isso... cinco meses e nenhuma palavra, como podia nos abandonar? Se não se importava comigo, imaginei que pelo menos teria voltado pelo Ethan.

Mas por outro lado, ela nunca quis ter filhos.

Talvez essa fosse a saída dela. Tinha dinheiro e propriedades escondidas no mundo todo, e poderia se esconder pelo resto da vida sem se preocupar.

— Pense um pouco mais e talvez estoure uma veia. — Coraline sorriu, fora da minha cela com um saco de batata fritas e algo com cheiro de hambúrguer.

— Como é que chegou aqui? — perguntei, procurando o guarda.

— Câncer. Se não fosse uma bosta, seria ótimo. Dá para convencer as pessoas a fazerem praticamente qualquer coisa. Agora coma. — Ela enfiou o saco e a bebida pelas grades.

— Obrigado, Coraline. — Não estava com fome, mas duvidava que me deixaria recusar.

Ela olhou rápido para trás.

— Preciso mesmo sair antes que ele volte. Mas o que quer que esteja pensando, *pare*.

— Coraline...

— Dúvidas são o sinal de que está na reta final. Está lutando há meses e está quase no fim. Pare de pensar nisso, vamos enfrentar isso e sair inteiros do outro lado. Sempre saímos. — Sorriu mais uma vez antes de fazer o que podia para sair escondida. Ela, como o resto da minha família, era maluca, mas era impossível não amar.

Quatro

“Não lute em uma batalha se não ganha nada por vencer.”

— *Erwin Rommel*

Liam

— Liam Alec Callahan — falei no microfone.

— Sr. Callahan, vou direto ao ponto — DiMarco avisou. — Você matou sua esposa?

— Não. Não matei minha esposa. — Não sei quantas vezes já tinha dito essa merda de frase, estava cansado dessa porra.

DiMarco encarou o júri e depois se voltou para mim.

— Não é muito convincente, sr. Callahan. Então pode por favor explicar para nós o que sua esposa significa para você e por que não a mataria?

— Ela... ela me deixa louco. — Parei por um momento, tentando não sorrir com malícia do que pensei. Me forcei a dar um sorriso aguçado em vez disso. — É a única mulher com quero gritar e fazer amor ao mesmo tempo. Pode me fazer sorrir com apenas um olhar rápido ou fuzilante. Ela canta no chuveiro e é horrendo. Me chuta quando dorme porque não entende onde o lado dela da cama acaba e o meu começa. É mandona, brilhante e linda. O motivo por que não a mataria é porque estou perdidamente apaixonado por ela. Não poderia imaginar não ter esses momentos com ela. Na verdade, isso é mentira, posso sim. Ficar trancado longe dela e do meu filho é mais horrível do que eu poderia imaginar.

— Sem mais perguntas, excelência — DiMarco falou, acenou para mim e permitiu que o cuzu de sapato de jacaré se aproximasse.

Tinha passado esse tempo todo dando meu melhor para manter uma expressão séria, mas o ver me medir com os olhos me fez querer chutar a cara dele. Aposto que aqueles sapatos pretensiosos poderiam causar um bom estrago também.

— Sr. Callahan, ama sua esposa mesmo que tenha sido um casamento arranjado?

Como caralhos ele sabia disso?

— Perdão? — Minha mandíbula se apertou com a pergunta. Ouvi alguns murmúrios da rale, e o filho da puta sorriu.

— Seu casamento com Melody, foi arranjado, correto? Uma forma de juntar os milhões das famílias — pressionou.

— Bilhões, e não. Mel e eu nos conhecemos por causa de nossos pais, mas ela me odiava no começo. Não teria se casado comigo se não quisesse.

— É mesmo? E por que isso?

Arrombado. Estava tentando me fazer cair em uma armadilha.

— No começo, ela estava enganada sobre quem achava que eu era.

— E qual era a opinião dela sobre você, sr. Callahan? — O cuzu sorriu de novo e senti um impulso de o deixar identificável apenas através dos registros

dentários.

— Ela achava que eu era um menino festeiro e mimado que passava tempo demais *com* o sexo frágil. — Tenho certeza de que entenderam a insinuação, mas dizer isso me lembrava de uma época que parecia ter sido décadas atrás, em vez dos poucos anos que realmente tinham se passado. Um desses erros me assombrava agora e até ajudava nessa farsa de caso.

Natasha do caralho.

— Ela mudou de ideia? Como a *persuadiu* a fazer isso? — Novamente tentei ignorar a insinuação. Mas tenho certeza de que alguns dos meus molares racharam com a força com que apertei a mandíbula quando ouvi a ousadia desse idiota.

— Não precisou ser persuadida. Eu fiz de tudo para a conquistar, mostrei quem era por trás das mentiras e boatos. Ela não teria se casado comigo se não visse alguma coisa em mim que pudesse dar o que ela precisava.

— E ao mesmo tempo conseguiria o que *você* precisava. — De novo, aquela entonação do caralho.

— Perdão? — perguntei como se não fizesse ideia do que estava tentando dizer.

— O dinheiro dela, sr. Callahan. Obteve controle sobre ele depois do casamento, não foi? — Quando ele fez a pergunta, olhei nos olhos dele. Tinha certeza de que ele viu o próprio futuro. Havia duas maneiras disso acabar. Ele podia fazer o melhor que conseguia para me prender pelo resto da vida, e para fazer isso, precisaria usar todas essas técnicas desonestas, e então ele receberia toda a fama e glória de ser quem colocou o infame Liam Callahan atrás das grades. Mas aí ele morreria. Não havia dúvidas sobre isso. Era simples assim. Mas a alternativa não parecia ser muito melhor. Se ele comesse a pegar mais leve, fizesse um trabalho meia boca e eu não fosse condenado à prisão pelo resto da vida, talvez ele sobrevivesse. A escolha era dele. Seria crucificado pela imprensa, provavelmente perderia o emprego ou seria rebaixado. Mas ele viveria, talvez.

— Protesto! — DiMarco gritou e ficou de pé, pondo um fim à nossa competição de quem piscava primeiro e freando o sorriso sádico que eu sabia que tinha aparecido no meu rosto.

— Me permita parafrasear: se casou com Melody Giovanni para deixar sua família mais rica? Afinal, com o controle acionário dos Giovanni sobre as grandes corporações, seu patrimônio disparou.

Acho que ele escolheu seu destino.

Suspirando, olhei na direção do júri. Os rostos dele estavam ansiosos e esperançosos, enquanto se preparavam para remoer cada palavra minha. A imprensa estava me olhando atentamente, esperando que eu respondesse, mas não sabia bem o que dizer. Olhei para minha família, todos estavam sentados na penúltima fileira. Olivia tinha voltado, e estava sentada ao lado de Coraline, que estava com Ethan no colo de novo. Olivia não parecia feliz, mas Coraline não parecia se importar enquanto entregava o celular para Ethan. O

levantando, ela o abraçou contra o peito enquanto Ethan tentava entregar o celular para alguém sentado atrás deles, na última fileira. Ele estava balbuciando à toda, era o único som que se podia ouvir no tribunal.

Coraline acenou para mim, os olhos estalados, me incentivando a falar, mas apenas continuei observando. Agora a mulher com quem Ethan estava “falando” estava visível. Tinha cabelo loiro curto, e um sorriso radiante ao olhar para Ethan.

Eu conhecia aquele sorriso.

Ela olhou para mim e sorriu de novo. Era mais triste, mas ela sorriu e eu engoli em seco. Tirando os óculos de sol, ela os deu na mão da mulher ao lado, Anna da Interpol. Depois tirou a peruca e os grampos que estavam a segurando no lugar enquanto me encarava.

Olhos castanhos profundos.

Cabelo preto ondulado.

Sorriso diabólico.

Mel.

Olhou fundo nos meus olhos e eu não sabia bem se estava sonhando ou morto, mas tinha medo de que desaparecesse se eu piscasse. Podia ouvir o zumbido em meus ouvidos enquanto minhas mãos começavam a suar.

— Sr. Callahan! — o promotor ralhou. — Está invocando a Quinta Emenda? — O olhei brevemente antes de voltar a encará-la, ainda estava lá.

Graças a Deus.

Ela falou sem emitir som: *acabe com ele*.

Anna se levantou devagar e se aproximou de DiMarco. Os passos dela pareciam uma marcha no tribunal silencioso. Ela começou a sussurrar para um dos assistentes dele que praticamente deu um tapa nas costas de DiMarco para que escutasse. Mais ninguém prestou atenção neles, estavam ocupados me encarando. Até minha própria família estava confusa, Declan apertou o canto dos olhos e balançou a cabeça para mim. Neal ficava formando alguma palavra com os lábios, mas nem tentei entender o que ele estava dizendo. Minha mãe, minha pobre mãe, estava à beira das lágrimas.

— Sr. Callahan, vou repetir a pergunta.

— Guarde as suas malditas perguntas —rosnei, fazendo com que estalasse os olhos. — Você é uma cobra. Desprezível. E não porque tenta demais fazer as pessoas acreditarem que vale mais do que o ar quente que sopra, mas porque é um idiota da mais alta ordem.

— Sr. Callahan! — a juíza gritou comigo, mas segurei um dedo em riste na direção dela.

— Senhora, deveria me deixar terminar, estou quase chegando na parte boa —, falei enquanto olhava para o homem na minha frente. — Aceitou um caso do Departamento de Polícia de Chicago como se fosse um demônio. Não precisou de evidência nem de causa provável. Só queria que o mundo todo soubesse seu nome ao ligá-lo com o meu. Azar o seu, porque eu ainda não sei seu nome e nem vou me incomodar em aprender. Quer fazer um nome para si,

não faça isso pegando carona no meu, porque quando te jogar para fora, vai se danificar além do que é possível reparar. E antes que pergunte, não, não é uma ameaça, é uma promessa.

— Sr. Callahan! Mais um rompante como esse e o prenderei por desacato ao tribunal — a juíza berrou.

— Eis aí aquela raiva Callahan pela qual todos estávamos esperando — ele zombou mesmo que eu pudesse ver a pulsação acelerada em seu pescoço.

Lambeu os lábios, deu um passo atrás, e se virou para a juíza. Ela parecia que tinha acabado de levar um tapa.

— Acho que já provei meu ponto, excelência.

— Ótimo — DiMarco sorriu, ficando em pé. — Então, excelência, a defesa requer a soltura imediata do sr. Callahan e que se retirem todas as queixas.

— Tem alguma coisa na água de vocês? Porque devem estar todos loucos! Sob qual alegação? — o idiota questionou.

— Sob a alegação de que ainda estou viva — Mel falou ao se levantar do banco.

Estava vestida toda de branco com sapatos vermelhos. Parecia um anjo vingador. Anna e outros dois homens a seguiram e ficaram de pé ao lado dela com distintivos pendurados no pescoço. A cabeça de todos se virou para trás quando ouviram a comoção.

— Meu Deus!

— Sra. Callahan!

— Sra. Callahan!

— Mel! — Coraline arfou e ficou de pé. Ethan, que estava nos braços dela, agora estava com o celular na boca. Mel se inclinou para a frente para beijar a cabeça dele pelo que pareceram vários minutos antes de se afastar.

— Ordem. Ordem no meu tribunal! Quero a defesa e o estado no meu gabinete agora! — a juíza berrou tropeçando nas palavras, tirando minha atenção *dela*. — Sr. Callahan, parece que a premissa deste caso está obviamente comprometida e não precisa mais ser julgada, o caso será arquivado após uma investigação. O senhor e sua família não podem sair do estado até nos encontrarmos para outra audiência. Está entendendo? Meirinhos, por favor, escoltem o júri e qualquer um que não seja da família para fora do tribunal.

Voltei minha atenção para o fundo da sala. Todos estavam tentando falar com ela. Todos estavam gritando seu nome ou berrando perguntas. Mas ela ignorou a todos. Apenas segurou Ethan e enrolou nosso filho nos braços, que parecia totalmente tranquilo. Era como se ela fosse apenas outra pessoa o segurando. Ninguém importante.

Nem tinha percebido que estava andando até que pude sentir o cheiro dela. Era o mesmo aroma, mas diferente ao mesmo tempo. Me afetou de uma forma diferente do que geralmente acontecia. Ela tinha cheiro de alívio, ao mesmo tempo, a possibilidade de se afogar nas chuvas torrenciais que tinha trazido junto permanecia.

Por favor, que isso não seja um sonho.

Abri a boca para falar, mas outra pessoa chegou primeiro.

— Onde diabos você estava? — minha mãe gritou, enquanto limpava as lágrimas dos cantos dos olhos.

Ela olhou para cima, e mais uma vez verde e castanho colidiram. Mas não conseguia chegar mais perto. Só não conseguia. Sentia como se estivesse sendo rasgado; parte de mim queria dar um tapa nela, outra parte só queria abraçar, abraçar meu filho e ela para sempre.



Melody

Todos estavam olhando para mim com alguma forma de confusão e raiva nos olhos, até Liam. Parecia colado em um ponto entre Neal e o pai. Havia muito que eu queria dizer, contar para ele, mas não podia, não agora.

Ethan reclamou quando o celular caiu de seus dedos rechonchudos no banco, e quando me agachei para pegar, Olivia imediatamente esticou os braços para ele.

— Mel, cuidado, ele acabou de comer. Deveria estar indo dormir, de qualquer forma. — Olivia tentou pegá-lo de novo, mas a lancei um olhar que dizia claramente que ela precisava recuar para caralho, agora.

Estendi a mão para devolver o celular para Coraline. Ao mesmo tempo que Ethan tentou o pegar da minha mão, Olivia o tirou dela.

— Precisa ser limpo por causa dos germes. Sério, Mel, me dê ele aqui para poder descansar. Isso é loucura, não pode só voltar e assumir...

— Posso e estou fazendo isso. Eu cuido dele, Olivia. Hoje realmente *não* é o dia para me testar — avisei e puxei Ethan contra meu peito. Coloquei a mão no bolso e peguei meu celular para dar para a ele. Assim que o pegou, ele bateu as mãos contra o aparelho.

— Olha só, você tem sim um celular. Pode explicar por que caralhos não o usou? — Evelyn brigou comigo de novo.

Parecia que precisava se deitar para tirar uma soneca também.

— Comprei ele hoje — falei, tentando me acostumar com a sensação dele nos meus braços de novo. Parecia muito mais pesado, mas ainda tinha o mesmo cheiro.

— Mel, não é brincadeira! Onde você estava? Neal e eu gastamos milhões procurando por você. Enviamos homens para a porra do mundo todo — Declan deu um passo à frente.

— Sem falar na merda das madrugadas, a preocupação, e o fato de nosso irmão ter passado cinco meses na cadeia porque você desapareceu da face da terra. E agora, do nada, está de volta — Neal falou enquanto apertava o encosto do banco tão forte que achei que ia quebrar.

— Sim, mas agora estou de volta — repeti.

A porta se abriu e DiMarco, acho que era esse o nome, saiu com Anna e os dois agentes da Interpol que trabalhavam para mim. O promotor manteve a

cabeça baixa ao andar diretamente até a mesa coberta de papéis.

DiMarco foi até Liam e apertou a mão dele.

— Sr. Callahan, quando essa história vazar, creio que ficarei desempregado, e duvido que algum de vocês vai precisar de um advogado de novo.

— Nunca diga nunca, DiMarco — Liam acenou, a voz um pouco mais que um sussurro.

DiMarco olhou para mim e estendeu a mão para um aperto também. Mudando Ethan para o quadril, assim como imaginei fazer por meses, estendi a mão para ele.

— E obrigada por tudo o que fez, sra. Callahan, tenho certeza de que não foi fácil. Vou ficar de olho na coletiva de imprensa do presidente — falou para mim.

Sorrindo, fiz que sim com a cabeça.

— Obrigada também. Sinto muito que não te avisaram.

— Não, eu entendo completamente. Segurança nacional está acima de advogado famoso de Chicago, apenas fico feliz de estar do lado certo da história. De novo, boa sorte a todos! — falou enquanto acenava mais uma vez antes de sair do tribunal.

Os olhos de Liam se voltaram para mim como se estivesse tentando desenrolar os fios da teia de mentiras que passei os últimos meses tecendo. O promotor veio até nós em seguida, abriu, depois fechou, e abriu a boca de novo antes de suspirar.

Se virando para Liam, com a cabeça abaixada em derrota.

— O dano já começou. Tenho certeza de que amanhã cedo estarei completamente quebrado — ele tentou rir para disfarçar.

— Um conselho: se mude. O dano vai permanecer, mas pelo menos há esperança de que um dia possa mostrar seu rosto de novo — falei.

Ele fechou os olhos, suspirou e fez que sim com a cabeça.

— Sinto muito mesmo, eu não sabia. Vou emitir um pedido formal de desculpas também.

Depois que ele saiu, Anna riu e me olhou nos olhos.

— Chega de favores. Acabei por aqui.

— Não, não acabou — avisei. Ela era da família, não importava a distância ou proximidade.

— Odeio essa família para caralho — murmurou ao dar um leve abraço em Liam, que ele não retribuiu. — Ah, certo, você tem que colocar todo mundo a par da situação. Boa sorte com isso, eu tenho uma coletiva de imprensa para me preparar.

Quando todos tinham saído da sala, a família se virou para mim esperando.

— Qual o tamanho desse acobertamento? — Sedric enfim falou. Parecia tão relutante quanto Liam.

— Quando seu avô é o diretor do FBI, o maior possível. — E a julgar pelas reações, imaginei que Liam não tivesse contado para eles, porque todos os

olhos, com exceção d Olivia que continuava observando Ethan, praticamente caíram de suas cabeças.

— Liam? — Sedic se virou na direção dele.

Ele fez que sim com a cabeça, e finalmente veio para perto de mim, mas não me tocou como eu esperava. Em vez disso, estendeu as mãos para Ethan, mas eu não queria soltá-lo. Doía me separar dele de novo, mas desisti. Ethan riu ao dar tapinhas na cara do pai.

— Neal, mande Monte e Fedel levarem o carro para os fundos. Liam e eu precisamos conversar —comandei, retomando meu posto como se não tivesse desaparecido por quase meio ano. Quanto antes eles voltassem à forma com que comandávamos esse navio, melhor seria, para eles. Porque não importava a circunstância, nós éramos os chefes dessa família e eu jamais desistiria dessa posição.

Olivia deve ter apertado o calcanhar com força, porque o salto dela quebrou. Sem uma palavra, ela tirou o sapato e saiu pisando duro com Neal logo atrás. Evelyn puxou Liam para um breve abraço, que ele retribuiu.

— Estou tão feliz que isso finalmente acabou —cochichou.

Mas não tinha acabado ainda. Na verdade, era só o começo, e olhando para como as coisas estavam entre a família, sabia que nem todo mundo chegaria intacto ao fim do percurso.

Evelyn se dirigiu a mim, mas não falou uma palavra; beijou a cabeça de Ethan antes de sair.

— Amor, a gente devia voltar também, vou precisar de muita bebida para lidar com essa merda —Declan murmurou ao pegar a mão de Coraline. Mas ela se afastou por um segundo e veio até mim.

— A família toda tem que usar um, sem exceções —sorriu, e tirou o botton ‘Liam Livre’ da roupa, o prendendo no meu paletó. — Bem-vinda ao lar, Mel.

Fiz que sim com a cabeça querendo falar. Não sabia se conseguia colocar em palavras o que estava sentindo.

Em questão de segundos, estávamos a sós. Liam, Ethan e eu; nossa pequena família fodida e linda. Liam se sentou e colocou Ethan no colo.

— Liam...

— Quatro minutos, Melody. Quatro minutos, é esse o tempo que vai levar até trazerem o carro, e só quero quatro minutos com a pessoa mais importante da minha vida, e não lidar com o que inferno que está prestes a me arrastar — cuspiu na minha direção, fazendo Ethan franzir a testa e bater na bochecha dele de novo até que sorrisse.

Para o que é que eu estava lhe arrastando?

Podia sentir o suor frio cobrir meu corpo ao ouvir as palavras dele. Não foi o que ele disse, tinha ouvido coisa muito pior. Mas como disse. Desdenho era a emoção que prevalecia no tom. Apesar de não esperar ser recebida de volta com braços abertos, só de ouvir a voz dele e ficar ao seu lado me fez desejar que fosse esse o caso ao invés disso. Me sentando, não falei mais nada. Ele tentou se distrair com Ethan, mas meu pequenino nem conseguia ficar com os

olhos verdes abertos por mais de um minuto. A cabeça começou a ir para a frente e para trás, e estendi a mão para ele, mas Liam fez que não com a cabeça e apertou Ethan contra o peito.

— Por que começar a fingir que se importa agora? — murmurou.

Acho que nossos quatro minutos tinham acabado.

— É esse o jogo que vamos jogar? — sussurrei, tentando não olhar para ele.

— Ninguém está jogando além de você. Se encontrou onde quer que seja a porra de buraco que tenha ido? Foi incrível? Por favor me conte, valeu a pena me manter na cadeia, longe do meu filho? Valeu a pena o abandonar?! — rosnou e Ethan se mexeu um pouco antes de se reajustar. — Pensei em tudo que diria quando voltasse. E só consigo pensar em dizer que estou farto. Estou farto de me preocupar ou me importar com você. É tão fria e manipuladora quanto a maldita da sua mãe.

Fechando os olhos, mordi as bochechas e tentei me acalmar. Ele queria me machucar. Estava puto, e estava tentando me magoar. Estava funcionando.

— De qualquer forma, estou farto. Se soubesse que me casar com você... — parou.

— Teria feito o quê? — perguntei séria. — Casado com a Natasha? Estou morrendo de ciúmes.

— Sério? Quando foi que o mago devolveu seu coração? Quando desenvolveu emoções ou começou a se importar com qualquer pessoa além de si mesma, caralho? Nem o seu próprio filho, porra...

— Já chega! — sibilei e fiquei em pé.

Estava tentando conter a ardência em meus olhos. Tive que ficar de costas. Me recusava a ser fraca. Fraqueza te matava; era o que tinha sido o fim de Aviela. Tinha a transformado em uma maníaca chorona e patética; e eu me recusava a ser comparada com ela. Ainda mais pela única pessoa que eu amava mais que tudo nesse mundo, com a exceção da pequena pessoinha que ele carregava.

Havia tantas coisas que precisava falar. Não sabia se ele sequer se importaria. Não eram desculpas, eram motivos. Tinha que fazer com que entendesse que fiz tudo por ele e por Ethan. Ele precisava entender que só eles importavam, e eu me recusava a colocá-los em perigo sem uma forma de acabar com os riscos eu mesma. Não era fisicamente nem mentalmente capaz de fazer essas coisas depois que me libertei de Aviela, e duvidava que teria conseguido. Não com os bloqueios que encontrei a cada esquina.

Tentei não pensar nisso... no que tinha acontecido. Não queria brigar com ele. Queria conversar, explicar tudo. Como toda vez que tentava chegar mais perto dele, as coisas pioravam. Mas acima de tudo, precisava dele do meu lado, não contra mim. Podia encarar o mundo todo, mas precisava de um motivo para isso. Ele e Ethan era o motivo. Mas se ele desistisse...

— *Signorina.*

Me virei e lá estava Monte.

— Bem-vinda de volta.

— Obrigada, Monte, espero que tenham aproveitado as férias. De agora em diante, todo mundo vai fazer hora extra.

— Não gostaria que fosse de outra forma —respondeu.

— Bom. Tem cadeirinha no carro? — Olhei para Ethan de novo. Ele estava com o dedão na boca. Costumava fazer isso também, até meu pai cortar meu dedo e colocar uma bandagem para que eu largasse o hábito.

— Sim, *signorina*, sua sogra mandou colocar.

Liam ficou em pé sem dizer uma palavra. Estava focado no filho em seus braços. Não sabia bem o que ele queria de mim. Não podia me arrepender da minha escolha. Tinha muito que eu precisava falar, e não queria fazer isso aos berros. Nos meus pensamentos, ele sempre esteve comigo. Todo dia, pensava nele e em Ethan. Mas Avian não tinha feito apenas eu sofrer. Se eu fosse do tipo misericordioso, até poderia ignorar isso. Mas ele tinha feito Liam sofrer, deixou nosso filho sem os pais, e por isso, eu teria vingança, mesmo que morresse no processo.

“Temos o melhor governo que o dinheiro pode comprar.”

— *Mark Twain*

Liam

— Boa noite, eu sou Stan Mercy.

— E eu sou Toni Blake.

— Esse é o noticiário noturno da KW4. Hoje à noite, faremos a cobertura ao vivo da história que cativou a nação. O nome Callahan esteve no centro de muita fofoca, e das notícias nacionais, por anos, mas nunca mais intensamente do que nos meses recentes. Em uma surpreendente reviravolta, agentes federais estiveram conduzindo uma investigação que resultou na morte de Joseph Williams e outros dois terroristas domésticos responsáveis por bombardeios na fronteira mexicana e na Europa.

“Cinco meses atrás, agentes do governo encontraram informações com a ajuda de uma testemunha, o que levou a essa descoberta. O mundo a conhece como sra. Melody Callahan. Depois de uma tentativa de homicídio, ela foi colocada no programa de proteção à testemunha. As únicas pessoas que sabiam do paradeiro dela eram seu marido e o mais alto escalão. Essa operação requiriu sacrifício de muitas pessoas. No último relatório, o total de baixas tinha chegado a seis. Eram todos agentes do governo que infelizmente deram a vida protegendo o país. Roger Kane, Kimberly Green, Beatrice Sinclair, Adam...”

— Puta merda — Neal sussurrou ao encarar os seis agentes na tela. — Ela matou mesmo todos eles para acobertar tudo?

Todos nós, exceto Mel, Evelyn e Coraline, que estavam no quarto de Ethan, estávamos assistindo às notícias. Assistimos enquanto o presidente, aquele que eu tinha gastado uma fortuna para criar, encobria a Mel... encobria todos nós.

— Não me surpreenderia em nada — Declan deu a volta e me entregou um copo de conhaque com gelo. Absorvendo o aroma, quase gemi quando tomei um gole generoso.

— Como foi que sobrevivi sem isso? — perguntei. — Devia ter contrabandeado isso para dentro em vez das pedras. Poderia ter ganhado muito mais dinheiro.

— Não devia ter precisado que nada fosse contrabandeado — Olivia ralhou, cruzando as pernas na cadeira enquanto lançava faca com os olhos para o presidente na tela.

— Obrigado pela preocupação. Cinco meses sem uma visita, não imaginei que se importasse. — Virando todo o conhaque, atravessei a sala e fui até o bar de mogno no canto.

— Esse acobertamento vai longe. Por que ela escolheu terrorismo? — Neal

perguntou, olhando para a televisão enquanto o presidente seguia falando.

— Porque só tem duas guerras nesse país com que as pessoas se importam —, murmurei — a guerra contra as drogas e a guerra ao terror; ela preferiria focar na última, por motivos óbvios.

Que esposa esperta eu tinha, planejou tudo com perfeição.

— Vamos ter que fazer coletivas de imprensa, muitas delas, isso não vai passar rápido. Estaremos nas notícias por semanas, senão anos — Declan gemeu, e eu me sentia da mesma forma. A última coisa que queria fazer era me sentar na frente dos mesmos tubarões que estavam pedindo meu sangue apenas algumas horas atrás.

— Melody falou alguma coisa para você? — meu pai perguntou.

— Falar de alguma coisa comigo? Acha que eu sou o quê, o marido dela? — Ri amargo enquanto bebia.

— Liam? — questionou novamente.

— Por que diabos deixou eu me casar? — Suspirei e apertei o canto dos olhos. — Ela não falou nada do assunto, e não dei chance para que dissesse.

— O que vai fazer agora? — Neal perguntou.

— No momento vou tentar tirar o fedor de cadeia do meu corpo. Depois vou beber... na verdade, vou fazer os dois ao mesmo tempo, e só depois disso, eu *talvez* fale com ela. — Ou *a estrangule*. Saindo da sala, algumas empregadas fizeram reverência quando passaram por mim, o que me lembrou que eu precisava fazer outra checagem de antecedentes e estabelecer algum tipo de vantagem sobre elas.

— Liam — Olivia chamou às minhas costas.

Parei no meio da escadaria de mármore.

— Liam, sinto muito por não ter ido te visitar — sussurrou. — Passei a maior parte do tempo com Ethan.

— Percebi, você parece apegada — respondi quando me virei para lhe encarar. Que era o motivo de não a querer perto dele para começo de conversa.

Ela apertou as mãos e mordeu o lábio inferior.

— Estou, e não é culpa minha. Estou aqui há cinco meses e assisti enquanto ele ficava mais incrível a cada dia. Me importo com ele, e estou preocupada que o que quer que seja em que estão se metendo vai o afetar. Sinto muito dizer isso, mas nenhum de vocês tem sido um bom pai. Na verdade, não foram pais. Mas o que esperam quando os dois estão tão envolvidos nessa *família*? Não quero que ele se machuque.

— Ele *não* é seu filho, Olivia.

Parecia que eu tinha acabado de dar um tapa nela.

— Eu... eu sei disso.

— Sabe mesmo?

A encarei por um momento, mas pelo jeito não conseguia encontrar as palavras para dizer outra coisa, então dei meia volta e me afastei.

— Boa noite, Olivia, espero pelo seu bem que nunca toque nesse assunto

de novo, jamais.

— Me ameace o quanto quiser, Liam, mas não significa que eu esteja errada!

Revirando os olhos, tentei ignorar a dor de cabeça que parecia estar crescendo o dia todo. Literalmente tinha acabado de sair da cadeia, pelo amor de Deus. Devia ter um período de descanso antes de lidar com toda essa merda.

Mas sabia que não teria nenhum.

Sabia que teria que encarar Ivan — Avian — seja lá que diabo ele escolhia de nome. Mas não podíamos só voltar ao trabalho como se nada tivesse acontecido.

O primeiro passo era consertar minha família.

Ia levar um tempo para termos nossa vingança.

Mas valeria a pena.



Melody

— Mel, tenho certeza de que isso pode esperar — Coraline me disse enquanto eu reorganizava os móveis no quarto do Ethan. Mas não podia esperar. Não era seguro.

— Tenho certeza de que não — falei para ela.

Ethan estava em sono profundo sob o cobertor de cashmere verde azulado personalizado com suas iniciais. Tinham mantido o tema que escolhi para ele — a floresta úmida, apesar de terem feito o que sempre faziam e exagerado, mas ainda era lindo. Contudo, o berço dele precisava ficar mais distante da porta e da janela. Surpreendentemente, quando o arrastei, ele não acordou.

Evelyn se sentava na cadeira de balanço, me lançando facas com os olhos enquanto eu a ignorava. Ela queria gritar, mas não podia fazer isso aqui. Então em vez disso, soltava pequenas rebarbas.

— Ele vai acordar às três horas. Não importa quando fazemos a hora da soneca, ele dorme até as três da manhã e acorda de novo — Coraline riu ao pegar um par de meias minúsculas do chão e levar até a cômoda.

— Sim, se planeja ficar na vida dele por mais do que um dia dessa vez, devia se acostumar com isso.

Tinha sido o quarto comentário desagradável de Evelyn desde que entramos no quarto.

Me virando na direção dela, precisei de todo meu autocontrole para não a estrangular.

— Tudo bem, essa é a nossa deixa para ir embora — Coraline enrolou um braço ao redor da sogra e a levantou da cadeira como se fosse uma idosa.

— E vamos só deixar ela aqui? Ela não faz ideia de como cuidar dele ou do que ele gosta...

— Quando ele acorda, preciso tocar o som ambiente do oceano. — Aponte para o MP3 no canto. — Quando você troca a fralda dele, só coloca um pouco de talco porque faz ele espirrar. Ele gosta de purê de maçã no lugar de leite

quando acorda, e se ficar silêncio por tempo o suficiente, ele vai dormir de novo antes de terminar de comer.

O queixo dela caiu, assim como o de Coraline. Os olhos dela se apertaram por um momento.

— Mel, como foi que...

— Só porque não estive aqui não significa que não vi o que precisava — sussurrei ao tirar o paletó e o colocar sobre o trocador.

— Mas Declan disse que você não olhou nenhuma das câmeras — Coraline respondeu.

— Que ele saiba. Da próxima vez, diga a ele para deixar pegadas virtuais mais discretas.

Ela ficou sem expressão e claramente não entendia o termo, mas sabia que Declan iria. Evelyn não disse nada e apenas saiu. Mas tinha um pressentimento de que ela voltaria.

Coraline deu um beijo em Ethan antes de ir até a porta.

— Boa noite para vocês.

Apenas acenei. Quando a porta se fechou, tirei minhas duas armas da bolsa ao lado do trocador. Coloquei uma atrás da cômoda e voltei até Ethan. Pela primeira vez em meses, estávamos a sós e eu sentia que podia respirar de novo. Ele estava vivo, feliz e lindo.

— Eu sinto muito, querido — sussurrei para ele e beijei sua cabeça. — Eu sinto tanto. Nunca mais vou sumir, prometo.

Sem querer acordá-lo, limpei os olhos antes de me sentar ao lado da janela. Olhei para fora, mas só podia ver árvores.

Iríamos precisar de luzes com sensores lá atrás, e ia precisar de indicadores de assinatura de calor ao redor da casa toda. Já tinham atacado nossa casa uma vez e jamais poderia acontecer de novo. Parte de mim se preocupava que eu tivesse iniciado algo ainda pior ao voltar, mas não tive escolha.

Tirando os sapatos, os coloquei ao meu lado antes de me encolher na janela. A trava de segurança da minha arma estava acionada enquanto eu a segurava do meu lado. Através das aberturas no berço de madeira, podia ver o peito dele subir e descer, prova de que estava vivo e bem. Parecia que eu só tinha piscado, mas assim que ouvi o gemido do piso, estava de pé e com o dedo no gatilho.

Os olhos verdes de Liam estavam estalados ao encarar o cano da minha arma antes de relaxar. Me encarando, deu um passo à frente.

— Caralho, isso não pode ser sério, Melody.

Precisei de um minuto para me acostumar. Me afastando dele, minha mão tremendo de leve, me sentei de volta na janela.

Respire, Mel.

Colocando a arma ao meu lado, respirei fundo, e olhei para Ethan de novo.

Ele está bem. Você está bem. Tudo está bem.

Parecia que eras se passaram até eu relaxar de novo. Se encostando na parede, Liam me olhou com raiva, preocupação e confusão no olhar.

— O que foi isso? — perguntou, e pela primeira vez, olhei bem para ele. Devia ter acabado de tomar um banho porque seu cabelo ainda estava molhado. Não vestia nada além de uma calça de pijama de seda. Juro, ele deve ter malhado a cada segundo que passou na cadeia. Todos seus músculos, do tanquinho aos braços, estavam mais firmes e perfeitos. Ele parecia um gladiador, e eu era o leão que estava tentando matar.

Pare de encarar.

— Não sou psicóloga, mas devo dizer que esse seria um efeito colateral dos últimos cinco meses — respondi ao puxar o joelho contra o peito.

Ele olhou para Ethan.

— Devo tirar ele do quarto?

— Não sei. Gostaria de ficar com seus braços no lugar? — Porque se tentasse tirar meu filho de perto de mim, poderia muito bem perder todos os membros.

— Se tivesse que os perder para o manter protegido, faria isso — falou ao colocar o cabelo de Ethan para trás.

— Protegido de mim?

— Sim, você. Você machuca as pessoas. A única pessoa com quem se importa é você mesma.

Ele estava começando a me deixar puta.

— Sabe, eu estava nesse quarto quando ligo — sussurrou. — Ele era tão pequeno, juro que cabia entre meu pulso e a palma da mão. Estava tão calmo... com tanto sono. Queria que ele tivesse o mundo, mas acima de tudo, queria que tivesse a mãe. Achei que fosse culpa minha — que Aviela tinha te pegado por causa de mim. Então teve a pachorra de ligar e dizer que precisava de *tempo*, caralho. Meu lado racional sabia que alguma coisa devia ter acontecido. Mas, Melody, juro que não consigo entender o que diabos era que não podia pedir minha ajuda. Sou tão incompetente que não podia confiar em mim? Não podia me dizer a verdade?

— Estava louca com coca o suficiente para matar uma manada de elefantes — respondi, o interrompendo antes que pudesse me insultar mais um pouco. Me recusava a ser seu saco de pancadas emocional.

O corpo todo dele se virou na minha direção.

— O... O quê?

Com um suspiro, fechei os olhos. Só iria contar essa história uma vez, ele precisava saber, mais ninguém.

— Fui dopada com coca três vezes ao dia e não era coisa de baixa qualidade, era a melhor das melhores... nossa, cortesia de Aviela e Nelson, o comissário de bordo do meu jatinho. Sabe, o que mais me lembro é da sensação. Parecia que meu coração estava o tempo todo fazendo um buraco no meu peito. Escapar, matar Aviela, foi tudo um borrão. Mas também me lembro da ligação, tinha andado oito quilômetros nas colinas nevadas de Friul para fazer aquela ligação. Cada palavra dela foi fruto do momento mais claro da minha mente. Ouvindo Ethan respirar pelo celular, jurei que meu filho não

iria me ver daquele jeito. Não podia vir para casa porque fisicamente não. Podia. Vir. Para. Casa. De algum jeito fui parar em uma cabana abandonada. E assim que achei que estava segura, desmaiei e fiquei inconsciente por dois dias. Mas essa foi a parte fácil. — Suspirei, mantendo os olhos fechados. Não queria vê-lo. — Não vou falar dos efeitos da minha abstinência, tenho certeza de que pode imaginar. Precisei de quatro semanas, dois dias e nove horas para me controlar. Nenhum contato. Nenhuma notícia. Apenas banhos frios, treinamento, batatas e água.

— Nem sabia que estava na cadeia. Na verdade, só quando Avian mandou o primeiro agente, Roger Kane, atrás de mim que percebi o que estava acontecendo. Ele me pegou de surpresa enquanto estava na banheira. Em um momento estava pensando em como ir para a casa, e no outro, as mãos dele me seguravam sob a superfície. De jeito nenhum eu conseguiria lutar com ele e vencer. Quando achou que eu estava morta, subi para respirar e retribui o favor com um cabo ao redor do pescoço dele. Quando acordou, *fiz* com que falasse.

— Avian te queria preso e precisava que eu estivesse morta. Temos nossos homens, ele tem os agentes dele. Todos acham que estão servindo a pátria. Pertencem à Lista Branca, um grupo de agentes do FBI e da CIA escondidos em plena vista. Estão dispostos a fazer qualquer coisa e tudo que precisarem. Depois de Roger, teve a Kim, Beatrice, Adam, Dillon, e depois o Tom. Me caçaram por toda a Europa. Mas Beatrice, ela veio preparada. De alguma forma tinha pegado uma das chupetas do Ethan. — Minha cabeça parecia pegar fogo só de pensar em tudo. Lembrando como tinha amassado a cara dela no nosso encontro na Bélgica. Tinha esperado até ficar consciente antes de jogar gasolina em sua garganta. Depois ateei fogo nela. Meu filho estava fora dos limites. Não podia voltar até ter certeza de que era seguro. Tinha explicações razoáveis quanto à onde estava. Verificava apenas quando podia, sabendo muito bem que Avian estava esperando descobrir meu paradeiro.

— Minha vida foi de *Poderoso Chefão* a *Jason Bourne*; de caçadora a caça. Gostaria de poder ter estado na prisão. Então se está procurando um pedido de desculpas, tire do seu cu, seu filho da puta. Não vou deixar que você, nem a sua família do caralho, tentarem me derrubar quando estou apenas por um fio.”

Ele estava sentado do outro lado do quarto, e não tinha dito uma palavra. Finalmente falou.

— Então eu estava certo. Achou mesmo que eu era incompetente. Realmente acreditava que não podia confiar em mim. Obrigado pela resposta — disse com suavidade como se tudo que eu tinha dito sequer o tivesse tocado.

Ele estava de brincadeira comigo, porra?

— Você me ouviu? Eu não fugi simplesmente.

— Eu ouvi, Melody. Eu sempre te ouço — falou, ainda calmo e me deixando maluca. — Porque quando a merda bateu no ventilador, você cuidou

de tudo sozinha.

— Porque eu estava sozinha! — sibilei.

— Porque escolheu estar, Melody. Entendo o que está dizendo. Foi largada sozinha, e em vez de trabalhar comigo, seu marido, decidiu que ia fazer tudo sozinha. Mais uma vez provou que não precisa de ninguém. Você é a mais forte. Você é uma sobrevivente.

— E tenho orgulho para cacete disso.

Ele deu um sorriso triste, mas não chegou aos olhos.

— Nunca pensei outra coisa. Está tentando provar o quanto é forte desde que te conheci. Mas o que fez não foi ser forte. Contar comigo, com a gente, isso teria sido. Em vez disso colocou um oceano entre nós, tudo porque não queria que eu te visse fraca. Em vez disso, deixou Avian fazer a sua cabeça e enfrentou os homens dele sozinha, *sofreu* sozinha. Era isso que ele queria, e você deu. Não confiou em mim o suficiente para acreditar que eu te apoiaria. Então, Melody o que quer que eu diga? Obrigado? Eu te amo e estou feliz que esteja viva, mas fora isso, estou precisando de todo meu autocontrole para não acabar com você.

— Fiz o que achei que era melhor.

— Fez o que *você* achou melhor e não era. Nós éramos uma equipe e você desertou.

Mesmo com o quanto ele estava calmo, senti como se estivesse arrancando minhas entranhas.

— O contrato diz...

— O contrato? Vamos voltar para o *contrato*?

— Ele não dizia que fazemos os planos juntos? Acho que foi você quem acrescentou essa parte. Primeiro, sua mãe, agora, seu avô. Orlando garantiu que as letras miúdas fossem bem pequenas mesmo — respondeu, apertando os cantos dos olhos. — Por isso, seja grato. Como se sua família fosse conseguir sobreviver comigo de inimiga. Estavam morrendo aos poucos e sabe bem disso.

— Mas estamos nos esvaindo em sangue de novo, e no momento parece que seria melhor ter morrido antes de tudo isso — suspirou. — Estou cansado, Melody. No momento eu só quero paz.

Respirei fundo, mas não falei nada. Meu peito parecia pesado demais para falar sobre isso.



Liam

Ela tinha tirado meu mundo do eixo. Não sabia por onde começar ou sequer como tentar processar tudo que tinha acabado de me contar. Era um golpe atrás do outro. A ligação dela tocava em replay na minha cabeça. Em nenhum momento percebi o quanto estava encrencada. Por que não tinha dito nada? Sempre tinha esse muro erguido, e estava cansado de tentar derrubá-lo.

Tentei não olhar para ela, mas era difícil. Estava confortável no canto, a arma enfiada nas costas, forte como sempre.

Era egoísmo meu. Eu sei. Mas queria... precisava que ela precisasse de mim tanto quanto eu precisava dela. Estava confuso para caralho.

Será que ela teria voltado se não fosse por Ethan?

Parecia que depois de dois anos, estávamos de volta à estaca zero. Era assim que todo casamento era? Uma montanha-russa sem fim de emoções tentando de tudo para te descer o cacete?

“Se não pode se livrar do esqueleto da família, pode muito bem fazê-lo dançar.”

— *George Bernard Shaw*

Coraline

Andei devagar para lá e para cá, da porta até a janela do nosso quarto, esperando para saber o que meu marido tinha descoberto.

— Então? Está vendo a tal da pegada de que ela falou? — perguntei enquanto Declan trabalhava.

Ele balançou a cabeça.

— Amor, eu saberia se alguém estivesse... puta merda.

Correndo para o lado dele, quase o empurrei para fora do caminho para encarar a tela. Era um mapa da Europa, e estava coberto de pequenos pontos vermelhos.

— O que estou olhando? — Não havia nada, apenas pontos.

— É difícil pensar com você tão perto de mim — sussurrou antes de beijar minha bochecha e me puxar para o colo. Tentando ficar mais confortável, senti ele endurecer sob mim.

— Declan, concentre-se — murmurei e mordi o lábio.

— Estou concentrado — balbuciou enquanto beijava meu ombro.

Um calafrio desceu pela minha coluna enquanto ele espalhava beijos pelo meu corpo. Tive que fechar os olhos com força para conseguir dizer a próxima frase, apesar de ser bastante doloroso.

— Declan, o computador... coisa da pegada... isso é importante. — Pelo menos parecia uma frase completa na minha cabeça.

— Tudo bem — suspirou, beijando meu pescoço mais uma vez antes de parar. — Mas isso ainda não acabou.

Me virando na direção dele, dei um beijo rápido em seus lábios.

— Nem sonharia com isso. Agora, o que é isso?

— Todos os pontos de onde Mel acessou as câmeras.

— Puta merda. — Tinha que ter pelo menos cem pontos por toda a Europa. França, Polônia, România... a lista continuava. *Como ela se movimentou tanto?*

— Pelo que posso ver, ela estava de olho no Ethan e conseguiu acessar o vídeo, mas não o áudio. Graças a Deus por isso, acho que posso ter contado ao menino alguns dos segredos dos pais — ele riu e só pude imaginar que segredos eram esses.

Entre ele e Neal, Ethan iria ser um capetinha e um arrasa-corações. Mulheres do futuro, vocês foram avisadas.

Espera aí.

— Ela disse que sabia que Ethan gostava de ouvir o som do oceano. Como

sabia disso se não podia ouvir?

Declan mostrou o vídeo ao vivo do quarto do Ethan, Liam e Mel podiam ser vistos dormindo em lados opostos do cômodo. Ele deu zoom no suporte do iPod.

— Está rotulado como *Oceano*. — Ele riu na minha direção.

Bem, dã. Agora estava me sentindo burra.

— Disse que ela estava reorganizando o quarto? — perguntou enquanto olhava tudo com a câmera. — Colocou o berço de Ethan na melhor posição de defesa para ela. Sentada perto da janela daquele jeito, pode ver os fundos e poderia facilmente atirar na porta antes que alguém entrasse.

Ainda não está seguro. Era disso que ela estava falando.

— Acho que tem outro espião na casa. — Havia pelo menos doze pessoas que entravam no quarto do Ethan para tirar o lixo, limpar, procurar escutas...

— Ótimo, tenho certeza de que Liam e Mel vão adorar ouvir isso — murmurou e encostou a cabeça no meu ombro.

— Não vou contar para eles agora, não ainda, pelo menos não antes de eu descobrir quem é.

— Você?

— Sim, eu. E não diga desse jeito. Eu sou fodona, lembra?

Ele sorriu e eu lancei facas com o olhar, o que só fez aumentar o sorriso. Aff! Às vezes eu o odiava.

— Tudo bem. Eu sou um suspeito?

— Continue olhando para mim desse jeito e vai ser. E eu estava certa sobre a Mel. Sabia que ela não podia só sumir da face da terra sem se importar com nada. — O jeito que ela olhava para Ethan logo após dar à luz, era o olhar de uma mãe apaixonada. Não podia apenas esquecer dele.

— Não vamos nos precipitar. Isso prova que ela se importa com Ethan. Mas não a absolve de todos os pecados. Se pelo menos ela se importasse tanto assim com o Liam — Declan ciciou enquanto seguia clicando pelo fluxo de dados.

Saindo de cima dele, mordi o lábio inferior e voltei a andar de lá para cá.

— Amor, o que foi? — perguntou, se virando para olhar para mim.

Queria contar para ele, mas não sabia se deveria. Mel ficaria puta.

— Coraline. — O sorriso no rosto dele se desfez enquanto me olhava com cuidado. — Está se sentindo m...

— Não! — falei rápido. — Só sei de uma coisa, mas não sei se devo te contar. Quero contar por que... você sabe que vou acabar tagarelando depois, mas Mel me...

— Só me conta logo antes que você desmaie. — Deu um sorriso malicioso e cruzou os braços. Aquele olhar convencido era tão irritante.

— Não vou desmaiar.

— Agora está tentando mudar de assunto.

— Agora você está sendo um cabeça de bunda.

— Cabeça de bunda? Isso é o quê, a quinta série? — Ele riu e eu adorava o

ver tão despreocupado, mesmo que fosse à minha custa.

— Estou tentando não xingar. Ethan vai crescer achando que pessoas normais usam “caralho” em toda frase.

— Tudo bem, eu sou *cabeça de bunda*. Só me fale logo, sabe que consigo guardar um segredo, afinal, ainda não me gabei daquela coisa que você faz com sua...

— Ah meu Deus, cale a boca, vou contar.

E o cuzão piscou para mim.

— Então depois que saímos do quarto do Ethan, estava vindo te ver, mas tinha esquecido o relógio. Voltei e encontrei Olivia em pé do lado de fora, quando ela me viu, perguntou do Ethan e falei que ele estava bem, então ela foi embora.

— Tudo bem, todos nós sabemos que Olivia não pode ficar com o Ethan fora de vista por mais de uma hora —ele franziu o cenho e se inclinou para trás.

— É, eu sei. Isso não me chocou, mas foi o que Mel disse para o Liam.

— Então você estava espionando?

Não gostava daquela palavra.

— Estava do lado de fora quando começaram a discutir em sussurros. Que culpa tenho se acabei ouvindo o que aconteceu com ela? Sabe que eu escuto bem.

— Ela, tipo a Mel? — perguntou.

Fiz que sim com a cabeça.

— E o que aconteceu com ela?

Não cabia a mim contar.

— Coraline. — Se inclinou para a frente e parecia que seus olhos estavam perfurando minha alma. Odiava quando ele me olhava desse jeito, sempre me derretia.

— Isso fica entre você e eu, Declan Callahan. Estou falando sério, se falar disso com qualquer um, vou te machucar com minhas próprias mãos, e você sabe que eu posso.

— Coraline, agora precisa me contar mesmo —ele disse, se levantando devagar.



Declan

— Pelo amor de Deus —foi só o que consegui dizer antes de me sentar na cama. — O tempo todo achei que ela estava só... eu nem sei!

— Ainda mal consigo acreditar —sussurrou e engatinhou para meu lado na cama. Puxando o lenço, ela descansou a cabeça no meu peito.

— É, bem, explica muita coisa... na verdade, explica tudo. Vou pesquisar um pouco mais aqueles agentes que Avian mandou atrás dela. Talvez Liam tenha alguma informação.

— Não pode falar para ele que te contei. — Ela deu um salto.

— Não vou. Mas precisamos de mais informações. Além disso, os nomes

de todos estavam no noticiário. Até o presidente deu uma declaração sobre eles. Já estão tomando precauções, os guardas disseram que já temos câmeras contornando os portões. — Mais uma vez, Liam e Mel estavam acima da curva, poderiam fazer o presidente inventar qualquer coisa a favor deles e espalhar como um “vazamento.”

— Ótimo. Agora eles podem se concentrar em consertar o relacionamento —murmurou ao se encostar na cabeceira.

Isso não era nada bom.

— Coraline... — falei devagar. Ela estava tramando alguma coisa, podia ver em seus lindos olhos castanhos profundos.

— Olha, Liam está puto com ela por não pedir ajuda a ele.

— Como deveria estar mesmo —interrompi rapidamente.

— O quê? Está do lado dele? Não acabou de dizer que tudo faz sentido?

Ah, merda. Aqui vamos nós.

— Sim, falei. Faz sentido, mas teria feito mais sentido trabalhar juntos e em família. Ela se rebelou.

Os olhos dela ficaram estalados e sabia que iria ouvir poucas e boas. Por que é que ainda abria a porra da boca?

— Ela não se *rebelou*, foi *sequestrada* pela mãe psicótica, que, preciso mesmo te lembrar, ela sequer sabia que estava viva.

— E eu entendo isso. Mas se conseguiu espiar Ethan, então podia ao menos ter me mandado um SOS. Liam passou cinco meses na cadeia.

— Ah que peninha —ela franziu o cenho, cruzando os braços sob o peito amplo e não pude evitar que meus olhos fossem na direção de seus seios. — Não foi você quem me disse que ele estava praticamente mandando no pedaço de qualquer forma?

No pedaço?

— Sim, mas isso não muda o fato de que foi preso, revistado, abusado verbalmente, e pior de tudo, mantido longe do filho. Mel pelo menos viu o Ethan. Liam não podia nem ver fotos.

— Ele poderia ter visto Ethan se tivesse pedido, mas não...

— Não queria que o filho tivesse que o visitar na cadeia, e se fosse comigo, também não iria querer. Não é lugar para criança, muito menos uma criança Callahan.

— Há quem diga que essa casa não é lugar para uma criança —murmurou, pegando o livro da mesa de cabeceira.

Apertando os dentes, me levantei da cama e tirei a gravata.

— Vou fingir que não disse isso. Não estou dizendo que Mel está completamente certa, porque não está, mas Liam também não. Tudo aconteceu tão rápido, e eles fizeram o que fazem de melhor, contaram consigo mesmos. É tipo o modo padrão para eles.

Jogando a camisa para o lado, me espreguicei e a peguei me encarando de novo, dei uma piscadela, fazendo com que saísse do devaneio.

— Está tudo bem, pode admitir: sou sexy e você sabe disso.

Revirando os olhos, ela fez que sim com a cabeça.

— Tudo bem, sou sexy e você sabe mesmo disso. Batizei esse look de ‘longo dia chique’.

— Não foi isso que quis dizer —fiz beicinho e ela riu.

— Alguma vez não estive ao lado do Liam?

— Sim. Foi escuro e assustador e não vou voltar para lá —tentei falar sério, o que só a fez rir mais.

— Nunca vou entender essa lealdade absoluta a ele. Não me leve a mal, Liam é ótimo quando não está sendo um cuzão, mas mesmo assim... — Ela se inclinou um pouco mais nos travesseiros.

Pensei no melhor jeito de explicar.

— Ele é só ‘o escolhido’. Não de um jeito religioso, meio semideus, ainda que não me surpreenderia se pensasse assim. Desde que éramos crianças ele sempre tinha um plano, mesmo se as coisas não funcionassem como tinha planejado, mas ainda conseguia sair por cima. Como toda essa coisa da cadeia, todo mundo que falou mal dele, não só está devendo um pedido de desculpas como manchou a própria reputação. Ele sempre sai por cima. Tem que respeitar um homem assim.

— É —ela suspirou e observei seu peito subir e descer. Teria sido miraculoso se não fosse a maldita camiseta.

— Por mais que respeite o Liam, preferiria que a cara dele não estivesse mais no seu peito. — Indiquei a camiseta.

A campanha Liam Livre podia finalmente ser deixada de lado. Ela olhou para baixo e deu de ombros antes de a arrancar e jogar na minha direção, revelando o sutiã amarelo que vestia por baixo. Quase gemi ao vê-la. Cores fortes sempre ficavam maravilhosas na pele dela.

— Já é mais tarde? — Queria arrancar tudo do corpo dela agora mesmo.

Ela deu um sorriso malicioso e me chamou para mais perto com um dedo. Engatinhando de volta para a cama, subi a barriga dela aos beijos enquanto suas pernas se enrolavam ao meu redor.

— Ainda não —sussurrou quando cheguei aos seus lábios.

— Pelo amor de Deus, Coraline. — Queria ouvi-la gritar e a sentir se debater sob mim enquanto me jogava contra ela. Queria a porra da minha esposa, e queria agora. Por que ela tinha que me torturar?

Beijando meu nariz, ela passou a mão pelas minhas costas.

— Você vai falar com o Liam...

— Coraline....

Ela silenciou meu protesto com um beijo.

— E eu vou falar com Mel. Você está certo, os dois são cabeça-dura e precisam desabafar, só não um com o outro. Ajude ele a ver as coisas da perspectiva dela, e eu a ajudo a ver pela dele. Ele te escuta.

— O Sedric não pode fazer isso? — murmurei enquanto apalpava o peito dela.

— Quer que eu seduza o seu tio para que ele fale com Liam? — O sorriso

no rosto dela era tão grande que eu talvez tivesse sorrído de volta.

— Não está me seduzindo — sussurrei a centímetros do rosto dela.

— É mesmo?

— *Eu* estou seduzindo *você*. — Meus lábios chegaram mais perto dos dela, e bem quando se preparava para me beijar, beijei o lado do pescoço dela e enfiei minha mão entre suas coxas. Ela gemeu. — Veja bem, eu vou te pegar hoje à noite, amor, mas a minha pergunta é: você quer um orgasmo, ou quer perder a conta?

Deslizei outro dedo para dentro dela enquanto se lançava contra minha mão.

— Porra, Declan — ela sibilou e gemeu.

Lá estava minha diabinha.

— Ah, o que aconteceu com deixar de falar palavrão?

Puxando o sutiã dela para baixo, peguei o mamilo com a boca e mordi e chupei forte e rápido antes de soltar.

— Mas se é porra que quer, é porra que vai ter. — Tinha planejado fazer mais coisas. Ela já estava tão molhada, e sua boceta implorava por mais. Contudo, parei antes dela gozar e tirei a mão, o que a fez choramingar.

— Já se sente seduzida, amor? Porque parece mesmo que está.

Respirando fundo, ela lambeu os lábios.

— O que você quer, Declan?

— Várias coisas. Quero fazer você gritar. Quero te foder com tanta força que essa cama quebre, e depois quero fazer amor com você tão completamente, com tanta paixão, que meu cheiro fique grudado em você por vários dias.

— Não foi o que quis dizer — ela arfou enquanto os olhos ficavam vidrados... a vingança dela seria tão pecaminosa quanto era linda.

Mas agora, queria terminar nossa conversa anterior.

— Vou falar com Liam, mas tem que me prometer que mesmo que esteja do lado dela, vai fazer com que veja pelos olhos dele. Melody não precisa de uma líder de torcida, precisa de um choque de realidade. Entendeu?

Ela franziu a testa e fez que sim com a cabeça.

— Tudo bem. Mas você precisa de uma líder de torcida? Seria uma pena desperdiçar uma fantasia tão boa.

Deus a abençoe.

“Você vai dizer qualquer coisa que precisar para si mesmo, para fingir que ainda está no controle.”

— Jodi Picoult

Melody

Naquela manhã, como de costume, Ethan acordou às três, gritando como se a cabeça estivesse pegando fogo, e era o melhor som do mundo. Liam e eu pulamos do chão e corremos até ele, mas ele não nos queria, queria a música. Ele ficou confuso quando falei, mas deu o play mesmo assim. Em segundos, Ethan começou a se acalmar e dei o purê de maçã até ele dormir de novo.

Liam e eu não falamos além disso. Depois que Ethan dormiu, ele parecia querer ir para a cama, mas pensou melhor e se sentou encostado na parede oposta. Parecia cansado, mas porque era um cuzão egoísta, não fecharia os olhos até que pensasse que eu tinha dormido. E porque eu era idiota, permiti que achasse. O odiava e odiava que fizesse eu me sentir tão vulnerável.

Precisava de um momento para clarear os pensamentos e tomar banho. Evelyn tinha mantido nosso quarto intocado, como uma cápsula do tempo. Meus sapatos, maquiagem, roupas, tudo estava no mesmo lugar, incluindo um bilhete que Adriana tinha deixado para mim. Sabia que nosso quarto não tinha sido tocado, então o dela também não, e estava correta. Achei que me sentiria melhor depois de estar no quarto dela, mas só queria voltar para o Ethan. Os óculos dela ainda estavam na mesa de cabeceira, a cama ainda estava desarrumada, e o taco que Antonio tinha dado a ela depois que tinham ido assistir o Chicago Cubs estava ao lado da cômoda. Antonio tinha falado comigo em particular e pedido pelo fim de semana de folga. Adriana estava puta, odiando o fato que ele tinha falado comigo pelas costas dela. Mas falei para ir. Não sabia como tinha sido, não me incomodei em perguntar. Parecia feliz o suficiente. Agora Antonio estava morto, e ela também. Mas ao menos ele tinha morrido com honra e lealdade. Ao menos não tinha me traído.

Indo até a cômoda, peguei o taco, e a primeira coisa que atingi foi o espelho. Balançando com a maior força possível, assisti ele estilhaçar antes de ir para o abajur. Bati tão forte que voou da mesa antes de se partir em um milhão de pedaços. Brilhou uma vez antes de se apagar.

Soltei toda minha raiva de Adriana em seus pertences. Depois disso, não me importava o que era, apenas queria que estivesse em pedaços; as cadeiras, a mesa de vidro. Lancei o taco contra tudo. Tudo nesse quarto era Adriana, e tudo uma mentira, pois a Adriana que eu tinha conhecido era uma mentira.

— *Signorina?* — Ouvi alguém chamar.

Olhei para trás e vi Fedel na porta. Parando no meio do movimento, joguei o taco no chão antes de me virar totalmente para a porta. Fedel, Monte e Liam estavam lá, me encarando e encarando toda a destruição que tinha causado.

Talvez estivessem achando que eu tinha perdido a cabeça... Talvez tivesse

mesmo.

— Quero falar com todo mundo próximo da família no porão — falei diretamente com Liam. Não estava aberto a discussões.

Ele não me disse nada, mas se dirigiu a Fedel e Monte.

— Vocês ouviram — falou, e dentro de segundos, tinham partido. Chamando uma criada, apontou para o quarto. — Tire tudo daqui. Não quero ver nada disso nunca mais.

— Sim, senhor. — Ela fez que sim com a cabeça antes de se virar.

— Meu pai está com Ethan.

— Ele entrou enquanto eu estava saindo e me disse para tomar um banho — falei.

— E você obedeceu?

— Tinha planejado tomar um banho de qualquer forma.

Confirmando com a cabeça, ele me deu as costas e parte de mim queria se esticar e socar a cara dele ou o beijar. Sentia como se estivesse constantemente puxando pedaços de mim.

— Te encontro lá embaixo.

— Tudo bem.

Nos separamos e eu estava bem com isso. Tinha que estar bem.

A caminhada de volta ao quarto do Ethan pareceu longa demais, queria correr até ele. O fato de que tinha ficado tanto tempo longe de mim me deixava nervosa. Era como se precisasse dele perto o tempo todo.

— Olivia, talvez... — Sedric parou o que quer que fosse dizer quando entrei.

Ela se virou para mim com Ethan nos braços. Ele segurava o cabelo dela, rindo em seus braços, balbuciando totalmente inconsciente do que acontecia ao seu redor.

— Ele gosta que esfregue as costas dele de manhã — informou antes de voltar a atenção para ele.

— Vou ver como Liam está. Mas espero poder falar com você mais tarde, Mel — Sedric me disse, mas não estava prestando atenção nele. Só consegui mexer a cabeça em resposta ao que quer que tivesse dito. Quando Olivia beijou a testa de Ethan, tentei não o arrancar dela. Em vez disso, estiquei os braços para ele e ela se afastou.

— Mel, está tudo bem. Não pode sufocar ele — brigou comigo.

— Olivia, me dê meu filho ou juro por Deus que vou te queimar viva. — Segurando Ethan, o levantei do colo dela. Ele chorou, tentando a pegar de novo.

— Você é tão egoísta, caralho! Não pode só pegar ele. Ele não te conhece!

— Aí é que está, ele é *meu para pegar*, Olivia, ele é *meu filho*! Meu sangue! Não seu. Então não vou falar de novo. Vá embora. Saia da minha frente antes que eu afunde sua cara.

Ethan ainda estava esticando os braços para ela. Contudo, o levei até a janela para fora do seu alcance. Sabia que se tentasse pegá-lo de novo, teria

que repintar o berçário depois que tivesse acabado com ela.

Ela suspirou profundamente enquanto eu balançava Ethan em meus braços. Ele se acalmou, mas ainda não parecia feliz.

— Olha, Mel, não estou tentando te substituir. Sei que não posso. Só estou tentando recorrer ao seu bom senso.

— É esse o problema, eu não tenho bom senso. Então por que ainda está na minha frente?

A porta se abriu e Coraline entrou segurando um par de pequenos abafadores de orelha.

— Estou interrompendo alguma coisa?

— Não —Olivia escarneceu antes de sair pisando duro.

Como é que podia sequer sonhar em cuidar de uma criança se ainda se comportava como uma?

— O que foi isso? — Coraline perguntou com os olhos esbugalhados.

— O que é, Coraline? — Ignorei a pergunta dela, optando por beijar o lado da cabeça de Ethan.

— Queria conversar com você.

Claro que queria.

Todo mundo queria falar ou gritar comigo, mas tinha cansado de escutar.

— Mel, sabe que pode confiar em mim, certo? Nunca faria nada para te magoar.

— Coraline, por favor, desembucha logo.

Ela suspirou, foi até Ethan e colocou os abafadores sobre as orelhas dele antes de me olhar nos olhos.

— Você é uma puta.

— Perdão? — Endireitei a postura, meu corpo ficando mais tenso enquanto a encarava.

Ela cruzou os braços e manteve a cabeça erguida.

— Liam é um cuzão, e você é uma puta. Mas os dois ainda são humanos e sob a armadura que usam toda porra de dia, vocês se amam.

— Coraline...

— Não. Não. Ainda estou falando e você vai ouvir. Se quiser arrebentar a cara da sobrevivente de câncer depois, é escolha sua. — Manteve o dedo em riste e lutei contra o impulso de o quebrar. Quem caralhos ela achava que era?

— Mel, só diga a ele que sente muito —adicionou e eu me virei, apertei meu nariz contra Ethan e inalei. — Sei que o ama e ele te ama. Os dois passaram pelo inferno juntos e separados, mas ao menos quando estão juntos, podem encontrar conforto um no outro. Quando se ama alguém, só tem que deixar com que ganhem às vezes. Não significa que seja fraco. Não significa que seja menos da mulher por quem ele se apaixonou. Ele atravessaria fogo por você. Enquanto estava fora, ele disse para Evelyn mostrar fotos suas ao Ethan. Ele não deixava nenhum de nós duvidar de você. Se realmente o ama, dê isso a ele e siga em frente, Mel, ou vai perdê-lo para sempre. Tenho certeza de que ainda têm muitas outras brigas no futuro.

Entregando Ethan para ela, endireitei o paletó.

— Traga ele até o porão. Tenho que trabalhar e não quero que fique muito longe de mim.

Beijando a cabeça dele mais uma vez, tirei os abafadores e joguei no canto do quarto enquanto saía. Só quando saí que respirei fundo. Colocando a mão sobre o peito, tentei me acalmar, mas meu coração continuava batendo contra minhas costelas.

O que é que havia de errado comigo?



Liam

O que é que havia de errado com ela?

Que caralho havia de errado comigo?

— Liam, ouviu alguma palavra do que eu disse? — Declan perguntou ao se encostar contra a porta de madeira.

— Não —suspirei enquanto vestia a camisa. Cinco meses vendo a cara deles de forma limitada não pareciam mais tão ruins.

— Falando como seu primo, você é um idiota.

Diga alguma novidade.

— Declan...

— Sei o que aconteceu com ela —ele me interrompeu e congelei, apenas por um momento antes de me virar em sua direção.

— O quê?

Desencostando da parede, ficou em pé na minha frente com propósito.

— Mel. Sei o que aconteceu com ela. Coraline ouviu vocês discutindo. Não, ela não teve a intenção de espiar, e sim, me contou tudo. Mais ninguém sabe, e você ainda é um idiota.

— Coraline precisa cuidar da porra da própria vida. A lealdade dela devia ser a Melody e eu, não você. Marido ou não.

— Quando os pais brigam, as crianças encontram quem conversar. Então, direcione sua raiva para Coraline, e teremos problemas, mas é direito seu. Pode adicionar à sua lista de coisas que ferrou.

Minha lista de coisas que ferrei?

— Declan, saia. Não estou no clima.

Ele não pareceu preocupado.

— Não vou sair enquanto não admitir.

— Admitir o quê? Que caralho você e a porra da sua esposa intrometida querem? Pelo amor de Jesus, fale logo e vá embora. — Meu cérebro parecia ferver. Não queria fazer isso agora. Não foi assim que imaginei que seria... eu só... foda-se tudo.

— Admita que quer que ela sofra —sussurrou.

— Claro que quero que ela sofra, porra. Está feliz agora, querido primo? Eu falei. Admiti. Quero que ela sinta a dor porque quero que ela pense antes de fazer algo assim de novo. — O que me fazia um marido horrível, mas era verdade.

Ele não parecia surpreso nem incomodado. Apenas fez que sim com a cabeça.

— O único problema é que ela já sofreu. Sofreu mais do que o suficiente. E você não deveria estar piorando o tormento dela. Nunca vai conseguir se equiparar à sua dor, Liam, porque é impossível. Você precisa dela; ela precisa de você, e o resto de nós precisa de vocês juntos. Pense pelo lado dela por um minuto, ela passou a vida toda com um pai moribundo, que só a ensinou a contar consigo mesma. Não dá para mudar isso em apenas dois anos. E se a ama tanto quanto acho que ama, então deveria saber disso. Sempre foi bom em trabalhar com paciência para conseguir o que quer. Não sei bem por que é tão difícil fazer o mesmo com ela.

Puxei a trava de segurança da arma e olhei nos olhos dele. Suspirou antes de se virar para ir embora. Meu pai, que estava do lado de fora da porta, olhou rapidamente para nós e balançou a cabeça antes de recuar. Ouvi a porta se fechar e tive a sensação de que Declan jamais tocaria no assunto de novo. Não era a primeira vez que tinha tentado me aconselhar, e não era a primeira vez que apontava uma arma para ele.

O que era estranho considerando que era a arma da Mel.

Coloquei a arma na cômoda e encarei meu reflexo. Estava com uma cara de merda e me sentia dez vezes pior.

Não pense nisso. Não pense nela.

Eu disse que estava farto e estava. No momento, precisava focar em colocar nossos... meus... os homens de volta no lugar deles.

Saindo do quarto, torci para ninguém mais querer compartilhar sua *sabedoria* comigo. Imaginava que Mel daria algum tipo de discurso, o que significava que teria que acrescentar alguma coisa. Indo de elevador até o porão, não ouvi nada. Estava completamente silencioso, o ar parado e ninguém se mexia.

Saindo, vi Coraline sentada no canto com Ethan, que estava de pé no colo dela. O resto dos homens, incluindo meu pai, Olivia, Neal e Declan, estavam todos ao redor do meu ringue de boxe. Mel estava do lado de dentro, andando pelo perímetro e enfaixando os punhos devagar. O cabelo escuro estava em um rabo de cavalo apertado e o rosto não mostrava nada além de raiva borbulhante. Quando seus olhos castanhos pausaram sobre mim, pareceu presa no lugar, como se tivesse apertado pause. Momentos depois, recuperou a caminhada e a compostura.

— Como podem ver, não estou morta. Para aqueles que duvidaram de mim, vou encontrar cada um e eliminar todos. Deveriam ser firmes como uma rocha, feitos de ferro, e em vez disso parecem mais fracos que um bezerro recém-nascido. Fedel, entre —comandou. E como o Mar Vermelho, os homens abriram caminho e permitiram que Fedel entrasse no ringue. — Me bata.

Ele se posicionou e em um segundo o pulso dele voou na direção do rosto dela, rápido. Dei um passo à frente sem nem pensar antes de recuar. Ele era

rápido, mas ela era mais. Bloqueou o punho dele, e o socou no pescoço e peito antes de se agachar e o derrubar com um chute. Apertou o pé contra o pescoço dele, e o segurou no chão.

— Saia do meu ringue — escarneceu e levantou o pé.

Tossindo, Fedel rolou para o lado e se levantou.

— Próximo! — chamou. Um dos meus homens, Kain Fionn, jogou o cabelo escuro para trás e ergueu os punhos, pulando sobre os calcanhares. Pesava pelo menos quarenta e cinco quilos a mais que ela, mas isso não parecia incomodá-la.

Assim que o braço dele foi em sua direção, ela desviou. Ele continuou socando e ela só continuou se mexendo. Estava deixando o idiota se exaurir, e como um tolo, ele estava permitindo. Estava me deixando puto e dando uma má imagem para os irlandeses. O punho dele se abaixou quando inspirou uma lufada de ar, e naquele segundo, o braço dela foi para trás e o punho colidiu com o nariz dele. Todos ouvimos o estalo nojento quando a cabeça dele saltou para trás. Sangue pingava do nariz dele e da mão dela enquanto ele caía.

Imbecil.

— Você é um idiota, saia do meu ringue, caralho — suspirou. — Próximo.

Monte subiu e desceu rapidinho. Nenhum deles conseguia sequer encostar nela. Estava dez vezes melhor do que eu lembrava.

Por outro lado, tinha passado cinco meses treinando. Só Deus sabe o que esses putos estiveram fazendo por cinco meses. Provavelmente jogando meu... nosso dinheiro fora. Teria sido engraçado se eu não estivesse tão puto e excitado com ela, tudo ao mesmo tempo. O modo como respirava, como seu cabelo chicoteava para frente e para trás, o estrago que causava. Era linda, mesmo coberta de sangue e suor. Me lembrava da primeira vez em que a vi.

Droga, se acalme. Se acalme.

Não podia encará-la de pau duro.

Quando Declan entrou no ringue, sorri. Dei um sorriso tão largo que devia estar parecendo o gato de Cheshire. Declan olhou para mim com raiva.

É o que você merece, seu puto.

Mas ela não lutou com ele. Em vez disso, começou a desenfaixar os punhos.

— Quantos dos nossos me traíram, Declan?

Isso não é o Show do Milhão, caralho. Arrebenta a cara dele.

— Dois? — perguntou a olhando com cuidado. — Patrick e Adriana.

Ela sorriu.

— Errado.

Então pulou e o chutou bem na porra do queixo. Minha criança interior queria comemorar. Na minha visão periférica, vi Coraline ficar de pé e lançar facas com os olhos nas costas de Mel.

— Três. Patrick, Nelson e Adriana — falou enquanto continuava a tirar as ataduras. — Depois que Patrick foi queimado, presumi que nenhum de vocês gostaria de seguir pelo mesmo caminho. Mas estava errada. Lealdade é o

preço que pagam a nós. Todo momento de cada segundo, o objetivo das suas vidas é nos agradar. E ainda assim eu sei que um de vocês, boqueteiros, ainda é burro o suficiente para tentar nos passar para trás. Patrick, Nelson e Adriana estão todos mortos. Vou *encontrar* vocês. Vou *quebrar* vocês. E quando fizer isso, terão que rastejar para o inferno para encontrar algum alívio. Ninguém recebe o benefício da dúvida. Não confio em nenhum de vocês. Me entristece que tenha que ser dessa forma, mas é o que escolheram. Se achar que estão no traindo, vou torturar e matar, devagar. Sangue... — Ela olhou para Declan, Neal, Olivia, Sedric e Coraline. — Ou não. Tenho os meus para proteger, e se acham que isso de alguma forma me faz fraca, estão terrivelmente enganados.

Olhando rapidamente para fora, esperou que eu adicionasse alguma coisa como se eu tivesse qualquer coisa a acrescentar a sua demonstração de poder.

— As coisas vão mudar — falei para todos enquanto ia até o ringue. — De agora em diante, vamos chamá-los pessoalmente de forma aleatória, mesmo que seja para amarrar a porra do meu sapato. Se alguém falhar, morre. Espero que tenham aproveitado as férias. Têm ruas para comandar, certo? Se fosse vocês, e fico feliz de não ser, começaria a verificar tudo. Sinto que estou perdendo dinheiro. E você, amor?

Mel ergueu uma sobancelha e franziu a testa.

— Meus bolsos parecem mesmo mais leves.

— Então por que ainda estão aqui? — ralhei. — Façam o trabalho de vocês e nos deixem alegres para caralho!

Saíram rápido, tentando agarrar qualquer fio de orgulho que ainda restava.

— Liam, podemos conversar? — Neal perguntou.

— É sobre nossas vidas pessoais? — perguntei ao entrar no ringue com Mel. Sabia que ele teve que assumir muito dos negócios da família enquanto eu estava preso, e iria garantir que soubesse que tinha sido algo temporário. Poder era bem mais viciante do que qualquer droga. Ele tinha provado desse sabor e meus instintos me diziam para desconfiar dele acima de todos.

— Pode esperar. — Franziu o cenho, dando um passo para trás.

— Mel, marquei entrevistas... — Coraline começou a falar, mas minha esposa interrompeu.

— Por quê?

— Precisamos da melhoria de imagem, tem que ser feito — interrompi. Mel e eu nos entreolhamos. — Vamos precisar de um minuto.

Ela estava tão linda.

— Para me encontrar sozinha, e poder continuar me chamando de idiota por não correr para você? — Mel questionou quando saíram.

— Não desperdice meu tempo, Melody, você não dá a mínima de qualquer forma — ralhei.

— Não fale por mim, Liam Callahan, especialmente quando não sabe do que está falando.

— Não sei? Você é...

Antes que pudesse dizer as palavras, o punho dela voou em direção ao meu

rosto tão rápido que nem tive tempo de pensar. Apenas reagi. Chutei o lado dela e ela voou para trás. Foi uma resposta automática, nada proposital. Achei que gostaria de vê-la machucada, mas olhar para ela desmoronando no chão do ringue só fez meu coração pular. Não conseguia mais olhar para ela.

— Não estou no clima de jogar mais os seus joguinhos.

Não queria fazer isso.

— Então é bom para cacete que isso não seja sobre você! — sibilou, e quando ficou em pé novamente, seu punho voou.

O agarrei e ela me deu uma cabeçada na mandíbula, me fazendo apertar forte e puxar o braço dela para baixo. Deu uma cotovelada na minha cara e a agarrei pelo pescoço e a grudei no chão. Seus dedos apertaram meus olhos, e as pernas se enrolaram na minha cintura enquanto tentava me cegar.

— Vou te machucar —rosnei entredentes enquanto apertava ainda mais seu pescoço.

— Agora conte uma novidade —escarneceu, quase sem ar.

Que caralho ela queria dizer com isso?

A soltando, vi as marcas da minha mão no pescoço dela e tentei me afastar devagar, mas ela me segurou no lugar.

Meus olhos foram para os seios dela que subiam e desciam a cada respiração. Com uma mão, ela agarrou meu cabelo e me puxou até seus lábios.

Era como voltar para a casa e não pude resistir, mordi seu lábio inferior. Usando minha língua, implorei para entrar e não consegui conter o grunhido quando senti a língua dela na minha. Apalpei o seio dela e grunhi ainda mais alto quando ela se apertou contra mim.

Meu Deus, que saudade do caralho — não!

Forçando as pernas dela a me soltarem, me libertei e fui para o mais longe possível dela.

— Não posso.

Me virei e tentei ir embora.

— Eu quero o divórcio —ela falou atrás de mim.

O quê?

Nem conseguia pensar o suficiente para formar palavras. Como ela ousava? Me virando de volta, encarei seus olhos, ela não se mexeu. Em vez disso, estava deitada no chão onde a tinha deixado, me encarando de baixo.

— Você quer o divórcio?



Melody

Eu o conhecia, seu sangue estava fervendo. Esse bloco de gelo frio que ele estava usando para me bloquear... como se não fosse meu. Ele agia assim com os de fora e eu era sua esposa. Então tirei as opções da mesa. Não poderia só passar por cima disso. Ia ter que demonstrar domínio de outra forma. Era quem ele era.

Vamos lá, Liam.

— Você quer e eu também. É melhor assim, desse jeito não vamos continuar nos machucando — respondi, ao me levantar do chão.

As narinas dele se alargaram quando andou para a frente e agarrou meu braço. Me puxou em sua direção e tomou meus lábios com os dele, duros e quentes. Senti as mãos dele agarrando meu corpo antes de encontrar resistência na minha blusa, a puxando, arrancando tudo do meu corpo.

— Liam — gemi na boca dele enquanto puxava seu cinto.

— Não fale — ele murmurou enquanto beijava meu pescoço. Caímos em direção ao chão oco do ringue juntos. As mãos dele novamente encontrando um lugar no meu corpo, puxou minhas leggings com tanta força que elas rasgaram. A respiração dele acompanhava a minha; curta e rápida. Minhas mãos se embrenharam no cabelo dele, puxando e acariciando. Pude senti-lo puxar as calças e antes de registrar que estava na minha entrada, se enfiou em mim, de novo e de novo em um ritmo implacável e punitivo.

— Ah... — gemi de dor e prazer. Tinha sentido falta de tê-lo dentro de mim. Me enrolei em volta dele enquanto metia em mim. Mordendo o lábio, tentei controlar o desejo de gritar enquanto minhas pernas tremiam incontrolláveis. Entendia que ele precisava disso, nós dois precisávamos. Era tudo que não conseguíamos colocar em palavras, era como resolvíamos nossos problemas, e até esse remanescente do passado recente fazia meu coração latejar, mas não do jeito que estava acostumada. Estava desesperada por isso, precisava disso, precisava que ele se lembrasse e ansiasse pelo que costumava ser, do mesmo jeito que eu.

— Divórcio... — pausou, metendo em mim com uma brutalidade deliciosa. Ele me empurrou para trás e segurou minhas duas mãos em uma das dele enquanto agarrava minha coxa com a outra. — Nunca... — De novo pausou após pontuar com uma estocada. — É uma opção. — Parecia que isso era um lembrete, e me perguntei brevemente quem precisava dessa bronca de verdade.

Não parou mais depois dessas pausas. Mordendo minha orelha e beijando meus lábios, a boca dele estava em todo lugar. Tentei manter os olhos abertos, mas não conseguia nem pensar e respirar ao mesmo tempo, muito menos controlar meu corpo.

— Liam! — O suor do nariz dele pingou em mim enquanto me segurava mais forte. Meus dedos se encolheram nos sapatos enquanto eu aproveitava um orgasmo quase doloroso. O cheiro de canela e mel dele preencheu todos meus sentidos. Era tudo que eu podia ver, cheirar, sentir e ouvir. Ele me cercava por todos os ângulos, e eu sentia falta dele, sentia falta de tudo nele... em nós.

— Ugh — ele grunhiu quando gozou.

Ele engoliu devagar acima de mim, me sentindo da mesma forma que eu fazia com ele.

— Está presa comigo. Até o dia que morrermos. O contrato diz isso. Eu digo isso, caralho. Então se tocar no assunto de novo... que Deus me ajude,

Melody, vou te mostrar o que é um verdadeiro homem louco.

Saindo de mim, ele se ajeitou e não olhou para trás ao sair. Deve ter se sentido orgulhoso de si... másculo até. Tinha me fodido como um homem das cavernas. Mas era eu quem tinha ganhado aqui. Sabia o que estava passando pela cabeça dele desde que tinha aparecido, pois havia visto em seus olhos — o conflito, a indecisão. Tive que lembrá-lo de quem éramos, de onde tínhamos vindo e como resolvíamos nossas brigas. Divórcio nunca seria uma opção para nós, não estarmos juntos nunca era uma opção, e ele precisava se lembrar disso. Não sei bem como ele tinha perdido a noção de quem éramos, ou de que era assim que lidávamos com as coisas — nós apenas trepávamos até que estivesse expurgado. Mas tinha feito ele se lembrar, porque de alguma forma tinha esquecido.

Eu tinha ganhado, não ele.

“Não tenho nada a oferecer além de sangue, trabalho, lágrimas e suor.”

— *Winston Churchill*

Olivia

Trim. Trim. Trim.

ARGH! Atende a porra do telefone! Andei para lá e para cá furiosa no banheiro, esfregando as lágrimas do lado do meu rosto.

— Olivia — a voz velha, mais suave que óleo de cobra, finalmente atendeu.

— Quero sair. Me disse que ela não voltaria e aqui está ela. Só fiz isso porque prometeu.

— Olivia, eu vou desligar agora e você *não* vai me ligar de novo, está entendendo? Alguns de nós precisa trabalhar. Fique firme e espere. É a sua vida em jogo, então sugiro que não falhe e não seja descoberta. — Ele desligou e eu queria quebrar o telefone e gritar.

Não conseguia respirar. Não conseguia respirar, caralho. Tinha contado a ele tudo sobre a família em troca de Neal e Ethan. Neal ia assumir as rédeas, e eu ficaria com Ethan, e tudo deveria ficar bem. Tudo ficaria do jeito que deveria ser.

Caindo contra a parede, deslizei até o chão. Não sabia o que fazer. Mel ia descobrir e ia me matar.

— Ah, Deus — arfei.

— Olivia? Querida, está tudo bem aí? — Neal chamou do outro lado da porta.

Minhas mãos voaram sobre minha boca tentando conter o pânico crescente enquanto meu corpo todo tremia.

— Olivia? — A maçaneta balançou.

— Estou bem, Neal — finalmente consegui falar.

— Certo.

Ficou silencioso por um momento e achei que tivesse ido embora. Ficando em pé, lavei o rosto rapidamente e abri a porta só para dar de cara com ele, de braços cruzados e esperando por mim.

— Odeio quando mente para mim.

— Não sei do que está falando — disse desviando dele e indo até minha penteadeira.

Ele suspirou alto.

— Olivia, olha, eu sinto muito. Sinto muito ter sido tão duro com você. Estava preocupado com Liam, e agora que ele voltou, me lembro do quanto ele é cuzão. Mas não tenho que me preocupar mais. Ele vai assumir as coisas.

— Você quer que ele assuma as coisas? — sussurrei, enquanto passava hidratante no rosto.

— Vamos ter essa conversa de novo?

— E qual seria ela?

— A que me diz para tomar atitude. Ser um homem.

— Você disse que não queria “andar no lado sombrio”, que odiava isso. A última coisa que quero é ser uma cobra no seu jardim. Então...

— Olivia. — Ele segurou meu ombro. — Não é uma cobra em um jardim. É uma cobra em poço cheio de cobras. E enquanto durou, era legal não me preocupar com Liam fungando na minha nuca.

— O que quer dizer? — cochichei.

Ele beijou minha cabeça quando encontrou meu olhar no espelho.

— Não faço ideia. Só não quero que pense que estou te decepcionando.

— Jamais poderia fazer isso. — Era eu quem estava o decepcionando... ele ia me odiar. Mas não podia deixar a Mel Sangrenta ganhar. Ela tinha tudo, conseguia tudo. Não podia ter tudo. Eu estava presa, não havia como voltar atrás, era ou morrer pelas mãos de Adrian ou da Mel. Pelo menos com Avian havia uma chance de que eu não sofreria.

Ele não queria controlar o tráfico de drogas nem se livrar dele.

Tinha dito que os viciados não eram o problema, eram os traficantes. Os nórias não ligavam de onde conseguiriam a próxima dose. Como chefe do FBI, ele não queria guerras por controle das drogas eclodindo pelo país. Se Mel e Liam fossem derrubados, haveria um vácuo de poder que seria perfeito para Neal e eu ocuparmos. Sabia que Neal queria isso, ele apenas não sabia como conseguir.

Me sentindo confiante, me inclinei na direção dele.

— Eu te amo, Neal.

— Bem, eu sou bonito. — Ele beijou o lado da minha cabeça antes de atender o telefone.

Todos eles achavam que eu estava obcecada por Ethan e parte de mim estava; ele e eu tínhamos nos conectado. Ele me encarava com aqueles olhos verdes brilhantes e aquilo tocava minha alma.

Mel só estava com ciúmes. Ela era a culpada pela situação, não eu.

Ela era apenas uma bandida vestida de Prada. Eu era a primeira filha. Eu era Olivia Coleman-Callahan. Enquanto se preocupavam comigo e Ethan, eu faria de tudo que pudesse para os derrubar.

Eram cobras e eu também. E ia fazer o que fosse necessário para conseguir tudo a que tinha direito.

Aquilo ia funcionar. Era apenas justo. Tiveram a chance deles, agora era a minha vez.

— Olivia! — Neal agarrou minha mão e abriu meu punho. Vi o sangue que eu mesma tinha tirado. Não tinha sentido nada.

O primeiro sangue tirado pela guerra.

— Olivia, estou começando a ficar preocupado.

— Minhas unhas são afiadas, amor. Sério, não se preocupe. — Acariciei a bochecha dele com a mão ilesa. — Estou bem. Vou limpar isso e podemos ir.

— Devo esconder os barbeadores? — disse meio brincando, um teste.

— Cuzão —murmurei, dando um tapa no braço dele.

— Aí está minha boa garota —zombou me chamando da forma que meu pai costumava usar.

Eu *era* a boa garota. Agora, era mercadoria danificada, mas isso ainda tinha que ser melhor do que ser a Mel.

Não é?

“Acima de tudo, revistam-se do amor que une todos nós em perfeita harmonia.”

Colossenses 3:14

Liam

Ela me manipulou.

Ela não queria o divórcio, eu sabia que não.

Queria ficar puto com ela. Não tinha superado os últimos cinco meses, e ainda assim, por mais que tentasse, não conseguia reunir a energia para continuar brigando. Tinha trepado até tirar tudo do meu corpo e era isso que ela queria. Tinham se passado dois dias e não conseguia ficar perto dela sem querer me enterrar em seu corpo. Não falamos um com o outro; apenas auditamos cada venda dos cinco meses em que estivemos fora. Nenhum de nós estava surpreso de estarmos perdendo dinheiro a rodo, mas não significava que íamos apenas aceitar o fato. Havia muito trabalho a fazer, além disso, Avian ainda era a bigorna pairando acima de nossas cabeças esperando para nos esmagar.

Entrando no nosso quarto, parei. Até onde sabia, ela só tinha entrado aqui para tomar banho e trocar de roupa antes de sair. Passava as noites mal dormindo no canto do quarto de Ethan. Houve mais do que algumas vezes em que quis a pegar e levar até a cama. Mas em vez disso, me conformei em me sentar na frente dela. Agora ela estava sentada no meio da nossa cama, com Ethan no espaço entre as pernas. Parecia tão relaxada de shorts e camiseta de seda enquanto lia o que pareciam ser arquivos do trabalho.

Me ouvindo entrar, ela olhou para cima e encarou. Tirando o paletó, gravata e sapato, fui até meu lado da cama e me inclinei para beijar a cabeça de Ethan. Ele deu tapinhas no meu rosto com as mãozinhas como se dissesse, “*me deixe em paz para eu poder me concentrar.*” Estava tentando colocar a peça quadrada no espaço circular. Mexendo a mão dele, tentei ajudá-lo a colocar o quadro no espaço certo. Encarou a peça por um momento e depois olhou para mim. Franzindo o cenho, pegou o quadrado e mais uma vez tentou o enfiar no círculo.

— Ele é cabeça dura. De quem será que puxou? — Mel murmurou baixinho.

Dei um sorriso malicioso e olhei para ela.

— De nós dois? O que significa que estamos ferrados quando ele crescer.

— Nunca vou deixar que ele cresça então — respondeu com um sorriso brincando nos lábios.

Acho que meu pai costumava falar o mesmo sobre mim.

Ficamos em silêncio por um momento, e lutei contra o desejo de puxar os

dois para mim e dormir. Tinha sido um longo dia.

Devo dizer alguma coisa? Não queria brigar. Não na frente do Ethan, pelo menos.

— Coraline me deu uma lista enorme de entrevistas para amanhã —ela me falou ao entregar um papel.

— Santo Deus. — Com quem nós *não* iríamos falar? — Mandaram uma lista de perguntas?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Mandaram, mas é pura m...

Pausando, olhou para Ethan, que a encarou de volta.

— Mandaram, mas é só para inglês ver. Não vão obedecer.

Sorrindo, contive meu comentário enquanto ela me lançava facas com os olhos. *Nada de palavrão. Entendido.*

— Qual a nossa história, então? — perguntei enquanto passava a mão pelo cabelo macio de Ethan. Não sabia se conseguiríamos ter essa conversa se ele não estivesse aqui. Ele nos mantinha calmos e muito entretidos.

— Você sabia onde eu estava o tempo todo e ficou na cadeia para proteger nossa família. Não posso falar sobre a *investigação* de forma mais detalhada por motivos de segurança nacional, mas vou comentar como me senti horrível e o quanto estava assustada, algo nessa linha. Também liguei para o *presidente* Coleman para garantir que nossa história seja confirmada.

Esperei pela raiva. Surpreendentemente, nada veio.

— Tudo bem.

— Tudo bem? — perguntou, um pouco cautelosa.

— É a sua história, Mel. Você planejou, então confio que irá funcionar. — Porque nove em cada dez vezes, funcionava mesmo. — Porém, temos negócios a discutir — falei ao me deitar, e estendi a mão para o arquivo no meu criado mudo.

— Prossiga.

— Antes que eu faça isso, preciso que seja cem por cento honesta comigo, Melody — respondi, me sentando. A mandíbula dela se apertou e ela me encarou como se soubesse o que eu ia perguntar. — A demanda de cocaína está subindo de novo, e até agora... — hesitei, sem saber como abordar o assunto. Odiava o quanto as coisas estavam incertas entre nós ultimamente.

— Fale logo, Liam.

— O que aconteceu com você vai afetar nosso trabalho? Se sim, posso assumir tudo.

— Fico feliz que tenha perguntado, aí posso dizer de uma vez por todas. — Franziu o cenho. — Não sou viciada. Não sou deficiente. Passei por uma abstinência dura. Doeu, e não tenho interesse algum em passar por isso novamente.

— A maior parte das pessoas não tem essa escolha — sussurrei.

— Bem, eu não sou a maioria das pessoas — ralhou comigo. — Se se importassem com alguém ou qualquer coisa, quero dizer se realmente se

importassem tanto quanto eu, parariam. Não é culpa sua, minha, ou de mais ninguém que eles não parem. Não sinto nenhuma simpatia por eles. Nós fornecemos, e o que quer que aconteça depois que o produto sai das nossas instalações não está sob nosso controle. Respondi sua pergunta?

Ethan arrotou alto e nunca fui tão grato por isso, porque era como água gelada sendo jogada sobre mim, acalmando meu desejo de pular nela. Havia alguma coisa nessa mulher que só me excitava.

— Tudo bem — respondi, tentando manter a cabeça fria enquanto entregava o arquivo que estava olhando. — Roy, acredito que é esse o nome, está batizando o produto para ter um pouco mais de lucro. Nada absurdo, mas me incomoda.

— Declan e eu vamos falar com ele. Pelo jeito não fomos claros o suficiente da última vez.

— Não, *nós* vamos.

Os olhos dela me perfuraram.

— Por que me pedir para ser sincera se não acredita em mim?

— Acredito em você. Acabei de passar cinco meses longe de você, não quero nenhuma distância desnecessária até...

— Até ter certeza de que não vou desaparecer de novo.

Por que ela sempre precisava me interromper?

— Seu desaparecimento foi culpa minha, você ficar longe é culpa toda sua. Não quero distância até saber que nós dois não vamos cometer o mesmo erro.

— Você se culpa pelo meu desaparecimento? — perguntou devagar.

Não queria mesmo falar sobre isso.

— 433K, nossa companhia no Colorado, vai trazer pelo menos quatrocentos milhões esse ano. Tínhamos filas de até três horas. Acho que devíamos fazer lobby para mais estados legalizarem a maconha. Mas por enquanto, quero colocar pelo menos quatro lojas da 433K em cada fuso horário vendendo maconha medicinal para quando for legalizada, já termos uma base na área. — Se jogássemos direito, poderíamos controlar o mercado legal e ilegal. Também ajudaria com a publicidade.

— Não podemos — respondeu.

Mas que caralho?

— Por que caralhos não, inferno?

As mãos dela voaram para as orelhas de Ethan enquanto ele bocejava e sua cabeça balançava e começava a cair no sono. Eram só 21h, mas imaginei que já estivesse muito além da hora dele dormir.

— O público vai prestar muita atenção em nós nas próximas semanas. Além disso, assim que começarmos a avançar para esse território, muitos outros vão seguir a deixa. Então digo *sim* para o seu plano, mas vamos fazer tudo escondido. — Ela levantou Ethan e ele a abraçou e colocou a cabeça em seu pescoço enquanto seus olhos começavam a se fechar.

Mexendo o quebra cabeça com que ele estava brincando, esperei que o levasse para o quarto, mas em vez disso o colocou de barriga para baixo na

nossa cama. Colocando a mão sobre as costas dele ao se deitar do lado, percebi que não estava usando a aliança. Por quanto tempo estava sem? Tinha que ser desde que tinha voltado, não me lembrava de lhe ver usando.

— O que aconteceu com a sua aliança? — sussurrei da beira da cama, observando os dois.

Ela não olhou para mim, em vez disso encarou Ethan enquanto respondia.

— Minha mãe pegou. Não sei o que aconteceu depois.

Mãe?

Desde quando ela chamava aquela puta psicótica de *mãe*? Colocando a mão no bolso, peguei o celular e mandei uma mensagem para Coraline. Sabia que aliança eu queria que ela tivesse.

Talvez eles não tenham, Coraline respondeu.

Ofereça o dobro... triplo, eu não ligo. O dinheiro fala, Coraline.

Colocando o celular no criado mudo, subi na cama, do outro lado de Ethan. Ele suspirou junto comigo, e seu punho se mexeu, tentando entrar na própria boca.

Nossa, como era bom descansar na nossa cama de novo.

— Por que acredita que meu desaparecimento foi culpa sua? — perguntou ao olhar em meus olhos sobre a cabeça de Ethan.

— Melody...

— Pare —ela sussurrou. E porque tinha algum controle sobrenatural doentio sobre mim, parei. Não podia encará-la, então em vez disso, optei por encarar Ethan. — Odeio quando me chama de Melody — falou suavemente. — Magoa. Magoa quando se afasta de mim. Tudo que disse antes, me magoou. Odeio você por dizer aquelas coisas, e me odeio por me importar. Odeio mais do que tudo que eu... que seja tão difícil para mim dizer o quanto te amo.

Droga, mulher.

Olhando para cima, estava hipnotizado. Não sabia o que dizer.

— Por que está dizendo tudo isso? — Não era mesmo do feitio dela.

Deu de ombros.

— Não sei. Me sinto confortável. Finalmente tenho vocês dois; e é tudo que eu preciso. Além disso, talvez tenha tomado três ou quatro taças de vinho tinto.

— Sempre nos teve, Mel. Não consigo entender por que não sabe disso. — Era como se não entendesse que não estava mais sozinha.

— Eu tive um cachorro —falou, enquanto se deitava de costas. — O nome dele era Rufus, o que era ridículo, considerando que era todo branco e Rufus significa vermelho em latim.

Ela estava divagando? Será que a Melody Giovanni-Callahan divagava?

— Meu pai nunca me deixou sair muito. Não tinha amigos, e Rufus era tudo que eu tinha. Contava tudo para ele e ele sempre estava lá. Uma manhã na época de Natal, queria ir patinar no gelo e corri para fora. Rufus correu na minha frente e pulou no gelo. — Ela parou, e seus lábios se apertaram antes

de abrir de novo. — Ele caiu e foi só porque estava na minha frente que eu não fui até o gelo. Orlando não ia arriscar a vida de ninguém por um vira-lata. Rufus finalmente saiu sozinho depois do que pareceram horas. Ele estava tremendo, e não importava quantos cobertores colocasse nele, ou quanto tentasse o aquecer, ele não melhorava. Orlando não ia desperdiçar outra chance de me ensinar mais uma *lição*. Levou nós dois para o lado de fora e me deu uma arma. *Existem dois tipos de dor, Melody*, ele falou. *O primeiro nos faz crescer, e o segundo não traz esperança e nos leva à morte. Qual dos dois ele está sentindo? Por que prolongar a dor dele?* Ele perguntou e eu não conseguia falar. Me mandou atirar e eu atirei. Errei. Acertei na perna de Rufus e ele chorou fraquinho. Só queria que acabasse logo, então continuei atirando até ele ficar quieto. Chorei o tempo todo, disse que ele era meu melhor amigo, e que sentia muito. Se tinha alguma coisa que Orlando odiava, era que eu chorasse. *Limpe seu rosto e não seja uma desgraça. Não precisa de amigos. Amigos te puxam para baixo, Melody. A única pessoa com quem deveria contar é você mesma. Todo os outros vão morrer e te abandonar. Pare de desperdiçar suas lágrimas porque qualquer um que se importe não está as vendo.* Eu tinha nove anos.

O que eu podia responder? No momento eu desejava ter colocado a agulha mais devagar quando o botei para dormir, pois o filho da puta merecia uma morte dolorosa.

— Parte do motivo de não ter voltado é porque estava com medo. — Finalmente ela inclinou a cabeça para o lado e vi seus olhos. Os dois estavam embaçados. — Estava com medo de ser Rufus.

— Achou que eu iria te sacrificar? — sussurrei.

Como diabos poderia achar isso? Esquece, eu sabia como.

— É o que devemos fazer, Liam. Se alguém é um perigo para a família, nós o sacrificamos. Não importa o quanto seja difícil. É o que fomos ensinados a fazer. Eu te via no meu subconsciente me incentivando a melhorar, sempre preocupado, duvidando; sem saber se eu conseguiria mesmo. Então sim, você estava certo. Eu me afastei. Fiz o que era mais fácil para mim e sinto muito.

Não falou mais nada.

— Você confiou em mim — falei apertando o canto dos olhos. — Confiou em mim completamente quando estava dando à luz a ele. Nunca me senti tão orgulhoso e feliz. Eu não sei. Mas o jeito que me olhava com tanta fé e alegria. Você é boa em se proteger, e na única vez em que eu deveria fazer isso, falhei. Sim, você ficou longe, mas se eu tivesse feito meu trabalho, jamais teria ido para começo de conversa. Estava indefesa e eu falhei.

— Você não vai me dar ouvidos, mas não te culpo. Nunca pensei nisso dessa forma. — Com um suspiro, ela me alcançou, pegou minha mão e beijou as costas dela.

— Está certa, não vou.

E lá estava, tudo às claras.

— Eu também te amo, Mel — sussurrei enquanto fechava os olhos. —

Sempre e para sempre até o dia em que eu morrer.

Melody

Todos dormimos até tarde da manhã, o que era estranho considerando o quanto fomos dormir cedo. Mas estávamos tão relaxados e Ethan funcionava como um despertador perfeito. Contudo, ele tinha perdido o purê de maçã das três horas e não estava feliz com isso.

Não sabia bem por que tinha compartilhado tanta coisa com Liam na noite passada. Só tinha saído de mim... a presença dele me lembrava de como éramos antes desse pesadelo começar, e a voz de Coraline continuava ecoando na minha cabeça como a porra de um sabiá. Seja qual fosse o motivo, funcionou, porque Liam não conseguia tirar as mãos de mim depois que acordamos. Enquanto ele alimentava Ethan no nosso pequeno sofá, seus olhos me observavam famintos. Me fez tremer, ele sabia exatamente o que estava fazendo comigo. Me sentia tão... me sentia como uma adolescente.

Pare de olhar para mim dessa porra desse jeito, caralho.

— Nossa entrevista é só daqui uma hora, ele vai precisar de um banho. Deveria tomar um com ele — respondeu, enquanto pousava a mamadeira e acariciava as costas de Ethan. Para alguém que não esteve por perto por cinco meses, ele sabia bem o que estava fazendo.

Fazendo que sim com a cabeça, tirei minha blusa e ele arfou antes de engolir. Estava me comendo com os olhos com nosso filho nos braços. Mas por outro lado, não era isso que eu queria? Pelo menos sermos pais não nos deixou menos sexuais.

— Por favor, só vá, Mel, não consigo olhar para você assim, pois estou lidando com cinco meses de frustração acumulada. — Ele praticamente gemeu.

— Tarado — zombei.

— Você me deixa assim. — Piscou.

Revirando os olhos, entrei no banheiro, e pelo que pareceu a décima vez desde que acordei, meus dedos dos pés se curvaram. Me sentia tão normal, como uma esposa comum cumprindo seus deveres conjugais. Tirei toda a roupa depois de encher a banheira com água morna e colocar um pouco de sabonete de bebê. Entrei na água e relaxei por alguns minutos antes de chamar Liam.

— Pronta quando estiver — disse.

Ele só levou um momento para trazer Ethan, que agora estava totalmente pelado e se agitando em seus braços. Olhei para Liam que estava obviamente tentando não me encarar.

— Tem certeza de que não precisamos de uma boia ou algo assim? — Ele parou de falar, aparentemente desistindo da luta interior e me secando abertamente.

— Vem cá, você — falei, ao estender as mãos para Ethan. O colocando sobre o peito, derramei água gentilmente sobre suas costas.

Liam pareceu cair sobre os azulejos enquanto nos assistia. E colocou a mão dentro da banheira sobre meu joelho. Movi Ethan para o meu colo e sorri quando Liam se ajustou, vindo junto por precaução... era fofo.

Quando foi que comecei a usar a palavra fofo? Quem diabos eu era?

— Não quero ele envolvido em nenhuma das entrevistas — falei.

Ele concordou.

— Eu também não. A última coisa que quero é ele à mostra.

Ethan deu tapinhas na água.

— Acho que estamos de acordo então. — Ri enquanto enxaguava a cabeça dele com cuidado, tentando manter a água longe dos olhos.

— Deus, ele é lindo — Liam sussurrou, me olhando. — Igual a mãe.

— Só temos uma hora, Liam — avisei. — Mas obrigada.

Fazendo bico, ele se inclinou para beijar minha cabeça antes de ficar de pé.

Levamos mais de uma hora para terminar o banho e nos arrumar. Mas Liam e eu não ligávamos. Nós estávamos em uma bolha, uma bolha muito feliz. Ethan tinha tomado banho, comido e se vestido, e agora descansava no meio da nossa cama.

Senti Liam se aproximar por trás de mim. Colocou meu cabelo para o lado e beijou a base do meu pescoço antes de fechar meu vestido preto e branco.

— Quero que ele seja batizado — murmurei ao me inclinar contra ele.

— Com uma condição.

O quê?

Me virei para ele, e o vi sorrir antes de se ajoelhar e puxar uma caixinha do bolso do paletó.

— Liam...

— Não. Não vai me impedir de fazer isso, sra. Callahan. Você não vai aparecer em rede nacional sem uma aliança. Então me deixe terminar.

Revirei os olhos para ele.

— Certo.

— Melody Nicci Giovanni-Callahan, quer se casar comigo de novo? Sem contrato. Não por dinheiro ou poder, apenas por mim. Só por amor. — Abriu a caixa para revelar um grande diamante bruto no meio de uma banda de platina em formato de infinito. Era muito melhor do que a primeira aliança enorme que ele tinha me dado. — Quando quiser, sra. Callahan. — Ele franziu a testa para mim.

Sorrindo, dei de ombros.

— É um compromisso e tanto, Liam, não estou...

— Devia só ter colocado essa porra em você. — Suspirou, ficando de pé. Pegou minha mão na dele e colocou o anel no meu dedo. — Cabeça dura do caralho.

— A primeira palavra dele vai ser ‘porra’ graças a você. — Fiz careta ao perceber que tinha acabado de falar também. Essa coisa de não falar palavrão era difícil para cacete.

— Tal pai, tal filho. Certo, garoto? — Liam sorriu engatinhando até Ethan

e o pegando no colo. — Só não faça isso na frente da vovó, tudo bem? Ou na igreja, ou em público, ou na nossa frente. Na verdade, vamos conversar sobre as regras quando você puder falar.

Ri da lista dele.

— Aceitei sua aliança, agora o que acha do batismo?

— A aliança não era a condição. Ia aceitar o anel por bem ou por mal. — Ele falou sério, lambendo os lábios. — Na verdade, esperava que resistisse um pouco.

— Entendido. Então qual é sua condição?

Deu um sorriso largo ao cochichar para Ethan. Não gostava do rumo que isso estava tomando.

— Liam...

— Noites de encontro.

— Tudo bem, vou resistir a isso. Nada de encontros.

— Nada de batismo —contra-atacou.

Não podia estar falando sério. Queria tirar meu salto e enfiar na cara dele.

— Está usando a alma do nosso filho como refém por um encontro?

— Encontros... o 's' significa mais do que um.

— Liam Alec Callahan, eu vou...

— Lembre desse olhar, filho, ela vai direcionar para você algum dia. — Ele me ignorou, agitando Ethan nos braços.

— Liam, nada de encontros. Eu não vou a encontros.

Ele fez um beicinho, o que fez Ethan fazer um beicinho, e juro que minhas sobrancelhas tremiam tanto que era como se estivessem tentando escapar do meu rosto.

— Por favor, mamãe, pense na minha alma. São só alguns encontros com o papai —Liam falou em uma voz infantil adorável. — Por favorzinho?

— Tudo bem! Mas não vou gostar de nada. Vou ser uma puta o tempo todo, e você vai...

— Sua alma está salva, carinha! — Liam sorriu, erguendo Ethan no ar, o que o fez rir alto enquanto batia palmas e balançava os pés.

— Vamos, sr. Callahan. Quanto mais rápido formos ver esses sanguessugas, mais rápido podemos fazer nosso trabalho —murmurei.

— Uma não tão rapidinha mais tarde para comemorar?

Balançando a cabeça para ele, me virei e abri a porta só para dar de cara com Evelyn com o punho erguido, prestes a bater. Me olhou com raiva.

— Estão atrasados.

— Mãe, vamos descer em um segundo.

Ela franziu o cenho na minha direção antes de se virar.

— Ela está muito puta comigo.

— Não fique se remoendo por isso —ele murmurou ao sair para o corredor.

Eu não ia, não dava um caralho de asa. Liam e eu estávamos no caminho certo, e se ela tentasse ferrar isso, a colocaria no caralho de um asilo antes que pudesse piscar.

Com a nossa bolha de felicidade obviamente estourada, agora era hora de ir encarar os idiotas da vila. Nossa família — Ethan, Liam e eu ficaríamos bem. Agora precisávamos consertar nossa imagem e os negócios.

“Uma novela, sabe, de gente de verdade fingindo que é gente de mentira com problemas de faz de conta, e quem assiste é gente de verdade pra esquecer problemas de verdade.”

— *Chuck Palahniuk*

Melody

Assisti enquanto a equipe técnica ajustava as câmeras mais uma vez, ansiosa para começar essa “entrevista”. À minha esquerda, podia sentir os olhos de Liam encarando o homem cujo nome e título eu já havia esquecido, enquanto ele ajeitava o microfone sem fio no meu peito. Podia praticamente ver a contagem regressiva terminando na mente de Liam. Se esse cara não acertasse logo, com certeza perderia a cabeça.

— Está tudo bem, eu cuido disso — falei, assumindo o comando da situação ao prendê-lo no vestido eu mesma.

— Tudo bem, ótimo. — Sorriu, totalmente ignorante do fato que só interrompi suas mãos grudentas porque gostava dessa roupa, e porque Liam sem dúvida teria feito uma cena se o cara tivesse ficado tão perto por mais tempo.

— Pode respirar agora — cochichei para Liam, cobrindo o microfone enquanto falava.

Ajeitando a gravata, fingiu não notar.

— Não faço ideia do que está falando.

É, tudo bem.

A repórter da CNN, Mary Sue, como eu me referia, parecia mais nervosa do que qualquer um no nosso quintal. Queríamos a entrevista feita em casa, mas mantivemos os funcionários por perto para garantir que ninguém saísse andando por aí. Ela estava verificando tudo, desde a iluminação até suas anotações por uma última vez.

— Vocês dois estão prontos?

Você está?

— Faça seu pior — Liam sorriu, dando uma piscadela. Estava pegando tão pesado que a garota parecia incapaz de falar.

— Aceite isso como um convite para perguntar sobre os segredinhos dele, incluindo o vício em gelatina. — Sorri, tentando fazer com que ela relaxasse. Se não estivesse calma, então essa coisa toda iria pelo ralo, e eu me recusava a me sujeitar a outra rodada de milhões de perguntas. Precisávamos que o público nos amasse.

— Não sou viciado em gelatina. — Se virou na minha direção, parecendo confuso porque eu tocara no assunto, apesar de o sorriso em seu rosto ser real. Se virou para Mary, que sorriu para nós. — Não sou viciado em gelatina.

— É horrível. O coitado do Ethan tem que esconder um pouco sob o travesseiro.

— Ethan não consegue esconder nada. Além disso, ele só come purê de maçã.

— É porque nunca sobra gelatina.

— E estamos ao vivo em 3, 2... — a produtora apontou para Mary enquanto a câmera se aproximava.

— Vamos falar sobre isso mais tarde — Liam sussurrou para mim.

Revirando os olhos, foquei em Mary, que tinha conseguido se manter calma e estável enquanto falava olhando para a câmera.

— Boa noite senhoras e senhores. Hoje estarei com o sr. e a sra. Callahan pela primeira vez desde o desaparecimento dela e a prisão dele. — A câmera focou em nós e ela também enquanto Liam pegava minha mão. — Sr. e sra. Callahan, só tenho que começar com ‘uau’.

— Nós sabemos — falei com um sorriso antes de olhar para Liam. — Acredite em mim, nós sabemos.

— Sra. Callahan, pelo que entendemos até agora, tudo isso começou com a senhora recebendo uma simples mensagem no celular?

— Sim. — A mentira mais simples funcionava melhor. — Não posso falar muito sobre isso devido à investigação ativa, o que é estranho demais de dizer. Mas o que posso falar é que recebi uma mensagem de uma organização suspeita de terrorismo que parecia estar se comunicando com um colega. Nossos números tinham apenas um dígito de diferença.

— Não tenho certeza se é essa é a coisa mais sortuda ou azarada que já ouvi — respondeu.

Obviamente não saía muito de casa.

— O júri ainda está deliberando — Liam acrescentou, o que era mais do que um pouco irônico.

— E você, sr. Callahan, sabia disso?

Fez que sim com a cabeça.

— Sim, sabia. Primeiro achei que fosse uma piada e pensei que talvez devêssemos ignorar a mensagem misteriosa e ameaçadora, mas como somos figuras públicas, ligamos para um amigo em D.C. Antes que pudéssemos entender a gravidade da situação, o mundo começou a se mexer sob nossos pés.

— Então sabia que sua esposa estava viva e ainda ofereceu cem milhões de dólares para que a devolvessem depois que a notícia de que havia sido sequestrada vazou? — perguntou.

Começava a desgostar dela. Fazia bem o trabalho, mas eram esses com quem devíamos tomar cuidado.

— Na verdade, não sabia de tudo a esse ponto — Liam corrigiu. — Ela tinha acabado de dar à luz e eu ainda estava maravilhado. Antes que me desse conta, minha mãe estava me dizendo que Mel não estava no quarto e ninguém a encontrava. O pânico... o medo que me derrubou naquele momento é difícil de explicar. O hospital parou, e nem pensei em olhar meu telefone. Apenas agi, pois precisava dela de volta, nosso filho precisava dela. Só depois de tudo

que um agente veio e me informou dos acontecimentos ocultos. A essa altura, não podia retirar minha declaração.

Parecia totalmente engajada quando se virou na minha direção.

— Sra. Callahan, estava assustada? Por que te moveram tão rápido?

— Sinceramente, ainda estava me recuperando da epidural, nem conseguia me mexer. Mas acredito que a CIA tenha interceptado um atentado à minha vida. Só depois que fui colocada no esconderijo que o medo realmente bateu — sussurrei enquanto limpava o canto do olho.

Em um piscar de olhos Mary tinha um lençinho pronto para mim.

Sério?

Pegando da mão dela, senti Liam pegar minha outra mão e a beijar.

— Acho que o que foi pior —, falei suave — foi assistir ao meu marido ser esfaqueado pela mídia toda noite. Ouvindo pessoas que não sabiam nada sobre ele o acusarem de todas essas coisas horríveis, o pintarem como monstro. Liam simplesmente não é capaz das coisas que o acusaram.

Ele apertou minha mão e eu sabia que estava tendo dificuldade para controlar o riso.

— Tenho que admitir, sra. Callahan, que eu era parte dessa maioria, e sei que ninguém se sente tão mal quanto nós. Peço desculpas, sr. Callahan, mas entende por que pensamos que era culpado.

— Não — ele cortou.

Ah, aqui vamos nós...

— Não quero que as pessoas achem que estamos bem. Que isso foi só uma época horrorosa em nossas vidas e agora tudo está perfeito de novo. Nossas vidas mudadas drasticamente. A mídia, *vocês*, têm uma responsabilidade, um dever, de encontrar a verdade, não de entreter. Estava, e estou, puto com você, com a mídia, e o povo americano. Fui declarado culpado, não porque havia provas, mas por causa de quem sou. Aceitei suas desculpas, mas não as entendo. Me dê mais do que uma semana.

Então estávamos brincando de chefe da máfia bonzinho, chefe da máfia malvado agora. Queria ser o malvado.

Ela pareceu assustada e olhou para a produtora antes de olhar para os cartões e depois finalmente de volta para Liam.

— Bem, sr. Callahan, e quanto ao sistema legislativo e judicial? Eles estavam certos.

— O DP de Chicago tem um alvo nas costas dessa família há anos — sibilei.

Eu queria ser o malvado.

— Está dizendo que o Departamento de Polícia de Chicago estava disposto a pôr um homem inocente na cadeia só porque não gostam da família? Parece inconcebível.

— Mais inacreditável do que receber uma mensagem de uma organização suspeita de terrorismo? — Liam perguntou com calma.

— Tudo bem, um bom argumento. Mas por que acha isso?

Agora era a minha vez.

— Vários motivos; criminalidade altíssima no estado todo, enquanto a confiança do público está absurdamente baixa, e queriam se provar. Que jeito melhor de fazer isso do que mirar nessa família? Mas além disso, é perfeitamente aceitável ser rico nesse país, mas não rico demais. O policial que testemunhou, policial Scooter, veio falar comigo com perguntas afiadas sobre a riqueza dessa família. Depois, quando perdemos um guarda-costas, ele acusou meu marido de armar tudo. Ainda bem que a verdade veio à tona antes das algemas. Esse mesmo policial encabeçou as queixas contra Liam.

— O DP de Chicago tem um problema sistêmico com competência —Liam adicionou. — Nos disseram que o Comissário de Polícia recebeu uma ligação de alguém no departamento de estado para retirar as queixas contra mim, mas se recusou porque achou que eu estava os subornando. Enquanto estava na cadeia repetindo de novo e de novo que não tinha matado minha esposa; sabendo a verdade, mas sem poder dizer nada. Agora me pergunto quantas outras pessoas foram encarceradas por crimes que não cometeram? Vi em primeira mão o quanto o sistema é falho.

— Vai instaurar um processo civil contra o estado?

Tentei conter o desejo de revirar os olhos.

— Estamos cansados. O único motivo de estarmos dando entrevistas é porque queremos que tudo isso seja esquecido sem mais especulações. No momento, só queremos focar na nossa família.

— Além disso, não queremos aleijar o estado. Só queremos justiça —Liam acrescentou.

E justiça nós teremos.

— Muito obrigada por concederem esta entrevista, sr. e sra. Callahan. E por seu trabalho em ajudar o país a parar uma das maiores tramas terroristas desde o 11 de setembro. O mundo precisa de mais pessoas como vocês dois.

Nós sorrimos e acenamos... algumas pessoas eram tão idiotas que mereciam ouvir mentiras.

— E estamos fora! — a produtora gritou. — Estavam todos brilhantes, apenas brilhantes, só precisamos de algumas fotos. Esse segmento deve ir ao ar esta noite.

— Por favor, mande uma cópia finalizada para nossos advogados também.

Liam adicionou um ‘por favor’, mas não havia ‘ses’, ‘es’ ou ‘mas’ sobre isso. Independentemente do que muitos acreditavam, a liberdade de imprensa tinha um limite.



Liam

Entregando Ethan para minha mãe, acariciei as mechinhas de cabelo dele. Parecia que anos tinham se passado enquanto lidava com a imprensa. Só queria um conhaque forte e ainda mais tempo com ele e Mel.

— Vocês dois parecem melhor —minha mãe murmurou com uma careta enquanto balançava Ethan no quadril. O bandidinho não soltava meu dedo.

— E você ainda parece brava — respondi, olhando para Mel enquanto ela falava — mais comandava — Monte.

— Ela sumiu por cinco meses sem dizer uma palavra. Ethan...

— E você sumiu por doze anos, *mãe* — a lembrei. — Doze anos muito longos. Estava ali no fim do corredor, a apenas setenta e seis passos de mim, sim, eu contei na época, e mesmo assim mal nos vimos. Cinco meses não é nem um grão de areia comparado com a praia que você tem. Ethan não vai se lembrar. Eu te amo demais, Ma, mas essa não é a briga que quer ter por que acredite, vai perder e vai perder feio. E como não quero te machucar desse jeito, por favor deixe isso para lá.

Os olhos dela ficaram estalados como se eu tivesse acabado de dar um tapa na cara dela. A boca se abriu, e fez que sim com um sorriso triste nos lábios.

— Sinto muito, — sussurrou, enquanto tocava minha bochecha — sei o quanto sofreu, e não pude te ajudar. Mas você está certo. Está tão certo.

Dando um beijo na testa dela, dei um passo para trás quando ouvi saltos clicando às minhas costas. Mel não disse nada, apenas foi até Ethan para poder segurá-lo.

— A mamãe tem que ir ensinar uma lição para algumas pessoas, mas eu já volto — falou com doçura. Era assustador o quanto ela era boa com ele, mesmo quando estava falando sobre possivelmente matar alguém. — Evelyn, Olivia está ficando mais do que apegada, confio que possa ser civilizada o suficiente para fazer o que peço e manter Ethan fora do alcance dela?

— É claro. Não se preocupe, o carinha tem um dia todo de pintura com a vovó pela frente. — Sorrii antes de dar um abraço rápido em Mel.

Mel congelou, me olhando confusa e irritada.

Era estranho que eu achasse reconfortante ela ainda não gostar de ser tocada por ninguém que não fosse Ethan e eu?

— Obrigada, Evelyn, agora por favor me solte.

— A máquina da morte já está fora? — perguntei, me referindo ao nosso “carro das drogas”. Não era nada especial, só um Chevrolet preto velho e acabado em seus últimos suspiros. Contudo, não havia chance de alguém usar um GPS para rastrear nossa localização quando o usávamos; nem poderiam observar que tínhamos saído de casa. Todos os sinais de celular seriam embaralhados assim que chegássemos ao nosso destino.

— Sim, precisamos ir logo — ela disse, mas não parecia pronta para sair também. Acenando para minha mãe, a observei enquanto se afastava. — O que disse para ela? — Mel exigiu assim que saiu de vista.

— Sobre o quê? — murmurei, olhando o celular.

— Uma hora atrás ela olhava para mim como se eu fosse o Anticristo, e agora está me abraçando.

— Calorão? Hormônios? Vocês mulheres mudam de ideia com frequência demais para eu acompanhar — balbuciei, fingindo não perceber seu olhar fuzilante.

— Vou falar para ela desse comentário sobre o calorão — respondeu ao ir

em direção a porta dos fundos. Pequenos grupos da imprensa ainda estavam lá fora, o que significava que tínhamos que sair pelos fundos.

— Desde quando se tornou uma dedo duro?

— Na mesma época em que virei mãe. Um dia Ethan vai falar alguma coisa sobre mim e eu vou querer saber —comentou ao abrir a grande porta de mogno que levava para os degraus de mármore que desciam até a cozinha.

Os funcionários fingiram que não estávamos lá enquanto se mexiam para preparar o almoço para o resto da família.

— Então está entrando para a irmandade das mães intrometidas agora?

— Eu dirijo. — Revirou os olhos, e estranhamente, Kain Fionn abria a porta para nós em vez de Fedel. O rosto dele ainda estava preto e roxo da “aula” dela.

— Não. — Estendi minha mão para as chaves e sem pensar duas vezes, Kain as entregou.

— Kain —Mel escarneceu. — É novo no nosso destacamento particular e pode muito bem acabar de volta nas ruas se agir sem esperar que cheguemos a um acordo. Estamos entendidos?

Pobre filho da puta.

— Sim, *signorina*.

— Siga atrás de nós —mandei antes de entrar no carro e engatar a marcha. Nem eu nem Mel falamos enquanto viajávamos. Mas pelo canto do olho a observava enquanto ela me olhava. O Chevrolet velho tremia e parecia que éramos um casal de velhinhos voltando para a fazenda.

— O quê? — ela perguntou.

— Nada.

Ligando o rádio, mexi no mostrador até encontrar a estação de ópera, satisfeito que tinha achado o que estava procurando, ouvi uma mulher chorar lamuriosa. Infelizmente meu italiano ainda não era tão bom quanto eu queria. Mel ouviu por só um momento antes de balançar a cabeça e desligar.

— Com licença?

— Você estava gostando d’*O Duque de Milão*?

Eu nem sabia que tinha um nome.

— Sim, é um clássico —blefei.

— Sim, é, mas não é ópera, é uma peça cantada muito mal. Além disso, prefiro não ouvir outra família disfuncional.

— Nós não somos uma família disfuncional. — Quer dizer, toda família tinha questões.

— A esposa do seu irmão quer criar nosso filho. O único motivo para eu não a ter matado é porque o pai dela é o presidente e não precisamos de mais notícias ruins. Considerando que você acabou de sair da cadeia, e eu acabei de sair de...

— Já entendi a porra do ponto de vista, cacete —murmurei enquanto encostava em um hotel que sem dúvida era o ápice da opulência nos anos 1920 antes de ser abandonado. — Mas em nossa defesa, tem sido um ano

esquisito.

— E o ano passado? — perguntou, pegando as armas antes de sair.

— Têm sido dois anos esquisitos, mas estamos compensando agora, não é? — respondi, enquanto mantinha a porta aberta.

O hotel parecia uma coisa saída dos sonhos do Stephen King. Quase todas as janelas estavam fechadas com tábuas, permitindo apenas uma quantidade mínima de luz natural. Havia luzes embaçadas iluminando o espaço, e a base do hotel parecia brilhar em um gradiente suave de amarelo e laranja. Os homens na porta acenaram para nós e abaixaram as armas quando subimos o que costumava ser uma grande escadaria dupla de mármore. Agora quase todos os azulejos tinham desaparecido, e ratos se espalhavam pela área.

Afastando a cortina de plástico, dez pessoas — cinco mulheres e cinco homens — estavam nus enquanto dividiam o pó branco. Coca estava de um lado e metanfetamina do outro. Todos usavam máscaras cirúrgicas cobrindo o rosto, afinal, não podíamos permitir que ficassem doidões no trabalho.

— Bem, se não é uma surpre... — Infelizmente, antes que pudesse terminar a frase, Mel atirou bem no joelho dele, fazendo todos os idiotas gritarem e pularem para trás.

— Surpresa? Sim, eu sei — Mel sorriu.

Suspirando, me virei para os funcionários.

Acho que um de nós teria que ser maduro.

— Se querem viver, sugiro que voltem ao trabalho. Essa parte não é da sua conta, e por favor se lembrem, escolhem vocês porque os conhecemos. Sabemos onde trabalham, onde moram, quantas malditas vezes mijam por dia — gritei, enquanto esperava que se controlassem. — Muito obrigado pela cooperação enquanto lidamos com essa transição de pessoal.

E bem na deixa Mel atirou no pulso dele.

Cacete, ela atirava bem.

— Roy. Roy. Roy. Seu homenzinho estúpido. Achei mesmo que me entendeu quando nos conhecemos. — Suspirou, chegando mais perto dele enquanto eu examinava o produto e puxava o tubo de ensaio preparado do paletó.

— Eu não fiz nada!

— Mentindo para uma mulher armada? Achei que tivesse dito que ele era inteligente, esposa — falei sem me preocupar em desviar os olhos do que fazia na minha frente.

— Viu só o que fez? Agora meu marido acha que não sei o julgar o caráter de alguém.

— Tudo bem! Tudo bem! Tudo bem! Por favor, não atire. Minha filha ficou doente. Não tive escolha, nenhum de vocês estava por perto.

— Então está dizendo que é *nossa* culpa ter roubado da gente?

Ah, ele com certeza era um idiota.

— Foram só algumas centenas. Juro que vou pagar o dobro... não, o triplo. Qualquer coisa que quiserem.

Encarando o tubo, esperei o líquido ficar azul. Era como testávamos se era pura ou não, mas ficou amarelo em vez disso. A forma mais fraca. Alguém tinha adicionado merda na porra do nosso produto, caralho. O imbecil.

Me virei, levantei o tubo de ensaio, dizendo para ela o matar com os olhos. Encarei enquanto guardava a arma e balançava a cabeça negativamente para mim.

Como assim não?

— Tudo bem. Precisamos discutir algumas coisas, e quando voltarmos, é melhor que tenha uma explicação. Uma boa para cacete —declarou.

Passando pelo chão ensopado de sangue, fomos para além das cortinas plásticas. Ela não parou para explicar, apenas continuou andando até chegarmos a outra porta.

— Meu pai costumava dizer ‘um pedido de desculpas não é um pedido de desculpas até que ganhe um presente’ —disse ao abrir a porta para mim.

Lá estava nosso policial favorito com duas mulheres; todos eles amarrados em cadeiras, cobertos na própria urina, e tossindo na fita que cobria suas bocas.

— Ah, você é gentil demais —sussurrei para ela enquanto resistia ao impulso de agradecer mais completamente.

Enquanto me entregava meu soco inglês, nosso policial favorito só podia encarar desamparado.

Era a minha vez de ser um pouco imaturo.

“Se alguém colocar as mãos em você, garanta que nunca mais coloque as mãos em ninguém.”

— *Malcolm X*

Liam

Puxando uma cadeira para a frente do meu velho amigo Scoot, me inclinei para trás antes de me virar para minha querida esposa, que se encostava na parede de alvenaria à minha direita. Notei um galão vermelho do que esperava ser gasolina ao lado dela. Sorriu e foi como se pudesse ler minha mente.

— Eu sei quem é esse arrombado — falei, enquanto pousava meu pé na mão dele, que estava presa com fita em sua coxa. Um dos maiores presentes dados ao homem tinha que ser a fita adesiva. — Mas não estou familiarizado com essas mulheres *adoráveis*.

— Conheça Lacey, esposa do Scooter. — Minha própria esposa apontou para a mulher da esquerda com cabelo loiro empoeirado. — E na direita temos Shelby, a prostituta do Scooter. Como ele tinha tanto tempo para gastar é um mistério para mim.

— Qual você acha que ele ama mais? — perguntei ao inclinar minha cabeça para a direita para encarar a morena. Ambas pareciam bem simples para mim.

— Não consegui descobrir — Mel suspirou dramática ao desencostar da parede e ir para trás da loira. As lágrimas da mulher rolaram sobre a boca tapada e pingaram do queixo. — A esposa tem a casa e ele sempre volta para ela. Era a namoradinha de escola dele. Certo, Scooter?

Mel puxou a cabeça dele para trás com força antes de soltar, e ele não resistiu nem falou. Em vez disso, ficou sentado ali com a cabeça pendurada tão baixo que se inclinou para frente. Se não fosse pela fita, teria caído no chão.

Estava quebrado por dentro.

Se ele não tivesse me deixado puto para cacete, isso quase teria sido suficiente. Mas não era. Queria ele quebrado por dentro e destruído por fora.

— Ainda assim, colocou a prostituta no apartamento que morava na infância, e ela também tem parte no testamento dele.

A esposa de Scoot chicoteou a cabeça na direção dele com os olhos estalados.

— Então é difícil dizer quem é a número um, achei que deixaria você descobrir — Mel cochichou ao andar até mim.

Com um suspiro, olhei para as duas.

— O que o rei Salomão fez quando quis saber quem era a verdadeira mãe do bebê?

— Você quer cortá-las no meio. — Arfou com um horror zombeteiro. — Tanta bagunça.

— Está certa, mas o suspense está me matando. — Soltei o soco inglês e puxei uma faca dentada da minha bota. Cortando a fita da boca dele, segurei a lâmina contra seu nariz e falei: — Você vai me contar quem ama mais, ou vou começar arrancando os dedos delas.

Ele não falou, nem parecia que estava respirando.

Suspirando mais uma vez, fui até a amante e passei a lâmina pelo polegar dela. A respiração se acelerou e as lágrimas caíram mais rápido.

— Sabe o que separa o homem dos animais? — perguntei enquanto ela fechava os olhos. — Nossos polegares.

Desci a faca com força e comecei a serrar o dedo dela. Chorou tão alto que seu corpo começou a sacudir. Scooter assistiu o tempo todo, enquanto lágrimas caíam de seu rosto.

— Quem você ama mais? — perguntei de novo enquanto limpava o sangue nos jeans dele e ia até sua esposa.

— Eu... eu...

— Demorou muito.

Segurando o cabo da lâmina, a enfiei no dedo anelar dela. Gritou tão alto quanto sua concorrente relutante, mas a verdade era que esse tipo de choro não me incomodava mais. Pegando o dedo desmembrado dela, o segurei na frente da cara dele e o virei para baixo, ele observou enquanto a aliança que tinha dado para ela caía no chão e se aninhava na poça do sangue dela.

Que poético.

— Dezoito dedos sobrando nas duas. Tenho tempo de sobra, e essa é uma lâmina bem afiada, Scooter. Só escolha uma. Prometo que não vou matá-la.

Ele engoliu e virou a cabeça na direção da esposa, depois para mim, de volta para a esposa mais uma vez. Parecia que tinha perdido a capacidade de fala.

Com um suspiro, fui até outro dedo de Lacey.

— Sinto muito, Lacey.

Indo na direção do polegar dela, parei, e olhei para Scooter que apenas me encarou de volta. Dessa vez não desviei o olhar quando apertei a faca contra o polegar dela. Gritou de novo e de novo.

Nem perguntei antes de me virar para Shelby.

— Pa - pare. Por favor pare — disse afinal, enquanto olhava para a amante.

— Eu a amo. Eu a amo.

— Sua amante? — perguntei calmo.

— Sim! — gritou.

Antes que pudesse piscar, uma bala acertou a amante entre os olhos. Me virando para Mel, observei ela abaixar a arma.

— Bem, essa foi uma reviravolta e tanto — falei para ela.

— Odeio destruidoras de lares. — Deu de ombros enquanto olhava para a esposa chocada de Scooter. — De nada — completou.

— AH! — Scooter gritou se debatendo na cadeira. — Seu mentiroso filho de uma puta! Vá para o inferno! Seus arrombados doentios!

— Uau, ele amava mesmo ela — falei, desejando a ter torturado mais.

— Ele é nojento — Mel murmurou. — Não preciso nem falar o que acontece se você sequer pensar...

— Eu sei — ri enquanto jogava a faca no chão.

Peguei minha própria arma e atirei no coração da esposa dele, acabando de vez com o coração que ele havia partido. Isso o acordou e ele começou a se debater contra as amarras, tentando em vão a alcançar enquanto se esvaía em sangue ao seu lado. O sangue dela jorrava para fora, mandando um jato quente na cara dele. Felizmente para mim, estava a uma distância segura para evitar qualquer respingo, e simplesmente assisti enquanto ela morria.

— Sabe, sempre imaginei esse final — falei calmo enquanto ele chorava. Pegando meu soco inglês, puxei o braço para trás antes de o jogar contra a cara dele. — Na verdade, eu te avisei — suspirei quando ouvi o estalo nojento do nariz dele. — Veio atrás da minha família. — O metal no meu punho se encontrou com os dentes dele e ele tossiu quando certamente se alojaram em sua garganta.

Segurei a cara coberta de sangue dele, procurando algum osso que ainda não havia quebrado... e achei.

— Me mandou para a cadeia — suspirei de novo, enquanto limpava o sangue dele das minhas mãos na camisa dele. Indo para trás mais uma vez, ataquei e senti a mandíbula dele rachar com a força do meu golpe. — Mas tudo bem, porque eu superei isso... agora. — O olhando como se fosse uma pintura fina, Mel foi para a frente antes de derramar gasolina sobre os corpos.

Ele tossiu alguns dentes quando tentou respirar.

— Últimas palavras, policial? — perguntei.

Só conseguia lutar para respirar.

— Acho que não. Engraçado, visto que tinha tanto para dizer no tribunal. — Não importava, ele estava acabado. Era apenas o primeiro de muitos que tinham que pagar o preço.

Saí da sala porque odiava o cheiro de gasolina. Nem Mel nem eu dissemos nada enquanto andávamos de volta para visitar Roy e os idiotas que ainda estavam separando produto inútil. Monte, Fedel e agora Kain, esperavam nas saídas com as armas claramente visíveis.

— Parece que nossos negócios aqui estão acabados — declarei indo até a saída que levava para a grande escadaria.

— Juro pela minha vida, Callahan, vou devolver tudo — Roy disse, enquanto usava o braço de uma mulher nua para se manter em pé.

Estava claro que tinha se favorecido um pouco demais do nosso produto enquanto estivemos fora.

— Ah não, — Mel sorriu ao apontar entre nós dois. — *Nós* acabamos *aqui*. Você... bem, você só acabou.

— Matem todos e queimem esse lugar. — Comandei. E antes que pudessem piscar ou correr, Monte, Fedel e Kain esvaziaram os pentes neles, dando dois tiros na cabeça de cada um como garantia.

Melody

Estávamos sentados em uma bela lanchonete, a cerca de três quilômetros do velho hotel e assistíamos enquanto tudo pegava fogo. Os bombeiros tinham sido chamados, mas pelo jeito acharam que seria melhor deixar o prédio queimar em segurança. A lanchonete estava vazia a não ser por nós, contudo, não deveria abrir por mais uma hora mesmo.

— Acha que somos piromaníacos? — ri enquanto olhava a fumaça subindo e manchar o céu de vários tons de cinza.

— De jeito nenhum. Os incêndios que provocamos têm propósito — respondeu enquanto separava as salsichas no prato.

— Verdade — falei enquanto pegava o telefone. Queria ver como Ethan estava.

— Nada de celulares. — Liam olhou para o aparelho em minhas mãos.

— Você é engraçado. — Ri e fiz login e vi Ethan sentado com Sedric e Evelyn, essa última lendo algo entre eles. Tentei conter o sorriso, e quando olhei para cima, vi que Liam estava espiando sobre meu ombro para vê-los.

— É, nada de celulares — zombei. — Eu sei o que está fazendo, Callahan.

— E o que é que estou fazendo? — perguntou de trás da xícara de café.

Agitei a mão em direção às torradas, waffles, salsichas e ovos à nossa frente, e a sobancelha dele se ergueu enquanto *meu* sorriso se espalhava pelo rosto dele.

— Ah qual é, isso é você tentando me levar para um encontro.

— Não. Isso é um brunch. Eu estava com fome. — Para provar seu argumento, pegou uma fatia de rabanada e mordeu.

— Callahan...

— Quando te levar para um encontro, Melody, vai ter dança, o melhor vinho do país, e comida ridiculamente cara — respondeu.

— Não entendo sua obsessão com romance. É como se fosse o filho do amor entre Guerra e Paz — murmurei antes de morder minha maçã.

— O que tem contra romance?

— Nada. Não tem problema quando não é direcionado para mim. Entendo o amor, mas essa necessidade de comprar flores, e chocolates...

— Sabe que amor e romance são sinônimos, não é?

— Não, não são.

— E sabe que o que fez por mim hoje foi romântico, não sabe?

Engoli devagar, incerta de como responder, e ele sabia que tinha me superado. Se inclinando para trás, cruzou os braços pensativo.

— Por que *fez* aquilo?

— Não sei, achei que você precisava ou ao menos queria... — murmurei enquanto pegava meu chá. Não gostava do rumo que isso estava tomando.

— E te deixou feliz fazer isso?

Ah Deus, ele precisava mesmo arrastar isso?

— Sim, tudo bem. Fiquei feliz por você estar feliz. Pode chegar ao ponto

agora?

— Você, como minha esposa, antecipou minhas necessidades sem precisar perguntar ou que eu pedisse. Eu, como seu marido, quero fazer o mesmo.

— Mas não tenho necessidade nenhuma de vinho de restaurante, tenho o meu. Nem ligo para dançar, e se quer carne cara, é só avisar o cozinheiro.

Ele revirou os olhos para mim.

— Como sabe do que gosta se nunca fez isso antes?

O jeito convencido dele estava me matando lentamente.

— Porque eu me conheço.

— Eu te conheço também, e já concordou então vamos sair em um encontro e vai se divertir sem ser uma vadia.

— Agora está tentando mudar minha personalidade, Callahan? Tão controlador. Acho que isso é um dos primeiros sinais de um relacionamento abusivo.

— Pode trazer seu sarcasmo e esperteza, eu acho divertido.

Ah, como ele me irritava.

— Podemos falar de negócios agora?

— É claro. Não é como se isso fosse um encontro ou coisa do tipo. — Piscou.

— Não é. Agora, como gostaria de lidar com todos que testemunharam contra você? E essa é uma pergunta totalmente não-romântica e platônica.

Observei os olhos dele faiscarem.

— Quero mesmo *lidar* com eles. Mas infelizmente não posso cuidar deles da mesma forma que lidamos com Scooter — falou sério.

Ele tinha razão. Se todas as pessoas que testemunharam contra ele de repente sumissem ou aparecessem mortas, certamente seria suspeito, e teria mandado uma mensagem clara.

— Ah que pena. — Suspirei. — Porque aí vem a dra. Lewis. — Apontei para a mulher de cabelo loiro curto. Nos braços dela estava um homem atraente que tinha o cabelo e os olhos da mesma cor que os de Liam. Ele a mantinha distraída com beijos e agarrando sua bunda. Cobriu os olhos dela rindo enquanto a levava a uma cabine no fundo.

— Sabia que ela estaria aqui? Escolheu a lanchonete? — Liam sorriu para mim.

— Quem, eu? Fala sério, Liam, não posso controlar tudo.

Ele parecia não ter acreditado em mim. Contudo, quando o homem misterioso ficou de pé para se juntar a ela, eu também fiquei.

— Já volto.

— Mel...

Levantei a mão e a coloquei sobre o peito.

— Vou me comportar, prometo.

— Tudo bem. Mas com certeza não vai ficar com a diretora também — balbuciou ao ficar de pé e me seguir.

— O que acha que ela valoriza mais do que a própria vida? — perguntei

para Liam enquanto andávamos pelo labirinto de mesas brancas e cadeiras que levavam até o banheiro nos fundos.

— A carreira —sorriu enquanto ouvia os sons que pareciam ecoar no espaço vazio.

— Exatamente.

Entramos em silêncio no banheiro e assistimos enquanto ela chupava o rato-toupeira-pelado minúsculo que era o pau dele com os peitos de fora do vestido azul apertado. A imagem me fazia querer lavar os olhos com água sanitária; parecia pornô amador ruim.

— Olá, doutora —Liam riu.

Os olhos dela ficaram estalados quando se afastou.

— Ai meu Deus! — gritou, e quando os olhos começaram a marejar, olhou para nós como se fôssemos os fantasmas das máfias passadas.

— *Ai meu Deus* já? — escarneci com desgosto ao me sentar no sofá branco e amarelo do banheiro.

— O que caralho estão fazendo aqui?! — gritou enquanto tentava de tudo para enfiar os peitos de volta no sutiã. — Daniel! Você me disse que estava fechado!

— Vou arriscar um palpite e dizer que ele mentiu —Liam falou, incapaz de conter o sorriso enquanto se encostava na parede.

— Daniel —falei para ele e acenou enquanto saía e a abandonava, amedrontada.

— Daniel? Daniel!

— Você tem o maior azar com homens, não é? — falei para ela.

— Espera —a dra. Lewis sussurrou, o cérebro lentamente conectando os pontos. — Ele estava trabalhando para vocês o tempo todo? Não. Não pode ser. Estamos namorando há...

— Dois meses e meio, eu sei. Enquanto Liam estava preso, e logo depois que deu seu primeiro depoimento para a polícia. Só para você saber, ele foi muito bem pago pelo seu tempo juntos. Não tinha um centavo na conta, mas por outro lado, você não sabia disso. Achou que ele era um médico rico que calhou de ser dono de alguns restaurantes também. Não teria sido incrível? Uma pena —ri. Era patético o quanto era fácil prever as ações de algumas pessoas.

Ela estava tremendo muito e dava para ver que estava entrando em choque enquanto a realidade batia.

— Uau, deve ter acreditado mesmo que estavam se apaixonando —Liam arfou zombeteiro. — Isso deve ser vergonhoso.

— O que vocês querem? — Cuspiu, sem perceber o quanto estávamos sendo gentis.

— Sabe todos aqueles boatos que espalhou sobre mim? Sobre minha família? Como eliminamos qualquer um que nos atrapalhe. Como controlamos essa cidade ao ponto de que você poderia correr para uma delegacia agora e mesmo assim não estar em segurança? E se eu te falasse que

é tudo verdade, doutora? E se eu te dissesse que metade das pessoas que trata são enviadas por nós? — Liam respondeu chegando mais perto dela.

— Está mentindo — gaguejou. — São os Callahan — alimentam as crianças do centro e...

— E cortamos dedos e esmagamos cabeças. O que me faz me perguntar o que vai acontecer com você — Liam completou por ela.

— Por favor...

— Ah, não, já passamos muito do ponto de implorar. — Chegou mais perto e encarou a carinha de rato dela que agora estava listrada com lágrimas. — Agora você vai até a mídia e dizer para eles que foi forçada a testemunhar contra mim. Estamos entendidos?

— Eu...

Ele a segurou pelo pescoço e a forçou a ficar nas pontas dos pés.

— Não seja burra. Eu queria arrebentar seu crânio. Mas foi uma manhã ocupada para nós. Então aceite esse presente e saiba que se algum dia falar de nós além do que mandamos, seu querido namorado sabe tudo sobre você, e acredite, Daniel não vai ser tão gentil dessa vez.

Não falou mais nada antes de se virar para a porta. Contudo, antes de sairmos olhei para ela e inclinei a cabeça para o lado enquanto observava seu corpo tremendo.

— Tenha um bom dia, dra. Lewis. Daniel vai ficar por um tempo caso tenha alguma dúvida.

Andamos até os carros e notei que Monte e Fedel estavam tomando café e comendo muffins enquanto Kain estava de pé lançando facas com os olhos. Sorri; Monte e Fedel não gostavam de gente nova.

Liam abriu a porta do passageiro da camionete para mim e entrei sem discutir. Entretanto, me mexi até estar no assento do motorista.

— Eu dirijo — falei.

— Só porque você foi muito boa — zombou antes de entrar ao meu lado e entregar as chaves.

— Só restam a dra. Alden e o promotor. Tenho certeza de que podemos pensar em alguma coisa. Eles não vão dar muito trabalho. E ainda temos que lidar com Avian — cochichei enquanto saía para a estrada.

Queria Avian morto. Não queria que sofresse, nem queria um plano chique e elaborado. Só queria a cabeça separada do pescoço. Fim.

— A bagunça que nosso ‘escândalo’ fez deve estar lhe mantendo ocupado. Mas duvido que vá durar mais tempo do que uma semana — Liam falou ao tencionar a mandíbula e se reclinar no assento. — Era de se pensar que ele pararia.

— Era? — Eu não pensaria. — Antes eram apenas negócios, mas agora nós revidamos. O deixamos envergonhado e eliminamos a filha; parecendo mais limpos do que nunca. Ele é italiano. *Questo è l'orgoglio*.

— Orgulho? Bem, isso é reconfortante — ele disse quando entendeu. — Não quero ser pego de surpresa por aquele arrombado nunca mais. Estivemos

dois passos atrás até agora.

— Sim, e tenho certeza de que tem pelo menos mais um rato na casa. — Não fazia ideia de quem era, mas arrancaria a pele de seu corpo com pregos cobertos de sal assim que descobrisse.

Ele suspirou enquanto apertava o canto dos olhos.

— É claro que temos. Vou pedir para Declan olhar os registros telefônicos.

— Olhei enquanto estava fora. Não achei nada suspeito, mas sei que ainda tem um rato. Acho que é alguém tão próximo quanto Adriana era. Se minha mãe conseguiu chegar até ela, então nem posso imaginar em quem Avian chegou. — Pensar em Adriana só me deixava puta.

Ele ficou tenso ao olhar para mim.

— No três, dizemos quem achamos que é.

— Um... — Começou.

— Dois... — Respondi, e no três, nós dois falamos.

— Neal.

— Olivia.

Nós dois pausamos.

— Por que Olivia? — ele me perguntou e eu só conseguia olhar para ele com a sobancelha erguida. Mas ele balançou a cabeça. — Ela é invejosa e mimada, mas duvido que tenha a habilidade necessária para cumprir qualquer parte desse plano elaborado.

Isso era verdade, mas...

— Talvez se fosse só a Olivia. Mas Avian pode estar protegendo-lhe.

— Mas Olivia é terminantemente contra nosso estilo de vida. Somos “maus”, lembra? Sádicos até, de acordo com ela —zombou quando paramos no semáforo.

— Sabe o que eu acho sádico? As pessoas sabem quem somos e o que fazemos. Ainda assim mentem, trapaceiam e roubam de nós, achando que não vai ter consequência. De alguma forma nós somos sempre os depravados na lógica fodida deles. Não mexa com a máfia e você pode viver. Quantos filmes de mafioso o Robert De Niro precisa fazer para entenderem isso?

Ele me olha antes de cair na risada.

— Olha, não tenho certeza quanto a Olivia, mas meus instintos me dizem para não confiar nela. Por que acha que é o Neal? — perguntei.

— Ele é meu irmão mais velho —Liam respondeu como se fosse motivo suficiente. Mas por outro lado, *era* sim. Não tinha certeza se alguma coisa um dia poderia apagar as mágoas entre os dois, mas no fim do dia, Neal ainda era irmão dele.

— Acha que estão fazendo isso juntos? — Apesar de me perguntar como qualquer um deles conseguiria esconder isso do outro.

Liam pensou um minuto e suspirou quando o celular tocou. Estendendo a mão, ele leu a mensagem rapidamente e sorriu malicioso.

— O que foi?

— O chefe de gabinete da Casa Branca está se perguntando se temos tempo

para uma visita no fim da semana que vem para uma cerimônia de premiação e jantar dedicado ao nosso serviço. É perfeito. Vamos amanhã.

O quê?

— Amanhã? Por que diabos faríamos isso? — Tinha acabado de voltar.

— Estamos em guerra, Mel. Fomos devagar para consertar tanto quanto fosse possível. — Sorriu antes de ajeitar a postura. — Mas está na hora de pararmos de lutar no nosso quintal e ir para o do Avian. Ele esteve separando a vida profissional da criminosa, então vamos fazer as duas colidirem e assistir tudo pegar fogo.

— Eu não sou piromaniaca, mas você talvez seja — falei, enquanto virava para entrar na cidade. — Tudo bem. Mas quero que a família toda venha junto. Mesmo que seja só para ficar de olho neles.

— Coraline e Declan terão que ficar para trás. Tem um vácuo entre os traficantes sem o Roy. Alguém vai testar a sorte e tentar assumir, prefiro manter todos em rédeas muito curtas — me lembrou.

— Rédeas curtas dão fácil acesso ao mestre — pausei, pensando um pouco.

— Já considerou que Declan e Coraline podem ser os ratos?

Assim que falei, fechou a cara e balançou a cabeça.

— Não o Declan. Nunca o Declan.

Falou com tanta convicção que não insisti no assunto. Mas tinha que colocar a ideia no ar.

Não tinha certeza quanto a Declan, mas conhecia Coraline. Porém, por outro lado, também achei que conhecia Adriana.

— *Esposa*. O Declan não — Liam falou de novo como se pudesse ler minha mente.

— Tudo bem. — Pelo bem de todos, esperava que não fosse ninguém da família.

“Tudo no mundo é sobre sexo exceto sexo. Sexo é sobre poder.”

— *Oscar Wilde*

Melody

Quando chegamos em casa, já era quase hora do jantar em família. Liam tinha tomado banho enquanto eu visitava Ethan, então agora eu estava atrasada. A última coisa que precisava era Evelyn me odiando ainda mais por estragar o momento familiar dela. Tinha acabado de colocar meu brinco quando me virei e vi Liam inclinado contra o batente da porta do nosso quarto. Ficou ali, os braços cruzados sobre o peito, com os olhos verdes focados em mim enquanto viajavam pelo meu corpo, dos meus calcanhares, para minhas costas, para os meus olhos.

— O que foi, Liam? — falei e coloquei as mãos no quadril. Alguma coisa estava esquisita. — Não gostou do vestido?

— Não, então tire logo — exigiu ao fechar a porta e trancar.

— Liam, depois. O jantar...

— O jantar foi cancelado. Ethan já comeu e está descansando no quarto da Cora e do Declan, onde vai ficar o resto da noite. Por que ainda não tirou esse vestido? — perguntou enquanto tirava o paletó.

Que caralho estava acontecendo?

— Não foi um pedido, Melody. — Se virou na minha direção e não podia negar que estava só um pouquinho excitada. Devagar, coloquei a mão para trás e puxei o zíper, e quando o vestido escorregou do meu corpo para o chão, olhou para mim de relance antes de voltar a atenção para as abotoaduras. — O sutiã e a calcinha, tire tudo. — A voz dele parecia ainda mais profunda... não, mais fria. Não tinha me dado espaço para discordar, mas eu não queria. Então fiz como mandou e soltei o sutiã, permitindo que ele, e minha calcinha, se juntassem ao vestido no chão.

Fiquei ali completamente nua, exceto pelos saltos, e mais uma vez ele me olhou de relance.

— Colar, e brincos.

Tirando tudo, os derrubei na pilha crescente no chão do quarto.

— E os meus sapatos?

— Fique com eles — me cortou enquanto se sentava. Tinha tirado os sapatos, cinto e paletó, mas fora isso, ainda estava completamente vestido.

— Liam, isso não é justo, você...

— Não dou a mínima para ser justo, *esposa*. Mantenha suas mãos ao lado do corpo — respondeu se reclinando na cadeira enquanto os olhos traçavam cada linha do meu corpo.

Já era a segunda vez que ele tinha me interrompido, porra.

— Está abusando, mari...

— Achou mesmo que eu ficaria satisfeito com uma transa rápida no ringue

de boxe? — Finalmente ficou de pé, afrouxou a gravata, e veio até mim. Estendeu a mão e acariciou o lado do meu rosto, depois tirou o batom dos meus lábios com o polegar. — Estou faminto, Mel. Passei fome por cinco meses. Preciso de mais do que uma foda rápida.

As mãos dele viajaram pelo meu pescoço, e parecia que ficava mais difícil de respirar. A presença, o domínio, tudo sobre ele fazia meu corpo inteiro parecer fogo líquido.

— Não vai se curvar diante de mim fora desse quarto, mas juro que hoje à noite vou assistir enquanto treme sob meu corpo — sussurrou enquanto colocava as mãos nos meus ombros e ia para trás de mim. Logo senti as mãos dele passeando espinha abaixo enquanto terminava a volta e olhava em meus olhos. — Desse jeito não vamos ficar separados de novo, porque quando eu acabar, você vai precisar disso todo dia pelo resto da vida. Vou garantir que seja viciada apenas em mim tanto para *prazer* quanto para *dor*. Alguma pergunta?

Engoli e fiz que sim com a cabeça, nem tinha certeza se ainda sabia falar.

— Tire minha gravata, Mel.

Estendi a mão e a puxei do pescoço dele.

— Agora amarre sobre seus olhos.

Quando fiz isso, meu mundo escureceu e senti o polegar dele mais uma vez sobre meus lábios.

— Esses seus lábios, se soubesse o quanto me fazem pecar. O que quero fazer com eles... e com você.

Ele me ergueu. Dois passos. Só precisou disso antes de me derrubar de costas no meio da cama. Podia senti-lo acima de mim. As pontas dos dedos dele correram pelos meus braços até suas mãos estarem nas minhas.

— Mmm... — gemi na boca dele quando me beijou com força e paixão enquanto sua língua explorava minha boca. Não pude controlar minhas pernas, que se apertaram. — Liam — cochichei quando ele se afastou. Foi repentino, e antes que pudesse reagir, levantou minhas mãos acima da cabeça e as apertou contra a cabeceira. Beijando meus pulsos, rapidamente os amarrou e prendeu na cama. Repetindo o processo com o outro braço, logo eu estava presa, apesar de desejar tocá-lo... beijá-lo. — Quão apertados são esses nós? — Sorri ao puxar os braços para ver se permaneceriam.

Em vez de falar, beliscou meus mamilos, e meu corpo já sensibilizado pulou em resposta.

— Não sabia, esposa? Eu fui escoteiro.

Se pudesse vê-lo, tinha certeza de que estaria sorrindo.

Faça o pior que puder, minha mente implorava.

Mas ele me deixou ali, e só podia sentir seus toques leves. Estava me provocando e torturando ao mesmo tempo. Sabia o quanto lhe desejava. Mordi o lábio, e com cada um de seus toques suaves e gentis, fiquei mais e mais excitada até o ponto em que eu, Melody Giovanni-Callahan, estava pronta para que ele acabasse logo com isso e me possuísse.

— Está tão molhada, amor.

Esperava as mãos dele, mas foi a língua que se encontrou nas minhas pernas, e quando senti, me curvei contra ela.

— Porra, Liam! — Arfei quando a língua dele me adentrou, tentei o alcançar, esquecendo por um momento que meus pulsos estavam atados. Queria segurar nele, o sentir contra meus dedos, mas fui forçada a aguentar sua tortura.

— Ainda não. — Ele parou e eu gritei.

Como poderia já estar tão fraca?

Beijou o interior da minha coxa quando respirei fundo e tentei não pensar no quanto já estava quase lá.

— Vejo alguns espasmos, mas amor, eu disse *tremar*.

— Liam! — Arfei de prazer e dor quando algo quente caiu sobre meu mamilo. A dor foi rápida, mas a sensualidade do ato permaneceu. Devagar as gotas caíram na minha pele, cada uma me deixando mais louca. — Liam. — Gemi de novo quando terminou meu seio e seguiu para baixo. Podia sentir meu corpo tremer, e quando a gota caiu bem no meio das minhas pernas, não consegui me segurar mais. — Ahh... Liam! — Me sacudi ao chegar ao ápice.

— Muito melhor — respondeu.

— Meu cu. — Vai se foder por me torturar com tanta facilidade assim.

— Ah, amor, faz parte do plano — murmurou, e eu ainda tremia enquanto ele passava o que parecia a lâmina fria de uma faca contra minha pele e lentamente soltava a cera. De novo mordi meu lábio. Estava acostumada com facas em um cenário e não era esse. Finalmente parou, mas o alívio passou rápido quando colocou um cubo de gelo contra minha pele.

Cacete, onde ele tinha aprendido isso tudo, Deus?

Não pensei muito nisso. Em vez disso, me concentrei nas gotas congelantes de água que pingavam pelos meus seios. Podia sentir as mãos dele do meu lado. O que significava que o cubo de gelo estava entre seus lábios enquanto o passava pelo meu corpo, passou pelo pescoço até estar pairando sobre meus lábios. A água pingou na minha língua, e gemi quando me beijou e deixou o gelo derreter entre nossos lábios. Senti como se estivesse derretendo tão rapidamente quanto a pedra. Ele conhecia meu corpo bem demais. Sabia onde era sensível, e como continuar me animando.

Ainda que não tivesse conseguido me soltar de suas amarras, ele libertou uma de minhas mãos. Mas nem tive tempo de me acostumar com a liberdade antes que me virasse de barriga para baixo.

— No meu último truque — sussurrou, enquanto as mãos passavam pelas minhas costas e apertavam minha bunda. — Vou ver quão alto consigo te fazer gritar meu nome.

— Só grito quando você merece, amor.

PAF!

— Ah... — Meu queixo caiu e tentei não gemer mais alto, ao mesmo tempo em que me agarrava nas amarras ao redor das minhas mãos. Senti o

ardor do tapa dele na minha bunda, e como se espalhou pelo meu corpo.

Passou a mão com carinho na minha bunda, e bem quando relaxei...

PAF!

Porra!

— Dói, amor? — Ele beijou o que eu sabia que deveria ser a marca da sua mão.

— Nem um pouco. Parece toque de pluma — menti para ele e para mim mesma. A sensação era exótica e sexual, e eu queria mais.

— Mesmo agora precisa me testar — zombou. — Sem mais joguinhos então, tudo bem?

— Liam...

PAF!

Não vou...

PAF!

Aguentar...

PAF!

Muito mais...

PAF!

Disso...

PAF!

Então...

PAF!

Me fode logo...

PAF!

Caralho

PAF!

— Liam! — Gritei por fim.

— Sim?

— Me fode... por favor.

Nunca em todo nosso tempo juntos eu havia sentido que ele tinha me reivindicado mais do que naquele momento.



Liam

Minha mão estava tão vermelha quanto a bunda dela... e era lindo.

O corpo dela estava coberto de suor, e a boca se abria quando tentava controlar a respiração. O cabelo grudava nela, mas a melhor parte da visão à minha frente era a forma como seu corpo tremia da excitação passada e presente. Ela estava ali, seu corpo implorando por mim, e não aguentava mais, meu pau pulou só de pensar em estar dentro dela.

— Liam... por favor. — Pediu... não, implorou. Minha Mel estava implorando por mais.

Deus, se soubesse o quanto estava sexy nesse momento.

Precisava dela.

Quando esfreguei meu comprimento duro contra a bunda quente e brilhante

dela, gemeu e se apertou contra mim.

— Me fode, amor... por favor.

Já que pediu com educação.

— Sim! — ela gritou, e jogou a cabeça para trás enquanto eu segurava sua cintura e me jogava com tudo contra ela.

— Uha! — Grunhi. Ela estava tão apertada. Agarrei os seios dela e os segurei enquanto metia para a frente.

— Je...su..s..Cri...s...to...do..cara...lho, Liam!

A cama batia contra a parede, se mexendo conosco. Toda vez que ela falava, ia mais rápido e mais forte até o ponto que nem conseguia enxergar direito. A segurei enquanto ela se segurava nas amarras ao redor das mãos tão apertado quanto conseguia.

— Liam, eu... não aguento! LIAM!

Não parei. Não podia. Não até...

— Mel... — Gemi quando gozei dentro dela.

Caiu de cara na cama, e caí em cima dela.

Nós dois ficamos deitados ali, exaustos e respirando o cheiro do outro. Levei um tempo para lembrar como desatar os nós e liberar as mãos dela. Precisei de toda minha energia para cumprir essa simples tarefa.

Agora livre, ela rolou para me encarar enquanto tirava a gravata dos olhos. Se sentando, me beijou sem dizer uma palavra.

Essa mulher estava tentando me matar. Pensei quando a língua dela entrou na minha boca. Gemi e cheguei mais perto dela, que se afastou e rolou para cima de mim.

— Me fodeu gostoso, sr. Callahan —ela sorriu com malícia. — Como vou explicar que não consigo me sentar?

— Diga a mesma coisa que disse para mim; que seu marido te fodeu. E assim que recuperar o fôlego, planejo fazer isso mais algumas vezes — falei enquanto passava a mão no cabelo dela.

Ergueu uma sobrancelha.

— Mais algumas vezes?

— Falei que queria te deixar viciada, não é? — disse.

— E se eu já estiver?

— Sou eu quem vai decidir isso. Agora, peça comida. Vai precisar de energia para o segundo round.

A beijei e ela sorriu enquanto se esticava até a mesa de cabeceira e arqueava as costas flexionando o corpo contra mim de forma inocente.

Mordi o mamilo dela de leve.

— Sr. Callahan!

— Você colocou bem na minha cara, eu tinha que demonstrar meu amor.

Sim. Era apenas o começo. Lidaríamos com todas as outras malditas coisas amanhã.

“Cheguei em uma cidade – uma cidade de verdade – e eles a chamam de Chicago... É habitada por selvagens.”

— *Rudyard Kipling*

Liam

Enquanto eu servia o conhaque no copo dele, me olhava com cuidado, e eu tinha certeza de que estava confuso quanto ao motivo de estarmos em uma mesa privada que tinha vista de cima do restaurante todo.

— Isso é tudo, sr. Callahan? — o garçom perguntou.

— Sim, está perfeito. Obrigado — falei antes dele se virar e ir embora.

Declan estendeu a mão para o copo e olhou a bebida.

— Me lembro vagamente de testemunhar uma refeição semelhante com um antigo colega de negócios antes dele perder a vida.

— Sim, eu também. Chamamos o evento de última ceia — respondi, enquanto cortava a carne quase crua à minha frente; sempre preferi minha carne só um pouco sangrenta. — Ele nem imaginava. Uma hora estávamos rindo e bebendo conhaque, na outra estava arfando em busca de ar. Foi bem trágico.

Franziu o cenho e pôs o copo antes de olhar em meus olhos.

— Acha que te trai, Liam?

— Traiu? — perguntei antes de mastigar.

— A pergunta me insulta. Somos tão próximos que penso em você como um irmão, não primo. — Pegou o copo de novo e bebeu tudo. — Mas por outro lado, eu te conheço, e se realmente acreditasse nisso, eu estaria amarrado a uma cadeira. Não estaríamos resolvendo nada comendo filet mignon no Plaza.

— Se me conhece tão bem quanto pensa, então por que está suando? — Sorri enquanto as gotas de suor rolavam pela bochecha dele.

Arfou surpreso ao colocar a mão no pescoço e sentir o próprio pulso. Tinha que ter percebido a esse ponto...

— Liam, perdeu a porra do juízo? — sibilou ao desfazer o nó da gravata e respirar fundo. — Eu jamais...

— Eu sei. Não é veneno. Você vai ficar bem, Declan.

— Que caralho me deu então? — ralhou ao apertar os polegares contra as têmporas.

— Clonidina.

— Isso não é?

— O remédio de menopausa da mãe? É sim — ri, dando outra mordida enquanto ele me olhava com raiva. — Veja bem, sei que não me trairia. Minha esposa, por outro lado, não tinha certeza. Não posso ter dúvidas sobre você, Declan. Nem de leve. Então, aceite isso como um elogio.

— Vou cuidar disso assim que conseguir sentir a língua de novo, cuzão. —

Lambeu os lábios antes de estender a mão para o meu copo. — Ainda estou sendo testado? Ou posso lavar isso?

— Provavelmente deveria pedir outra garrafa — falei, enquanto dava mais uma mordida desocupado.

Suspirou, e soltou o copo para sinalizar ao garçom que queria outra garrafa. Enquanto fazia isso, sorri e tomei outro gole da minha taça. Os olhos dele se estreitaram de novo quando se reclinou na cadeira.

— Eu vou ganhar uma explicação? Ou vai continuar fodendo comigo?

— Só estou me divertindo — respondi.

— É, dá para ver.

Limpando os cantos da boca, toquei no assunto que estava me incomodando.

— Temos um rato.

— Pode me tirar da lista.

— Eu sei. Mas acho que é o Neal — respondi e ele congelou.

O garçom chegou com uma nova garrafa e estendeu a mão para um copo, mas Declan pegou a garrafa, o dispensou e começou a beber direto no gargalo.

— Elegante, *irmão* — falei, enquanto dispensava o garçom que o encarava descrente.

— Vai se foder, meus ouvidos ainda estão zumbindo. E achei que tinha dito *Neal*.

— Eu disse.

— Liam. — Ele balançou a cabeça como se eu estivesse louco. — Sei que você e Neal tiveram suas questões, mas isso é loucura. Neal ama essa família e ainda que não acredite, também te ama. É nosso irmão de sangue e de armas. Ele é a porra de um Callahan!

— Acha que não sei disso? Acha que quero que meu irmão mais velho seja a pessoa me traindo? Mas tem alguma coisa...

— O que a Mel falou? Porque obviamente ela acha que sou eu e não Neal.

— Ele parecia um pouco azedo com isso.

— Ela acha que é a Olivia.

— É claro. — Suspirou, enquanto bebia de novo da garrafa. — Sei que ambos foram para o inferno e voltaram, mas quem é o próximo? A mãe? O pai? Coraline?

— Enquanto nós conversamos Mel está em uma reunião com a sua esposa — falei e mais uma vez ele congelou antes de tomar outro gole.

— Se você ou Mel machucarem minha esposa de qualquer forma, vou tornar destruir vocês dois minha missão de vida.

— Está me ameaçando, *irmão*?

Se inclinou para frente.

— Eu te amo, Liam, mas eu amo mais a Coraline. Então sim, é uma ameaça, caralho. Ainda que eu esteja confuso sobre como acha que ela conseguiu lutar contra o câncer e te esfaquear pelas costas ao mesmo tempo.

— Relaxe, eu sei disso e Mel também, só estamos garantindo que nada

passou em branco — respondi. Tínhamos que ter certeza.

— Tudo bem, digamos que seja Neal ou Olivia. O que vão fazer? — me perguntou, e bebi com ele.

— O que você faria?

Suspirou.

— Porra, cara. É por isso que quer ir para D.C.?

— Têm vários motivos. Mas você e Coraline vão ficar bem aqui?

— Sim. Estou mais preocupado com o que vai acontecer na capital. Ninguém sabe como passar pelo Avian. Nem sabem onde ele mora. Além disso, tem o FBI na folha de pagamento.

— Obrigado, Declan. Sabemos que temos que ser mais espertos, mas ele também está ciente disso. Tentou nos destruir, mas falhou, e agora sabe que precisa de uma nova estratégia.

— E qual é a sua?

Sorri.

— Caos político. Ele fodeu meu trabalho, então nós vamos foder o dele. O FBI vai receber muita propaganda ruim em breve. Vai ter que focar nisso por enquanto.

— É por isso que vai aceitar as chaves da cidade amanhã?

Sim, e Mel estava emputecida.

— Era para termos ido para D.C. ontem. Todo dia que desperdiçamos aqui, ela fica mais tensa.

— Isso pode pegar mal para o presidente.

— Parece que eu dou um caralho de asa para isso? Desde que o presidente não esteja envolvido, ele ainda tem três anos.

— Vamos torcer para isso acabar rápido — murmurou ao mesmo tempo que meu advogado favorito se aproximava.

— DiMarco. Quanto tempo — ri, brindando a ele.

— Não tanto tempo. Estou feliz que esteja aproveitando a liberdade.

Acenou para Declan que parecia tão fodido que nem conseguia falar enquanto segurava a garrafa com força. Quem diria que algumas pilulazinhas seriam o catalisador disso?

— Como anda o caso? — perguntei em referência ao meu antigo companheiro de cela, Avery Barrow.

— Pagou a fiança e saiu. O lembrei dos termos de aceitar sua ajuda. Também, a Diretora queria que te entregasse isso. — Me entregou uma carta e eu sorri ao ler o bilhete dela no topo.

“Seu pedido de desculpas escrito à mão.”

— Obrigado, DiMarco — respondi ao guardar o envelope no paletó.

— Boa noite, sr. Callahan, sr. Callahan — falou para nós antes de se afastar.

— Eu deveria estar com pontos na minha visão? — Declan perguntou.

Com uma risada, pedi a conta.



Os punhos dela voaram direto para a minha cara. Mas os bloqueei e dei uma cabeçada nela enquanto acertava um chute em seu peito.

— Ah, merda — Coraline arfou de seu lugar no chão, onde segurava o peito.

— E eu achando que você era melhor que isso — falei ao olhar para ela.

Frustrada, avançou para a frente tão rápido quanto suas pernas permitiam. Seus punhos vieram na minha direção como balas. Estava se exaurindo, mas também estava me desgastando no processo, já que eu era obrigada a bloquear seus punhos. Assim que vi uma abertura, aproveitei. Puxei o pulso dela na minha direção e consegui a jogar sobre as próprias costas.

— Tudo bem, tudo bem! Você ganhou... ugh! — gritou ao puxar o braço para longe de mim e rolar de lado.

— É claro que ganhei. Só queria uma luta mais acirrada — falei enquanto desenfaixava as mãos.

— Eu...

— Coraline, se falar alguma coisa sobre câncer, vou arrebentar sua cara... de novo. — Falei ao me inclinar contra as cordas do ringue.

— Tudo bem, *puta*, eu ia falar que não pratico há meses! — ralhou, sem se incomodar em levantar-se do chão. Era meio engraçado.

Parecia um anjo de neve, ou talvez uma estrela do mar morta, estatelada no chão, os braços espalhados preguiçosos.

— Puta? Você sabe...

— Sim, você é a chefe blá, blá, blá. Mas também sou sua amiga e sua irmã.

— Perdão, minha amiga?

Ela socou o chão ao lado dela, um sinal para me deitar ao seu lado, mas não me mexi.

— Ah, qual é, você não me convocou para uma luta, queria conversar. Somos família, então vamos conversar.

Ora, quanta perspicácia.

— Não queria conversar, queria ver se todo o treinamento que teve subiu à cabeça.

— Perdão? — Ela se sentou.

— Tem um rato na nossa casa, e agora sei que não tem como ser você.

— E como sabe disso? — ralhou ao se erguer da posição no chão e limpou o suor que escorria pela pele escura na lateral do rosto.

Com um sorriso, endireitei a postura.

— Primeiro, o fato de estar irritada por eu não achar que é um rato é prova o suficiente. Segundo, desistiu e aceitou que sou melhor. A pessoa que está tramando para nos derrubar acha que é tão capaz quanto eu. Portanto, não é você. Boa conversa.

— Mel, precisa de alguém.

— O quê? — Perguntei ao me virar para a encarar. — Eu tenho o Liam.

— Quis dizer que precisa de uma amiga. Adriana...

— Não. — Nunca mais queria ouvir o nome dela. — Ela não era uma

amiga. Era uma empregada porque eu não tenho amigos, Coraline. Tenho um marido. Tenho um filho. *Eles* são as únicas pessoas de quem preciso. Gosto de você, mas somos família, não amigas.

— Como quiser, chefe. Mas vou me enfiar no seu coração —sorriu com malícia ao sair do ringue. A caminho da porta, passou por Fedel que entrou com os documentos que tinha pedido.

— *Signorina* —falou ao me entregar a pasta. — Essa é toda a informação que conseguimos encontrar sobre Avian Doers ou DeRosa.

— Essa é uma pasta bem fina —murmurei, ao folhear rapidamente os documentos.

— Deve ter enterrado a maior parte do passado depois de conseguir a cidadania. Como vice procurador geral, era o segundo oficial de maior ranque no Departamento de Justiça dos Estados Unidos. Era o procurador de justiça de Washington antes de se tornar vice procurador geral, e ajudou a processar a família Mancini, o que o colocou no mapa. Está entregando chefes de pequenas organizações e famílias há décadas.

— Então ele é um rato com um título chique. — Um rato muito inteligente, mas um rato mesmo assim. — Garanta que Jinx esteja com o jato abastecido. Depois que Liam receber a chave amanhã, vamos partir. Quero que fique aqui com Coraline e Declan. Kain e Monte virão com a gente.

Os olhos dele piscaram e ele apertou os dentes.

— Algum problema?

— Não, *signorina*.

— Está mentindo.

— Por que Kain está aqui? Qual o propósito dele? Não tem nenhuma habilidade além de atravessar uma parede com os punhos —confessou.

— Ele vai ser útil —não tinha muita certeza de que forma, mas de alguma forma sabia que seria. Saindo do ringue, fui até o elevador.

Quando ele se abriu, uma das últimas pessoas com quem queria falar saiu de lá.

— Evelyn.

— Mel.

— Precisa de algo do porão? — perguntei ao passar por ela para entrar no elevador.

— Queria me desculpar. — Entrou de volta na caixa de metal comigo.

Isso era inesperado.

— O que Liam te disse?

Cruzou os braços quando as portas se fecharam.

— Por que acha que Liam falou comigo?

Essa família estava me dando nos nervos.

— Por que todos vocês precisam perguntar por que, ou como, sei de alguma coisa? É perda de tempo. Não estão me enganando. Então ou me conta a verdade ou vá embora... agora. — Saí quando as portas se abriram e ela me seguiu.

— Tem razão, Liam falou mesmo comigo, mas isso não vem ao caso.

Droga, Mel, quero mesmo te dar uns bons tapas às vezes. Se alguém partisse o coração de Ethan de propósito e depois o largasse na cadeia por meses, como se sentiria, como mãe dele? Não importa quem eu era antes, ele ainda é meu filho e estava sofrendo.

Se fosse com Ethan, eu teria — entendi o argumento dela.

— Liam e eu vamos para D.C. amanhã. Você e Sedric devem estar prontos para nos acompanhar. Quero que fiquem com Ethan sempre que não pudermos. Já compramos uma casa. — Queria me virar e ir embora. Contudo, não o fiz. — E Evelyn, eu entendo. E desde que não tenhamos esse problema de novo, tenho certeza de que ficaremos bem. É a única avó do meu filho, ele precisa de você.

Essa gente estava me deixando mole.

Liam

Quando cheguei ao nosso quarto, ouvi o canto terrível dela e não consegui segurar o sorriso. Ela não tinha percebido o que estava fazendo e nem tinha ideia do quanto era ruim. Sempre começava cantarolando, e quando se dava conta, estava chorando como uma *banshee* magoada.

— Vai ficar parado aí o dia todo, Jinx, ou vai entrar? — perguntou e eu podia ouvir o riso em sua voz.

Ficando atrás dela, agarrei sua cintura e a puxei contra mim. Mordi sua orelha e cobri sua boceta com uma mão enquanto agarrava o peito com outra.

— Brinque com isso de novo e vou fazer com que se arrependa. — Apertei o mamilo dela com força.

— É o que você merece, tarada. — Podia senti-la lutando para conter o gemido que se formava em seu peito. Estava me provocando e eu sabia, mas não conseguia me controlar quando ela estava em meus braços, especialmente quando estava nua e molhada.

A virando para mim, empurrei suas costas contra os azulejos da parede.

— Se queria que eu te fodesse com força, esposa, era só pedir. Não precisava me irritar. — Apesar de eu saber o quanto adorava fazer isso.

— Sinto muito, Liam. Pode por favor me foder com força? — perguntou com doçura enquanto a água caía sobre nós.

Agarrando as coxas dela, a levantei antes de tomar seus lábios com os meus, meti nela até que estivesse completamente enterrado. Minha língua se arrastou contra a dela, e a senti se mover contra mim enquanto seus mamilos endurecidos apertavam meu peito.

— Oh... — gemeu na minha boca ao enrolar as mãos no meu pescoço e agarrar meu cabelo.

— De quanta força estamos falando, esposa? — perguntei, enquanto estocava cada vez mais fundo.

Sua boca se abriu e seu corpo tremeu de prazer. Enquanto fechava os olhos e eu me mexia dentro dela. Me puxando para mais perto, mordeu minha orelha.

— Mais forte — sussurrou ao se mexer para lamber a água que caía do meu queixo. Me enfiei mais nela e, como sempre, usou meu cabelo para se segurar. Um sorriso se espalhou por seus lábios quando beijei seu peito e belisquei com força seu mamilo.

— Mais forte.

Santo Deus.

— Você está tão apertadinha, amor. — Mordi o lábio. Estava precisando de toda minha força para não gozar ali e agora. O jeito com que se segurava em mim, os sons que escapavam da sua boca... tudo estava me deixando enlouquecido.

— Mais forte! — arfou de novo.

Adorava que fosse bruto, era algo que eu amava nela. Estendendo a mão até seu cabelo, puxei sua cabeça para trás e expus seu pescoço enquanto mordiscava e beijava toda a extensão dele. As pernas dela se enrolaram na minha cintura, permitindo que tirasse o máximo de cada investida até nós dois chegarmos ao ápice.

Ela riu enquanto a água continuava a cair ao nosso redor.

— O quê? — perguntei.

— Nada.

— Não. O quê? — Por que ela estava me olhando daquele jeito?

— Nada. — Pausou antes de começar a rir de novo, sabendo muito bem que eu não deixaria de lado até que respondesse. — Estou feliz. Tudo bem? E vou ficar mais feliz depois que acabarmos com Avian — murmurou. Então beijei sua bochecha e saí de dentro dela.

Depois de nos lavarmos, fomos até o quarto onde entreguei a carta da diretora para ela.

— O que é isso? — perguntou ao desdobrar.

— Leia — falei enquanto secava o cabelo.

— Querido sr. Callahan, conforme seu pedido, escrevi essa carta à mão. Quero expressar minha profunda tristeza quanto ao seu aprisionamento errôneo... basicamente lorota, lorota, lorota e mais lorota. Por que estou lendo isso?

— Porque amanhã depois de recebermos a chave da cidade, vou arruinar tanto ela quanto o sistema correcional fodido que dirige.

Ela não pareceu entretida.

— Sério? Vai falar para o povo da cidade que ela foi *malvada*? Parece um pouco baixo na escala da vingança.

— Ligue o noticiário — falei enquanto ia até minha cômoda e pegava um par de cuecas boxer. Verifiquei a imagem ao vivo na mesa, e assisti a Ethan dormindo no berço, chupando o polegar em silêncio.

Ouvi a televisão ligar e me virei bem a tempo de ver uma mulher tratando exatamente do que eu queria que Mel visse. De todos os diretores que tinha visto nos últimos cinco meses, a dra. Rachel Alden era de longe a que mais tinha me irritado. A necessidade constante dela de tentar me domar como se

eu fosse um macaco de estimação tinha sido enfurecedora, para dizer o mínimo.

“Fontes confirmam que a Polícia de Chicago sabia da inocência de Liam Callahan. Apesar dos detalhes ainda não terem sido divulgados, é especulado que esse foi um movimento de cunho político contra a Família Callahan que se pronunciou sobre sua decepção com o departamento de polícia. Entre os suspeitos de envolvimento são citados; o policial Scooter, atualmente foragido, o capitão Joseph Kent, o superintendente Kash e a dra. Rachel Alden, diretora da prisão onde Liam Callahan estava. A dra. Alden foi acusada de abuso de poder por outras pessoas além do clã Callahan. Oficiais do sistema carcerário que trabalharam, e ainda trabalham na instituição admitiram que ela estava particularmente interessada no sr. Callahan e frequentemente o provocava em sua cela. Dá para acreditar nisso, Chris?”

“Não. Isso é ridículo! É absolutamente ridículo o que essa cidade fez com os Callahan. É horroroso. Essas pessoas abusam do poder concedido a eles pelos cidadãos de Chicago para maltratar pessoas boas e decentes. Se eu fosse os Callahan, processaria o estado até o último centavo...”

— Ela vai ser presa — Mel comentou.

— Sabe o que acontece com ex-policiais e oficiais na cadeia?

— Mas é só isso? — Fez bico de onde se deitava na cama.

Minha esposa estava fazendo *bico*. Com uma risada, fui até ela e a puxei para meus braços.

— Não podemos matar todo mundo, amor. Temos coisas mais importantes a fazer.

— É, eu sei. Mas ainda odeio todos eles. — Se inclinou para mais perto de mim enquanto eu beijava seu pescoço. — Pode ir buscar o Ethan?

Uma pequena parte de mim queria grunhir, desde que tínhamos voltado e conseguido resolver as coisas entre nós, Ethan estava dormindo na nossa cama à noite. E por mais que amasse meu filho, esperava mesmo passar mais algum tempo sozinho com a mãe dele.

— Liam?

— Sim, vou buscar — respondi.

Saindo no corredor, observei Neal falar com meu pai fora do quarto de Ethan.

— Está tudo bem? — perguntei, indo até os dois.

— Neal acha que você está lhe expulsando da família — meu pai respondeu antes de entrar no quarto.

Neal revirou os olhos para ele antes de se virar para mim.

— É mesmo? — Ainda não tinha feito isso, mas estava me preparando.

— Reuniões particulares com Declan, e eu não faço ideia do que está acontecendo, e descobri pelos empregados que quer que a gente faça as malas para D.C. Estou começando a sentir que não confia em mim, irmão.

— Não confio. Mas não é só você, é todo mundo. O pai não fazia ideia.

— O pai não liga para ser informado. Está saindo dessa vida e focado em

melhorar a porra da tacada de golfe —ralhou.

Poderia ter dito a verdade, mas isso apenas o irritaria, e no momento precisávamos de menos rachaduras na fundação da família.

Colocando minha mão no ombro dele, fiz com que olhasse em meus olhos.

— Neal, nós temos problemas, não tem como negar isso. Declan teve alguns problemas e discutimos particularmente. No momento, estou consertando minha família imediata. Eles são a prioridade. Se parece que estou te cortando, saiba que não estou. Só estou lidando com as consequências da loucura da Mel. Está soando paranoico e não gosto disso. As pessoas tendem a fazer coisas idiotas quando estão paranoicas.

Ele me olhou e suspirou antes de confirmar com a cabeça.

— Me desculpe.

— Nada para se desculpar. Preciso de todos juntos enquanto enfrentamos Avian.

Acenou mais uma vez.

— É claro.

Observando ele ir embora, mais uma vez me perguntei se realmente conseguiria me trair. Simplesmente não tinha coragem. Ou talvez fosse um ator melhor do que eu pensava.

— Pai, pode ir dormir —falei quando ele se abaixou para olhar Ethan.

— Eu costumava gostar de olhar vocês dormirem, davam bem menos trabalho quando eram crianças.

Enquanto levantava Ethan com gentileza, sorri para o quanto ele estava quente; um pacotinho de vida.

— Tenha cuidado, Liam.

— Sei como carregar ele.

— Não com o Ethan. Com o Neal. Antes de você ou Mel fazerem ou dizerem alguma coisa imprudente, lembre-se de que ele ainda é seu irmão e, portanto, meu filho. Amo ele tanto quanto amo você. Meu sonho é que contém uns com os outros, não que se destruam —respondeu.

— Só o tempo pode responder, então.



Melody

Na manhã seguinte, me encontrava vestida como uma Barbie política de pé nos degraus do capitólio, segurando nosso filho enquanto *Liam* recebia as chaves da porra da cidade em nome da nossa família. Chicago não tinha portas, por que caralhos tinha uma chave? Mas se fosse eu, teria feito minha parte e sorrido. Era uma demonstração de gratidão sem sentido, mas sempre desempenharia meu papel, não importa o quanto me irritasse. Até Ethan parecia irritado com seu terno. Nem mesmo sabia que faziam ternos para bebês.

— Palavras não podem explicar o quanto isso significa para mim —Liam falou para a multidão. — Amei essa cidade a vida toda e isso nunca vai mudar. Não importa o que aconteceu no passado, Chicago é o meu lar...

nosso lar.

Se virou e estendeu a mão para Ethan e eu. Queria revirar os olhos, mas em vez disso sorri e fui para a frente. Não gostava de ser usada como enfeite.

— Mel e eu pensamos muito sobre isso e queremos mesmo fazer mais para deixar essa cidade ainda melhor. Enquanto estava preso, fui obrigado a ver, ouvir e viver coisas que ninguém, nem mesmo um prisioneiro deveria. Juntos, vamos trabalhar para deixar nossa comunidade e nosso sistema político melhores. Vamos tratar humanos como humanos. Vamos respeitar a vida e a celebrar. Eu agradeço a todos por essa honra e espero poder retribuir da mesma forma. — Sorriu e posamos para fotos enquanto os flashes nos cegavam.

— Esqueceu de me contar que está se candidatando? — murmurei atrás de um sorriso.

— Só estou seguindo o fluxo, e gostei mesmo de ganhar a chave — sussurrou enquanto Ethan tentava a pegar. Sabia que iria parar na boca dele. Era como se tivesse necessidade de lamber toda coisa nova que encontrava.

— Agora que isso está resolvido, vamos sair daqui.

— O que quer que eu faça? Interrompa o governador para podermos escapar? — perguntou ao colocar a mão nas minhas costas, e eu podia senti-la se esgueirando para baixo.

— Está me apalpando na frente da cidade toda?

Ele olhou para mim e piscou.

— É a minha cidade. Tenho uma chave para provar.

Nem conseguia imaginar o tamanho do ego dele nesse momento. Segurando Ethan contra o peito, saí do palco enquanto os últimos aplausos soavam.

Finalmente.

“Presidentes são selecionados, não eleitos.”

— *Franklin D. Roosevelt*

Melody

Estávamos em Washington.

Não simplesmente Washington, mas na maldita Casa Branca.

Se pudesse me ver agora, Orlando. Olhei pelas janelas. Encarei o jardim verde, recém-aparado e perfeitamente arranjado; uma foto profissional, esperando para ser tirada. Liam se reclinou na cadeira e colocou os pés na mesa. Nenhum de nós falou. Esse era o começo; depois que escolhêssemos um caminho, não havia como voltar.

Esperamos, apesar de saber que não demoraria muito.

Dentro de segundos, a porta do Salão Oval se abriu e o presidente, vestindo um terno escuro, gravata azul e um broche da bandeira americana no paletó, entrou. Seus auxiliares o cercavam, falando rapidamente sobre alguém nomeado a Suprema Corte antes de congelarem aos nos verem sentados na mesa presidencial.

— Sr. presidente — Liam declarou, o pé ainda sobre a mesa, completamente relaxado.

— Jane, Chris, por favor nos deem um minuto, e digam a Judy para segurar as ligações — Coleman disse ao forçar um sorriso na direção deles.

Fizeram que sim com a cabeça antes de saírem correndo como os ratinhos que eram.

— Perderam o juízo? — quase gritou quando a porta se fechou.

— Isso faria você se sentir melhor? — perguntei. Saí da janela e me sentei na beira da mesa.

Olhou com ódio para minha bunda e depois para os pés de Liam.

— Essa é a mesa do Resolute, um presente da rainha Vitória para o presidente Rutherford B. Hayes em 1880. Todo presidente desde Jimmy Carter se sentou nessa mesa. Podem por favor tirar a bunda e os pés dela?

Olhei para Liam, que abaixou os pés e pegou a faca do bolso do paletó. Sem hesitar, passou a lâmina pela superfície onde tinha descansado os calcanhares. Era a única coisa que cortava o silêncio, e Liam fez tudo sem quebrar o contato visual com o líder do mundo livre. Quando acabou, guardou a faca.

— Desculpa — falou ao cruzar os braços sobre a mesa.

— Eu sou o presidente!

— Ah não, não, não — o interrompi com um dedo. — Você é um fantoche; nosso fantoche, comprado e quitado. Fabricado em Chicago para apenas um propósito — trabalhar para nós. Esse era o acordo. Assinou seu nome com sangue, e te fizemos presidente. Agora precisa pagar.

Ele cruzou os braços.

— Ajudei com o acobertamento de vocês. O país todo acredita que são heróis nacionais.

— Acha que gastamos oitenta e nove milhões de dólares por *um* favor? — Liam riu. — Nós te construímos, e se acha que não instalamos um botão de autodestruição, está redondamente enganado. Agora que sentiu o gosto do poder, está disposto a abrir mão dele? Pode passar os próximos quatro, e se gostarmos, oito anos como o homem ‘mais poderoso’ do mundo.

Colemen franziu o cenho e apertou a mandíbula. Era esse o homem com acesso aos códigos nucleares? Que Deus nos ajude.

— O que quer, *Callahan*? — perguntou entre os dentes cerrados.

— Esse fantoche é bom — sorri e Liam riu de novo.

— Queremos uma lista dos maiores casos abertos do FBI. Os que fazem carreiras e se transformam em filmes — Liam disse antes de se levantar.

— Para quê?

— Fantoche malvado — suspirei. — Não faça perguntas se não quer saber as respostas.

— Estão me pedindo para quebrar o protocolo e expor informação ultrassecreta. Mas não vão me contar por quê? São pessoas...

— Pare — Liam falou ao ir até ele e segurar seu rosto. — Sabemos o que estamos pedindo. Também sabemos que será criticado. Mas vai manter a cabeça erguida e pressionar Avian Doers, seu diretor do FBI, para que conserte os problemas.

— Mandar que ele conserte os problemas que vocês mesmos vão criar?

— Viu, agora sabe e está chateado. Devia ter me dado ouvidos, fantoche — respondi, ao ir para a frente da mesa.

— Terei os arquivos amanhã — falou.

Sorri para Liam e assisti enquanto se afastava de Coleman e ia até a cadeira presidencial, onde mais uma vez colocou os pés sobre a mesa.

— Temos tempo. Estou certo de que se pedir com jeitinho, alguém vai te entregar em menos de uma hora. Devia mesmo colocar um computador nessa mesa, tenho certeza de que a rainha Vitória não se importaria — Liam acrescentou, e dessa vez eu ri.

Observei enquanto Coleman chegava perto de mim e levantava o receptor do telefone.

— Judy, transfira a ligação para o Correspondente do FBI na Casa Branca.

— Melhores oitenta e nove milhões que já gastei. — Sorri para Liam.



Liam

Não estávamos jogando tempo fora, simplesmente porque não havia mais tempo a perder. Tinha certeza de que Avian sabia que estávamos aqui, e estava mais do que pronto para me vingar. Era isso que precisávamos. Então me sentei na cabine, e observei enquanto a prostituta de vestido azul apertado e meia arrastão flertava com o agente infiltrado que estava ingerindo quantidades absurdas de droga. Deveria me sentir insultado pelo fato de que

não notou minha esposa maravilhosa, que estava fingindo trabalhar no bar. Normalmente tínhamos gente para fazer esse tipo de trabalho, mas isso era pessoal. Precisava ser feito corretamente, e as únicas pessoas que poderiam garantir que seria.

Mel não estava nada feia com sua peruca vermelha e camisa apertada, na verdade, a teria levado para o fundo e feito o que quisesse com ela naquele momento se pudesse, e brevemente me perguntei como minha peruca loira e óculos a afetavam. Ela me olhou rapidamente e deu uma piscadela como se pudesse ler minha mente.

O bar entulhado cheirava a cigarro velho, amendoins murchos e bebida. Observei enquanto Mel preparava drinks com habilidades que nem sabia que ela tinha, e o idiota que deveria ser um agente federal os bebia enquanto falava com a prostituta.

Quando Mel acabou, pegou uma bandeja de drinks e se afastou do “casal”.

— Parece que precisa de uma bebida — uma mulher falou ao entrar na minha linha de visão na frente da Mel. Seus seios estavam praticamente caindo da blusa, e a saia que vestia era tão apertada que parecia precisar mijar quando andava.

— Estou bem. — Levantei meu copo para mostrar a ela.

— Está mesmo, docinho. — Lambeu os lábios.

Contudo, seus flertes só duraram um momento antes de Mel estar na frente dela.

— Sai fora, gata, ele não está no disponível, e eu sou a última mulher que você quer irritar — falou, bem mais gentil do que esperava. Mas sabia que estava apenas tentando evitar uma cena. Por sorte a mulher não se incomodou em resistir, e saiu de forma rápida e inteligente. — Te deixo sozinho por alguns minutos e já está pegando vira-latas — Mel falou ao sentar-se na minha frente.

— Da próxima vez, não me deixe e não teremos um problema. — Pisquei para ela.

Ela revirou os olhos para mim antes de olhar para o Agente Wilson e sua nova amiga.

— Quanto tempo isso vai levar? — perguntou, sabendo que quanto mais rápido saíssemos daqui, melhor.

— Logo. Ele está prestes a pular nela.

— E sabe disso como? Por que ele está se inclinando para mais perto?

— Porque conheço a sensação.

Ela parou e olhou para mim.

— Não com essa peruca.

— O quê? Eu acho que fico estonteante loiro!

— Você parece o homem que as mães mandam as crianças ficarem longe. Vou ficar com a minha, mas é melhor tirara a sua se planeja chegar perto de mim mais tarde.

Senti minhas calças se apertarem e desejei que mais tarde significasse

agora.

— Entendido, esposa.

Segurei meu olhar por um momento antes de novamente dirigir os olhos para o agente que tinha acabado de sair com a mulher. Esperamos por alguns segundos antes de nos levantar e irmos até o beco onde Monte estava esperando. Ele entregou um saco grande para Mel antes de atravessar o beco até um carro que o esperava. Nós dois colocamos luvas.

Enquanto o ar frio beijava nossos rostos, observei os pombinhos saltitarem até o motel... afinal, de que servia um risca faca sem um motel duvidoso próximo para uma trepada embriagada?

Peguei um cigarro e encontrei Mel me encarando.

— O quê?

— Está fumando bastante ultimamente.

Sério?

— Está frio.

— Estou vestindo um colete e uma saia, mas está com frio? — falou devagar.

— Desde quando tem problema comigo ao fumar?

— Desde que temos um filho. Não quero que ele fique doente. Fumo passivo mata. Mas ei, está com frio. — Deu de ombros, e seus lábios se apertaram enquanto olhava para o motel.

Suspirando, joguei o cigarro no canto.

— Feliz agora?

— Os pulmões de Ethan sim — retrucou, provando mais uma vez a facilidade com que minhas emoções podiam mudar com ela.

Revirando os olhos, comecei a ir na direção do motel.

— Já devem ter saído agora.

— Vá na frente — falou.

Fiquei tentado a olhar para os dois lados antes de atravessar só para garantir. Quando minha esposa me diz para “ir na frente”, preciso verificar se não estou prestes a levar um chute na cara para ela se divertir.

Abrindo as portas enferrujadas para ela, observei quando levantou uma sobrancelha para mim, mas não disse nada antes de entrar.

— Quarto treze — o gerente informou.

Colocando a mão no paletó, puxei um envelope grosso e joguei para ele.

— Pegue isso e largue esse lugar amanhã. Esse motel vai ficar fechado por um tempo — falou, e ele acenou ávido.

Obviamente o ramo de motéis não estava indo bem, as luzes piscantes e teto manchado de umidade eram prova suficiente. Nós dois avançamos pelo corredor até chegarmos à porta de madeira com o número três pendurado de cabeça para baixo por um só prego.

— Que os jogos comecem — falei para ela quando abri a porta, que gemeu quando entramos.

O quarto estava iluminado por uma luz dourada fraca, e as roupas do casal

estavam espalhadas por todo o chão.

— Quanto tempo?

A mulher, que ainda estava acordada, estava deitada na cama empoeirada ao lado do homem nu e tatuado com um bronzeado de camiseta horroroso. Estava tão apagado, que não importava quanto barulho fizessemos, nem se mexeu.

— Cinco, quatro, três... — Mel contou — ... dois, um.

E simples assim, a prostituta dormiu. Sem uma palavra, Mel abriu o saco, pegou o distintivo e as credenciais do Agente Wilson e os colocou no chão junto com as roupas. Depois pegou a arma dele e a jogou contra a parede antes de destruirmos o quarto. Satisfeitos com o estrago, plantamos o dinheiro, cocaína e heroína por toda parte.

Ela me entregou a faca com um sorriso, enquanto eu ia até a cama e a colocava na mão esquerda do agente. Suspendendo a mão dele acima do peito da mulher, enfiei a lâmina nela, esfaqueando múltiplas vezes até o corpo do Agente Wilson estar coberto de sangue. As drogas no corpo deles eram indetectáveis, e por sorte da prostituta, ela não sentiu nada. Peguei a mão dela e arrastei as unhas contra o braço dele. Isso, além dos indícios de relações sexuais, consistia em evidência física mais do que suficiente.

Soltando a mão dele, ela caiu quase sem vida ainda agarrando a faca. Me virando para Mel, observei enquanto ela olhava os arquivos editados mais uma vez antes de deixá-los espalhados no chão.

Avian tinha declarado guerra, e como em toda guerra, teria danos colaterais.

Mel saiu para o saguão sabendo que não havia câmeras nesse bloco, ou em lugar nenhum do motel. Então discou no telefone descartável.

Ouvi enquanto o operador da emergência atendia.

— Alô? Estou no Nomad Inn, 1325 da Avenida New York, ouvi gritos e berros! *No sé lo que está passando!* — falou com um sotaque espanhol forte que era praticamente perfeito.

O operador fez mais perguntas, mas Mel desligou sem mais uma palavra.



Melody

Quando nós dois entramos, de roupa trocada e sem perucas, a única pessoa que eu precisava ver estava vestida em um body fofinho, esperando por mim.

— Vocês dois estão o mimando muito. Não consegue dormir sem vocês. — Sedric sorriu ao entrar na sala da nossa casa em D.C. Indo até ele, peguei Ethan no colo. Chupou a chupeta antes de descansar a cabeça no meu peito.

— Meu pai disse que foram ver ele hoje — Olivia disse ao entrar na sala com Neal.

— Fomos sim. Ele contou por quê? — Liam perguntou ao tirar o paletó e o colocar sobre o sofá.

Olivia balançou a cabeça e Evelyn entrou na sala com uma bandeja de drinks.

— Por que não avisaram que iam lá? Gostaria de ter visto meu pai e não ficado presa aqui aguardando ordens —Olivia ralhou.

— Olivia —Neal sussurrou e puxou o braço dela.

— Não. Fomos arrastados para o outro lado do país, totalmente desinformados, cuidando do *seu* filho enquanto os dois...

— Olivia, já chega —Neal rosnou. Mas ela não deu ouvidos. Em vez disso puxou a mão da dele e bateu o pé até o que eu imaginava ser seu quarto. Neal parecia magoado e cansado. Estava nervoso..., mas por quê? Liam estavam certo? Ele era o rato ou só estava ficando doido?

— O que aconteceu com ela? — Sedric perguntou.

Neal não respondeu, em vez disso olhou para Liam.

— Precisa de alguma coisa?

— Sim, você e eu vamos dar uma volta amanhã cedo —Liam respondeu.

Não sabia o que ele estava pensando.

Neal fez que sim com a cabeça, desejou uma boa noite a todos, e se virou para seguir a esposa.

— Bem, nós podemos saber o que fizeram o dia todo? Chegamos aqui e vocês desapareceram —Evelyn disse ao tomar um golinho de sua margarita.

Tirando Ethan de perto do álcool, dei a volta no sofá azul e branco e liguei a TV. Sentada, o embalei nos braços enquanto as notícias urgentes passavam.

— Boa noite, eu sou Andrea Salvia. Nesse momento, a polícia está em peso no Nomad Inn aqui na Avenida New York número 1325, apenas a alguns quilômetros do capitólio. WPLA é o primeiro a reportar essa notícia urgente. Nossas fontes dizem que o Agente Timothy Wilson do FBI está em custódia pelo assassinato de uma mulher desconhecida que foi esfaqueada múltiplas vezes. Também foram encontrados no quarto; mais de quinhentos mil dólares em cocaína e heroína. Nossas fontes informaram que o Agente Timothy Wilson trabalha infiltrado há seis anos, tentando interromper a cadeia de abastecimento de drogas vindas do México. Contudo, parece que ele, assim como muitos outros agentes infiltrados, se perdeu na vida. Essa é uma história em andamento e noticiaremos sempre que tivermos novas informações.

— Retiro o que disse, não quero saber o que andaram aprontando. Boa noite —Evelyn disse com um meio sorriso antes de se levantar e sair.

— Já vou subir. — Sedric deu um beijo no rosto dela antes de se sentar na poltrona à minha frente.

Os olhos de Ethan se fecharam enquanto ele descansava em meus braços. Parecia tão em paz.

— Estão cutucando um vespeiro —Sedric falou.

— O que mais podemos fazer quando colocam uma vara na nossa mão e o vespeiro é chutado na nossa cara? — Liam perguntou ao se sentar do meu lado.

— Só garantam que estão...

— Sedric, só precisamos que cuide do nosso filho enquanto estamos fora e apareça nas fotos. Só isso. Não vamos falar sobre o que vamos fazer. Só fique

de olho nas notícias se estiver interessado. — Informe-me, sem dar a mínima se estava sendo rude.

— Estou ficando velho demais para essa merda —suspirou. — Quando estiverem prontos para compartilhar os planos, estarei aqui.

Liam confirmou com a cabeça enquanto assistia Ethan dormindo no meu colo. Sedric se levantou e subiu as escadas, nos deixando sozinhos.

— Sabia que a aposentadoria não iria funcionar para ele —Liam suspirou ao se sentar na poltrona e relaxar.

— Se o Papa consegue, seu pai também. Só temos que dar um osso para ele roer —respon-di.

— Nosso filho não é trabalho o suficiente?

Revirando os olhos para ele, arrumei Ethan nos meus braços ao me levantar e ir para nosso novo quarto. Amanhã tínhamos outro agente para derrubar. Nossa intenção era pegar um por um até que o FBI desmoronasse de dentro para fora.

“Insanidade é relativa. Depende de quem trançou quem em qual gaiola.”

— Ray Bradbury

Neal

Saindo do closet, observei enquanto ela fitava o nascer do sol. Se abraçava forte como se estivesse tentando se manter inteira. Nem tinha se incomodado em se vestir ou arrumar o cabelo. Apenas estava ali, encarando. Parecia que estávamos de luto e eu nem sabia por quê.

— Olivia —chamei.

Ela se virou, e me olhou sem emoção alguma no rosto.

— Aonde está indo? — perguntou.

— Liam quer ir correr.

Ela balançou a cabeça antes de se virar de volta para a janela.

— Ele chama e você vai correndo como se fosse um cachorro.

— Olivia...

— Você me enoja às vezes, ficando de quatro para o seu irmão, na esperança de que finalmente te traga para o círculo íntimo. Quando vai entender? Ele te *odeia*. Nunca vai te amar. Ele só te atura, atura a gente, porque somos ‘família’. Às vezes desejo que você agisse como homem. Por que é tão difícil para você nem mesmo tentar?

A primeira coisa que me veio à cabeça foi colocar as mãos no pescoço dela e torcer. Em vez disso, respirei fundo.

— Por que é tão difícil entender que você não é importante? — perguntei com calma enquanto prendia o relógio.

— Perdão? — Ela se virou para mim.

— Você. Não. É. Importante — falei devagar. — Quer que eu seja homem? Desde que Mel entrou para essa família, está com inveja. Não, isso é mais que inveja. É loucura. Não importa o que faça, nunca vai chegar no nível dela. Quando vai entender? Por que é tão difícil de entender?

— Foda-se você e a Mel! — latiu antes de sair irritada para o banheiro.

Sem uma palavra, saí do quarto e encontrei Liam me esperando. Olhou para mim, mas não disse nada e eu não tinha certeza se havia nos ouvido. Se ouviu, não deixou na cara. Programando o timer no relógio dele, começamos nossa corrida silenciosa com Monte nos seguindo de perto.

Não fazia ideia de onde estávamos indo, mas por algum motivo não estava preocupado. Se fosse me matar, teria pensado em algo muito mais fodido e complicado do que sair para correr. Dez minutos depois finalmente entendi, ele queria apostar corrida.

— Nem sei para onde estamos indo, caralho! — gritei quando acelerou.

— Não é problema meu, porra — respondeu, indo mais rápido.

Quando estava prestes a ultrapassá-lo, o filho da puta virou a porra da

esquina e correu na direção da ponte. A menos que planejasse pular dela, sabia que podia lhe passar e fez isso, mas ele facilmente surgiu ao meu lado e equiparou a velocidade.

De algum lugar atrás de nós, Monte surgiu e nos ultrapassou, o que nos fez pausar por um momento, ainda que correndo sem sair do lugar para não esfriar as pernas.

— Ele não é seu guarda-costas? — perguntei.

— Malditos italianos. Todos eles querem me deixar puto — respondeu antes de sair correndo e alcançar Monte. Enquanto o passava, olhou para trás e olhou feio para Monte, o que fez o homem dar um sorriso cretino.

Finalmente chegamos ao Arlington National Cemetery e Monte ficou para trás. Corremos até que Liam parou ao pé de dois túmulos brancos.

‘Eli e O’Neal Callahan’ diziam as lápides e senti um calafrio subiu pela minha espinha.

— Irmãos — Liam comentou. — Eram aviadores do exército dos Estados Unidos que comandaram os “Flying Spades” na segunda guerra mundial.

— Uau. — Onde ele tinha encontrado isso? Como tinha encontrado isso?

— O’Neal matou Eli, derrubou o irmão do céu sem perceber que era ele. Mais tarde foi capturado e torturado pelo inimigo, e morreu em uma missão de resgate em território nacional.

— Acha que vou te derrubar do céu? — perguntei enquanto encarava os túmulos e ele riu.

— Não. Dessa vez eu que posso cortar suas asas, irmão. — Ele se virou para me olhar e seu rosto pingava tanto suor quanto o meu. — Levei Declan para jantar e o envenenei na mesa mesmo. Sabia sem dúvida nenhuma que jamais me trairia, queria deixar meu ponto bem claro. Não tenho a mesma confiança em você.

Balançando a cabeça, tentei pensar no que dizer.

— Liam...

— Não. — Ele me interrompeu. — Você é meu irmão, apesar de tudo que passamos e não importa o quanto ameacei ou briguei com você, meu sangue é seu sangue. E não importa a circunstância, gostaria de dizer que não quero te matar.

— Não sei o que posso fazer para tranquilizar...

— Achamos que Olivia é uma informante — falou, e podia muito bem ter me cortado os joelhos.

— Liam... — Não conseguia acreditar no que estava ouvindo. — Acha que Olivia está passando informação para... isso é... isso é loucura.

— Ou é você, ou ela, ou os dois. Então me diga, irmão, você é um rato? — perguntou e senti Monte se aproximar às minhas costas.

Encarei os olhos dele. Meu irmão caçula, mas não havia nada de pequeno nele. Era como um gigante, e pela primeira vez vi o que meu pai via. Como uma só pessoa pode conter tanto orgulho e autoconfiança?

— Você é o rato, irmão? É o motivo de eu passar cinco meses longe do

meu filho? Por que minha esposa foi arrancada de nós? Por que passou meses fugindo? Me diga agora mesmo e será rápido. Uma bala e vou te enterrar pessoalmente.

Fiquei boquiaberto e antes que percebesse, respondi com mais confiança do que acreditava ter.

Ele acenou.

— Então é sua esposa.

— Ela é minha esposa —repeti. Mais devagar, para mim mesmo, enquanto passava a mão no cabelo. — Tem que me dar mais prova do que isso, Liam.

— Pense, Neal. Pense em tudo... pode dizer com total certeza de que sua esposa não é um rato?

Queria negar as acusações dele com veemência. Queria dizer que era louco, que essa coisa toda era absurda e ele e Mel estavam paranoicos. Mas não podia, e vi toda minha vida com Olivia passar diante dos meus olhos. Desde seu primeiro sorriso para mim até nosso momento no quarto. Era como um filme mudo.

— Eu a amo —sussurrei para ele.

Ele colocou a mão no meu ombro.

— Eu sei. Por isso queria te contar. Não vamos fazer nada sobre isso agora. Depois de confirmarmos, pelo seu bem, vamos usá-la e depois vamos — preciso que não quebre sob esse fardo, irmão. Precisamos de você. *Eu* preciso de você. Entendo sua dor, e não digo da boca da fora. Cinco meses no escuro, sem saber se minha esposa estava segura, longe da minha família, do meu filho recém-nascido... acredite, eu entendo. Mas somos sangue antes de qualquer outra coisa. Essa família, nosso nome, é pelo que lutamos. Olivia agiu contra isso. Não traiu apenas Mel e eu. Traiu a mãe, o pai, Declan, Coraline e *você*. Traiu nosso estilo de vida. Não quero te derrubar do céu, não por nada. Não por ela.

Com isso, ele e Monte continuaram a corrida de volta, me deixando. Fiquei lá por um tempo, encarando os túmulos. Fiquei imóvel por uma hora antes de andar cabisbaixo para casa. Sabia o caminho, e a cada passo me lembrava o quanto Olivia estava feliz quando Liam e Mel estavam fora. Brilhava, radiante como eu não via há anos.

Queria ser importante. O último prego que me atravessou foi quando finalmente voltei para nosso quarto. Entrei e a encontrei sentada na cama, vestida de preto, com o cabelo enrolado. E adornando seus pés, sapatos brancos. Os sapatos brancos da Mel...

— Eu sinto muito, Neal... — sussurrou e chegou mais perto. — Estava de mal humor e tinha muita coisa na cabeça.

Quando estendeu a mão para mim, me afastei.

— Estou todo suado. Conversamos depois que eu tomar banho. — Beijei a bochecha dela antes de entrar no banheiro.

Quando é que o mundo tinha mudado tanto? Estive dormindo esse tempo todo?

“Homens mais velhos declararam guerra. Mas são os jovens que têm que lutar e morrer.”

— *Herbert Hoover*

Melody

Sentada na cama, escovei o cabelo de Ethan enquanto ele estava deitado entre minhas pernas. Estava ficando tão grande. Todo dia parecia crescer, e aquele sorriso dele também. Toda vez que olhava para ele, só conseguia ver Liam. Pareciam tanto um com o outro, era como se não tivesse herdado nada da minha aparência.

— Se vai se parecer com ele, vai agir como eu — cochichei enquanto cutucava seu nariz. Ele riu e tentou agarrar meu dedo como se fosse algo que nunca tivesse visto antes. — Vou te ensinar a atirar, e se alguma vez ele disser que atira melhor do que eu, me conte, e vou te mostrar todos os ferimentos à bala que ele ganhou de mim. — Cutuquei o nariz dele de novo e ele riu alto. — Quando tiver idade para entender, ele vai te falar sobre todas essas regras que diz ter passado pelas gerações da família, mas juro que ele vai inventando conforme dá na cabeça.

Ele fez careta e eu gostaria de pensar que era porque tinha pavor de ter que ouvir aquelas regras, mas tinha certeza de que só queria que apertasse seu nariz de novo.

A porta do nosso quarto abriu e Liam se inclinou contra o batente sorrindo como um louco. O olhei com raiva e coloquei Ethan sentado no meu colo.

— Por quanto tempo estava espiando?

— Tempo o suficiente para saber que está tentando colocar nosso filho contra mim — sorriu ao andar até nós.

— Não estava tentando colocar ele contra você, só estava garantindo que o amor dele fosse dividido cinquenta e um por quarenta e nove.

— Não vai funcionar. Eu sou o pai legal — respondeu. E quando se abaixou para beijar a testa de Ethan, ele começou a chorar.

— Posso ver a diversão desde já — ri ao puxá-lo de volta para mim. Liam parecia tão confuso que era quase triste, mas ele já deveria saber, Ethan amava Liam, mesmo que fosse só para puxar o cabelo dele. — Está fedendo, amor, tente de novo depois de um banho.

Ele cheirou a camisa.

— Ah, não é à toa que ele está chorando.

— É, esse é o motivo — respondi sarcástica. E quando ele tirou a camisa, me peguei lutando contra a vontade de olhar seu peito, mas perdi a briga e acabei encarando como uma adolescente.

— Viu alguma coisa de que gostou? — Liam perguntou ao olhar para si mesmo antes de encontrar meu olhar.

— Sou livre para olhar o que é meu.

— Lembre-se disso quando eu repetir a ideia. — Ele abaixou as calças e a boxer.

Mordendo a língua, fui até a porta com Ethan.

— Precisamos estar prontos em uma hora. Como foi a corrida?

Ele pegou outra toalha no closet.

— Tão bem quanto poderia ter ido.

— Neal voltou já tem uma hora.

— É. Escolhi continuar correndo com Monte.

Fiz que sim com a cabeça, mas não pressionei. Neal sabia que tinha uma escolha a fazer. Com alguma sorte, as lápides o assombrariam, eram falsas, ninguém sabia disso além de Liam e eu, mas o ponto continuava válido. Não importa como Liam se sentia quanto a Neal, sabia que não queria matá-lo.

Entrei no quarto que tínhamos como berçário aqui em D.C., e vi Sedric e Evelyn perto da janela conversando baixinho. Pareciam adolescentes se escondendo para namorar.

— Estou interrompendo? — perguntei.

— Sim, mas como trouxe Ethan, vamos perdoar. — Evelyn sorriu ao vir em nossa direção com os braços abertos.

Beijando a cabeça de Ethan, o coloquei nos braços dela.

— Quer um banho? — perguntou ao jogá-lo para cima e para baixo enquanto iam até o banheiro.

— Ele já está trocado —informei.

— Mas você quer um banho. Não quer, Ethan? — Sorriu e eu revirei os olhos enquanto os observava desaparecer.

— Ela está esperando por netos há séculos. Deixe que se divirta —Sedric comentou com um sorriso ao se inclinar contra a janela.

— Bem, desde que ela esteja se divertindo —respondi indo na direção dele.

— O que está achando do trabalho de babá?

— Estava gostando bem mais antes desse rótulo. Comecei alguns hobbies novos, por que a Grande Melody deseja saber?

— Mente vazia, oficina do diabo.

Se endireitou um pouco, como se estivesse esperando o osso que jogaria. Olhei pela janela e encarei o distante Monumento a Washington.

— Pretende me deixar no suspense por muito tempo?

Voltando minha atenção para ele, suspirei.

— Preciso que crie identidades diferentes para nós.

— Já não têm isso? — Franziu o cenho.

— Sim, mas preciso que essas cubram todos os ângulos. Certidões de nascimento, passaportes, impostos, educação, anuários, preciso que construa oito vidas novas.

— Quer dizer nove, contando com Ethan.

— Não, oito, contando com Ethan. Talvez até sete, mas por enquanto, oito.

Ele me encarou e não me encolhi.

— Olivia e Neal...

— Têm uma escolha.
— Acha mesmo que vamos precisar de novas identidades?
— Não sei. Mas prefiro prevenir a remediar. Avian é diferente. Se alguma coisa acontecer, quero estar com tudo preparado.
— Tudo bem. Vou trabalhar nisso, mas vai demorar.
— Por isso estou contando agora. E Sedric, não deixe que ninguém descubra que está fazendo isso, nem mesmo Evelyn. Nem Liam sabe que estou pedindo. Não quero que ele pense que duvido de nós.
Confirmou com a cabeça quando a porta abriu e Liam entrou vestindo jeans e camisa com uma mochila sobre o ombro.
— Estão com uma cara suspeita — falou desconfiado.
— Estão mesmo, não é? — Evelyn declarou ao entrar com um Ethan com cara de sono no colo. Liam beijou a cabeça dele e dessa vez ele não chorou, apenas bocejou.
— Temos uma reunião — falei, e Liam confirmou.

Liam

— Nome? — Um guarda-costas loiro perguntou ao bloquear nossa entrada na mansão com as mãos.

Para uma hora tão cedo, era de se imaginar que não haveria tantas pessoas aqui, mas não parecia ser o caso. Nada deixava as pessoas mais animadas do que um milionário dando uma festa na piscina.

Empurrando os óculos no nariz falso, olhei para Mel quando ela apertou a mão irritada, o cabelo curto da peruca soprando de leve para o lado. Estava com um vestido de praia vermelho curto que já tinha chamado a atenção de alguns homens na propriedade. A música estava tão alta que parecia fazer as portas fechadas vibrarem.

— Somos os cobradores de imposto — falei, e o grandão olhou para o outro guarda confuso.

— Já pagamos o imposto. Sei disso porque paguei pessoalmente — escarneceu ao nos olhar.

— Não passa de um porteiro.

— Vai se foder. Têm dez segundos para dar o fora antes que eu coloque uma bala em cada um.

— Acho que deveria nos deixar falar com alguém um pouco mais alto na cadeia alimentar — Mel respondeu e ele sugou o ar em resposta.

— Deixa eles passarem, Bell — o segundo guarda falou ao mover sutilmente o paletó para nos deixar cientes da arma em sua cintura.

— Bell? Como Tinker Bell? Que fofura — zombei, esbarrando no ombro dele ao subir as escadas.

— É melhor rezar para serem quem dizem que são, ou vou pessoalmente me encarregar de matar os dois devagarinho — ralhcou ao nos guiar.

Nenhum dos convidados prestou atenção em nós quando entramos. Estavam todos muito ocupados bebendo e se agarrando para se importarem.

Os únicos focados eram os guardas; se destacavam como o serviço secreto em uma sala do jardim de infância. O homem com quem queríamos falar estava sob um guarda-sol com três mulheres, todas ocupadas beijando e tocando o corpo dele.

Odiava me encontrar com traficantes.

Eram um mal necessário do qual eu me livrava com certa frequência. Não deu nenhuma atenção para nós e optou por babar nas mulheres ao redor. Mel pegou a garrafa de champanhe gelada e derramou sobre as garotas.

— Sua puta! — gritaram e dois guardas chegaram mais perto.

— Se mexa e vai ficar com o rosto para baixo naquela piscina — declarei e ele congelou quando um ponto vermelho apareceu no meio do peito.

— Não queremos fazer uma cena, Gus. Essa festa está incrível. Mas podemos e vamos se for necessário — Mel disse ao se sentar na cadeira de praia e cruzar as pernas.

Ele apertou a mandíbula, o que deixou a cicatriz nela bem aparente.

— Vão, agora.

As mulheres nos olharam com raiva enquanto cambaleavam para longe.

— Já pagamos a porra da nossa parte para os chefes. — Cuspiu para o lado.

— E vocês dois não são os cobradores de sempre.

— Sobre isso, não somos cobradores de verdade — disse olhando para Gus enquanto ele se sentava.

Os guardas apertaram o cerco atrás de nós e Bell começou a sorrir como um idiota. Era por isso que odiava desperdiçar tempo com serviçais, sempre eram um bando de imbecis doidos por um gatilho.

— O que vai fazer? Atirar em nós? Faça cena e a polícia vai aparecer, porque nós dois sabemos que está na mira deles há meses.

— Tem que ser um tipo especial de burro para entrar de penetra na porra da minha festa assim. — Apertou a mandíbula enquanto se servia uma taça de champanhe.

— Ou a gente entrava de penetra, ou o FBI faria isso mais tarde. — Mel sorriu e eu conhecia bem aquele sorriso. Teríamos que encontrar outro traficante no distrito.

— Que caralho isso significa?

Mel se inclinou para frente.

— Vou usar palavras pequenas já que parece incapaz de entender; você tem um problema de ratos, e não qualquer rato, um federal.

Ficou parado, nos encarando por um momento antes de pousar a taça na mesa ao lado.

— Quem é?

— Gostaria de fazer as honras, Tinker Bell? Ou devo ter o prazer? — falei e olhei para ele.

Congelou por um momento antes de surtar.

— Eles perderam totalmente o caralho do juízo, senhor! Nem sabemos quem são esses filhos da puta!

— Santo Deus, pare de gritar —Mel tampou os ouvidos. — Pode ser provado facilmente, só olhe seu e-mail, Gus.

Ele pegou o celular e verificou os e-mails, lendo os arquivos que o FBI tinha tentado esconder, até o da família de Tinker Bell. A família de quem ninguém sabia; duas garotinhas e uma esposa grávida.

Três.

Dois.

Um.

— Arrombado! — Gus ganiu ao pular na direção dele.

Antes que conseguisse alcançá-lo, Tinker Bell tentou correr. Foi uma tentativa patética. Pensei que ele teria caído de forma mais honrosa. Segurando os braços dele, os guardas o puxaram de volta até Gus. Ele se debateu, mas não importava.

— Vai desejar estar morto quando eu acabar com você.

— Na verdade, —Mel falou ao se levantar da cadeira —gostaríamos de ter o prazer de nos livrar dele.

— Por quê? Que cacete querem com ele?

— Digamos que nossos chefes querem o usar como exemplo. Mas não se preocupe, vai ter provas de que ele está morto —informei.

Mel bateu palmas ao se virar para olhar os homens dele.

— Agora, qual dos cavalheiros gostaria de escoltar nosso prêmio até o carro?

— O que te faz pensar que vou entregar de mão beijada? — Gus estava pensando um pouco demais.

— Porque se não fizer isso, todos seus clientes vão achar que esteve trabalhando com o FBI, e seus chefes também. Então me diga, Tinker Bell significa mesmo tanto para você? — perguntei.

Ele engoliu e sacudiu a cabeça.

— Só me tragam a prova.

— Dissemos que a teria e vai ter. Mas um conselho; comece a procurar uma cidade nova. Tenho certeza de que o Agente Tyson já contou mais do que o suficiente para te prenderem pelo resto da vida. — Fiquei na frente do homem que mantinha a cabeça erguida como se não tivesse acabado de tentar fugir como a putinha que era.

— Nós íamos te matar rápido, mas aí nos ameaçou.

— Tchau, Gus.

Mel e eu nos afastamos enquanto os homens dele arrastavam o agente. Uma coisa fantástica nas festas do Gus era que havia tanta droga que quase todo mundo estava louco de alguma coisa. Nenhum deles se importava que estávamos arrastando um homem relutante pela casa. Estavam em seu próprio devaneio particular.

As pessoas eram egoístas e individualistas. Eram implacáveis e nem sabiam.



Melody

— Liam, ele está morto, pode parar — falei ao me inclinar contra o guarda-corpo da ponte Theodore Roosevelt. A ponte havia sido interditada então não tinha chance de ninguém passar por ali de carro. Só precisávamos de policiais nas duas pontas para avisar aos motoristas que a ponte estava fechada. A polícia de DC era mais difícil de subornar do que a de Chicago, mas não muito.

Liam tinha batido tanto na cabeça que os dois olhos dele estavam fechados pelo inchaço. Sabíamos que ele não tinha muitas informações, mas não esperávamos que estivesse tão perdido. Tinha estado infiltrado por oito meses, provavelmente esperando Gus falar sobre a família Callahan. Mas nossos nomes nunca eram mencionados abertamente. Sempre se referiam apenas aos chefes, e todos que se comunicavam diretamente com os traficantes eram chamados de ‘cobradores de impostos’.

— Estraga-prazeres — Liam murmurou quando eu peguei o distintivo do homem junto com um bilhete escrito ‘rato’. Coloquei as duas coisas sobre a cabeça do Agente Tyson.

Pegando a corda, Liam a enrolou no pescoço de Tyson antes de amarrar a outra ponta no corrimão. Então o levantamos e jogamos e assistimos enquanto seu peso esticava a corda. Ele quicou e teve espasmos como uma marionete antes de ficar parado. O corpo balançava e virava com o vento.

— Alguém vai aparecer no noticiário noturno — Liam cochichou.

— Apenas mais um dia no escritório, o segundo agente que fode tudo em dois dias. Avian vai ter a confirmação. — Sorri, de jeito nenhum conseguiria nos parar sem saber quem seria o próximo que atacaríamos. Coleman tinha nos dado uma lista de nomes que abrangia o país todo. A próxima pessoa seria tarefa de Coraline e Declan em Chicago.

Indo até o carro, Liam abriu a porta para mim e nós dois nos sentamos. Dirigimos pela ponte e a polícia foi embora sem dizer nada. Esperei até estarmos a alguns quilômetros da ponte para me virar para ele.

— Confia neles?

— Nem de longe. — Sorriu e desacelerou quando o policial à nossa frente chegou mais perto.

Suspirei.

— Nem eu.

Pegando o celular descartável, disquei, e quando as pessoas começaram a buzinar para nós, a viatura policial foi consumida pelas chamadas.

— Ninguém está com pressa agora — Liam murmurou ao olhar no retrovisor. Alguns que tinham saído falavam rapidamente no celular.

— Bem, eu estou, vamos para a casa.

— Nós temos reservas para o jantar — respondeu ao puxar o nariz falso e avançar com o carro.

Me virei tão rápido que minha cabeça estalou.

— Está brincando — o olhei com raiva.

- Você concordou.
- Agora não é a hora.
- Tem uma hora melhor?

Cruzando os braços, me inclinei para trás e me recusei a falar com ele. Parecia um pouco infantil, mas não me importava. Liam, me irritando mais ainda, colocou a mão na minha coxa, me forçando a olhar de volta para ele.

— Gosto de ir a encontros com você, Mel. Fazem com que eu sinta que nos conhecemos normalmente e eu tirei o seu chão.

— Tirei o meu chão? Tem algum motivo para eu não conseguir andar? — perguntei com um sorriso.

Ele revirou os olhos.

— Nunca conheci uma mulher tão contrária a romance na minha vida. — Ele balançou a cabeça e olhou pelo para-brisa.

— Tem que admitir, estou melhorando. Algum dia talvez eu peça flores. — Assim que falei isso caí na risada, fazendo com que ele franzisse o cenho. Dessa vez eu coloquei minha mão na coxa dele. — Liam, minha definição de romance não é chocolate, flores e encontros, mas se está morrendo de vontade de me levar a um restaurante, tudo bem. Pode se divertir.

Ele riu.

— Ah, amor, eu vou. Talvez queira tirar essa peruca.

O olhei com suspeita antes de tirar e puxar os grampos do cabelo.

— O que está tramando, Callahan?

Ele não disse nada quando encostamos em uma boutique de designer e um homem mais velho veio até a porta e a segurou para mim.

— Bem-vinda ao Louvre, sra. Callahan — o homem falou ao me ajudar a sair do carro.

Permaneci em silêncio enquanto Liam saía do carro e dava a volta para me encontrar. Um dos manobristas tentou pegar o carro para estacionar, mas Monte, que eu não tinha notado até aquele ponto, apareceu e se sentou no banco do motorista.

Liam me levou para uma loja cheia de vestidos luxuosos, chão de mármore branco e mobília antiga. Três mulheres vestidas de preto esperavam de pé. Uma delas tinha um cinto de maquiagem e um babylliss.

— Uma transformação? Se tivesse me falado, teria me vest...

— Senhoritas, não liguem para ela. Está nas mãos de vocês.

Liam me ignorou antes de pedir licença e ir para outra sala, provavelmente a sessão masculina da boutique.

— Por aqui, sra. Callahan. Gostaria de uma taça de champanhe? — a mulher sorridente de preto perguntou ao colocar a mão ossuda no meu braço.

Senti minha sobrecelha ter um espasmo com o toque dela.

— Prefiro vinho tinto.

— O sr. Callahan disse que preferiria — outra mulher adicionou ao me entregar uma taça. Olhei com raiva para a sessão onde Liam tinha desaparecido enquanto as mulheres me levavam até o provador e me

ofereciam um lugar para me sentar.

Não faça cena. Não mate ninguém.

— Vamos pegar alguns vestidos, só nos diga se algo te agradar; nada está fora dos limites — a da mão ossuda falou com um sorriso tão largo que parecia que seu rosto estava prestes a rachar.

Me pergunto quanta comissão está ganhando.

— Como posso escolher um vestido se não faço ideia de onde vou usá-lo? — perguntei ao tomar um gole da minha bebida. Assim que o fiz, pausei; era meu vinho favorito.

Como diabos ele tinha planejado tudo isso?

Tínhamos dez bilhões de coisas para fazer, e ele me trouxe para fazer compras.

— Não se preocupe, sra. Callahan, seu marido nos contou tudo e todas as escolhas vão funcionar perfeitamente bem para esta noite.

— Ele contou tudo? Bom. Aonde nós vamos?

Ela riu, sem perceber o quanto estava falando sério.

— Não podemos te contar e não adianta perguntar, não vai conseguir nada com a gente.

É o que pensam.

Sem muito esforço, conseguia pensar em pelo menos seis maneiras diferentes de lhe fazer desembuchar, quatro delas envolviam algum tipo de desmembramento.

Meu telefone vibrou e encontrei uma mensagem de Liam quando o peguei.

“Seja gentil. Ou perdeu o jeito? A mulher com quem me casei poderia fazer os anjos acreditarem que ela era um deles.”

Estava me provocando, perfeitamente ciente de que eu provaria que nada tinha mudado. Tinha conseguido me manipular como um fantoche. Desde quando ele me conhecia tão bem?

Com um suspiro, me recostei e ofereci um sorriso brilhante.

— Tudo bem. Vocês ganharam. Me deixem deslumbrada.

— Ótimo! — Aplaudiram. — O primeiro vestido que temos é uma peça *Dolce and Gabbana* preta e dourada.

Olhei o vestido e franzi a testa.

— É bonito, mas não tenho corpo para isso.

— Ah, sra. Callahan, a senhora é linda! — Falaram entusiásticas enquanto eu revirava os olhos.

Não tinha nada que uma mulher gostasse mais do que fazer outra mulher se sentir melhor depois de se autodepreciar.



Liam

Saí da sala, e puxei as mangas quando Mel entrou com um vestido preto justo. O cabelo dela estava solto e enrolado, a maquiagem feita de forma a realçar sua beleza natural, e seus olhos brilhavam. Estava estonteantemente linda.

— Até que você sabe se arrumar — falou ao vir na minha direção.

A puxei contra mim, e a beijei tão profundamente quanto era possível. Em resposta, enrolou os braços no meu pescoço e gemeu.

— Temos que ir ou vai fazer a gente se atrasar — sussurrei ao me afastar.

— É difícil ter noção da hora se não sei para onde estamos indo.

— Paciência é uma virtude.

Ela se inclinou na minha direção e beijou meus lábios.

— Quem foi que disse que sou virtuosa?

Com um grunhido, mais uma vez me forcei a me afastar antes de pegar sua mão e sair da loja. Lá estavam Kain e Monte, ambos de terno em frente a um novo carro preto.

Mel se virou na minha direção, a boca entreaberta antes de se virar na direção deles.

— Não contem nada para ela — falei rápido antes que cedessem às ordens dela.

Ela ficou quieta e entrou no carro. Sabia que estava ficando frustrada e isso me divertida. Odiava esse tipo de atenção, simplesmente porque não estava no controle. Deus nos livre alguém a surpreendesse. Mas ainda bem que a viagem até nosso destino era curta.

Nos últimos dias, estávamos sujando as mãos, nada mais justo que aproveitássemos o pouco tempo que tínhamos juntos.

Peguei a caixa e esperei enquanto ela praticamente apertava a cara contra o vidro e encarava o prédio à nossa frente.

— O *John F. Kennedy Center for the Performing Arts*? Liam, o quê — ela se virou na minha direção, então parou antes de completar a frase ao ver a caixa na minha mão. Com um suspiro, olhou nos meus olhos. — Quando disse para se divertir, não quis dizer que podia ficar louco, Liam — sussurrou.

— Não pode retirar o que disse, agora abra.

Não abriu, então fiz isso por ela.

Encarou o bracelete de diamantes por um momento antes de virar o olhar furioso na minha direção.

— Você me traiu, não foi?

Tossi e os dois homens no banco da frente riram. Lançando um olhar de ódio para os dois, eles me viram pelo retrovisor e imediatamente ficaram em silêncio. Me virando de volta para ela, dei um sorriso um malicioso.

— Sério? Essa é sua melhor hipótese?

Ela franziu o cenho.

— Obrigada pelo bracelete, o vestido, os sapatos, o vinho, e imagino que isso seja uma ópera?

— Sim. *Bianca e Falliero* de Felice Romani. Mas antes disso, a sinfonia vai tocar uma peça escrita especialmente para você. — Sorri quando os olhos dela se abriram levemente.

— Mandou comporem uma sinfonia para mim? Para uma orquestra sinfônica? — perguntou devagar. — Posso até não estar acostumada a esse

negócio de encontros, mas a maioria dos caras não escreve uma música?

Me pergunto de onde ela tirou essa ideia.

— Teria se casado comigo se eu fosse como a maioria dos caras?

A cara dela agora...

— Liam, para apenas um encontro, está indo muito além do necessário. Como sabia que *Bianca e Falliero* é minha favorita?

— Jinx. — Fiz careta ao pensar nisso. — E não é só um encontro.

— Eu sabia. O que está acontecendo? Tem alguém lá dentro de quem precisamos nos livrar? Não me lembro de nenhuma...

Segurando a mão dela, a puxei para mim e apertei meus lábios nos dela rápido e forte. Podia sentir o gosto dela, e nesse ritmo o batom dela acabaria antes do encontro começar.

— Não é uma missão, é um encontro, nosso dia. Afinal, é *nosso aniversário* — sussurrei a apenas milímetros de distância de sua boca.

O queixo dela caiu e parecia que estava repassando mentalmente todos os momentos que tínhamos passado juntos. Olhou para o vestido e depois para o bracelete que ainda estava aninhado na caixa de veludo em sua mão.

— Agora eu me sinto uma vadia.

— Você é, mas faz parte do seu charme. — Sorri ao pegar a caixa da mão dela e fechar a joia pesada ao redor do seu pulso.

Ela passou a mão pelo meu cabelo.

— Eu me esqueci, estive tão preocupada com Avian.

— Eu sei — cochichei. — Nós *vamos* pegar ele. Juro. Mas ele não pode ocupar nossa vida toda. Trabalho o tempo todo e nada de diversão não é saudável para nós irlandeses, e é considerado pecado para vocês italianos.

Kain abriu a porta e esperou enquanto saíamos. Passando por mim, Mel se virou e lançou um sorriso perverso.

— Quanto mais rápido acabarmos com isso, mais rápido posso te dar meu presente — falou antes de desaparecer na multidão em frente ao centro.

Brincar com ela era meu passatempo favorito.

“Achei que estávamos celebrando sermos mais ricos e espertos que todo mundo!”

— *Scott Lynch*

Liam

Antes da ópera começar, levei minha esposa maravilhosa para ouvir sua sinfonia, intitulada simplesmente *Uma Sinfonia para Melody*. Estávamos sozinhos no nosso camarote privativo, já que a ópera havia sido fechada para o público geral. A peça teve um início forte, depois derreteu em uma melodia suave, quase quebrada, e voltou com um fechamento ainda mais forte, assim como os momentos da nossa vida juntos.

Ela não disse nada durante a peça, mas segurou minha mão sem disfarçar quando saímos para a galeria. Havia uma celebração antes da ópera para todos que tinham ingresso, e logo parecia que era um quem é quem dos mais poderosos de Washington. Todo o último andar do edifício era apenas um grande salão de baile, e parecia que eu e Mel éramos a atração principal.

Se eu soubesse que seria esse o caso, teria garantido que nossa entrada fosse discreta. Nem queria estar aqui; só queria passar um tempo sozinho com ela. Em vez disso, tínhamos que gastar nosso tempo sendo simpáticos com essa gente.

— Sr. Callahan, já era hora de vir para Washington —o senador Andrew Kelly do Texas declarou. Trabalhava com petroleiras e alguma outra merda sobre a qual não calava a boca.

— Nunca soube que me desejavam aqui.

— Sr. Callahan, todos sabemos que se não fossem suas generosas doações para o presidente Coleman, ele não estaria no grande escritório —o senador Jeffrey Boxer da Carolina do Norte respondeu, e tentei conter o impulso de revirar os olhos.

— Doações generosas? Não faço ideia do que está falando. Afinal, não é esse o propósito dos super PACs? — pisquei, e todos riram enquanto comiam na palma da minha mão, mesmo que eu estivesse oferecendo esterco.

— Bem, quero dizer, se precisar de alguma coisa, podemos dar um jeito. Sabemos que seus negócios de maconha estão fazendo um bom progresso, mas ainda tem um pouco de burocracia envolvida para tirar os projetos do papel —o senador Kelly falou ao estufar o peito.

Levantei uma sobrancelha na direção dele.

— Não tenho certeza de que seus constituintes são a favor dos meus novos negócios.

Boxer riu ao revirar os olhos e escanear o salão de baile.

— Nós dois sabemos que todos os poderosos estão aqui. Podemos fingir que a democracia significa o que as pessoas querem que seja, mas é sobre sobrevivência, triunfo. E homem nenhum encarna isso tão bem quanto o

senhor.

Políticos eram um tipo diferente de implacável, um tipo mais sujo.

— Está certíssimo, senador, mas antes de barganhar pela minha alma, eu deveria consultar minha esposa — respondi e todos riram mais uma vez antes de se virarem para as mulheres que estavam socializando com a minha.

Era aterrorizante o quanto ela conseguia se misturar com as esposas-troféus desses homens; bebendo champanhe e provavelmente falando de nada além de quanto dinheiro do marido podiam gastar.

— Posso dizer, sua esposa é impecável, sr. Callahan — o senador Kelly acrescentou, puxando saco como a escória que era.

Não, não pode.

— Sou muito sortudo.

— O presidente vai entregar medalhas para os dois essa sexta, não é? — o senador Boxer perguntou.

— Aparentemente dá para ganhar medalhas por ir para a cadeia — brinquei, e todos riram de novo. Não era à toa que esse povo tinha egos enormes, todos riam juntos não importava o que estivesse sendo dito.

— Ah, não seja tão humilde, sr. Callahan — uma voz suave e mais velha se pronunciou, e o homem que eu odiava mais do que o próprio diabo deu um passo à frente.

Do cabelo grisalho ao rosto enrugado e postura orgulhosa, tudo embrulhado em um terno preto e branco sob medida... odiava tudo nele.

— Avian, desceu do Monte Olimpo? Como está a vida entre nós meros mortais? — o senador Kelly perguntou e ofereceu um breve aceno com a cabeça. Tinha me esquecido que para o resto do mundo, era conhecido apenas como Avian Doers e não Ivan DeRosa. A teia de mentiras que cercava esse homem era profundamente enraizada.

— Divertido como sempre, Andrew. — Sorriu e olhou para mim, estendendo a mão para me cumprimentar. — Sr. Callahan, é um prazer finalmente te conhecer.

Apertei a mão dele com força.

— É claro, sr. Doers. Quem iria imaginar que o senhor é fã de ópera.

— É uma grande paixão minha — falou com um brilho nos olhos.

— Cavalheiros, espero não estar interrompendo. — Mel chegou por trás da cobra. Mesmo com o sorriso em seu rosto podia ver o fogo em seus olhos ao encará-lo.

Ele se virou e permitiu que ela entrasse na roda.

— Cavalheiros? Sra. Callahan, deve estar enganada; não há um osso gentil sequer em nossos corpos.

— Ai, Avian, estamos bem aqui. Não precisa assustar a moça — o senador Boxer falou e riu, totalmente alheio à batalha que estava acontecendo.

Mel apenas sorriu.

— Não é fácil me assustar, senador. Se importam se eu roubar meu marido?

— Na verdade, sra. Callahan, estava doido por uma dança. Me permite? —

Avian perguntou.

Os olhos de Mel grudaram nos meus antes de oferecer sua mão. Não gostava disso, mas me mataria se negasse esse momento a ela. Como se o demônio pudesse ler minha mente, se virou na minha direção.

— Não se importa, não é, sr. Callahan? Sei que hoje é seu aniversário.

Filho da puta.

— É claro que não, tenho uma vida toda com ela. Tenho certeza de que posso ceder três minutos. Mas eu tomaria cuidado com os pés se estivesse no seu lugar, esses saltos dela são assassinos. — Fingi brincar, e consegui mais algumas risadas dos assentos baratos à minha volta.

— Não sou tão ruim quanto ele diz — respondeu ao segurar a mão dele. Não tenho certeza se me sentia melhor ou pior de saber que na verdade ele era seu avô.

— Então é bom que eu tenha pés de chumbo — Avian declarou ao levá-la para a pista de dança. Claro que havia agentes do serviço secreto por todo lado. Queria arrancar a cabeça do pescoço dele, mas não tinha nada que pudesse fazer além de assistir da arquibancada. Se fizesse um movimento errado, eu o mataria. Não me importava em voltar para a cadeia desde que ele estivesse a sete palmos. Mas tinha certeza de que Mel me daria um cacete.

— Parece que tem um concorrente — o senador Kelly tentou brincar, dando uma cotovelada no meu braço.

— Nem de longe — falei. — Sempre ganho, cavalheiros. Mesmo que pareça que estou perdendo, estou ganhando.

— E como é que isso funciona? — Riram.

Se precisa perguntar, então não tem a capacidade de entender.



Melody

Tremi com o toque dele, e não de um jeito bom.

— O que prefere – Avian, Ivan ou avô? — Escarneci enquanto tentava manter o maior espaço possível entre nós sem parecer estranho.

Ele franziu a testa com nojo absoluto.

— Qualquer coisa, menos *avô*. Mal tenho idade para isso.

— Pode tingir o cabelo o quanto quiser, mas não dá para esconder as rugas — falei com um sorriso tão falso que dava pena.

Ele riu.

— É mais engraçada do que achei que seria. Tenho certeza de que herdou isso daquele seu pai imprudente.

Queria enfiar meu salto na canela dele, mas sabia que era o que ele queria; me afetar.

— Tenho certeza de que sua filha tinha mais humor do que achava. Mas por outro lado, perturbou a mente dela até ficar tão instável que decidiu me sequestrar para minha própria segurança.

— Ela sempre teve um parafuso a menos. Certamente seu pai a prendendo por anos para cuidar de você não ajudou muito — falou sem emoção.

— Meu pai já está morto, Avian, pode parar de tentar matá-lo —ralhei, querendo mais do que tudo acabar com ele aqui e agora.

Ele girou e quando me trouxe de volta, balançou a cabeça.

— Enquanto estiver viva, a única e amada filha do seu pai, ele ainda vive.

— Sou tanto do sangue dele quanto do seu. Só é arrogante e frio demais para entender isso. Minha vontade é te matar aqui mesmo.

— Nós dois sabemos por que não vai fazer isso; porque eu ou você vamos precisar sair daqui. E quando eu te matar, não vai ter nada que ligue isso a mim, para que eu possa voltar para o tempo em que você não era um grande pau no cu —falou.

Estava certo, mas não sabia porra nenhuma sobre mim.

— Digamos que ganhe, e que vença eu e Liam, o que não vai fazer, o que acontece com você? Não vai ter família, nada. Só vai morrer.

Ele deu risada e aquele sorriso me deixou louca.

— Quem precisa de família quando se tem o mundo? É tão fraca, tão inconsequente. Avielá falava de você como se fosse uma força da natureza, mas agora sei que era tão tola quanto insana. Família não significa nada. Olhe ao seu redor, todos eles, cada um deles tem a mais alta consideração por mim. Quando eu morrer, não vai ser pelas suas mãozinhas. O mundo vai lamentar minha partida. Pessoas virão de toda parte para falar de mim de formas que familiar nenhum poderia. Ao contrário de você e aquele vira-lata do seu marido, eu governo sem sujar minhas mãos.

Dessa vez eu ri.

— Sem sujar as mãos? Sério? Essas pessoas não te conhecem. Diz que eu sou inconsequente? Assim que matamos Aro, poderia ter dado as costas.

— Há um equilíbrio, menininha —ralhou e seu olhar castanho opaco afiou.

— Nunca vamos tirar as drogas das ruas, mas não terá uma família controlando tudo. Ícaro voou perto demais do sol e pereceu, não cometa o mesmo erro. Pegue sua preciosa família e desapareça. Até deixarei que fiquem com todo o dinheiro.

— Sou uma mentirosa, Avian, o que significa que posso identificar outro mentiroso a quilômetros de distância. Pode pegar seu acordo meia boca e enfiar no cu, porque mesmo se eu fosse cega, burra, surda e estivesse arfando por ar no meu leito de morte, ainda te diria para ir se foder.

— Posso interromper? — Liam perguntou aparecendo atrás de mim. Soltei de Avian como se ele tivesse me dado um choque.

— Por favor —disse para Liam sem tirar meus olhos de Avian. — Ah, e por sinal, Ícaro queimou porque voou durante o dia. Queria que o mundo testemunhasse. Nós voamos nas sombras, onde as pessoas têm medo de olhar.

Liam pegou minha mão e nos afastamos, o deixando parado lá.

— Quer ir embora? — sussurrou ao nos guiar para longe das portas, e eu fiz que não com a cabeça.

— Nem um pouco, planejou essa noite e vamos curtir tudo, mesmo com aquele filho da puta aqui. Não vamos fugir, não agora, nem nunca, caralho —

murmurei.

Ele concordou com a cabeça e eu respirei fundo.

— Que grande feliz aniversário.

Apertando a mão dele, não disse mais nada. Não sabia o que falar, ele tinha passado por tanta coisa só para deixar essa noite especial, e tinha sido gentil. Na verdade, até vermos Avian, estava me divertindo. Não com as mulheres com quem estava conversando, é claro, mas ao brincar de gato e rato com Liam. De vez em quando ele olhava para mim e eu podia sentir. Tinha que lutar contra o impulso de olhar de volta.

Chegando ao nosso camarote privado, nos sentamos em uma sala do outro lado da ópera e de Avian, o que nos permitia ver sua cabine.

— Parecia que estavam tendo uma conversa animada —Liam cochichou quando as luzes apagaram.

— Não foi nada útil, ele só estava tentando foder minha cabeça.

— Funcionou?

Mordi a língua e me reclinei na cadeira.

— Ele insultou meu pai, e apesar dos nossos problemas, eu amava Orlando. Ele me fez o que precisava ser e nunca se segurou. Avian foi tão responsável pela morte dele quanto Aviela.

— Então funcionou.

— Não. Ele só me deixou puta.

— Você e eu. Não acho que seja coincidência ele saber que estaríamos aqui hoje.

— Olivia? — perguntei ao me virar para ele, mas apenas deu de ombros.

— Não tenho certeza, não contei para ninguém, mas ainda parece esquisito —respondeu e se reclinou na cadeira.

— Acharam o corpo do Tinker Bell? — quase tinha esquecido do nosso último agente. Avian talvez tivesse entendido a mensagem, afinal.

Ele confirmou.

— Encontraram. Meu pai me mandou um e-mail. Tenho certeza de que Avian sabe.

— Ele parecia totalmente tranquilo. — E isso me deixava ainda mais puta. Estava sentado ali, aproveitando a minha ópera favorita como se não tivesse uma preocupação sequer.

— Acho que precisamos jogar gasolina nesse fogo —Liam murmurou e pegou o celular. Tirou uma foto discretamente antes de começar a digitar. — Precisamos cuidar de outro agente pela manhã e fazer alguém questionar por que o diretor do FBI está assistindo uma ópera com a elite de Washington enquanto seus agentes morrem como moscas.

— Se tem alguma coisa que aprendi com a nossa conversa é que ele se importa com seu nome, seu legado. — Era para isso que vivia. Queria que multidões falassem em sua homenagem. Eu iria garantir que não restasse o suficiente dele para ser enterrado.

Nós dois paramos e Liam me olhou sem mexer a cabeça quando ouvimos o

clique baixinho da porta.

Alguém está vindo.

— Não sei por que gosta tanto dessa ópera — Liam falou em um sussurro mais alto do que antes, para fazer parecer que não tínhamos ouvido nada.

— Claro que não, não reconheceria algo de bom gosto nem que te desse um tapa na cara — respondi quando senti e ouvi a mudança da pressão no chão sob nossos pés.

Antes que qualquer um de nós pudesse falar, duas pessoas vestidas de preto seguraram trapos contra nossas bocas.

Éter.

Prendi a respiração e relaxei.

— Alvos assegurados — o homem disse antes de soltar meu rosto. Os senti me arrastarem para fora da sala. Não podia ouvir Liam e não ousava olhar até sentir a mudança na iluminação.

Quatro.

Três.

Dois.

Um.

Meus olhos se abriram assim que ouvi a porta fechar. Arranhei o braço do meu agressor ao me soltar do seu abraço. Liam fez a mesma coisa e quando estava livre, pegou o homem entre os braços e quebrou o pescoço dele com facilidade. O homem à minha frente deu um soco muito mais devagar do que eu teria esperado de um agente treinado. Dei não apenas um, mas dois ganchos na mandíbula direita dele em rápida sucessão. Chutando seu joelho, o observei cair enquanto tirava as luvas e as enrolava em seu pescoço, puxando o mais apertado possível até seu corpo ficar mole.

— Onde caralhos estão Monte e Kain? — Liam rosnou ao limpar o sangue de seus lábios.

Apalpei o homem e não achei nada além de uma arma.

— Eram homens dele. Saída discreta o cacete — murmurei.

Nós dois congelamos quando ouvimos as sirenes da polícia do lado de fora.

— Aquele filho da puta arrombado! — Liam gritou.

— Liam, precisamos nos livrar deles agora — adverti. — Avian sabia que não seríamos derrubados tão fácil assim, armou para nós. Precisamos sumir com eles rápido.

Para provar meu argumento, a polícia começou a inundar o andar inferior como um enxame de abelhas. Observei as narinas dele se alargarem e ele pegar um agente pelas pernas quando fiz o mesmo.

— Sabe o layout do teatro?

— Sim, Mel, eu sei onde estão todas as portas secretas de uma casa de ópera aleatória em Washington — ladrrou sarcástico.

Não falei nada, não tinha por quê. Ele estava puto e eu também, mas um de nós tinha que manter a compostura. Senti meu coração acelerar enquanto puxava o homem pelo tapete vermelho com detalhes dourados.

— Esvaziem o prédio, mantenham todos calmos! — um policial gritou.

Não conseguíamos ver nenhum, mas sabíamos que estavam por perto.

— Procurem pelos atiradores em toda parte! — outro gritou de trás de nós.

— Merda! — Atiradores? Que atiradores?

— Mel — Liam acenou para uma porta.

— É um armário — falei.

— Não temos muita escolha — falou ao virar a maçaneta e arrastar o homem para dentro. O segui e ele fechou a porta enquanto eu empurrava os corpos deles para o canto. Pegando alguns casacos, os joguei sobre os defuntos.

— Está armada? — Liam perguntou rápido.

Levantando a saia do vestido, mostrei as armas presas nas minhas coxas.

— Quando é que não estou?

Ele balançou a cabeça e riu ao apertar a orelha contra a porta. Chegando do lado dele, ouvi também.

— Seu avô é um grandessíssimo filho da puta — cochichou.

— Sim, estou ciente, obrigada.

— Só dizendo o que nós dois estávamos pensando.

Coloquei meu dedo sobre o dele quando ouvi a polícia atrás da porta.

— Estão vindo — Liam disse ao estender a mão para a arma, mas o parei, nós não iríamos fazer isso. Não iríamos estragar todo nosso trabalho duro por apenas um momento.

Empurrando a frente do meu vestido para baixo, dei uma visão melhor do meu decote antes de levantar a saia.

— O que diabos está fazendo?

— Me beija.

— O quê?

O puxei para mim e pulei até minhas pernas se enrolarem na cintura dele. Ele me agarrou e passou as mãos pelo meu cabelo ao mesmo tempo em que a porta abria.

— Saiam, agora! — um policial gritou enquanto eu me soltava dele, e tentava arrumar o vestido antes de sair.

— O que está acontecendo? — arfei, fingindo estar assustada.

— Sr. e sra. Callahan? — um dos policiais perguntou. — Estão no armário há muito tempo?

— Sim, policial, está tudo bem? O que está acontecendo? — Liam perguntou enquanto ajeitava a gravata borboleta. Falava com uma autoridade com que eles estavam familiarizados.

O policial endireitou a postura.

— Sr. Callahan, recebemos denúncias de tiros disparados no local, um policial vai os escoltar até a porta.

— Obrigada! — falei rapidamente enquanto nos guiavam para fora do salão. Olhei para trás, observando enquanto a porta do armário se fechava e a polícia seguia em frente.

Tremi de frio quando saímos na rua cheia de policiais e caminhões de bombeiro.

— Liam —sussurrei, chamando a atenção dele para Avian entrando em seu carro particular. Me diverti com a leve irritação em seu rosto antes que a expressão voltasse para a fachada tranquila e altiva de costume.

Monte e Kain estavam em pé ao lado do carro, e pude sentir Liam endurecendo de raiva. *Onde caralhos eles estavam?*

— Chefe, dois homens vieram em direção à sala com armas. Não atiramos, mas eles sim —Monte disparou.

— Mas era como se nem estivessem tentando nos atingir, só estavam atirando —Kain completou na mesma velocidade.

— Porque queriam afastar vocês! — Liam ralhou e o puxei para trás. — Por que não entraram em contato?

— Tentamos ligar, mas os telefones foram bloqueados.

Liam se virou na minha direção.

— Filho de uma puta.

— Mande a equipe de limpeza cuidar dos corpos no armário do segundo andar. Estão debaixo de uns casacos. Quero isso resolvido rápido —comandei antes de entrarmos no carro.



Liam

Estava deitado na cama com Ethan sobre meu peito. Minha mão estava nas costas dele e eu o assistia respirar enquanto escorregava o dedão para dentro da boca. Ele era a única coisa me mantendo calmo no momento.

Mel veio até nós e se sentou do lado dela da cama enquanto folheava a lista de agentes que Coleman havia nos dado.

— Essa aqui, agente Autumn Smith, ela está em Chicago, tem atributos físicos parecidos com os da Coraline.

— Acham que Declan e Coraline dão conta? Não quero erros. — A verdade era que não confiava em nenhum deles para resolver o problema sem erro nenhum.

— Eles não têm escolha —respondeu já discando.

Declan atendeu no primeiro toque.

— Já estava achando que tinham se esquecido de nós.

— Temos um trabalho para vocês —Mel declarou e se levantou devagar da cama para não acordar Ethan.

— Parece sério.

— Precisamos que você e Coraline se livrem de uma agente. Vou enviar as informações. — Mel respondeu, já finalizando o e-mail.

— Querem que *Coraline* e eu...

— Matem a agente, e não queremos nenhum erro.

— Mel, o que quer que seja, posso ir com Fedel. Não quero por essa pressão na Coraline.

— Estamos sob ataque, Declan, todo mundo tem que ajudar, incluindo sua

esposa —Mel o lembrou.

— Como...

Ela desligou antes que ele pudesse falar mais alguma coisa.

— Que rude.

— Ele vai sobreviver.

— Se não foder tudo. — E era melhor que não fizesse isso.

“Sexo e violência: o melhor duo desde os Três Patetas.”

— *Janod Kintz*

Coraline

— Alô, Neal? — atendi o telefone no topo das escadas.

— Coraline... — disse com um suspiro arrastado.

— Neal, qual o problema?

— Tudo, Cora — escarneceu antes de rir.

Indo até a sala de estar mais próxima, fui tão longe da porta o quanto era possível e me peguei perto do Piet Mondrian de Evelyn pendurado sobre a lareira.

— Neal, você está bêbado?

— Sou irlandês, querida, não fico bêbado.

Revirando os olhos, suspirei.

— O que aconteceu, Neal?

— Sabe, quando Declan nos contou que ia se casar com você, eu estava caindo de bêbado. Não conseguia acreditar. Era tão diferente de todas as garotas que ele tinha namorado antes. Eu disse que não duraria um ano.

— Bem, eu também não gostava de você e estou tentada a desligar agora.

— Não! Por favor, não — suspirou, e o ouvi tomar outro gole do que quer que estivesse usando para se afogar. — É a única pessoa da família que... que me trata normalmente. Declan é o cara do Liam. O favorito do papai é o Liam. A mamãe me ama, mas jamais escolheria entre nós. Só preciso de alguém que esteja do meu lado por um maldito segundo, cacete! Só uma pessoa.

— Neal, somos família. Estou sempre do seu lado. E Declan se importa com você, sabe disso.

— Declan matou nosso tio pelo Liam. Regra quinze, Coraline, se a família te trair, não mostre misericórdia, não perdoe e os coloque sob a terra. Eu sou o próximo, sabia disso desde que nasci. Um deles vai me matar.

— Neal, meu marido está sentado na sala de jantar me esperando para comer. Mas você me ligou e parece que precisa de ajuda. Então em vez de comer com ele, estou encolhida em um canto de uma das salas de estar da sua mãe. Agora, me diga qual o problema.

— Olivia é o rato — disse.

Esperei pelo choque. Queria me sentir surpresa, mas só me sentia estúpida por não ter percebido antes.

— Ela me fez de idiota e eu deixei. Ignorei as coisas que disse e fez porque a amava. Ainda amo. Estou fodido. Ela está fodida. Nós dois.

— A Mel e o Liam sabem?

— Liam me contou e eu não acreditei. Não queria acreditar. Mas tinha que saber a verdade.

— Neal, o que você fez?

— Vazei informação para a Olivia. Falei para ela que Liam ia levar Mel para a ópera. Tinham ligado para o meu celular em vez do dele para confirmar as reservas. Passei o número dele e Olivia estava lá... então pensei em deixar escapar e ver o que acontecia.

— E Avian tentou lhes matar. Foi isso que aconteceu —completei.

Ele suspirou.

— Eles vão matar nós dois. Liam está possesso. Nem pensei, só precisava ter certeza. Mas preciso contar.

— Neal, não vai contar para eles.

— Coraline.

— Cale a boca, Neal. Não falamos sobre isso e você não vai falar para eles que escorregou. Nenhum de nós pode se dar ao luxo de errar, não você, nem eu, nem mesmo o Declan. Estamos em guerra. Já escolheu o seu lado?

Ele ficou quieto e eu prendi a respiração em pânico.

— Neal, somos família até o fim. Esse é seu momento. Vai se reerguer disso, mas precisa ser esperto.

— Família até o fim —repetiu.

Confirmando com a cabeça, soltei o ar dos pulmões.

— Olivia fodeu todos nós. Agora é hora de dar o troco e fazer dez vezes pior com ela. Você vai agir como a porra de um Callahan. Vai ser implacável. Está me entendendo?

— Se eu a machucar, Liam e Mel vão saber.

— Tem mais de um jeito de machucar uma mulher, Neal. Continue como se nada estivesse errado. Faça com que ela se apaixone por você de novo e comece a tirar informação dela. Quando tiver o suficiente, leve para eles. Coloque tudo na mesa e faça o que pedirem. Se Olivia te amasse, não teria feito isso. Ela colocou a sua vida, e todo mundo nessa família em risco pela própria ganância. Isso não é amor. Vai sair dessa como um membro mais forte dessa família.

Ficou em silêncio e eu ouvi a garrafa tocar a mesa do outro lado da linha, como se a tivesse pousado.

— Obrigado, Coraline.

— Pelo quê? Essa conversa nunca aconteceu.

Ele riu.

— Ah, e Neal? Estarei de olho. Confio em você, mas só para garantir, vou ficar de olho —falei antes de desligar.

Apagando a chamada, me endireitei antes de sair da sala. Fui até a sala de jantar e encontrei Declan largado na ponta da mesa, totalmente perdido em pensamentos. Nem percebeu quando o mordomo colocou comida na mesa que tinha sido posta apenas para nós dois. Era estranho estar em casa com tanta gente ausente.

— Obrigada, Raymond —falei enquanto saía.

— Disponha, madame —respondeu antes de voltar para a cozinha. Declan ainda não tinha se mexido.

— Seus olhos costumavam saltar das órbitas quando eu entrava na sala — provoquei, me sentando ao lado dele.

Ele piscou rápido e ergueu a cabeça para me olhar. Forçando um sorrisinho, pegou a minha mão e beijou as costas dela.

— Perdão, querida. Só são muitas coisas passando pela minha cabeça. Mas está deslumbrante como sempre.

Recuperando minha mão, a estiquei para as ervilhas e coloquei algumas no prato dele, junto com o salmão e o arroz. Não o via comer desde ontem à noite.

— Obrigado —ele falou ao engolir um bocado.

— De nada. Está pensando no que Mel e Liam nos pediram para fazer?

Ele congelou por um momento antes de olhar para mim.

— O quê? Eles me ligaram logo depois que falaram com você.

— Por que não me disse que sabia? — perguntou.

— Por que não me contou?

— Coraline... — suspirou.

Odiava quando falava meu nome daquele jeito.

— Não acha que eu dou conta. — Estávamos de volta à estaca zero mais uma vez.

Ele endireitou a postura.

— Coraline, não é um jogo. Estamos falando de invadir a Embaixada Canadense, sequestrar uma agente fed...

— Eu sei, Declan, li o arquivo —rosnei enquanto cortava o peixe rosado à minha frente.

— Então sabe que é arriscado demais. Não estamos lidando com bandidinhos. Vou pensar em um plano com Fedel.

— Se tentar fazer isso, Declan Callahan, vou me divorciar de você tão rápido que nem vai conseguir terminar de comer suas malditas ervilhas — avisei quando ele mordida mais um bocado.

O queixo dele caiu antes de dar um sorriso malicioso.

— Está blefando.

— Adivinha quem foi convidada e trocou gentilezas com todas as melhores firmas de advocacia do estado? — perguntei, bebericando devagar enquanto me observava. — Enquanto sujava as mãos com a gentilha, eu estava apertando mãos e trocando sorrisos com muita gente chique. Não sou tão doce e inocente quanto continua tentando me fazer parecer. Tenho um plano para entrar, mas preciso da sua genialidade tecnológica para fazer isso. Então vamos juntos, quer goste ou não.

Ele me encarou e não falou nada.

— Devia comer, amor, esse salmão está maravilhoso.

— Não estou mais com fome de comida —falou devagar enquanto puxava a gravata e se levantava da cadeira.

— É mesmo? Devo pedir um vinho? — Sorri enquanto tentava manter os olhos fixos na comida.

Os dedos dele acariciaram meu ombro e correram pelo meu pescoço, até que segurou de leve e passou o polegar pela minha mandíbula.

— Não quero vinho — sussurrou no meu ouvido.

— Então o quê?

— Quero você — falou.

Sorri ao empurrar a cadeira para trás e me levantar para o encarar.

— Era só pedir. — Me afastando dele, tirei os sapatos e comecei a descer o zíper do vestido. Ele assistia a cada movimento, e bem quando expus a renda do sutiã, parei. — Por outro lado, deveria ter que se esforçar. — Sorri antes de sair correndo da sala, subir as escadas, virar a esquina e continuar correndo.

Olhei para trás para ver o quão longe ele estava, mas não o vi. Parei bem quando as portas do elevador se abriram e ele saiu bem na minha frente com um sorriso tão largo que era quase inumano. Ele me puxou para seus braços e me jogou sobre o ombro como se fosse um homem das cavernas.

— Ladrão! Me põe no chão!

— Trabalhe com esperteza, não esforço, querida. — Riu enquanto eu chutava e tentava me libertar dele.

Tinha caído certinho na armadilha dele.

Quando chegamos ao nosso quarto, ele me carregou e jogou no meio da cama.

— Agora que a mereço, por que não te ajudo a sair desse vestido bonito? — falou ao engatinhar para cima de mim.

Não resisti. Não queria.



Declan

Passei a noite pensando em um jeito de tirar ela dessa. Mas não consegui nada. A observei amarrar as botas enquanto colocava o relógio no pulso. Não queria fazer isso com ela. Não estava pronta. Não era um jogo. Nenhum de nós era espião. Se ela fosse pega, seria o fim. Nossas vidas estariam sob vigilância, a fachada cairia. Só não parecia valer a pena. Tinha resolvido quase tudo com Fedel, só precisávamos de alguém que se parecia com a agente e, infelizmente, essa pessoa era Coraline.

Poderiam ser gêmeas, com a exceção do cabelo. O que piorava é que não tinha tido chance de lhe preparar. Me sentia como se estivéssemos brincando de batata quente com uma granada de pino solto. Não importava quem pegasse, alguém ia explodir.

— Posso sentir seu olhar furando minhas costas — falou enquanto colocava o celular no bolso de trás dos jeans.

— Tem certeza?

— Se perguntar mais uma vez, Declan, juro por Deus.

Irritado, peguei o celular do bolso traseiro dela e o joguei na cama.

— Ei...

— Se vai ignorar meu conselho como marido, vai me ouvir como chefe. Quer fazer isso? Tudo bem. Mas introdução aos erros de principiante é levar

um celular —rosnei com raiva. Indo até minha cômoda, peguei um fone e coloquei no ouvido dela. Olhei a roupa que vestia mais uma vez. — Está indo para a Embaixada, Coraline. Vai precisar de uma saia, meia-calça e salto alto, também um blazer.

— Espera, estamos indo agora?

— Sim, agora. — Fiz careta. — Se fosse do meu jeito, poderíamos ir amanhã ou talvez depois. Ela é casada e tem dois filhos, ambos estudam de casa. Pegar a mulher em casa é praticamente impossível. Poderíamos ter pegado ela na comuta diária, mas Mel e Liam, sendo os filhos da puta egoístas que são, querem provar que podem pegar o que quiserem de trás das linhas inimigas. Então sim, será hoje. Porque é o único dia que a agente sai do escritório. Ela passa a noite lá, na maior parte porque está tendo um caso com o chefe. Os guardas não a viram entrar hoje, então pode ir usando credenciais falsas.

Ela segurou meu rosto entre as mãos.

— Respire. Fedel vai estar comigo, e você vai estar no meu ouvido. Vou ficar bem, e se acreditar nisso, *vou* ficar bem.

Colocando a cabeça contra a dela, fiz que sim.

— Bom. Agora, que cor de terno devo usar?

— Uma sem graça, e algo que nunca tenha vestido antes e não se importe de queimar depois.

— Fantástico, sei exatamente qual roupa —disse com um toque de sarcasmo.

Estava tentado a sorrir, mas essa não era a hora.

Enquanto ela ia até o closet, fui até minha mesa e coloquei o segundo fone no meu ouvido.

— Coraline, está me escutando?

— Deus? É você? — A voz dela ressoou pelo fone.

— Muito engraçado.

Ouvi uma batida na porta e já sabia que era Fedel.

— Entre —chamei.

Quando apareceu com seu terno recém passado, joguei o terceiro fone para ele, que pegou com facilidade.

— Tudo pronto?

— Sim, temos duas horas antes de sair. Achou uma mulher em que podemos confiar para entrar? — Fedel perguntou ao colocar o plugue no ouvido.

— Às ordens. — Coraline apareceu com uma cara bem sem graça, em um terno cinza.

— Isso é sério? — Fedel perguntou olhando para mim.

Exatamente o que pensei.

— A próxima pessoa que falar merda vai andar por aí banguela. Estamos entendidos? — ralhou conosco e cruzou os braços.

— Sim, chefe. — Fedel riu enquanto balançava a cabeça.

— Bom. Agora, isso é o suficiente para me passar por ela? — Gesticulou para a roupa.

— Só mais uma coisa. — Fedel pegou um par de óculos pretos de aro grosso. Quando ela os colocou, testei para ver se a câmara estava funcionando.

— Vamos botar esse show de horrores na estrada —murmurei ao me levantar da cadeira.

Que Deus ajude todos nós.

“Não sentir não substitui a realidade. Seus problemas hoje ainda serão seus problemas amanhã.”

— *Larry Michael Dredla*

Liam

Quando entrei no nosso quarto, imediatamente tropecei no sapato da Mel. Me segurando, peguei o salto vermelho e joguei no canto.

— Seu sapato quase me matou — gritei para a porta fechada do banheiro enquanto tentáculos de vapor saíam da fresta inferior.

Ligando a televisão, puxei a gravata e tirei os sapatos.

— Boa noite, eu sou Andrea Salvia, e esta noite trazemos mais informações sobre a investigação do recente fiasco do FBI. Em apenas um mês, cinco agentes federais foram assassinados ou acusados criminalmente. Enquanto isso, o diretor do FBI, Avian Doers, foi avistado na ópera entre o um por cento de D.C.

— Parece que o público finalmente entendeu — gritei ao ficar de pé para tirar a camisa.

Ouvi o silêncio e parei quando não gritou uma resposta. Sempre gritava de volta, e nove de dez vezes era com um convite para me juntar a ela.

— Mel? — Fui até a porta.

Nenhuma resposta.

— Mel. — Abri a porta e congelei assim que entrei. Estava no chuveiro, completamente vestida, enquanto a água caía sobre ela. Correndo até lá, desliguei o chuveiro, agradecendo a Deus por não estar escaldante, mas ela continuou lá, sem se mexer.

— Mel! — Gritei bem na cara dela enquanto a chacoalhava.

Piscou algumas vezes e limpou a água do rosto antes de me olhar confusa.

— O que está fazendo? — me perguntou.

— O que estou fazendo? — Tentei não gritar. — O que diabos está fazendo? Está totalmente vestida e debaixo do chuveiro.

Olhou para si mesma sem expressão, depois foi tirar o vestido preto e a lingerie antes de se desviar de mim. Pegando uma das toalhas brancas para o corpo e uma menor para o cabelo, saiu do banheiro sem falar nada.

— Estou bem, Liam — falou quando a segui.

— Lorota. O que aconteceu?

Não falou enquanto secava o cabelo.

— Melody.

— Pode parar de dizer meu nome como se eu fosse uma criança?

— Vou fazer isso assim que parar de agir como uma.

— Eu disse que estou bem! — gritou comigo.

— E eu disse que é lorota! — Gritei ao estender os braços para ela, mas se afastou. — Alguém que está *bem* não fica de roupa no chuveiro e se esquece

do mundo.

— Grite mais alto, Liam, ainda não te ouviram na porra da periferia! — cortou, foi pisando duro até o closet e bateu a porta atrás de si.

Com um suspiro, fui até a porta e me encostei no batente. Mexi na maçaneta, tentando abrir, mas ela devia estar segurando.

— Esposa, abra a porta e me deixa entrar. Esse não é o tipo de briga que gosto de ter com você — sussurrei.

— Liam, estou bem.

— Toda vez que diz que está bem, fico mais puto ainda porque sei que está mentindo. Achei que tínhamos parado com isso. Achei que fôssemos parceiros; que você iria...

Ela abriu a porta e me olhou com raiva.

— Não tente fazer com que eu me sinta culpada.

— Estou tentando ser honesto com você.

— Liam. — Deu um suspiro profundo ao dar as costas para mim e pegar uma lingerie limpa. — Eu tive um momento.

— Um momento? — perguntei devagar, esperando que continuasse.

— Sim, Liam, um momento! Muita coisa aconteceu e eu não conseguia respirar, tudo bem. Às vezes eu sinto como se... — Parou antes de se virar para mim. Vestida só de lingerie, apoiou as mãos no quadril, mas não me olhou. Em vez disso, olhou para as luzes embutidas acima enquanto mordida o lábio inferior.

— Às vezes sente como se o quê? — sussurrei e dei um passo à frente.

— Como se ainda estivesse fugindo pela Europa, ainda lutando pela minha vida. Acordo às vezes e preciso me sentar e me segurar. Outras vezes eu me lembro de coisas e minha pele queima, parece que minhas veias foram incendiadas, e eu preciso me resfriar — confessou. Fiquei sem saber o que falar.

Como diabos não tinha visto isso? Ela ainda estava sofrendo, caralho? Jesus Cristo.

— Mel...

— Não olhe assim para mim, estou lidando com isso. Só preciso de tempo, ok? Nunca tinha me pegado no flagra antes e estão ficando menos frequentes. Só acontece quando estou estressada.

Enrolando meus braços nela, a segurei contra mim.

— Não preciso de um abraço.

— Mel, cale a boca e fique aqui comigo.

— Liam...

— Ainda está falando.

Com um suspiro, ficou no meu abraço, tensa e irritada, mas logo seu corpo relaxou e ela deitou a cabeça no meu peito. Alguns momentos depois, colocou os braços ao meu redor.

— Devia ter me contado, Mel.

— Não tinha nada que pudesse fazer — cochichou.

— Posso ajudar. Por que é tão difícil deixar alguém estar lá para você? — Era sempre o mesmo problema.

— Estou tentando, Liam. Não faz ideia do quanto isso é difícil. Sempre fui sozinha, vou precisar de tempo, mas não pode me tratar diferente ou ter pena de mim. — Se afastou. — Ainda posso fazer meu trabalho, e isso inclui ver nosso filho antes de sairmos.

A soltei enquanto ela pegava uma calça e uma das minhas camisetas escuras.

— O que estamos planejando?

— Essa noite, vamos perseguir o Avian. — Vestiu as botas antes de puxar não uma, mas duas armas, e as jogar para mim.

— Perseguir ou matar? — Eu gostava das duas opções.

— Por enquanto, perseguir. Vamos à Casa Branca amanhã e tenho certeza de que ele vai tentar nos matar de novo. Troque os sapatos, talvez precise correr — exigiu.

— Não temos homens para isso?

— Não prefere garantir que seja feito da forma certa? Ou está acima disso tudo agora, sr. Callahan?

Revirando os olhos, verifiquei a câmara da arma.

— Lembra quando a gente só lidava com drogas? Sinto falta desse tempo.

— Podemos voltar a isso assim que matarmos meu querido avô. Mas até lá, fazemos o que for necessário, mesmo que isso signifique pular de um prédio para o outro.

— Por que diabos pularíamos de um prédio para o outro?

Ela sorriu.

— Apenas pense nisso como a minha versão de um encontro.

— Está gostando disso? — Mas que cacete de inferno?

— Costumava fazer isso para o meu pai. Como acha que roubei aquele diamante vermelho quando tinha dezoito anos?

Meu cérebro precisou fazer hora extra para entender a lógica dela.

— Então o que está dizendo é que se nossos encontros fossem mais Missão Impossível e menos luz de velas, não reclamaria tanto?

A sobranceira dela tremeu.

— Vou ver o Ethan, se arrume.

— Sim, senhora, gostaria que eu rolasse também? — Estava começando a gostar de perturbar a paciência dela.

— Perché non basta giocare morti, cuzão. — Brigou.

— Por que eu não me finjo de morto? *Ora che non è cosa piacevole dolce.*

Ela me olhou completamente surpresa quando sorri.

— Cinco meses no xilindró, tive tempo mais do que suficiente para aprender sua língua.

— Primeiramente, — disse um pouco sedutora demais — nunca diga xilindró. Segundo, você disse “agora, isso não é gentil, *coisinha açucar*”, mas boa tentativa.

Ela piscou antes de se virar e ir embora.

Putá merda, eu a amava.

Eram momentos como esse que faziam todo o resto valer a pena.



Melody

Respirei fundo ao sair do nosso quarto. Estava dividida entre ficar feliz pelo esforço que ele tinha feito e me estapear por permitir que se preocupasse. Nunca quis que me visse daquele jeito. Não sei o que aconteceu, uma hora estava tudo bem, estava verificando os planos para hoje, e na outra, estava no chuveiro. Não tinha mentido, nas últimas semanas esses momentos tinham praticamente desaparecido. Só precisava ficar com ele e Ethan. Quando estava, o resto do mundo parecia sumir... estava me sentindo tão diferente, e sinceramente, gostava disso.

Avancei pelo corredor em direção à porta dos fundos, Evelyn havia levado Ethan para ver as estrelas. O quintal todo era cercado de sebes altas para bloquear qualquer linha de visão da área.

Tinham achado que éramos malucos por tampar a vista da cidade quando mandamos plantar as sebes. Mas meu instinto me dizia para tomar cuidado com franco-atiradores. Todas as roupas de Ethan, incluindo as boinas, eram feitas sob medida com Kevlar. Se pudesse, teria lhe colocado em um quarto do pânico até que tudo isso acabasse.

Quando isso acabasse, precisava passar mais tempo com ele.

Chegando ao fundo da casa, parei antes das portas de vidro onde Olivia estava parada. Os braços dela estavam cruzados e seu rosto não tinha expressão enquanto encarava Ethan nos braços de Evelyn. Estava usando um vestido longo que tinha uma abertura até a coxa, e saltos brancos. De onde eu estava, nem parecia respirar. Era assombroso, de um jeito estranho.

— Posso ajudar com alguma coisa? — perguntei ao parar do lado dela.

Não disse nada por um momento enquanto secava uma só lágrima.

Que triste.

— Eu fui boa para ele — sussurrou sem me olhar. — Enquanto estava fora, garanti que não sentisse falta de nada. Me sentei ao lado dele, li para ele dormir, chorei quando teve a infecção no ouvido. Estava lá e então você voltou e fez o que sempre faz. Me tratou como um pedaço de merda. Por quê?

— Finalmente, olhou na minha direção. — Por que me odeia tanto?

— Porque é uma mentirosa, Olivia. — Dei um passo na direção dela. — Quer coisas que não são suas. É uma criança mimada. No início, achei que o problema fosse sua moralidade. Você fala e fala sobre o quanto Liam e eu somos horríveis. O quanto essa família é horrível. Quase me fez acreditar que não queria essa vida. Se fosse esse o caso, acho que quase poderia ter te respeitado com o tempo. Mas infelizmente, não é.

De novo, dei um passo na direção dela e ela se encolheu, mas não recuou.

— Em vez disso, Olivia, toda vez que me disse o quanto eu era ruim, estava tentando se convencer de que não queria ser eu. Por algum motivo,

consegue aceitar homens no controle, mas tem que superar todas as mulheres da sua vida. É o motivo de tentar manter Coraline um nível abaixo de você, e porque se aproximou da Evelyn. Chuto que seja o estupro, eles te quebraram e assim escolheu não se consertar. Em vez disso, se casou para entrar em uma família grande e poderosa e se escondeu atrás do Neal. Achou que isso fosse força. Mas aí entrei na sua vida e estilhacei o seu mundinho patético. Tentei te deixar mais forte, te ajudei a conseguir vingança, mas se ressentiu por isso, não porque não gostou, mas porque *eu* te dei esse poder. Eu tenho o filho, eu tenho a família, e eu tenho o poder. Meu ódio por você é uma consequência direta do seu desejo pelo que é meu, até esses sapatos — falei e aponte para os sapatos brancos que ela usava. — Você começou uma guerra. Então não chore por estar perdendo.

— Você é maluca. — Balançou a cabeça enquanto seus lábios rosados tremiam.

— Olivia. Doce Olivia — falei ao colocar a mão em sua bochecha. — Você ainda não viu nada.

Saindo de perto dela, saí na varanda. Ethan riu e tentou me alcançar assim que me viu. O peguei do colo de Evelyn e girei.

— Ethan! — ri. E nós dois rimos quando o puxei para meu peito. Beije o rosto dele enquanto ele dava tapinhas no meu.

— Me lembro vagamente de uma mulher me dizendo que não sabia como ser mãe — Evelyn riu enquanto me estudava.

Olhei para Ethan, que chupava feliz sua chupeta enquanto olhava para mim.

— Não faço *ideia* do que ela está falando — disse para ele.

— Claro que não — Evelyn concordou, e seu olhar suavizou ao nos observar. — Você me lembra de mim quando tive Neal.

— Isso é bom? — Conhecendo Neal, poderia ser interpretado das duas formas.

— Sim, é. Vão sair hoje?

Fiz que sim com a cabeça, sem querer soltar Ethan.

— Isso vai acabar logo e volto para te colocar na cama — cochichei no ouvido dele. Liam saiu enquanto eu falava, vestido de forma meio casual e com sapatos mais apropriados. Veio até nós e Ethan rolou nos meus braços, tentando agarrar o pai.

— Bem, estou vendo quem é seu favorito — falei e fiz careta ao entregá-lo para Liam. Nem um segundo depois, estava puxando o cabelo do pai.

— Bom te ver também. — Liam se encolheu e estendeu a mão para tirar as mãozinhas de Ethan do seu cabelo.

— Vão sair com Neal e Olivia? — Sedric perguntou quando se juntou a nós.

— Não sabia que eles estavam saindo — falei ao olhar para Liam, que concordou enquanto Ethan dava tapinhas na boca dele.

— Aparentemente hoje é noite de encontro — Liam informou.

— Noite de encontro?

— Não pode ser só sangue e entranhas o tempo todo. Assim que tudo acabar, Sedric e eu vamos voltar para a Irlanda por um tempo — Evelyn disse com um sorriso enquanto Sedric beijava sua bochecha.

— Um bom tempo — ele completou.

— Antes de darmos a volta olímpica, vamos ganhar a guerra — Liam respondeu e colocou Ethan no colo deles. Estendeu as mãos para nós de novo e as beijei em despedida.

— Se cuidem — Evelyn disse.

Acenando, os deixamos e fomos em direção a garagem, onde Liam tinha deixado um velho Ford Mustang 1963 à espera. Parecia tão deslocado estacionado atrás da mansão.

— Isso é novidade — falei e passei as mãos pela pintura azul escura.

— É sim — respondeu, se sentando no banco do motorista. Saiu assim que entrei, sem nem me dar a chance de pôr o cinto.

— Qual o problema? — perguntei, me inclinando para trás.

Ele pegou o celular.

— Dê o play.

Pegando o aparelho, escutei.

— Alô, Neal?

— Coraline...

— Neal, qual o problema?

— Tudo, Cora.

Não sabia bem se queria rir ou jogar o telefone pela maldita janela depois que terminei de ouvir a conversa. Olhando para Liam, a mandíbula dele estava tensa e agarrava o volante com tanta força que os nós dos dedos estavam brancos.

— *Is é mo dheartháir amadán.* — (Meu irmão é um idiota.) Ele latiu com raiva.

— Ele escolheu ser leal — falei e ele riu.

— De que serve lealdade quando é fraco, não pensa, e um arrombado pé no saco? Estive tentando entender por que ele achou que era uma boa ideia usar nosso aniversário como um teste para Olivia. A estupidez dele quase custou a porra das nossas vidas mais uma vez. E Coraline, quem deu a ela o direito de esconder isso de nós? Desde quando sequer têm o direito de pensarem por si mesmos, caralho? Eles esperam as *nossas* ordens e agem quando *nós* queremos, não quando querem. É como se fossem crianças!

Ele parou no sinal e apertou os cantos dos olhos antes de respirar fundo.

— Está irritado por eles agirem sozinhos, ou está puto porque estragaram nosso aniversário? — perguntei.

Olhou para mim e franziu a testa.

— Sabe quanto tempo levei para planejar tudo?

— Então é o aniversário.

— Por que não está fula com isso?

— Porque se parasse de gritar comigo por um minuto, veria que isso funciona a nosso favor. Neal, por mais idiota que seja, ainda escolheu a família e não Olivia. Agora temos confirmação de que Olivia está contra nós, ainda que fosse difícil negar isso antes. Se deixarmos Neal nos dar mais informação, agora podemos foder a vida do Avian.

— Acha mesmo que ele dá conta disso? — murmurou. — Olivia está segurando as bolas dele há anos.

— Só o tempo vai dizer, mas no momento temos nossa prova. Quanto a Coraline, ela me chocou.

Ele riu e balançou a cabeça na minha direção.

— Alguém conseguiu deixar a Mel Sangrenta chocada?

Revirando os olhos, coloquei os pés no painel.

— Sim, talvez tenha um plano para ela depois.

— Gostaria de compartilhar?

— Não. Agora, sabe aonde estamos indo? — perguntei ao olhar pela janela. Era como se estivesse dirigindo só por dirigir.

Me olhou com raiva e esperei um momento antes de pegar o celular e abrir o mapa.



Liam

Três horas depois e eu só tinha conseguido me acalmar um pouco. Agora estávamos à vista da cobertura de Avian. Mas não conseguia parar de pensar no Neal. Queria pegar ele pelo pescoço e afundar a porra da cara dele. Eu tinha dezoito anos quando meu pai falou que eu, não Neal, iria assumir os negócios depois dele. Quando perguntei por que, disse que um dia eu entenderia. Sempre tinha achado que era porque eu era o favorito, mas agora entendia. Neal era literalmente incompetente. Já podia me ver passando o resto da vida limpando as bagunças que causava com sua idiotice absoluta. Parte de mim quase desejava que tivesse me traído só para poder o matar e acabar logo com isso... mas uma parte pequena.

Mas ele escolheu a família. Ele é leal.

Isso compensava por muita coisa. Quase tudo.

— Conte seis agentes — Mel sussurrou ao olhar pela mira do fuzil de franco-atirador.

Olhando pelos binóculos, o apartamento na cobertura de Avian ficava em plena vista do arranha-céu que tínhamos invadido. Podíamos ver tudo dentro da casa em estilo italiano. A cobertura toda era cercada por janelas enormes abertas. Era como se estivesse nos desafiando a tentar.

— O vidro tem quase sete milímetros de espessura, e não tenho dúvidas de que é à prova de balas. — Adicionou, ainda agachada. Até onde sabia, não íamos matar ninguém hoje, mas ela insistia em desperdiçar nosso tempo com isso.

Quando não respondi, me examinou com cuidado.

— Acha que isso é uma perda de tempo — declarou.

— Se não vamos matar o cara, não vejo motivo para ficar assistindo ele fazer palavras cruzadas a noite toda. — Era só o que ele fazia; ficava sentado com seu robe de seda e terminava palavras cruzadas em jornais velhos. De vez em quando ia até a janela para fumar um charuto, depois para a porra da próxima palavra cruzada. Se estava tentando me deixar maluco, estava funcionando para caralho.

Ela soltou o fuzil, e parecia que estava tentando pensar em um jeito gentil de me xingar.

— Liam — falou com gentileza, e eu queria rir, mas em vez disso dei um sorriso malicioso enquanto me sentava contra a parede ao lado das janelas.

— Nada de bancar a “doce esposa” comigo agora. Pode falar, eu aguento — desafiei.

A sobranceira dela teve um espasmo.

— Estou trabalhando para ser mais gentil com você, mas é um pé na porra do meu saco às vezes, Callahan. Por que caralhos é tão difícil para você se sentar, calar a boca e só...

— Essa é a minha Mel. Pensei que tinha se afogado em um tonel de arco-íris e pó de pirlimpimpim.

A cara que ela fez e o fato de que a mão dela agora estremecia na direção da arma me fez sorrir. Como se eu já não tivesse cicatrizes o suficiente dos tiros dela.

— Gosta de me irritar?

— No começo, suas mudanças de humor me deixavam maluco, agora eu meio que acho um tesão.

Isso resolveu, ela sacou a arma e apontou para a minha cabeça.

Dei um sorriso.

— Guarde isso aí antes que se machuque, amor.

As mãos dela se fecharam em punhos apertados e esperei pelo baque, mas ela parou, abaixou a arma e balançou a cabeça para mim.

— Seu filho da puta. Está tentando se entreter porque está entediado. Se brigarmos, vai acabar me fodendo no chão.

— Com certeza não estou tão desesperado assim — menti e ela sabia.

Deu um suspiro alto.

— Ele está nos observando há anos, Liam. Sabe quando dormimos, quando comemos, nos viu brigar e sabe Deus o que mais. O homem esteve basicamente vivendo na nossa casa e não vimos isso. Sim, sei que não é seu forte, e se quiser, posso fazer isso sozinha. Mas quando disse que estava de saco cheio desse arrombado, falei sério. Vou ser melhor no jogo dele. Ele entrou na minha cabeça, mas vou entrar na alma dele. Quero saber o que ele faz e quando faz, mesmo que isso signifique que estarei aqui toda noite. Serei a maldita sombra dele. Não tem o direito de dormir tranquilo à noite. Fodeu a nossa família e eu vou foder o legado dele, a vida dele.

Olhou pela mira de novo e o observou mais uma vez. Me levantando, olhei pela janela, encarando o homem que mais uma vez fumava um charuto. A

fumaça saía da boca dele em anéis. Parecia perdido em pensamentos profundos, e talvez fosse assim que ele pensasse em todas as suas ideias doentias de como nos matar. Um agente estava de pé bem na frente de Adrian na sacada, observando os arredores de todos os ângulos vestido em um colete à prova de balas.

Me pergunto se eles sabem que tipo de homem estão protegendo.

Pelo menos com nossos homens, eles sabiam quem nós éramos e o que fazíamos. Avian era um tipo diferente de monstro.

— Mate o agente — exige.

— Ele vai saber.

— Eu *quero* que saiba. Quero que sinta o cerco se fechando. Mate o agente.

Ela puxou o gatilho, e acertou entre os olhos do agente; o homem caiu contra o vidro antes de escorregar para o chão. Avian, ainda em segurança do lado de dentro, soltou mais uma lufada de fumaça. Deu um tapinha na bala presa na janela antes de olhar em volta, escaneando os prédios. Não pareceu afetado pela morte do agente; contudo, os outros agentes ao redor correram.

Mel desmontou o fuzil em segundos.

— É a nossa deixa para sair. Dou uma hora antes que comecem a verificar todos esses prédios.

— O tiro ouvido no mundo todo — falei enquanto olhava para a casa de Avian. — Quero saber para onde ele vai agora.

— Olha só quem se juntou à festa — Mel comentou parada na porta esperando que a seguisse.

Mal podia esperar para apertar a mão de Adrian amanhã quando fôssemos à Casa Branca.

“Um mentiroso sabe que é um mentiroso, mas alguém que fala partes da verdade para enganar é um artífice da destruição.”

— *Criss Jami*

Coraline

Quando andei na direção da recepção, mantive a cabeça erguida e tentei negar o fato de que meu coração batia loucamente. Tanto que eu podia lhe sentir pulsando nos meus tímpanos. Mas não podia falhar agora. Teria que segurar o pânico que ameaçava surgir. Pegando o distintivo falsificado, o segurei sobre o scanner e dei um suspiro de alívio quando não fui derrubada por um segurança de cento e poucos quilos.

— Polegar —o guarda exigiu, sem nem olhar para mim, o que realmente era uma pena, tinha me esforçado bastante para fazer isso.

— Está tudo bem, Coraline —Declan falou no meu ouvido.

Coloquei o dedo no visor verde, me sentindo melhor com a reafirmação de Declan.

— Obrigado. Tenha um bom dia —o guarda murmurou quando passei pelo resto das medidas de segurança do lugar.

— Vão fazer uma revista corporal. Não faça contato visual, só passe como se fosse rotina —Declan orientou.

Não respondi, em vez disso, tentei seguir as instruções enquanto colocava a bolsa na esteira. Me lembrava da verificação de segurança em aeroportos — uma máquina de raio x, um detector de metais, e uma fila de rostos estoicos aguardando sua vez. Do outro lado do detector, peguei a bolsa e fui na direção dos elevadores. Entrei sem dizer uma palavra e segurei a bolsa com força enquanto os outros ocupantes abriam espaço para o zelador entrar. Escorreguei a bolsa do ombro e abri sem chamar atenção para mim. Pela visão periférica, observei enquanto o zelador deslizava uma arma para dentro e saía em silêncio no próximo andar.

— Fedel vai te encontrar no último andar —a voz de Declan avisou pelo fone imperceptível.

De novo, não respondi. Em vez disso, examinei o painel de números à minha frente; havia dezesseis andares que podiam ser acessados pelo elevador e eu só estava no quarto.

No décimo, falou de novo.

— Coraline, saia do elevador no próximo andar. Estou olhando as câmeras e tem guardas por toda parte. Vamos ter que abortar isso.

Olhei ao meu redor e vi que só restava um homem, um homem que ficava me olhando estranho. Encontrou meu olhar e não desviou.

— Qual andar?

— Não responda —Declan disse.

— Qual andar? — perguntou um pouco mais brusco e colocou a mão para

trás.

Merda.

— Coraline, saia quando as portas abrirem.

— Estamos em propriedade federal. É fora dos limites para civis. Não pode subir além do nono andar — declarou.

— Coraline! — Declan gritou.

Tirei meu fone e olhei para ele.

— Perdão, estava falando comigo?

— Quem é você?

— Com licença — ralhei. — Não é da sua conta quem eu sou, agente Morgan. Não me reporto a você, estamos entendidos?

Ele congelou e me encarou com algo que parecia choque.

— E... Eu...

— Você desce aqui — falei quando as portas se abriram.

Ele parecia confuso ao sair.

— Agente Morgan, — chamei — se quer avançar nessa carreira, seria bom lembrar do seu lugar e daqueles de patente mais alta.

Mostrei o distintivo falso enquanto as portas fechavam. Quando me esconderam, respirei fundo e me encostei na parede.

— Como diabos sabia o que dizer? — Declan perguntou quando coloquei o fone de volta.

— Vi o celular dele enquanto checava o e-mail, tinha informação da patente e status dele. E como Mel sempre diz, “se exigir respeito, vai conseguir.” — Tinha certeza de que Mel não teria congelado nem por um segundo.

Declan ficou quieto, e quando as portas se abriram novamente, saí para o décimo sexto andar.

— Fedel já deve estar aí — falou bem quando Fedel saiu de outro elevador, vestindo um terno. Aparentemente tinha decidido largar o disfarce de zelador para essa fase do plano.

— Está pronta? — perguntou.

— Você está? — respondi antes de tirar a arma da bolsa.

Acenando, passamos pelas portas de vidro. O andar todo era cheio de drives de computador e outros dispositivos eletrônicos que cobriam a área. O único escritório nos fundos chamava atenção e indicava nosso destino.

— Não a mate — Declan informou.

Fedel ficou ao meu lado enquanto eu passava o distintivo pela fechadura eletrônica. O quarto cheirava a sexo e perfume velho. Quando avançamos, a atenção da agente, a mesma que eu estava copiando, saltou do homem que ela estava fodendo para nós.



Neal

— Estou muito feliz que fizemos isso — Olivia falou e colocou a mão sobre a minha.

Forçando um sorriso, fiz que sim.

— Precisávamos de uma boa noite fora.

— Onde encontrou esse restaurante? — Olhou pela janela de onde podia ver a capital.

— Liam e Mel acabaram de comprar. Acho que estão planejando transformar o lugar no próximo quartel deles ou alguma merda desse tipo. Vão se encontrar aqui depois da noite na Casa Branca —menti enquanto bebericava meu conhaque.

Ela franziu a testa por um momento, depois sorriu.

— Devia ter adivinhado pela decoração, é bem *Mel*.

— Vocês duas nunca vão se dar bem, não é? — Lutei bastante para não revirar os olhos.

Ela riu antes de beber o tinto.

— Como alguém poderia se dar bem com a *Mel Birrenta*? É a pessoa mais convencida e grosseira que já conheci. Só liga para si mesma. Tenho pena do Liam.

— Liam é um cuzão, ele a merece. Um dia — parei.

Ela sorriu.

— Um dia o quê?

— Nada. Ele só me irrita. Carma é uma merda, e todo mundo recebe o que merece um dia.

— Antes ele do que você.

— Pode-se dizer que sim —ri. — Mas sinceramente acho que Avian pode chegar primeiro que eles – nós. Está fodendo gente como nós há sabe Deus quanto tempo. Ele vê os planos deles a quilômetros de distância.

— A vaidade e o orgulho vai ser o fim deles, Neal —sussurrou e apertou minha mão. — Nós podemos nos salvar, devíamos ir embora. Depois que tudo isso acabar, podemos voltar e continuar de onde paramos.

— Olivia, não seja ridícula, Avian está vindo atrás de todos nós. Não abandonamos a família.

— Então eles mandam todos nós para a morte e devemos só aceitar isso? — cortou.

— O que gostaria que eu fizesse, Olivia? — Franzi a testa.

Ela me olhou com raiva e ficou de pé.

— Às vezes nem sei por que ainda tento. Já volto.

Gesticulei para o garçom trazer a conta enquanto pegava o celular. Olivia não estava ciente que eu sabia dos dois telefones, nem estava ciente que eu tinha grampeado os dois enquanto dormia. Colocando o aparelho contra a orelha, ouvi a conversa dela.

— Quero ouvir o acordo de novo.

— Não estou no clima para joguinhos, Olivia —um homem mais velho respondeu.

— Não é a porra de um jogo, Avian, é a minha vida. Queria informação e eu tenho isso, mas preciso saber que não estou martelando a porra dos pregos

do meu próprio caixão.

— Sou um homem de palavra. Jurei que você, seu marido, e o pequenino vão sair ilesos. Não gosto de ter que me repetir. Então fale se quiser continuar viva, porque no momento eu sou seu único amigo.

— Mel e Liam compraram um novo restaurante chamado Blue Garden, estão planejando se encontrar aqui depois da noite na Casa Branca. Acho que é alguma coisa grande.

— Você *acha*?

— Não quero pressionar o Neal, todo mundo está um pouco arisco. Mel e Liam ainda acham que tem um rato.

— Eles sabem que é você?

— Não. Sou apenas a burra irritante e invejosa. Não me dão crédito o suficiente.

— Pelo seu bem, deveria ser grata.

Esprei que desligassem antes de fazer o mesmo. Virando meu drinque, desfrutei da descida ardente. Ela ia salvar eu e Ethan? O que deveríamos dizer, obrigado? Obrigado por obliterar toda nossa família, nosso legado? Se ela me conhecesse, saberia que sem minha família podia muito bem, estar morto. Meu pai? Minha mãe? Ela não dava a mínima.

— Amor? — Olivia colocou a mão no meu ombro e me encolhi. — Tudo bem?

— Não, desculpe. Rei Liam precisa de nós em casa.

— Mal posso esperar essa merda acabar. — Bebeu o resto do vinho.

— Eu também — murmurei ao pegar o braço dela.

Você é uma puta, Olivia, uma puta arrombada.

Vinte E Um

“Para existir traição, teria que existir confiança primeiro.”

— *Suzanne Collins*

Liam

— Olha só a mamãe — cochichei para Ethan, o levantando nos joelhos enquanto Mel nadava. Mal podia acompanhar, era como a porra de uma sereia.

— Gabma — Ethan balbuciou e estendeu as mãos para ela.

— Nada de nadar até que aprenda pelo menos a andar — ri, não que ele estivesse prestando muita atenção em mim. Estava tão deslumbrado com ela quanto eu.

Ela disse que nadava para clarear a mente. Só queria saber no *que* estava tentando focar. Em poucas horas, estaríamos na Casa Branca para a cerimônia de premiação dessa tarde, onde Avian sem dúvida estaria.

Havia uma pequena parte de mim que achava melhor só matar ele e acabar logo com isso. Quem ligava se ele recebesse glórias ou a porra de um desfile em sua honra desde que estivesse morto? De alguma forma, sabia que isso não iria acontecer. Avian tinha passado décadas planejando e tramando, e não ficaria surpreso se houvesse algum tipo de contingência caso ele morresse. Precisávamos não só acabar com ele, mas garantir que nossas vidas, nossos negócios, estariam seguros.

— Um trocado pelos seus pensamentos?

Pisquei algumas vezes e encontrei Mel fora da água, secando o rosto com uma toalha branca. Meu olhar seguiu as gotas de água restantes descendo por seu peito antes de erguer os olhos para encontrar os castanhos dela.

— Só um trocado? Pode fazer melhor do que isso, amor — pisquei para ela. Revirou os olhos na minha direção, mas podia ver o sorriso malicioso se espalhando por seu rosto.

— O cloro está começando a te afetar — falou ao se inclinar um pouco para torcer a água do cabelo enquanto fazia barulhinhos para Ethan.

Meus olhos seguiram as linhas do corpo dela e engoli seco.

— Acredite, não é o cloro.

Ela se enrolou na toalha, e eu fiz bico.

— Pode levar ele para dentro? Se não está te afetando, talvez esteja irritando a ele. Não quero que ele fique doido ou algo do tipo.

— Doido de cloro? — Ri ao me levantar da cadeira e puxar Ethan para o peito. — Sério, amor, já ouviu falar de alguém que ficou doido de cloro?

Deu um tapa no meu braço.

— Ei, bebê a bordo. — E para provar meu argumento, Ethan imediatamente reclamou.

— Não faço ideia do que pode ou não deixar bebês doidos. Geralmente não fico na companhia deles, e não quero arriscar, então vá.

Olhei para Ethan enquanto o balançava.

— A mamãe é mandona, você vai se acostumar.

Revirou os olhos e foi na direção da ducha passar uma água no corpo.

Fiquei um pouco surpreso ao ver Neal inclinado contra o sofá segurando uma taça de bourbon e um arquivo.

— Um pouco cedo, não acha? — perguntei.

— Disse o homem que costumava falar que “uma garrafa por dia, mantém uma vida sadia” — respondeu ao tomar outro gole da snifter. Indo até o chiqueirinho do Ethan, o deitei lá dentro antes de entregar seu mordedor favorito.

— O que foi, Neal?

— Olivia foi fazer compras com a mãe, então acho que agora seria o melhor momento para te passar a informação que coletei. — Balançou o arquivo na minha direção.

Indo até ele, peguei o arquivo e o bourbon, virando tudo de uma vez antes de devolver a snifter vazia.

— Imagino que isso seja sobre Olivia? — Mel perguntou ao entrar.

Agora estava vestida com um shorts e uma camiseta básica. Era esquisito a ver tão casual. Ela, assim como eu, raramente usava qualquer coisa básica.

Fiz que sim com a cabeça e folhee os arquivos antes de mostrar o documento com a única coisa que nós dois suspeitamos ser parte do “acordo” dela com Avian. Não podia acreditar que tinha ido tão longe.

— Ela vai morrer — Mel declarou estoica enquanto suas mãos agarravam a pasta com força. Só o tom dela pareceu congelar a sala.

— Eu sei — respondeu.

Ela deu um passo à frente.

— Ela queria *meu filho*, Neal. Ninguém pode a salvar de mim.

Ele acenou.

— Eu sei.

— É melhor não desmoronar, Neal Callahan, ou vou *te sacrificar*. Não quero fazer isso; posso ver um fim para esse problema. Só precisa se manter forte.

Mais uma vez ele me chocou ao se inclinar na direção dela.

— Não sou uma criança, *signorina*. Nunca mais serei colocado nessa situação. Ela volta em meia hora, fique à vontade — murmurou antes de sair.

Observei enquanto ele ia, mas antes que pudesse sair da sala o chamei.

— Neal.

Ele parou antes de se virar na minha direção.

— Pegue o Aston Martin de Declan.

Quando ele saiu, Mel me olhou de canto.

— Não olhe assim para mim — falei. — Tem que jogar um osso para o cachorro de vez em quando, ou ele perde a sanidade. — Declan ficaria puto visto que tinha trabalhado pessoalmente no carro, mas ia superar.

— Tudo bem. Ele é seu irmão. O que mais diz no arquivo?

— Aparentemente que somos donos de um restaurante no centro como fachada para distribuição de cocaína. — Queria rir da ideia e podia ver que ela também.

— Um restaurante como fachada? Claro, talvez se isso fosse *O Poderoso Chefão*. Avian não vai cair nessa. Regra número onze; não cague onde come, tanto figurativa quanto literalmente.

— Obrigado por essa imagem mental —me encolhi. — Contudo, parece que meu irmão colocou a escritura no nosso nome.

— Ele fez o quê?

— Não é real. — Maldita mulher, nunca me deixava terminar. — São falsas, mas prova o suficiente para Avian. Acho que devíamos esperar e ver o que acontece. Iremos vê-lo em algumas horas, e tenho certeza de que ele já tem gente vigiando o lugar. Por que não foder um pouco com ele?

Ela matutou antes de acenar.

— Enquanto isso, acho que eu deveria ter uma *conversinha* com a Olivia.

— Mel...

— Não vou matá-la ainda.

Por que é que eu não acreditava nela?

— Melody, quero ela viva por enquanto, visto que é nossa chave para Avian.

— Eu sei. Estou calma.

Estava qualquer coisa menos calma. Então foi até a cozinha, e por incrível que pareça, começou a lavar a louça.

— Mel, o que está fazendo?

— Lavando a louça.

Nunca em todo nosso tempo juntos eu a tinha visto lavar a porra de um garfo sequer.

— Mel...

— Preciso manter a porra das mãos ocupadas, Liam. Agora pode, por favor, parar de olhar para mim como se eu cagasse unicórnios e *leprechauns*? Que droga!

Isso era para ser ela calma?



Melody

Era errado estar animada assim. Era doentio. Mas não conseguia evitar ser quem era. Observei a maçaneta girar e ouvi o riso delas. Tem um momento logo antes de causar grande dano corporal a alguém, a adrenalina corre pelas suas veias, sua mão tem espasmos, e sua mente parece focar em apenas uma coisa: dor.

Meu pai costumava me dizer que havia tipos diferentes de dor, e uma vez que dominasse todos eles, nada doía. Nunca acreditei nele; dor física jamais parecia envelhecer. Bastava perguntar a qualquer uma das pessoas que machuquei.

Ela entrou, aparentemente nas nuvens, segurando três sacolas da Michael

Kors, uma da Marc Fedels e outra da Christian Louboutin. Os lábios vermelhos se abriam em um sorriso largo enquanto ria aquela risada idiota de loira.

Evelyn estava logo atrás dela.

— Mel, comprei um vestido maravilhoso para você usar hoje à tarde. — Evelyn sorriu ao ir direto até Ethan. — E tenho uma coisa para você também, Doutor.

— Deixa eu adivinhar, uma gravata borboleta —Liam disse para ela, mas não prestei muita atenção enquanto Olivia ia até a cozinha pegar uma garrafa de água com gás. Ela chamou por Neal mas não houve resposta.

— Cadê o Neal?

Assim que ela perguntou, surtei. Libertando toda a raiva que estava segurando, peguei um dos pratos que tinha acabado de lavar e quebrei do lado da cabeça dela. Estilhaçou com o impacto. Quando gritou e cambaleou para a frente, peguei um punhado do seu cabelo, a puxei até a pia e afundei sua cabeça na água suja.

— Mel! Ai meu Deus, Mel, o que está fazendo? — Evelyn gritou.

— Vá, mãe, e leve Ethan junto —Liam falou. Não sabia se ela tinha obedecido ou não, porque estava ocupada demais prendendo os braços agitados de Olivia nas costas.

Puxando a cabeça dela, arfou e chiou em busca de ar enquanto eu segurava seu cabelo com força.

— Não faz ideia de quanto tempo esperei para arrebentar essa sua bunda magrela do caralho. Sua putinha burra, burra mesmo, achou que conseguiria ser mais esperta que nós? Mais esperta que eu? — Antes que pudesse responder, afundei a cabeça dela na água cheia de sabão mais uma vez. Ela gritou e tentou me afastar, mas podia sentir sua força lentamente se esvaindo. — Tudo em mim me diz para te matar, pegar uma faca e te esfolar viva, Olivia, e eu quero fazer isso! Quero tanto fazer isso — falei quando a ergui de novo. — Você nos traiu, mas para ser bem sincera, nunca confiei em você nem para segurar meus sapatos.

— Por favor...

— Está implorando para a pessoa errada, vadia! — Escarneci enquanto afundava a cabeça dela na pia uma terceira vez. Ela gritou, e quando fez isso, a puxei para fora e deixei que tossisse toda a água.

— Estou mesmo tentando não me divertir com isso, mas não consigo evitar.

— NÃO! POR FAVOR! — Implorou quando sua cabeça encontrou a água de novo. Podia ver que começava a perder a consciência. Sua luta se reduziu a nada devagar, e as bolhas de ar praticamente cessaram.

A puxando para fora, a joguei no chão e chutei seu estômago enquanto pegava a maior faca do suporte. Subi nela e apertei a lâmina afiada contra seu pescoço.

— Oi, Olivia —sussurrei apertando a faca ainda mais forte contra a pele

branca. Os olhos dela viraram e dei um tapa em seu rosto para mantê-la acordada. Sangue pingava do lado da cabeça que eu tinha acertado com o prato.

— Melody, o que quer que seja que você...

Aumentei o aperto no cabelo dela, erguendo a cabeça.

— Ajudou Avian, e fez meu marido ir parar na cadeia, tudo na esperança de roubar nossas vidas e nosso filho. Era esse seu acordo, certo? Sua putinha burra, incompetente e ingênua.

— Mel...

— Era esse o acordo, não era?! — Pegando a faca, enfiei na coxa dela.

— MELODY! — Ela gritou e as mãos dispararam em direção à coxa quando puxei a faca para fora.

— Fale a verdade para variar, Olivia. Eu já sei, mas preciso ouvir de você —disse ao apertar a faca sangrenta contra seu pescoço mais uma vez. — FALE!

Lágrimas caíram do rosto dela quando começou a soluçar.

— Não tenho tempo para essa merda —murmurei e puxei a faca para trás.

— E- eu... fui eu —a voz dela rachou. — Eu fiz o acordo. Ele entrou em contato comigo depois que meu pai ganhou a eleição. Me prometeu que eu e Neal iríamos assumir os negócios. Queria vocês fora do jogo, mas ainda precisava do tráfico e isso...

— E o quê? — sibilei.

— Ethan. Prometeu que eu ficaria com Ethan.

— Sua...

— Melody —Liam me impediu de entalhar a cara dela.

— Levante-se —falei quando a soltei.

Não se mexeu.

— Tem cinco segundos começando agora. Cinco... quatro... três... dois — Antes dele chegar ao um, ela ficou de pé, e assim que fez isso, dei um soco na mandíbula dela. Cambaleou para trás, mas eu não parei. Não podia parar. A esmurrei repetidamente, e seu corpo caiu no chão. Eu teria ido mais longe, mas senti os braços de Liam se enrolarem ao meu redor e me puxar para trás.

— A levem embora por enquanto, e garantam que não faça nenhuma *besteira* —ordenou para Monte e Kain.

Eu nem tinha percebido eles entrarem.

Ela estava desacordada, sangue escorria do seu rosto enquanto eu respirava fundo.

— O que aconteceu com a calma? — Liam perguntou de trás de mim.

Me virando para ele, o olhei com raiva.

— Eu estava calma! Ela está viva, não é? Por cinco meses, não pude carregá-lo. Por cinco meses, corri por aí assistindo tudo via cybercafês e celulares enquanto ela o abraçava. Enquanto lia para ele e o colocava para dormir! Enquanto ela era a mãe dele, não eu! Posso aguentar qualquer coisa, menos o Ethan. Ninguém fode com meu filho.

— Vou cuidar dela — declarou ao colocar as mãos do lado do meu rosto, me forçando a olhar para ele e respirar.

Confirmei com a cabeça.

— Mande Monte remendar a porra da cara dela, e dê a merda de um alprazolam. Ela com certeza vai precisar disso para aguentar o resto do dia. Afinal, não queremos que Avian dê falta do fantoche dele. Vou me sentar com Ethan.

Puta que pariu, eu a odiava.

Liam

Erguendo o braço, abri o pote de amoníaco sob seu nariz, a fazendo despertar. Se sentou rápido, e por um momento vi alívio nos olhos dela até que notou os engasga-gatos ao redor dos pulsos. Fez força contra eles como se fossem simplesmente quebrar.

— Vai ficar com marcas se continuar com isso — falei ao enrolar as mangas e me sentar na frente dela.

— Quero falar com o Neal.

— Seus desejos não são mais problema meu.

— Não pode fazer isso! — guinchou para mim. — Sou a filha do presidente! Sou esposa do seu irmão! Não pode fazer isso comigo.

— E ainda assim, aqui estou. O engraçado é que essas duas coisas são o motivo de não estar morta. Ainda.

Os olhos dela ficaram turvos com lágrimas.

— Quero falar com o Neal.

— Neal sabe onde você está, se quisesse conversar, estaria aqui — respondi quando Monte entrou com um saco, um trapo e uma tigela de água.

— Neal sabe que estou aqui? — sussurrou.

— Neal é o motivo de estar aqui, foi ele que nos entregou a prova de que você não é nada além de uma vadia mentirosa e manipuladora. Apesar de Mel e eu já sabermos disso faz um tempo.

Começou a tremer e eu queria revirar a porra dos olhos para todo o drama.

— E-eu... não. Eu... Mas eu... Eu... não entendo. Não! Nada disso faz sentido, não era assim que deveria ser. Não, não entendo, estava tudo bem.

— Só porque se iludiu a ponto de acreditar nisso, não significa que seja verdade. Bem-vinda à realidade, Olivia, vai doer para cacete.

— Liam...

— Não. Não. Não. Para você é sr. Callahan, srta. Coleman. Só a família me chama de Liam, e isso não se aplica mais à sua pessoa.

— Ainda sou a esposa do seu irmão.

— É mesmo? Cadê sua aliança? — A cabeça caiu na direção do dedo vazio. Seu corpo todo se encolheu enquanto soltava um soluço seco.

Segurei a aliança para ela ver.

— Essa é uma herança de família, e mais uma vez, você não é da família. Em vez disso, receberá outro anel para usar quando sair em público. Como

disse, é a filha do presidente, e é nossa conexão com Avian, não podemos simplesmente te matar. Apesar de eu ter certeza de que Mel está pinicando para arrancar a sua cabeça.

Não parecia estar ouvindo nenhuma das palavras que saíam da minha boca, então dei a ela a garrafa de água aos meus pés e duas pílulas. Olhou para elas e depois para mim.

— Acabei de falar que não vou te matar. Seja inteligente, Olivia, vai precisar de força para a cerimônia dessa tarde. Ouvi dizer que vai ter bolo desconstruído de morango, seu *favorito*. — Sorri para ela e esperei que tomasse os comprimidos.

— Não vou ser exibida por aí como...

— De novo, Olivia, não é decisão sua. Talvez não entenda, então vou explicar só dessa vez. Agiu contra essa família. Sempre soube que de alguma forma viria atrás de nós, mas por algum motivo, achei que seria sua moralidade te motivando. Mas não, tentou roubar a coroa e falhou. Falhou para caralho, Olivia, e do pior jeito possível.

“Pode ter conseguido se safar enquanto Mel e eu estávamos fora, mas deveria saber que não duraria muito. Foi descuidada, orgulhosa, e simplesmente ignorante. *Não é boa o suficiente*. Você falhou. E o fracasso tem consequências. Significa que não tem direitos, sonhos ou esperanças. Não é ninguém. Não é nada além de um peão no meu jogo de xadrez. Então quando eu digo que vai se ajeitar; colocar aquele vestido bonito, ir até a Casa Branca, e sorrir ao lado do papai, o presidente, isso significa que não tem escolha. Agora tome a porra dos comprimidos.”

Puxei uma faca e soltei os pulsos dela, permitindo que tomasse os comprimidos e um gole de água para descerem.

— Avian vai saber que algo está errado.

Eu ri.

— Acha que ele é seu amigo? Pela sua vida, é melhor garantir que ele não ache. Você é uma ponta solta. O homem levou a própria filha à beira da insanidade. Um de nós vai te matar, a única diferença é que eu posso prometer que não será jogada em um rio qualquer ou enterrada em uma cova rasa para ser comida por ratos. Ainda pode ser enterrada no túmulo dos Callahan. Então comece a pensar no que quer escrito na sua lápide.

Ela teve um ataque de riso. Riu como se finalmente tivesse perdido o juízo, então esperei com calma, o que só pareceu alimentar a diversão.

— Olha só para o Liam grande e malvado. Até que se saiu bem para alguém que costumava ser enfiado nos armários da escola. Neal costumava me contar as merdas que as pessoas faziam com o “irmãozinho aleijado” dele e sempre achei engraçado. Trabalhou tão duro para se tornar um fodão só porque sofreu bullying e dificultaram sua vida. Ah *que pena*, pobre Liam, coitadinho dele, perdeu a irmã gêmea e a mamãe também não te queria? Ah, Santo Deus, como aguentou isso? — Riu um pouco mais. — Sabe o que é ainda mais engraçado? O fato de que foi de putinha de todos para putinha da

Mel. Você é de dar pena, seu arrombado.

Respirei fundo e me inclinei para frente enquanto a encarava. Tenho que admitir que era algo que tinha aprendido com Mel, e tendia a assustar para cacete.

— O que espera que eu faça? Estufe o peito e diga o quanto sou macho? Talvez se eu fosse um homem mais fraco e menos confiante, ficaria nervoso, mas infelizmente para você, não é o caso.

— Eu...

— Eis a sua segunda lição do dia, e preste atenção porque pode ser que a terceira te mate. Pode me provocar o quanto quiser, *Olivia Coleman*, mas eu não sou a Mel, não vou surtar de raiva e te matar. É fofo que tenha tentado, e sei que preferiria morrer agora e acabar logo com isso. Mas por seus pecados, há uma penitência. Isso também significa que não vai tirar a própria vida. Primeiro, porque se ama demais, e segundo, porque teremos olhos em você o tempo todo. Ninguém usa as calças no meu relacionamento com a Mel, nós dois preferimos ficar pelados. Agora se arrume. Monte vai ficar aqui para garantir que está tudo bem, se precisar de alguma coisa, peça para ele. Talvez não dê, mas pedir não custa nada, certo?

Ficando de pé, desenrolei as mangas enquanto ia até a porta do porão.

— Pode, por favor, chamar o Neal?

Abrindo a porta, me virei na direção dela.

— O que minha esposa te falou sobre essa palavra, srta. Coleman? Por favor é o que se diz para pessoas que se importam. Se não notou ainda, não sou uma delas.

— Fui tão óbvia assim? — sussurrou.

Não a respondi. Monte entrou, e eu saí e permiti que a porta se fechasse enquanto subia as escadas.

Quando cheguei, encontrei meu pai lendo o arquivo. Ele me encarou com olhos de gelo.

— Estou cuidando disso —informei ao atear fogo naquela porcaria e soltar dentro da pia.

— Falou com o Neal?

— Foi Neal quem me trouxe o arquivo.

— Foi? — Parecia chocado.

Olhando para ele, confirmei com a cabeça.

— Foi. Hoje à noite você vai sair com ele. Já aceitou, mas ainda não lidou com isso, e não quero que perca a cabeça depois que ela se for. Afinal, ainda a ama.

— Por quanto tempo planeja mantê-la viva?

Dei de ombros enquanto tirava a aliança dela do bolso e colocava na frente dele no balcão.

— Até que pare de ser útil. Mel e eu já suspeitávamos tem um tempo, e tudo aconteceu depressa. Tenho certeza de que Olivia ficou tão chocada quanto nós. Uma hora ela está fazendo compras, na outra é uma prisioneira.

— A realidade é uma puta — falou com um sorriso.

Eis aí de onde aprendi.

Me perguntei se eu e Ethan algum dia teríamos uma conversa desse tipo.

— Arrume seu smoking, pai. Seu filho vai receber um prêmio.

Ele riu baixinho quando dei tapinhas em seu ombro antes de ir para o meu quarto me arrumar.

Ao entrar, congelei, Mel estava sentada no pé da cama passando creme nas pernas. Só estava vestindo outra maldita toalha. Trancando a porta, a observei.

— Como foi?

Não podia deixar que terminasse. Em vez disso, a puxei para que ficasse de pé e a beijei com força enquanto desenrolava a toalha e a derrubava no chão. Agarrei a bunda dela enquanto me apertava contra ela, e logo nossas línguas estavam em guerra.

— De quatro —exigi quando nos separamos.

Os olhos dela perderam o foco e um sorriso cortou seu rosto enquanto obedecia. Encarei a bunda dela por um momento, minhas mãos espasmando. Podia ver os músculos dela se tensionando; ela sabia o que estava por vir.

PAF.

A bunda dela tremeu e deixei um carimbo vermelho da minha mão. Ela estremeceu quando dei mais quatro tapas naquela traseira durinha.

— Ahh! — gemeu alto e seu corpo começou a sacudir. Podia ver o quanto me desejava, e queria que soubesse que o sentimento era recíproco. Estava tão duro que parecia que ia arrebentar minha calça. Não consegui aguentar mais, tirei tudo rápido, sem dar a mínima para o zíper quebrado.

Beijei a bunda dela enquanto subia sua espinha. Então, me apertei atrás dela, peguei os seios nas mãos e coloquei nós dois de joelhos na cama.

— Liam — gemeu de novo quando puxei um mamilo e deixei a outra mão viajar descendo o estômago dela.

— Quando foi a última vez que fizemos isso? — sussurrei no ouvido dela com uma mordida leve.

Suas mãos encontraram o caminho até meu cabelo.

— Dois dias atrás.

— Dois dias? Está fazendo corpo mole, esposa. — Puxei o cabelo dela para trás e segurei sua boceta ao mesmo tempo.

Os lábios dela se separaram enquanto se movia com minha mão.

— Estive ocupada, marido.

Sorri e ela mordeu o lábio quando um dos meus dedos entrou nela.

— Nunca deveria estar ocupada demais para isso.

— Porra. — Ela gemeu. E enquanto eu acelerava o ritmo, ela balançava contra minha mão e eu puxava seu cabelo para a manter equilibrada. Estava à minha mercê, e seus olhos rolaram para trás quando gozou nos meus dedos. Puxando-os para fora, os segurei contra os lábios dela.

— Sinta seu gosto.

Foi o que fez e eu gemi quando sua língua macia e rosada limpou meus

dedos. Quando os colocou na boca e começou a chupar gentilmente e passar a língua por toda sua extensão, gemi mais uma vez e a soltei.

— Está brincando comigo, esposa — sussurrei.

Deu um sorriso, me segurou e começou a bater uma para mim.

— *Agora* estou brincando com você.

Agarrando o pulso dela, a parei. Precisei de toda minha força interior, mas parei.

— Não — gemi de novo ao segurar os lábios dela com os meus. Merda, como era doce.

Se inclinando para trás, ela se deitou de costas e fez o caminho de seus lábios até o pescoço com beijos.

Enrolou as pernas na minha cintura. Podia sentir suas unhas correndo pelas minhas costas, e quando tomei um mamilo na boca, a observei. Suas costas formavam um arco, os olhos fechados. Me esfreguei na entrada dela.

— Liam... merda, Liam, preciso de você.

— Então me terá — cochichei no ouvido dela antes de meter com tudo.

— Porra!

Agarrando os braços dela, os preendi acima da sua cabeça com uma mão e levantei a coxa com a outra.

— Liam.

A ver implorar a cada estocada me deu a força de vontade necessária para esperar em vez de só me jogar contra ela repetidamente.

— Abra os olhos.

Ela obedeceu e eu olhei fundo neles, observando o prazer a consumir. Tinha um limite do quanto disso poderia aguentar.

Bem na deixa, se libertou da minha mão e me puxou para seus lábios.

— Mel — gemi em sua boca.

Tirando vantagem disso, ela nos virou, montou na minha cintura e colocou as mãos no meu peito. Depois se ergueu antes de descer com tudo.

— Puta que pariu, amor — arfei.

Deu um sorriso malicioso, mas não parou quando minhas mãos foram para seus quadris e a seguraram no lugar. Ela me cavalgou rápido e forte, de jeito nenhum ia conseguir aguentar muito mais tempo. Minhas mãos viajaram no corpo dela e cobriram seus seios. Me sentando, beijei e mordi os dois.

Quando ela reduziu o ritmo, nos virei mais uma vez, e segurei as coxas dela nas mãos antes de a foder ainda mais forte.

— Liam. Porra. Ahh! — A voz dela falhou.

Beijei o pescoço dela quando gozou; e momentos depois a segui em minha própria onda de prazer.

— Porra, eu te amo. — Respirei fundo e caí do lado dela.

Passou as mãos pelo cabelo, e respirou fundo por um tempo antes de se sentar. Se inclinando, me beijou profundamente e nos encaramos. Sorri antes dela se afastar.

— Eu também te amo.

Nunca me cansava de ouvir isso.

Vinte E Dois

“Para se tornar o mestre, o político posa como servo.”

— *Charles de Gaulle*

Melody

— Senhoras e senhores, hoje estou à frente de vocês com humildade, espanto e orgulho —o presidente disse atrás do pódio ao levantar a mão e gesticular na direção de Liam e eu. — E é graças a esse homem e essa mulher. Ao longo dos anos, cidadãos e estrangeiros me perguntaram “*O que significa ser americano? Pelo que o senhor luta? O quão longe está disposto a ir?*” A resposta para essas perguntas está nessa sala.

— Ele está pegando pesado —Liam cochichou.

Mantive a cara séria para as câmeras e me inclinei na direção dele enquanto Ethan agarrava minhas pérolas.

— Eu sei, eu que escrevi.

Ouvi ele dar uma risadinha, mas não dei bola.

O presidente Coleman endireitou a postura ao ler as próximas frases.

— Quando Melody Callahan viu uma ameaça, não apenas ao nosso país, mas ao nosso modo de vida, ela não apenas denunciou, foi além de todas as expectativas, fazendo apenas uma simples pergunta: *o que eu posso fazer?*

“Sem considerar o próprio bem-estar e apenas *horas* depois de dar à luz ao filho, Ethan, ela deu ao governo dos Estados Unidos uma oportunidade não apenas de coletar informação, mas de atacar rapidamente. Falando como um pai, não posso imaginar a dor que deve ter sentido sem saber quando veria sua família de novo. Perguntei para ela não uma, mas duas vezes, se entendia as consequências de suas ações, e ela respondeu que nunca queria ligar a televisão e ver outro prédio queimando, ou pais chorando, ou nossa grande nação em luto, nunca mais. Se ela pode sacrificar o que achou que era pouco, pelo bem maior, para ajudar na guerra ao terror, ela pode lidar com um coração partido.”

Liam se virou para mim com um sorriso e bateu palma junto com o público. Peguei a mãozinha de Ethan e acenei com ele, sorrindo para a multidão.

— A injustiça não parou aí; o marido dela aguentou críticas, zombaria, ódio e crueldade, porque ele também acreditava no poder dessa nação. De bom grado e de todo coração abriu mão da liberdade e da dignidade, passando cinco meses em uma das prisões mais notórias de Illinois, tempo em que precisou aguentar várias rebeliões. Mas Liam Callahan não se abalou. Nunca pediu nada. Estava preparado para fazer o que fosse necessário, e apesar de tudo, se apegou à sua moralidade; não mentiu uma só vez. Disse para todos que era inocente, e era mesmo. Declarou seu amor inabalável pela esposa, o que todos podemos ver ser verdade.

Com isso, Liam beijou minha bochecha e todos aplaudiram.

— América, quando digo que venho com humildade, é verdade. Nunca em meus sonhos mais absurdos teria esperado que dois cidadãos comuns se levantassem e dissessem “sim, vou proteger e servir ao meu país custe o que custar.” E é por esse motivo que devo conceder a Medalha Presidencial da Liberdade, dada àqueles que contribuíram de forma admirável para a segurança e interesse nacional dos Estados Unidos e do mundo, para o sr. e a sra. Liam Callahan.

O cômodo irrompeu em aplausos quando Liam pegou minha mão, e segurando Ethan com firmeza, andamos até o lado do palco e permitimos que o presidente Coleman colocasse a primeira medalha ao redor do meu pescoço antes de fazer o mesmo com Liam.

— E para o carinha não se sentir deixado de lado, temos um broche presidencial para ele também —o presidente disse para a imprensa, rindo ao espetar o enfeite no colarinho de Ethan. Deu um passo para trás antes de posar para fotos conosco. Não foi o único que se juntou a nós. A mãe de Olivia estava do outro lado de Liam.

Entre os flashes, encontrei o olhar de Olivia, a desafiando a subir no palco. Não subiu. Em vez disso, ficou na mesa, ao lado de Sedric, que não a perderia de vista. Afastando o olhar dela, escaneei a sala até meus olhos chegarem no filho da puta nos fundos. Estava parado feito uma estátua, e parecia ser a única pessoa que não estava aplaudindo ou sorrindo. Em vez disso, encarava nós dois com revulsão indistigável.

Eu, por outro lado, sorri. Um sorriso tão largo que não me surpreenderia se tivesse conseguido contar todos meus malditos dentes. Nada deixava um inimigo mais puto do que te ver sorrir.

Finalmente, Liam foi até o pódio *agradecer* nosso presidente pelas gentis palavras.

— Nota mental, contratar o escritor de discursos do presidente —falou, fazendo todos rirem. Respirando fundo, suspirou antes de começar a discursar. — Gostaria de poder dizer que tudo que o presidente Coleman falou é verdade. Ele fez parecer que tínhamos pensado muito bem sobre isso, mas honestamente, aconteceu tão rápido que mal houve tempo para raciocinar. Simplesmente reagimos a um problema que apareceu. Muitas vezes estivemos assustados, cansados ou só de saco cheio. E apesar de parecer ter sido uma vida toda atrás, não é algo que eu queira viver de novo. Foi um inferno. Ficar longe da minha esposa, do meu filho recém-nascido, minha vida toda; foi um inferno.

“O que dá uma nova perspectiva a milhões de americanos; bombeiros, policiais, agentes governamentais, todos que acordam todos os dias cientes de que talvez precisem passar por um inferno, mas ainda se levantam e fazem seu trabalho. Depois de cinco meses sentindo isso na pele, posso dizer que essas são as pessoas que me fazem sentir humildade, espanto e orgulho por compartilharmos um país. Devia haver medalhas da liberdade para todos eles para mostrar a gratidão que sentimos.”

Quando nos abraçamos de novo, cochichei:

— Santo Liam, o herói do povo.

A essa altura, Ethan já estava irritado, o que por sorte nos deu uma desculpa para escapar da imprensa. Liam disse algo no ouvido de Coleman, que acenou e sinalizou para os assessores que tínhamos acabado. Cercados pelo serviço secreto, andamos atrás do presidente pelos corredores, que eram cobertos de retratos de todos os presidentes anteriores, até chegarmos ao Salão Oval. Devia ter ficado chocada ao encontrar Olivia lá, mas não estava.

— Querida, está com uma aparência horrível, qual o problema? — a mãe dela perguntou ao ir até a filha para a abraçar.

Olivia não falou, apenas ficou ali, congelada e me encarando. Eu sabia que ela devia ter pensado em fugir. Mas com o rastreador no tornozelo, aonde poderia ir?

— Vocês ainda têm uma coletiva de imprensa — sussurrou.

— Eles podem esperar um pouco. Afinal, não é como se tivessem coisa melhor para fazer — Coleman respondeu para desespero da filha.

— Ela estava torcendo por um minuto a sós com vocês — falei ao me sentar no sofá e colocar Ethan sobre meu joelho.

— Querida? — a mãe cochichou enquanto alisava mechas de cabelo loiro.

— Estou bem. Deveria voltar para lá.

— Não entendo — o presidente Coleman falou e olhou entre nós.

Antes que conseguisse falar mais uma palavra, a porta se abriu e Neal entrou, muito bem-vestido em um terno preto e gravata vermelha.

Olhou direto para Olivia por um momento, e quando ela deu um passinho tímido para a frente, ele a cortou com um olhar de nojo e raiva, o que a fez dar um passo muito maior para trás.

— Bem na hora, irmão, sua esposa aqui tem muitas entrevistas para dar hoje, não é mesmo? Tenho certeza de que podem se passar por um casal apaixonado convincente — Liam disse ao gesticular para que entrasse.

— Sim, posso. Precisa de mais alguma coisa? — perguntou, e olhei para Liam que deu um sorrisinho maroto.

Tínhamos quebrado ele, o que significava que teríamos que consertá-lo... mas essa parte viria depois.

— Esposa — Neal chamou Olivia com uma brutalidade que não era familiar e a fez tremer.

Ela pegou o braço dele e se virou para sair.

Ainda íamos precisar prestar atenção nos dois. Neal tinha provado sua lealdade por enquanto, mas tão facilmente quanto tinha se virado contra a esposa, poderia se virar contra nós se Olivia brincasse com suas emoções. Podia estar tentando esconder sua afeição por ela, mas ainda estava lá.

— Para quem está mandando mensagem? — Liam perguntou, e por um minuto, eu queria mandar que a velha que cuidasse da própria vida.

— Sedric. Acho que seria melhor se ele ficasse na cola deles também. — Se eu conhecia Sedric tão bem quanto acreditava, estava lívido com a

situação. Não gostava nada de traição.

A idiota da primeira-dama ficou em pé na minha frente com as mãos no quadril como se aquilo devesse me intimidar.

— O que quer que estejam fazendo com minha filha, peço para pararem. Ela é uma boa pessoa e eu sei que *bom* não é algo com que sejam familiares, mas...

— Devo cuidar disso, ou gostaria de fazer as honras? — perguntei para Liam ao me levantar e segurar Ethan contra o peito.

— Divirta-se — Liam respondeu, pegou Ethan do meu colo e me permitiu encarar a aspirante a Jackie-O.

Segurando as mãos juntas, endireitei os ombros e sorri.

— Sua filha não é uma *boa pessoa*. Você não é uma *boa pessoa*. Ninguém que está nessa sala é uma *boa pessoa*. É por isso que estamos aqui hoje. Todos fizemos acordos, todos assinamos nossos nomes com sangue e ignoramos em algum momento. Acredito em *boas pessoas*. Sei que estão por aí, alimentando os pobres, vestindo órfãos e aquela merda toda. Mas eles não vêm para o nosso mundo; não estão na *nossa história*, porque mais uma vez, são *boas pessoas*. Se Olivia fosse boa, teria dado as costas quando podia. Se você fosse boa, jamais teria permitido que se casasse com alguém dessa família. Jamais teria voltado com seu marido, e não seria a primeira-dama. Você. Não. É. Uma. Boa. Pessoa. Então vamos deixar bem claro quem somos. As boas pessoas são os eleitores, a classe média, os pobres, gostaria de ser alguma dessas coisas?

Não respondeu, apenas balançou a cabeça para os lados.

— Foi o que pensei. — Cheguei mais perto dela. — Por que não volta a escolher suas louças e ler para crianças no jardim de infância ou qualquer coisa primitiva que seja tarefa da primeira-dama?

Tinha chegado até a porta quando Evelyn entrou.

— É como se conseguisse ler meus pensamentos — Liam falou com ela enquanto balançava um Ethan sonolento.

— Sr. presidente — apertou a mão de Coleman com um sorriso.

— Bom te ver, Evelyn.

Olhando em meus olhos, pegou Ethan no colo e beijei a testa dele enquanto o carinha esfregava os olhos pesados. Coleman levantou uma sobrancelha para mim como se estivesse chocado que eu pudesse ser mãe.

— Vem, amendoim. — Acenou para ele ao sair.

Ótimo. Agora podemos tratar de negócios.

— Onde podemos ouvir Avian falar? — perguntei para ele.

Fez um gesto na direção da porta, e o seguimos até um escritório separado. Lá, Ivan falava como Avian Doers, diretor do FBI. Os que já estavam sentados ao redor da mesa ficaram de pé quando o presidente entrou, e pude ver claramente o quanto Coleman gostava disso. Dinheiro não era a raiz de todo mal, era só um veículo que te levava ao poder.

— Senhoras e senhores, podemos usar a sala? — perguntou. E sem

questionar, todos saíram.

Foquei nas palavras saindo da boca de Avian, parcialmente impressionada com como uma cobra como ele se encaixava tão bem com o resto de nós.

— Boa tarde, senhoras e senhores da imprensa. Não vou responder nenhuma pergunta hoje. Muitos de vocês estão cientes dos eventos trágicos e infelizes que aconteceram com alguns seletos ex-agentes do *Federal Bureau of Investigation*, e gostaria de informar que uma investigação interna está em curso. Nada mais pode ser divulgado sobre os agentes em si no momento, visto que muitas das operações envolvidas eram sigilosas.

— Como é que um agente federal assassinando uma prostituta em um quarto de hotel cheio de drogas e centenas de milhares de dólares é informação sigilosa? — um homem gritou, o interrompendo.

— O presidente Coleman tem algum comentário sobre o assunto?

— E quanto ao agente que foi encontrado pendurado na ponte?

— Pode confirmar que uma agente foi sequestrada da Embaixada?

Avian ficou tenso, e seu rosto permaneceu duro e sem expressão. Até usaria dizer que ele começava a se sentir estressado.

— Você não adora a imprensa? — Liam cochichou.

— Quando estamos os controlando, sim. Amo sim. — respondi.

— Como disse — Avian se pronunciou novamente. — Não posso responder mais perguntas no momento. Contudo, posso dizer que planejo fazer tudo que estiver ao meu alcance para garantir que uma investigação abrangente seja feita. Quando tivermos informações sólidas para compartilhar, faremos isso.

— Quando disseram que eu seria afetado, não avisaram que seria assim — o presidente choramingou enquanto assistia a coletiva de imprensa dada pelo pé residente no meu saco, Avian.

— O que mais ser afetado significa? — Liam perguntou e se inclinou contra a mesa.

— O FBI é a polícia dos Estados Unidos! Eu sou o chefe dos Estados Unidos. Ao atacá-los desse jeito, estão me sabotando. Não vou ser reeleito se as pessoas não puderem confiar.

— Por que precisamos continuar repetindo as coisas para essa gente? — Se virou na minha direção enquanto verificava o e-mail que Declan me mandou pelo celular.

— Por algum motivo, continuam subestimando nossa inteligência mesmo que tenhamos provado vez e outra que não somos idiotas. — Rebati.

— Entendo que têm um grande plano mestre, mas precisam me dar alguma coisa com que trabalhar. Tenho toda uma equipe de pessoas tentando fazer o controle de danos, enquanto estou de mãos atadas. Não posso levar esse golpe. Agentes do FBI estão falhando por toda parte — Coleman ralhcou.

— Diga que está sendo informado da situação e está orando pelas pessoas e pelas famílias daqueles que perderam a vida a serviço da pátria. Então os lembre que o que faz a América grande são freios e contrapesos. O FBI não é seu exército pessoal, e diga que está conversando com o diretor para ver o que

pode ser feito —Liam orientou.

— Sem ser óbvio, encontre um modo de deixar claro que o homem no comando da situação é o diretor —acrescentei. Estávamos ateando fogo no mundinho pessoal de Avian.

Estendendo a mão para o interfone, chamou a Chefe de Gabinete e ex-estrategista política, Mina. Quando ela entrou, olhou para nós e soltou um suspiro.

— Então imagino que não vamos divulgar uma declaração? — perguntou.

— Não, você vai. Sr. presidente, por favor, a informe do combinado — disse, já indo na direção da porta.



Liam

— Está no viva-voz, Declan — falei enquanto Monte nos levava até a cidade. Não era muito fã de Washington, não tinha nada que ganhasse de Chicago, e me peguei sentindo falta da poluição, o vento, os prédios que tocavam o céu e tudo mais que tornava Chicago grandiosa.

— Nos mandou sequestrar uma agente federal, mas não a matar. Com todo respeito, mas que caralho, Liam?

Revirando os olhos, me recostei no banco de couro.

— Cadê a confiança, irmão?

— Acorrentada na parede do porão de uma velha serralheria — respondeu.

— Ela disse alguma coisa? — Mel questionou.

— Não, mas não estava ciente de que ela sabia de algo importante.

— Perguntar não faz mal.

Dei uma olhada para ela.

— Bem, faz um certo mal, mas não para nós e é isso que importa. Ela é do FBI, não da CIA, o que infelizmente para ela, significa que não é treinada para aguentar o mesmo tipo de tortura — esclareceu.

Mas eu queria informação.

— Quero que ela nos dê um layout do prédio dos federais, todos os cantos, e toda entrada secreta que puder imaginar. Na verdade, espera aí, Declan... — Falei quando apertei o mudo. — Monte. Kain.

Confirmando, colocaram os fones.

— O que está pensando? — Mel me olhou com cuidado enquanto um plano se desenhava em minha mente.

— Quando voltou para a casa, disse que só tem duas guerras com que os americanos se importam: a guerra às drogas e...

— E a guerra ao terror. Aonde quer chegar?

— Se parar de me interromper, posso contar. — Lancei um olhar de reprovação e ela cruzou os braços. — E se déssemos terror a eles? Nada grandioso, só vamos fazer nossa agente dizer que foi sequestrada por um terrorista doméstico. A mídia vai enlouquecer, Avian não vai ter escolha a não ser passar cada minuto lidando com a imprensa ou tentando salvá-la.

As engrenagens na cabeça dela giravam enquanto estendia a mão para tirar

Declan do mudo.

— Declan, ela viu seu rosto?

— Não, mas deve ter visto Coraline e Fedel quando a pegaram.

— Espera —Mel respondeu, o colocando no mudo de novo. — Vamos ter que matá-la, e se a matarmos, não vão parar até achar o responsável. Terrorismo, até mesmo falso, pode...

— Pode ser feito, Mel. Dá sim. Dissemos que soltaríamos as travas de segurança, e essa é a forma de fazer isso. Ninguém está esperando por isso. Tem terroristas domésticos por toda parte, com você e Declan hackeando, tenho certeza de que podemos achar um bode expiatório. Na verdade, estamos fazendo um favor para o país, e Coleman vai ficar tão bem, que vai querer tomar parte nisso. — Podia ver tudo agora e o que tornava a ideia ótima era que passava dos limites, o que não era algo que Avian esperasse de nós.

— Bem, se tem alguém que consegue fazer algo do tipo, sou eu —falou.

O ego dela às vezes me impressionava.

— Vamos fazer isso —respondi, sabendo que já estava resolvendo a logística na cabeça.

Mais uma vez, esticou a mão e tirou Declan do mudo.

— Declan, mande Coraline dar uns tapas nela, mas nada pesado. Você e eu vamos pescar hoje à noite. Esteja pronto. — Com isso, desconectou a ligação antes de olhar para mim. — Antes de fazermos mesmo isso, quero nosso bode expiatório pronto.

— Tudo bem —confirmei com a cabeça.

— Chegamos, senhor —Monte falou um pouco alto devido aos fones. Era fácil identificar que não estávamos mais na área prestigiosa de D.C., e que estávamos em algum lugar ao sul do capitólio.

O que deveria ser uma pequena sessão de fotos em um centro para jovens recém-construído, era na verdade o mesmo lugar onde veríamos nossos clientes.

O Sudoeste era um dos nossos maiores consumidores. Claro, não sabiam que eram diretamente nossos, mas não fazia mal dar uma olhada no comércio por aqui.

Vinte E Três

“Alguns dias você vai olhar para esse momento da sua vida como um tempo muito doce de luto. Vai ver que estava lamentando e seu coração estava partido, mas sua vida estava mudando...”

— Elizabeth Gilbert

Neal

Joguei água no meu rosto e respirei fundo antes de ousar me olhar no espelho do banheiro. Sem me virar, observei ela entrando. Seus olhos azuis focaram em mim quando se apertou contra a porta.

— Posso ajudar? — perguntei e peguei algumas toalhas do porta papel. Verifiquei o banheiro para garantir que éramos os únicos ali.

— Neal, por favor não fique desse jeito.

— Assim como? — rugi para ela. — De que “*jeito*” eu estou, Olivia? Me diga, já que sabe tanta coisa, caralho.

Abaixou a cabeça e fui determinado até ela, a peguei pelo braço e puxei na minha direção, a forçando a olhar em meus olhos.

— Você me *desgraçou* — vociferei a centímetros do rosto dela. — Me fez de trouxa. De todas as pessoas no mundo, você deveria me conhecer. Deveria saber o que eu queria e que não era destruir minha família. Família é *tudo*. Vem antes de tudo, e sequer pensou em como eu me sentiria se Avian matasse meus irmãos, meu pai, minha mãe.

— Fiz pela gente! Nós dois sabemos que sua família nunca vai te aceitar! — chorou.

— Fez por si mesma! Jesus Cristo do caralho, você não dá a mínima para ninguém além de si. Agora está aqui na minha frente, tentando se fazer de inocente como se não tivesse quebrado o código. Sabe o que os irlandeses fazem com gente que faz o que fez? Estou agindo assim, te evitando, sorrindo para as câmeras, porque é a única coisa me impedindo de quebrar a porra do seu pescoço e te jogar no ácido. — A soltando, passei por ela e abri a porta. — Se algum dia se importou comigo, Olivia, desempenhe seu papel porque nós acabamos. Agora, vamos.

Ela engoliu ao secar as lágrimas e ajeitar o vestido. Se virando para mim, pegou meu braço estendido. Com um sorriso, fomos na direção da mesa do almoço onde meu pai esperava. Olivia beijou a bochecha dele antes de se sentar, e apertei a mão dele em cumprimento. Me olhou com a mesma cara cansada que eu cresci observando, e queria falar para ele que entendia.

— Então, Olivia, já escolheu um lugar no túmulo da família? — perguntou casualmente enquanto se servia de chá.

O queixo dela caiu.

— É bem bonito, temos fotos gravadas no mármore negro — adicionou ao tomar um gole.

Parecia que todos na família tinham começado a torturá-la de alguma

forma. Mas ela tinha feito suas escolhas e agora encararia as consequências, sozinha. Não havia escapatória. Mesmo que estivesse em público, Melody tinha garantido que suas ordens fossem claras, se Olivia tentasse fugir, deveríamos mirar nas pernas.



Declan

Observei enquanto ela socava o pescoço dele o mais forte que podia. Ele segurou o braço dela, e a puxou para cima em um arco, até que o corpo dela bateu com tudo na tela do ringue de boxe do Liam. Se colocando de lado, ficou em pé antes de limpar o sangue do nariz e retomar sua posição.

Fedel a encarou por um momento antes de erguer os braços e dar alguns passos para trás. Andaram em círculos, os olhos nunca se desviando. Finalmente, ela pulou para a frente e ele agarrou sua cintura, tentando a impedir. Mas ela torceu o corpo e enrolou as pernas no pescoço dele antes de o derrubar. Lutaram no chão até eu não conseguir mais aguentar ver ele a tocando.

— Chega. Sai de cima da minha esposa, caralho — falei com tanta calma quanto consegui enquanto ia na direção do ringue. Os dois olharam para mim, confusos por um momento, mas o que me deixou puto foi o olhar divertido na cara de Fedel.

Sem uma palavra, se levantou enquanto Coraline continuou no chão, respirando fundo.

— Obrigada, Fedel — falou para ele.

Observei enquanto acenou com a cabeça para nós, e segui cada movimento enquanto saía do ringue.

— Se arrume, vamos fazer uma visitinha para a nossa hóspede — informei.

— É pra já — respondeu ao ir embora.

Virando de volta para minha esposa, vi que ela ainda não tinha se mexido.

— Está com ciúme sem motivo, Declan.

— Não estou com ciúme, só não gosto de ver minha esposa apanhar de qualquer homem.

Virou a cabeça na minha direção e deu um sorrisinho.

— Eu tinha chances.

— Ele estava pegando leve, acredite.

Parecia tão decepcionada que quis me chutar.

— Não que você não estivesse indo bem, porque estava. Mas Fedel faz isso há décadas. Porém, teve momentos em que surpreendeu nós dois, aquela coisa com a perna que você fez foi...

Sexy.

— Sabe que Fedel é gay, não sabe? — perguntou.

Me pegou totalmente de surpresa. Minha boca se abriu enquanto eu tentava processar as palavras que ela tinha acabado de dizer.

— Ele te falou isso?

— Não, mas não precisa. Sério, nunca percebeu?

— Percebi o quê? — Não tinha percebido nada!
— Declan, ele nunca teve uma namorada desde que o conhecemos.
— Quem tem tempo para uma namorada? Ele é ocupado, eu mal tenho tempo para ter uma esposa com todas as merdas que Liam e Mel me mandam fazer.

Ela riu ao se erguer do chão e vir até mim.

— Ele nunca falou sobre mulheres também. Todos os outros homens dormem com as empregadas ou os olhos passeiam quando estamos em público. Mas Fedel... se uma mulher o aborda, sempre diz a mesma coisa. “Desculpe, não estou interessado.”

— Ele é dedicado ao trabalho; a família não paga para flertar em serviço.

— Falando em eventos de família, precisamos organizar uma reunião. Não os vemos há alguns meses, vou falar com a Mel e a Evelyn. — Estalou os dedos ao se lembrar.

— Não consigo acreditar que ele é gay — sussurrei, ainda empacado na primeira parte da declaração dela.

Revirou os olhos para mim.

— Nem todos os homens gays andam por aí com arco-íris e confeitos saindo do cu.

— Eu sei, mas qual é, ele pelo menos teria tentado dar em cima de mim. Não tem como ser gay.

Congelou ao me encarar. Então sem aviso, teve um ataque de riso. Riu tanto que seus olhos estavam lacrimejando.

— Não é tão engraçado.

— Não, não é. Sua cabeça só é tão grande, que estou enlouquecendo pela falta de oxigênio.

— Não me faça te imobilizar.

— Não me faça estragar sua cara, *bonitinho*. Como se diz narcisista em italiano?

O sorriso dela ainda trazia o meu à tona, mesmo quando me dava na porra dos nervos. Me lembrava de quando nos conhecemos, pois me chamou de narcisista também.

— Vai tomar banho para a gente poder ir; ficou pistola comigo da última vez que fui fazer uma visita sem você.

Começou a sair do ringue, mas a parei e beijei com força. A puxando para mim, enrolei meus braços em sua cintura enquanto ela chegava mais perto e aprofundava o beijo. Quando a soltei, cambaleou para a frente.

— Sério, que homem ou mulher com a cabeça no lugar não iria querer um pedaço *disso* — sussurrei para ela.

Balançando a cabeça na minha direção, foi embora e me deixou parado lá.

— Você não é tão gostoso assim! — gritou.

Sorri.

— É uma péssima mentirosa, amor!



Coraline

Queria me enfiar em uma bacia de gelo e nunca mais sair. Todos meus músculos estavam pegando fogo, e mesmo assim Fedel parecia perfeitamente bem. Estava sentado na cadeira, usando uma jaqueta de couro preta justa, jeans escuros da Ralph Lauren e botas militares pretas.

— Precisa de alguma coisa, chefe? — perguntou sem abrir os olhos.

— Não. E nós dois sabemos que não pensa em mim como sua chefe. Não precisa me chamar assim, Fedel.

Seus olhos se abriram e uma sobrancelha se ergueu.

— Não somos amigos, sra. Callahan. Trabalho para seu cunhado e sua cunhada e, conseqüentemente, para a senhora. Te chamo de “chefe” porque te nomearam assim enquanto estão fora. Não te chamar de chefe seria desrespeitoso com eles. *Não* te chamar de chefe significa que não concordo com a decisão que tomaram, o que significa que estou questionando a escolha deles. Pensamentos assim são perigosos, especialmente em tempos como esse. Apenas um tolo questionaria ou os desrespeitaria. Sobrevivi tanto tempo por não ser um tolo.

Leal até os ossos.

— Se trabalha para mim, então por que está aqui descansando os olhos enquanto Declan está lá?

— Está enganada, senhora, estou simplesmente ouvindo os arredores. Por exemplo, há um rato perto da janela acima de nós tentando comer um pedaço de pão duro.

Olhando para as janelas sujas e de vidro amarelo da fábrica, vi o rato a que se referia, tentando comer o que parecia ser algum tipo de salgado ou pão.

— Também tem uma bandeira lá fora balançando com o vento — declarou olhando para as grandes portas vermelhas de aço a uns seis metros de nós. Mas estavam totalmente fechadas, como ele podia ter ouvido isso?

— Também tem um Chevy azul vindo nessa direção, mas está só de passagem.

Agora estava apenas incrédula. Me virei para o encarar.

— Como diabos pode saber disso?

Apontou para orelha.

— Temos homens a postos e eles estão me informando.

Cruzando os braços, fiz um biquinho.

— Ninguém gosta de um espertinho.

— Sim, senhora. Agora posso voltar a descansar os olhos? — sorriu e eu confirmei com a cabeça.

Descansando na cadeira, fechou os olhos novamente enquanto eu andava a esmo, inspecionando as velhas máquinas enferrujadas da fábrica abandonada. Tudo era tão frio, úmido e escuro. Fazia eu me perguntar se Mel e Liam escolhiam lugares assim para parecerem fodões. Declan estava no porão lidando com nossa “hóspede.” Queria me juntar a ele, mas ainda não estava pronto para soltar minha mão para atravessar a rua. Pelo menos permitia que

eu carregasse uma arma agora, e mesmo que eu não fosse a melhor atiradora, era boa o suficiente. Tinha duas facas nas botas que conseguia usar de forma mais eficiente, e ele tinha comprado luvas iguais às que Mel usava para mim, aparentemente eram feitas de um tecido que não deixava DNA nem resíduo de impressões digitais.

— Fedel, quantos homens nós temos? — perguntei ao pular na esteira antiga.

— No estado ou no país?

Nunca soube que tinha uma diferença.

— No estado?

— Duzentos e quarenta e sete.

— Jesus, sério? Pagamos toda essa gente?

— Se quer mais informação, vai ter que perguntar para a chefe. — Se mexeu na cadeira.

Franzi a testa ao me levantar e ir devagar pela esteira com os braços abertos ao meu lado como se estivesse com dificuldade para manter o equilíbrio.

— Fedel, como se diz narcisista em italiano?

— Narcisista.

Bem, isso foi mais fácil do que pensei.

— Quantas pessoas já...?

— Perdi a conta — me interrompeu antes que eu pudesse terminar o que ia dizer.

— Ia perguntar quantas pessoas já namorou.

— Está me mandando falar sobre minha vida pessoal?

Não queria *mandá-lo* falar.

— Não, mas...

— Então prefiro não responder sua pergunta, senhora — respondeu, e para nossa sorte, Declan voltou do porão.

— Acabamos por aqui, eles ainda estão de guarda?

Fedel confirmou, já de pé.

— Do jeito que pediu, três de noite, três de manhã. Também tem um novo carregamento de neve chegando.

Por que ninguém me contou? Cuzões.

— Bom. Bem na hora. Vou avisar Mel e Liam, eles estavam esperando. — Declan veio até meu lado e estendeu o braço para me ajudar a descer. Aceitando, pulei para o chão o mais graciosamente que consegui.

— Saíram os alvarás para a nova fazenda de maconha? — questionou.

Fedel balançou a cabeça.

— Pelo jeito Chicago não é tão liberal quanto gostaríamos.

— Bem, parece que os chefes vão ter que lamber mais gente em Washington antes de virem para a casa. Querem mesmo uma fazenda no país, certo? — perguntei, lembrando aos dois que isso não era mais um clube do bolinha. — O que vai acontecer com nossa convidada? — acrescentei.

Os dois trocaram um olhar, eu conhecia aquele olhar. Era o mesmo que

Liam tinha quando apresentou Mel para a família. Era o olhar que tinha antes de ser preso. Era um olhar que dizia “a merda vai bater no ventilador.”

Suspirei.

— Preciso começar a fazer bottons de “Declan Callahan Livre”?

Vinte E Quatro

“O principal motivo para ele estar no ramo é para eliminar os inimigos.”

— *Lorenzo Carcaterra*

Melody

— Eles te notaram? — perguntei enquanto vasculhava as linhas de código verde na tela.

— Acho que não. São terrivelmente chatos, mas não estão esperando que alguém fique de olho neles. Me dê um segundo e talvez eu consiga vídeo ao vivo para garantir que não é só algum desistente do MIT que mora no porão da mãe — Declan respondeu no viva-voz.

— Já resolvi. — Aparentemente tinha esquecido que eu fazia isso há um bom tempo.

Clicando na webcam, abri o feed para nós dois vermos. Parte de mim esperava mesmo ver algum perdedor que largou a faculdade sentado com uma cueca suja e comendo salgadinho, assim como as últimas três organizações que tínhamos investigado.

Kain estava sendo bem útil. Era melhor não ir até Coleman para isso depois de conseguir a lista do FBI com ele. Então enquanto estava no Sudeste, molhou algumas mãos e ficou de ouvidos atentos para qualquer rumor de atividade terrorista. O problema da aplicação da lei era que nove de dez vezes, presumiam que as pessoas eram idiotas, e em defesa deles, era verdade. Contudo, a diferença era que não se incomodavam em investigar. Tinha se passado uma semana desde que Liam teve a ideia, e agora tudo começava a entrar no devido lugar. Visitamos bares frequentados por qualquer pessoa que fosse relevante no governo, e conseguimos alguns nomes nessa aventura. Nenhum deles parecia valer o esforço, contudo, o que era o motivo para terem sido descartados.

— Está vendo isso? — Declan arfou em choque antes de rir. — Passamos para um mundo totalmente diferente.

Tirando os fones, me virei para Liam que estava deitado na cama lendo um gibi. Queria pegar aquela merda e jogar na parede. Em vez disso, dei um tapa no peito dele.

— O quê? — rosnou enquanto eu levantava o notebook para que ele visse. Os olhos se alargaram quando se sentou. — Puta merda.

Pegando o aparelho da minha mão, se sentou rígido e seu gibi caiu no chão.

— Esses são AR-15s?

— Não, são fuzis de assalto APS russos de 1975. Entretanto, aqueles —, falei ao gesticular para as armas no lado mais distante da parede — são AR-15s. E aqueles ali são M1 Garands originais. Meu pai me deu o dele quando fiz quinze anos. Ele tinha um Bushmaster M17S, uma Colt LE901 e um SOPMOD, o que eu tenho certeza de que é estritamente para uso militar.

Liam, isso é tipo a minha cozinha dos sonhos.

Era errado que eu estava sorrindo? A sala era um arsenal de armas que tinha o potencial de me dar inveja. Nas paredes havia mapas de diferentes estados da Costa Leste.

— Quem são eles? — Liam me perguntou.

— Se chamam de *Rsamas*: Soldados da República Contra Mais Selvagismo Americano. São uma nova célula terrorista do...

— Deixa eu adivinhar, Mississippi? — interrompeu.

— Quase, Alabama. No momento, contam com treze membros que Declan e eu conseguimos achar. São muito ativos em blogs privados *underground* e salas de bate-papo. A maior parte das ações parece ser online – hacking e coisas do tipo, mas nada em grande escala.

Olhou para mim.

— Parece que estão se preparando para a guerra.

— Então é bom que estamos aqui para providenciar uma para eles.

— Acho que nunca te vi tão animada —riu ao colocar uma mecha do meu cabelo atrás da orelha.

Segurei a tela para ele ver de novo.

— Minha cozinha dos sonhos, Liam. Minha cozinha dos sonhos.

— Bem, parece que encontramos nosso cordeiro sacrificial.

Me inclinei e dei zoom nas armas na parte de baixo da tela.

— Mel, não —disse como se eu fosse o Ethan.

— Com *licença*?

— Perdão, não me ouviu? Permita que eu repita. *Mel, não*, não vai mandar ninguém para o sul para buscar algumas armas. Tenho certeza de que as consegue pelo mercado negro de qualquer forma. — Me devolveu o telefone e pegou o computador.

— Essa não, é uma FN Herstal semiautomática.

— Amor, eu te adoro, mas pode ser apaixonada por outra coisa agora? Tipo, sei lá, armar para esses caras? — O nerd leitor de gibi sorriu.

Nunca falava porra nenhuma quando gastava dez mil em um livrinho de cartoons.

— Frouxo —murmurei e atendi o telefone. — Declan?

— Então, imagino que isso significa que vamos fazer isso? — suspirou do outro lado.

— Algum problema?

— Não, vou começar já. Quando quer que aconteça?

Olhei para Liam, que tinha se inclinado para pegar o gibi. Com raiva, o chutei no peito e ele caiu da cama. Estava fazendo toda a porra do trabalho enquanto o maldito parecia estar tirando férias. Só porque eu sabia hackear, não significava que ele podia fazer corpo mole.

— Mas que porra! — gritou comigo.

Sorrindo, foquei na conversa.

— Faça a fita, depois mande para mim, vamos transmitir amanhã. Avian

tem feito um bom trabalho controlando as consequências no FBI. Quero atacar de novo antes que venha atrás de nós.

— Ele já está apertando as batidas do DEA ao redor dos nossos suprimentos. É como se soubesse de onde todas nossas importações estão vindo.

Já sabia disso. Mas ouvir da boca dele me irritava. Liam se levantou e agarrou minhas pernas. Instintivamente, tentei o chutar para longe.

— Só resolva isso.

— Vou fazer isso já. E Mel?

— *O quê*, Declan? — grunhi entredentes quando Liam agarrou meu braço livre e o prendeu atrás das minhas costas.

— Você sabia que o Fedel é gay?

Eu sabia disso, mas estava mais chocada que ele soubesse. Fedel era muito bom em manter sua vida particular o mais privada possível.

— Cuide disso, Declan. — Desliguei e joguei o celular na cama ao tentar me libertar do aperto de Liam.

— Sabe, você é muito abusiva — cochichou no meu ouvido.

— Não tenho culpa se você é um *frouxo* — respondi ao enfiar minha perna nas bolas dele.

— VADIA! — sibilou com dor e me soltou involuntariamente.

Nem tinha chutado tão forte.

Agarrando a camisa dele, o puxei para a cama e me sentei em cima dele.

— E é bom não esquecer disso, querido. — Me mexi para sair de cima dele, mas não me soltou. — Liam...

— Pare de falar. Só sente em cima de mim até a dor passar.

Tentei não rir.

— E como isso está ajudando?

— Mentalmente faz eu me sentir melhor.

Revirei meus olhos e fiquei mais um tempo em cima dele antes de me levantar.

— Temos muita coisa para fazer hoje, você já passou por coisa pior, então aja como um homem.

— As mulheres subestimam o quanto isso dói para caralho — resmungou quando alguém bateu na porta.

— Talvez seja porque comparamos com o fato de que uma vez por mês a Mãe Natureza soca nosso útero por uma semana — devolvi.

Abriu a boca, depois fechou, obviamente sem saber como responder enquanto eu abria a porta.

Sedric me olhou esquisito e só pude presumir que tinha ouvido a última parte da nossa conversa.

— Sim? — perguntei.

Balançando a cabeça, me entregou uma pasta e imediatamente quis usá-la para bater na cabeça dele. Tinha dito especificamente para não informar Liam disso. Agora ele ia me perguntar que caralhos tinha ali.

— Sedric...

— Antes que comece, Liam veio até mim uma semana atrás e me pediu para fazer a mesma coisa que você. Não tem motivo para fazer duas vezes. Isso é tudo para todos nós, exceto Olivia, é claro.

Liam veio para o meu lado e pegou a pasta.

— Pediu identidades novas e não me contou?

— Vou sair daqui agora —Sedric riu ao dar as costas para nós. Pausou um momento antes de nos olhar de novo. — Ethan e eu vamos ver um jogo de hurling amanhã.

— Começando um pouco cedo, não acha? — sorri. Parte de mim não gostava da ideia de Ethan, que era só um travesseiro gigante de bebê fofinho, sendo exposto a um esporte tão sangrento. Mas por outro lado, ainda era novo, provavelmente não se lembraria.

Deu de ombros e sorriu.

— Liam sempre ia embora quando tentava ensinar para ele. Então, vou ensinar Ethan antes que consiga andar. Ele vai aprender a gostar.

Liam revirou os olhos e se encostou no batente.

— Tente o quanto quiser, velho, mas Ethan só vai chorar e irritar todo mundo que estiver por perto.

— Subestima o quanto Ethan ama o vovô —respondeu e acenou para nós ao ir embora.

Pegando a pasta de Liam, peguei os passaportes e olhei todos rapidamente.

— Letônia. — Franzi o cenho. — Se não tivéssemos nenhum outro motivo para matar Avian, então não ir para a Letônia seria o único necessário.

— Por sorte, temos de uma dúzia de motivos —Liam respondeu de dentro do closet.

O seguindo, observei pegar uma camisa nova e levantar duas gravatas, uma vermelho escuro e a outra azul marinho, para eu escolher. Apontei para a azul, então é claro que escolheu a vermelha. Fazíamos isso todo dia. Eu escolhia uma e ele a outra. Tinha que saber a esse ponto que sempre apontava a gravata que não gostava, mas não acho que ele se importava... e nem eu.

— O plano? — perguntou ao pegar um par de meias sociais.

— Enquanto você bajula os figurões em Capitol Hill sobre a permissão da maconha lá em casa, vou começar a criar fichas criminais para nossos bodes expiatórios. Por causa do que estamos planejando, quero que as pessoas acreditem mesmo que eles eram capazes de tudo quando finalmente forem pegos.

Ele confirmou com a cabeça.

— Registros telefônicos?

— Quando Coraline pegou a agente, estava usando um celular descartável para falar com Declan. Foi pago em dinheiro, é claro, mas isso pode ser mudado para deixar um rastro.

— Leva doze horas e meia para ir da capital ao Alabama.

Como diabos ele sabia esse tipo de coisa de cabeça?

— Por isso temos passagens compradas no nome deles na hora certa. Não são verdadeiras, mas duvido que alguém vá ser diligente o suficiente para verificar.

De pé na soleira, ele veio até mim e penteou meu cabelo para trás ao acariciar minha bochecha.

— Tem certeza de que não quer que eu fique?

— Para poder ler mais gibis? Não. Acho que precisa trabalhar. Agora vá nos deixar mais ricos.

Revirando os olhos, beijou minha testa antes de ir para a porta.

— Eu volto às cinco, deixe o jantar pronto para mim.

Apertando os dentes, respirei fundo e olhei para ele.

— Claro, querido. Só não garanto que vá sobreviver a ele.

Riu ao fechar a porta atrás de si. Ouvindo um gemidinho, me virei para Ethan, que acordava lentamente no berço ao lado da cama. Descansava tão quieto às vezes, que me pegava precisando verificar se estava respirando para garantir que estava bem. Estendendo os braços, o puxei para o colo e beijei sua cabeça.

— A mamãe vai incriminar um terrorista, quer ver? — Ele gemeu e mexeu os braços antes de chorar. — Comida, depois terroristas. Tudo bem — murmurei indo na direção da cozinha.

Evelyn estava lá, mexendo em uma panela de carne com alguma coisa, e assim que viu Ethan, largou tudo.

— Precisa que eu o pegue?

Estendeu as mãos, mas eu o segurei firme.

— Não, pode deixar.

Me olhou meio torto quando abri a geladeira para pegar a mamadeira dele.

— O quê? — perguntei enquanto tirava a tampa com uma mão antes de a colocar no aquecedor.

Deu de ombros e sorriu.

— Nada.

— Não gosto de ser dispensada, Evelyn.

— Ah por favor, não é tão assustadora com esse fofinho no colo. — Fez uma careta para ele, mas ele nem se abalou. Assim como Liam, tendia a ficar rabugento quando estava com fome. — Enfim, achei que estivesse ocupada, mudando o rumo da história, acabando com instituições governamentais e tal.

— Sou uma mãe trabalhadora, o que posso dizer? — murmurei ao estender a mão para a mamadeira. Ela me observou com um sorriso gigante enquanto eu tentava testar a temperatura do leite no pulso, mas não conseguia fazer isso segurando Ethan.

Senti como se ela estivesse me desafiando, e só esperando que eu o entregasse. Mas em vez disso, levantei a cabeça e deixei algumas gotas caírem na minha língua. Ethan bateu na minha cara como se repreendesse, mas eu precisava checar. Colocando a mamadeira na boca dele, sorri quando relaxou e se acomodou.

— E pensar que uma vez me disse que não sabia ser mãe —Evelyn comentou com um sorriso enquanto voltava a mexer sua panela mágica de carne como uma bruxa sobre um caldeirão.

— Ainda não sei. Só estou roubando uma página do manual do Liam e inventando as regras pelo caminho.

— Sério, que regras?

— Regra pessoal da Mel número um: sempre alimente Ethan quando ele estiver com fome ou aguente as consequências estridentes —respondei ao me encostar contra a pia.

— Boa regra. — Riu. — Cresceu tanto, Mel, é praticamente uma pessoa diferente.

— Não parece uma coisa boa. Eu gostava de quem era.

Pausando, ela se virou para mim, a colher de madeira ainda na mão.

— Gostava da solidão? Da amargura rai...

— Cuidado com a boca, Evelyn, não mudei tanto assim, e com bebê ou não, ainda posso fazer um estrago.

— Bom saber. Agora prove e mate Olivia —falou seca, com uma severidade que não era familiar.

Ajeitando o peso de Ethan, endireitei a postura.

— Evelyn, não trabalho para você. Não preciso explicar por que faço as coisas, ou por que não faço. Liam e eu comandamos essa família.

— Entendo isso, e de verdade, mais do que me diverti com meu marido de volta ao normal. Pudemos fazer tudo que eu sempre quis, mas não podia antes.

Lá estava aquela palavra de novo, *normal*. Quando é que as pessoas iam entender que não existia isso de normal?

— Mas dito isso —a mandíbula dela ficou tensa. — Há uma lei implícita, um código, que todos obedecemos. Mantive essa família tão forte porque nunca abrimos exceções. *Quando se levanta contra nós, será removido. Quando nos trai e coloca nossas vidas em perigo, você morre.* Quero ela morta, não no porão ganhando vestidos Neiman Marcus para ir a eventos. Quero meu filho livre de qualquer conexão com ela, e com certeza não quero o corpo imundo dela no túmulo da família. Como não queria ser parte dessa família, então deixe que apodreça na porra de um beco, na minha opinião.

Parecia que a Mamãe Callahan estava solta e pronta para atacar, com colher de madeira e tudo.

— Mais alguma coisa? — perguntei, já que agora eu recebia ordens, aparentemente.

— Sim. Liam e Neal vão voltar logo? Estou fazendo o favorito deles, ensopado de cordeiro irlandês e pão de soda. Posso te ensinar a fazer se quiser —falou ao se virar de novo para a panela.

Olhei para Ethan que estava feliz mamando na mamadeira, e depois voltei para ela. Isso era demais para mim. Sem responder, saí da cozinha.

Se Avian pudesse me ver agora ele ia chorar.

Liam

Só mais cinco minutos dessa putaria... só mais cinco minutos.

Forçando um sorriso, me virei para os homens atrás de mim.

— E então, cavalheiros?

— Por quanto daria para vender uma dessas? — Senador Jeffrey Boxer, da Carolina do Norte, perguntou ao tocar a planta de maconha na nossa pequena loja em D.C. Mel e eu não tivemos tempo de nos instalar aqui, mas colocamos só *um pouquinho* de pressão nos donos e compramos o lugar. Depois de algumas visitas de Kain e Monte, estavam mais do que dispostos a vender, o que foi gentil da parte deles.

— Vinte e oito gramas podem custar entre trezentos e cinquenta até quase seiscentos dólares — respondi.

Ele, junto com os colegas, me encarou em choque.

— Tudo isso?

— Sim. — Acenei ao me mover para tocar as plantas verdes. — Mas quase ninguém compra vinte e oito gramas. A escolha comum é um oitavo disso, o que custa entre cinquenta e oitenta dólares. Se os negócios continuarem como estão, são mais de quarenta milhões de dólares ao ano em impostos. Impostos podem ser entregues para cada estado construir escola e qualquer outra coisa que precisarem.

— Preciso dizer, essa é uma organização bem funcional — Senador Andrew Kelly, do Texas, declarou.

— Sim, é por isso que estou surpreso de Washington não estar agindo em favor disso, ou estão? Estou disposto a ir de estado a estado. Aqueles com quem já estou trabalhando foram impecáveis no último ano.

— Esse é um assunto muito delicado, sr. Callahan.

— Ganhar dinheiro sempre é, e em quem eu gasto também. — Ficaram tensos. — Mas entendo seu argumento. Só espero que leve o futuro em consideração. Não só do meu estado, mas o seu também.

Fui até a porta de trás e a segurei para eles. Afinal, ainda eram políticos e não queriam correr o risco de serem vistos em um estabelecimento desses. Apertei a mão de todos antes de voltarem para seus carros.

— Coce as minhas costas e eu coço as suas, sr. Callahan — o senador Boxer cochichou antes de acenar.

— Nunca coço primeiro, mas obrigado pela presença — respondi ao soltar da mão dele.

Observei os carros se afastando antes de voltar para dentro e encarar Neal, que me esperava com uma máscara. A pegando, andamos pelo labirinto de pés de maconha antes de chegar aos fundos. Havia um alçapão escondido que levava ao andar de baixo. Ele abriu para mim enquanto eu colocava a máscara, e juntos, descemos.

Tinha duas esteiras, uma para cocaína e a outra para cristal. Só tínhamos levado alguns dias para montar essa fábrica, e a verdade era que não havia

lugar melhor para esconder um negócio ilegal do que sob um legítimo.

O cômodo continha seis dos nossos homens, todos separando e colocando o produto em sacos. Inspecionando o cristal com pinças, analisei a qualidade.

— Não são tão claros quanto a última leva — falei para Neal.

— A filha da Saoirse se machucou, suspeito que tenha apressado essa leva — Neal respondeu enquanto peneirava a metanfetamina cor de vidro na esteira.

— O que aconteceu com a filha dela?

— O namorado decidiu a usar como saco de pancadas.

Suspirei. Saoirse era nossa química. Raramente nos falávamos e todos preferíamos assim. Ela tinha o próprio laboratório totalmente equipado em Chicago do qual nunca chegávamos perto... bem, Mel e eu não, mas tínhamos algumas pessoas que davam uma olhada de vez em quando. Ela fazia o cristal, nós vendíamos, e ela gastava o dinheiro financiando novas drogas para o laboratório.

— Declan, Coraline e Fedel estão trabalhando em outra coisa. Quem você acha que pode ir *ajudar*? — Afinal, tudo isso fazia parte do acordo quando trabalhava conosco — riqueza e proteção para você e sua família.

— Oisin e Tierney — Neal recomendou. Eram capangas de rua que não eram particularmente próximos de nós.

— Tudo bem. Mande os dois, mas garanta que Saoirse saiba que se produzir alguma coisa desse jeito de novo, teremos que nos separar — respondi ao ir em direção a coca.

Já no telefone, confirmou com a cabeça. Cortando um pacote de coca, derramei o líquido e assisti enquanto ficava roxo. Era bom o suficiente por enquanto.

— Quero isso na rua até a noite.

Kain e Monte estavam na frente do cofre. Indo até ele, coloquei a senha, que mudava automaticamente a cada hora. Parecia vazio, é claro, mas fui até o meio, tirei o painel e entrei na abertura escondida de outro cofre. Não podíamos colocar todo nosso dinheiro no banco quando o recebíamos, que era o motivo de mantermos algum dinheiro com outros membros do clã por um tempinho antes que pudéssemos o movimentar. Pegando algumas pilhas, as coloquei em dois sacos diferentes para Kain e Monte. Eles saberiam o que fazer com isso.

Trancando os dois cofres atrás de mim, fui para o andar de cima.



Melody

Mordendo uma maçã, a encarei enquanto dormia. Estava enrolada em posição fetal sobre a cama, o rosto manchado de lágrimas secas. Quando chutei a coxa dela, mordi outro bocado da maçã, e sem esperar resposta dela, arrastei uma cadeira até a cama e a coloquei à sua frente.

— Hora de acordar, Olivia — falei ao me sentar.

Ela nem conseguia se recompor, e quando abriu os olhos para me ver,

começou a soluçar incontrollável. Revirando os olhos, esperei que se acalmasse.

— Olivia.

— Por favor, só...

— Está prestes a me dar uma ordem? — perguntei antes de dar outra mordida.

Ela não respondeu.

— Evelyn me pediu para te matar. Foi bem fria quanto a isso, na verdade. Nota mental, nunca trair a família, apesar que é de se imaginar que isso nem precise ser dito.

De novo, ela soluçou, e todo seu corpo chacoalhou.

— Estamos quase acabando, Olivia. Já é quase o fim e logo vai estar morta. Então chore, reze, faça o que precisa fazer. — Era a punição dela e o teste dele.

Subi as escadas a tempo de encontrar Sedric, com Ethan no colo, conversando com Liam e Neal. Ao me ver, Liam se afastou e eu já sabia o que ele queria.

— Está pronto e Avian vai dar uma coletiva de imprensa pela manhã. Vamos exibir nessa hora. Se prepare para um terremoto — falei para ele.

Me puxou para mais perto.

— É melhor segurarmos firme.

— Quem está pronto para o jantar? — Evelyn chamou da sala.

— Ensopado de cordeiro irlandês e pão de soda? Vai me deixar mal-acostumado — Sedric disse com um sorriso ao entrar na sala balançando Ethan no colo.

Neal e Liam se animaram.

Irlandeses.

Indo até a mesa de jantar, nos sentamos enquanto Evelyn servia o jantar. Parecia bem animada.

— Evelyn, você tomou alguma coisa? — perguntei.

— Não posso cozinhar para os meus meninos? — Me encarou.

— Claro que sim — Neal, Sedric e Liam disseram ao mesmo tempo.

Putaque pariu, era como se tivesse feito lavagem cerebral neles. Quase me fez querer cozinhar... *quase*, mas não muito.

Estiquei a mão para pegar um pouco de pão, mas Liam me parou e olhou esquisito para a mãe.

— É a primeira segunda-feira de junho.

— E? — perguntei.

— É Lá Saoire i mí Mheitheamh. — Neal sorriu.

O quê? Em todos meus estudos sobre a história irlandesa mal tinha ouvido falar disso. Era um feriado tradicional conhecido como segunda-feira de Pentecostes ou Corpus Christi. Mas não era grande coisa... era?

Evelyn sorriu.

— Me lembro de quando eu e seu pai os levamos para a Irlanda para

comemorar. Com toda essa idiotice acontecendo, parecia certo celebrar. Mandeí a receita para Coraline para que ela e Declan também possam comer. Somos família e pessoas que vão contra isso — bem, vamos manter as coisas agradáveis — Evelyn falou e Sedric deu um beijo no rosto dela.

Isso parecia estranhamente *normal*. Quando olhei para Ethan sentado no cadeirão, me perguntei se seria como Evelyn um dia, e a ideia me fez tremer. Realmente esperava que estivesse além de Evelyn. Essa coisa de ser mãe era como uma faca de dois gumes. Sentia a necessidade de ser gentil perto de Ethan, mas ser tão gentil fazia me sentir... agitada.

Algum dia descobriria o segredo dessa coisa de equilíbrio? Entenderia como ser a Melody Sangrenta e ainda assim fazer o jantar para Ethan e sua futura esposa ou namorada? Mas eu estava me precipitando. Precisava não só garantir que Avian sumisse para sempre, mas que essa situação não acontecesse novamente.

Como se pudesse ler minha mente, Liam colocou a mão na minha coxa. Se inclinando para mim, sussurrou:

— Só por um minuto, pare de pensar no Avian. O que é dele está guardado.

Ele não tinha aprendido até agora que eu nunca pararia de pensar? Com um sorriso, foquei em Sedric enquanto ele falava dos “bons tempos”, e ele nem era tão velho assim! Nas do jeito que falava, era de se imaginar que vivia em um filme gângster branco e preto.

— E a sua mãe não conseguia parar de me olhar! — Sedric falou entre mordidas.

— Era o seu Fedora. Não dá para ignorar um homem de Fedora. — Ela riu ao revirar os olhos para ele. Sorrindo para Ethan, se inclinou sobre a comida e disse: — Para o dia dos pais, devia comprar um para o seu papai.

Eu deveria ajudar ele com isso?

— E esconder esse cabelo perfeito? Blasfêmia — Liam riu. — Além disso, nem fod...

— Liam — Evelyn e eu advertimos ao mesmo tempo.

— Papa. Papa. Pa. — Ethan riu ao agitar os braços.

Liam e eu congelamos.

— Todo mundo ouviu isso? — Neal sorriu.

— Fale de novo, acho que o papai e a mamãe estão em choque. — Sedric estendeu os dedos para Ethan brincar.

Ethan sorriu, claramente gostando de ser o centro das atenções.

— Papa. Papa!

Todos nós, até eu, para minha própria surpresa, comemoramos. Liam ficou de pé e o pegou antes de beijar sua bochecha rechonchuda.

— Papaaaaa! — Ethan falou de novo.

— Melhor presente que já ganhei — Liam falou ao se sentar de novo com Ethan nos braços.

Por que eu sentia meu desespero repentino para ele dizer “Mama”?

Vinte E Cinco

“Só se vive duas vezes: uma ao nascer e outra ao olhar a morte nos olhos.”

— *Tan Fleming*

Liam

Esse era o meu plano e eu queria que fosse perfeito. Podia sentir o frio da taça de conhaque aninhada na minha mão. Olhei pela janela do nosso escritório, e da nossa posição, podia ver o capitólio, a cidade na colina, tudo que era bom na América estava cheio de cobras e ratos.

— Ele está falando — Mel disse ao se reclinar na cadeira atrás da mesa.

Se virando, ela aumentou o volume. A imagem de Avian enchia a tela enquanto ele ficava na frente do pódio com a cabeça erguida orgulhosamente.

“Não por muito tempo, seu arrombado.”

— Senhoras e senhores, obrigado por virem. Como disse na última coletiva de imprensa, uma investigação interna está em progresso. Mas quero que o país tenha certeza de que o FBI está removendo do quadro de funcionários qualquer um que não se encaixe nos padrões do nosso escritório. Ao longo das últimas semanas tivemos numerosas prisões, incluindo a de traficantes infames e chefes menores.

“Nossas malditas drogas.”

— A agente Rebecca Pierce não está desaparecida como os rumores anteriores indicavam, mas está atualmente de licença médica devido a um ferimento, e infelizmente, não estará disponível para interrogatório por mais algumas semanas...

— Agora. — Mel falou com um sorriso.

— Notícia urgente — o âncora do jornal reportou quando a tela saía da imagem de Avian. — Na última hora recebemos um vídeo de um grupo chamado Rsamas: Soldados da República Contra Mais Selvagismo Americano, com a agente desaparecida do FBI, Rebecca Pierce. Avisamos aos telespectadores, o vídeo contém material inadequado para crianças.

A imagem mudou para o nosso vídeo caseiro, e permiti que um sorriso se espalhasse por meu rosto. Rebecca Pierce estava de joelhos em frente a bandeira vermelha do Rsamas; seu cabelo escuro estava grudado, vestida com alguns trapos velhos. Quando a câmera focou no rosto dela, dava para ver que estava marcado de sujeira e lágrimas. De repente um par de mãos segurou um jornal recente em frente à lente. Dois homens, de quem apenas os pés eram evidência da presença, eram vistos apontando AR-15s para a cabeça dela.

— Meu nome é Rebecca Pierce, nasci em Quantico, na Virginia e passei os últimos dez anos trabalhando com unidade de crimes cibernéticos do *Federal Bureau of Investigation*. Algumas semanas atrás fui sequestrada por terroristas.

Assim que ela disse a palavra, um dos homens acertou a coronha do fuzil

nela. Solto um gritinho ao cair para frente, e o outro homem estendeu uma mão enluvada para baixo e a puxou de volta sobre os joelhos.

— Fui sequestrada... pelo grupo revolucionário; Rsamas... eles estão cansados... da natureza hipócrita do nosso... governo nesse país. Estão cansados das mentiras... e dos acobertamentos. Tentaram... entrar em contato com o dir... etor... Avian Doers e outros agentes, mas seus pedidos legítimos foram todos... ignorados, zombados, e deixados de lado... sabem que não podem lutar contra o mal usando o bem, mas só com um mal pior... e não vão parar até que não só o diretor... do FBI deixe... o cargo, mas o presidente também —gaguejou.

Olhei para Mel quando ouvi isso, mas apenas me deu um sorriso como resposta. Não sabia que queríamos o presidente fora do jogo, especialmente depois que tínhamos gastado milhões para o eleger.

Uma voz alterada falou.

— É hora do povo se levantar. É hora de o povo reagir. É hora do povo se tornar Soldados da República Contra Mais Selvagismo Americano. Se não, vamos fazer como nossos antepassados fizeram e declarar guerra. Se ouvirem um rugido por perto, ou verem uma nuvem de fumaça no horizonte, aceitem como prova das nossas intenções. Estamos pedindo que os dois, sr. Presidente e o sr. Diretor, deixem o cargo, ou o sangue de muitas vítimas inocentes estará em suas mãos. — Com isso, o vídeo foi cortado, e a transmissão de Avian estava sendo mostrada novamente enquanto o repórter comentava.

Ele estava sobre o pódio com uma expressão dura no rosto enquanto seus agentes o informavam dos desdobramentos recentes. Quando se afastaram, ele se virou e olhou com tanta raiva para a câmera que até eu teria me encolhido se fosse um homem mais fraco. Depois foi embora sem responder nenhuma das perguntas que os repórteres estavam gritando.

— Acho que ele está bravo —Mel deu um sorriso sarcástico quando o celular dela tocou. O pegando, pausou ao virar e me mostrar quem estava ligando.

— Sr. diretor, gostaria de pensar que tem situações mais urgentes para cuidar nesse momento do que ligar para bater um papo com sua querida neta —Mel zombou ao passar a ligação para o viva-voz.

— Tem alguma ideia do que acabou de fazer? — ralhou.

Meu sorriso se alargou. Tínhamos acertado em um ponto fraco.

— Por que não nos informa, Avian?

— Protegi sua família imunda, ingrata, truculenta e imprudente por décadas. Sei onde todos os corpos estão enterrados. Sei de todos os códigos para a porra das suas contas bancárias, e toda e qualquer coisa que têm é porque eu permiti. Eu sou a mão de Deus, e vocês me mordaram. Se acreditaram, mesmo por um momento, que eu estava preocupado com vocês ou com a insuficiência que é sua família, então se enganam. Mas agora, têm minha total atenção, e acreditem, isso é algo que não querem ter.

— Está nos ameaçando? — Sibilei ao pegar o telefone na minha mão. —

Nós dois sabemos que não pode nos expor sem se expor também. Autopreservação está no nosso sangue. Venha atrás de nós e vou te arrastar para o inferno junto comigo, *avozão*. Vamos expor segredos que vão destruir toda a fé no governo de que tanto gosta. Vamos derrubar seu mundo inteiro. Nosso reinado de terror em Chicago não vai ser nada comparado ao que vamos fazer aqui. Então, eu não vou cair nessa sua ladainha de merda. Está ameaçando a porra da pessoa errada.

— Esse dia vai te assombrar pelo resto da sua vida patética, Callahan. Quando eu atacar, planejo te destruir, todos vocês... antes do que imaginam. Isso eu posso garantir —escarneceu antes de desligar.

— Eu diria que ele está bravo para caralho —Mel murmurou ao se encostar na mesa.

Entreguei o telefone para ela quando começou a tocar de novo.

Com um suspiro, atendeu.

— Sr. presidente.

— Isso é coisa sua?!

— Que coisa, exatamente? — perguntou antes de se sentar na cadeira.

— Esses terroristas? Rsamas? Passou da porra do limite, Callahan. Vocês todos perderam o juízo. Tenho congressistas, governadores, o FBI, a CIA e a Interpol me perguntando qual é o plano! Tenho que dar uma resposta nos próximos cinco minutos. Não fazem ideia do que fizeram. Estão lidando com coisas que são maiores que vocês. Quero que isso acabe, agora.

— Fantoche...

— Não ouse! Sou o presidente da porra dos Estados Unidos, e não vou permitir que ferrem as pessoas desse jeito! Eu...

Mel desligou, agitou o telefone no ar por um minuto e até olhou as unhas antes de apertar para rediscar.

— Desligou na minha cara? — Coleman gritou tão alto que tive certeza de que ele tinha estourado algo vital.

— Sim, desliguei, você estava falando bobagem de novo. Então para te poupar da nossa raiva, achamos que deveríamos começar essa conversa de novo. Está pronto para agir como gente grande? Ou devo ligar mais tarde? — Mel perguntou com calma.

Silêncio.

— Vou aceitar isso como um sim —declarou. — Não vai responder uma só pergunta da imprensa. Não vai demitir Avian Doers, vai apenas mandá-lo para a Ucrânia, Turquia, Grécia, qualquer porra de lugar que queira. No lugar dele, vai montar um time especial para encontrar o Rsamas. Não se preocupe, Mina já tem a lista com o time dos sonhos. Lembre-se, presidente Coleman, os Estados Unidos não negociam com terroristas.

“E por fim, vai ficar em pé na frente do selo, com aquela bandeira americana brilhante presa no terno, e vai parecer forte. Irá liderar seu povo, e toda a América vai te amar por isso. Se tentar de qualquer forma nos sabotar — eu nem deveria precisar te ameaçar, porque você sabe qual é o resultado.

Prometemos oito anos, nunca dissemos que seria fácil, mas prometemos que seriam oito. Então faça como mandamos. Seus cinco minutos acabaram e nós estamos de olho.”

Ela desconectou a ligação e ligou a televisão, esperando-o falar. Sorri para as costas dela. Tinha um jeito com as palavras que estava além da minha capacidade. Podia desarmar e cortar as pessoas só com a língua. Era um talento dela. Não precisava de armas, só gostava delas.

— Posso sentir seu olhar fazendo um buraco na minha nuca — falou sem olhar para mim.

— Supere. — Sorri.

Ouvi a risadinha dele quando o presidente apareceu na tela. Ele parecia calmo e controlado, e mesmo de longe eu conseguia ver o broche da bandeira no paletó, do jeito que Mel instruiu. Mas não podia prestar atenção no que ele estava dizendo por que meu telefone tocou e quando olhei para baixo, vi uma foto enviada por Avian.

Minha respiração entalou na garganta quando processei a imagem.

— O que foi? — Mel perguntou.

Adrenalina inundou minhas veias, eu já estava de pé e saindo pela porta enquanto meus dedos discavam desesperados.

Pelo amor de Deus, atende.



Sedric

— Nunca gostei muito desse esporte — Evelyn falou rindo enquanto Ethan descansava no colo dela.

Tínhamos acabado de sair da Arena e estávamos do lado de fora com Monte e Kain. Mel e Liam estavam começando a ficar paranoicos, ou pelo menos, pareciam ter se esquecido quem eu era. Mas isso tendia a acontecer quando as pessoas ficavam velhas e se aposentavam. Começavam a te tratar como se tivesse esquecido de coisas que fazia há décadas.

— Sedric? Sedric? — Evelyn estalou os dedos na minha cara.

— O quê? Perdão. — Balançando a cabeça para organizar os pensamentos, me virei e a vi sorrindo para mim.

— Assim como nos velhos tempos — respondeu. — Juro, está sempre preocupado. Acho que foi depois de um jogo quando descobriu que ia assumir a família. Não consegui te fazer falar nem se fosse para salvar sua vida.

— Eu melhorei. — Ri ao beijar a têmpora dela e sinalizar para Kain ir buscar o carro. — Sabe que sempre vivi dentro da minha cabeça.

— Sim, sim, mas com todo esse tempo livre agora, era de se imaginar que ainda pode comprar um pretzel para uma dama! — Gesticulou para a barraca de comida no canto, e franzi a testa ao pensar nisso. — Ei, princesa, não zombe das barracas de comida, houve um tempo bem antes disso tudo que nós vivíamos de macarrão instantâneo.

Lembrava bem daquela época. Meu pai tinha me abandonado no ano antes de meu irmão morrer e eu precisar assumir. Dizer que foi difícil é um

eufemismo. Evelyn tinha cuidado da maior parte das contas naquele ano.

— Evelyn, eu me acostumei com um certo estilo de vida — falei com tanta dignidade fingida quanto consegui.

Ela riu sem disfarçar e Ethan se remexeu no colo dela.

— Bem, *eu* não, princesa. Então vai logo antes que o carro chegue. — Ela fez beicinho. E por alguns momentos parecia que éramos adolescentes de novo.

A beijei e fui até as barracas, onde encontrei uma garotinha e o pai trabalhando juntos.

— Como posso ajudar? — a menina perguntou com um sorriso enorme no rosto.

— Um pretzel, por favor.

— Tem certeza de que não quer dois? São bem gostosos. — Estava se aproveitando do fator fofura. Olhei para o pai dela, que merecia meus parabéns. Com certeza sabia o que estava fazendo.

— Dois então — falei ao colocar a mão no bolso para pegar a carteira, mas em vez disso meu telefone tocou.

Ao mesmo tempo, vi um brilho refletindo de um prédio próximo na minha visão periférica. O cabelo da minha nuca e os pelos do braço ficaram em pé quando minha mente identificou na hora o que era. Olhei para Evelyn, que estava no canto com Monte, sem saber que alguma coisa estava errada.

Quando beijou a cabeça do Ethan e ajustou o gorro dele, o tempo desacelerou quando derrubei tudo que estava nas minhas mãos e corri na direção da minha família. Minha garganta queimava. Eu devia estar gritando, mas não conseguia ouvir nada. Minha mente estava focada neles, e apenas neles. Parecia que uma vida toda tinha se passado antes das minhas mãos encostarem nela, e a empurrei para o chão com tanta força quanto conseguia...

BANG.



Liam

Eu estava em chamas. Minha pele, meu nariz, meus olhos, tudo. Parecia que meu coração estava bombeando lava quando Mel e eu chegamos ao hospital. O lugar todo estava caótico enquanto procurávamos na multidão, empurrando e brigando para chegar até nosso filho.

— Chefe! — Kain chamou de um canto.

— Graças a Deus! — Mel arfou ao correr até Ethan no colo da minha mãe.

Ela o segurou com força e se recusou a soltar mesmo com ele chorando.

— Mãe. — Não respondeu. — Mãe, é o Liam. — Silêncio. — Posso pegar o Ethan?

Ainda não respondeu, mas soltou Ethan devagar e Mel o pegou. O olhei com cuidado, e só encontrei alguns arranhões no braço. Me enfiando ao lado dela, peguei suas mãos e as massageei de leve, como costumava fazer quando era mais jovem. Ela parecia atordoada, e estava coberta de sangue.

— Mãe, de quem é esse sangue? — Cochichei, encarando o vestido dela antes de olhar para Ethan.

Ele estava vivo. Ele estava bem. Então de quem era aquele sangue?

— Mãe, cadê o pai? — Sussurrei devagar.

Se balançou para frente e para trás de novo e de novo. Seu rosto se contorceu, e quando seus lábios se abriram, um lamento escapou. Um choro agudo, doloroso que trouxe lágrimas aos meus olhos.

— Mãe, onde está o pai? — Segurei nos braços dela, fazendo o que podia para controlar o redemoinho dolorido no meu peito e a vontade de a sacudir.

Balançou a cabeça e continuou chorando e soluçando, até cair da cadeira e nos meus braços. Enquanto a segurava, fiz o que podia para afastar a realidade que estava empurrando os fatos para a frente dos meus pensamentos. Comecei a tremer quando o caroço que tinha se formado na minha garganta parecia crescer e tomar meus pulmões, expulsando todo o ar do meu corpo.

Isso não pode... Eu não posso...

— Eu tentei —ela arfou. — Eu não vi. Ele viu. Ele estava gritando e berrando para eu correr, e não entendi, só senti o chão quando ele nos empurrou. Eu não vi! E ele não se levantava, se recusou a se levantar. Não sei, não... tinha tanto sangue, no chão inteiro. E- eu...

Não.

A soltando de mim, encarei os olhos dela e balancei a cabeça de novo.

— Não. Cadê o médico? Quem é o médico aqui? — Me levantei para olhar ao redor, só para encontrar Mel cochichando com Kain.

— Que caralho pensa que está fazendo? Vá buscar a porra de um médico!

Kain estava com a cabeça abaixada, mas não se mexeu.

— Você é burro? Vá. Buscar. Um. Médico. Seu. Idiota.

— Liam. — Mel respirou fundo e olhou nos meus olhos. — Ele não tem como ser examinado. Foi declarado morto na hora.

Ela tinha me machucado muito no passado, mas nada se comparava a esse momento. Estava só tentando me magoar de novo, eu sabia. Era só um jogo; ela me machucaria, eu iria atrás dela e... no fim do dia, riríamos de tudo, tudo estaria bem. Eu sabia. Tinha que ser.

Era só um joguinho idiota.

Olhando para baixo, vi minha mãe desmoronada no chão, e a compreensão novamente estava se empurrando em meus pensamentos.

— Não —ralhei ao me agachar para pegar minha mãe do chão e a colocar de volta na cadeira, mas ela só chorou mais. — Vou achar o médico, tudo bem? Mãe. Mamãe, pare, tudo bem? Tenho certeza de que ele vai ficar bem.

— Liam. — Mel estendeu os braços para mim, mas estapeei suas mãos para longe.

— NÃO! — Gritei na cara dela. — Você não *conhece* meu pai. Ele não morre. Ele não morre na rua como a porra de um cachorro. Ele é um Callahan. Ele não está morto, então cale essa boca e olhe minha mãe. Eu mesmo vou o encontrar.

Ele não estava morto.

Deu um passo para trás e confirmou com a cabeça antes de eu sair cambaleando pela multidão.

Ele não estava morto.

Não conseguia imaginar um mundo sem meu pai. Não conseguia entender.

Ele não estava morto.



Melody

Ele se foi. Simples assim. Uma hora estava aqui e na outra não. Não foi como Orlando – eu sabia que ele estava morrendo. Estava preparada, e mesmo que tenha doído, foi diferente. Mas isso, eu não entendia. Meu peito doía e meus pulmões queimavam. Não houve muitos momentos na minha vida em que me senti assim. Podia sentir minha visão se embaçando com as lágrimas, mas não podia deixar minhas emoções me controlarem, não com Ethan aqui.

Neal tinha acabado de chegar e nos transferiram para uma sala de espera privada, mas isso era pelo Monte. Ele tinha levado três tiros protegendo Evelyn e Ethan, e agora estava em cirurgia. Entreguei Ethan para Neal, que olhou para mim. Seus olhos estavam vermelhos e inchados, e as lágrimas não pararam de cair, não tinha controle sobre elas.

Ele enrolou Ethan nos braços, garantindo que estava seguro ao se ajeitar na cadeira. Evelyn estava enrolada dormindo ao lado dele. Tinha dado alguns sedativos a ela para que descansasse um pouco.

— Vou procurar o Liam. Já volto — sussurrei.

Kain confirmou, já de guarda.

Indo até o fim do corredor, esperei até estar fora de vista e do alcance da audição deles. Então, entrei em uma sala vazia, parando apenas por um momento para garantir que estava completamente sozinha antes de soltar tudo; gritei. Gritei e soquei a parede vez e outra até meus dedos ficarem amortecidos, sangrentos e com o osso exposto. Avian tinha nos mandado uma imagem de Ethan e Evelyn com a legenda “adeus.”

E agora... agora Sedric se fora.

Simples assim. Não só tinha matado ele – dez outras balas foram encontradas, três estavam no Monte, uma no Sedric, as outras eram transeuntes e um motorista que acabou entrando com o carro em um prédio. E agora o corpo de Sedric estava aqui no necrotério e eu não conseguia...

Porra, isso doía.

Respirando fundo, segui as setas azuis e peguei o elevador. O cheiro era de morte mesmo enquanto andava pelo corredor silencioso. E lá o encontrei, tenso ao lado da mesa. Entrando na sala, suspirei de alívio por ele não ter aberto o saco sozinho. A mão dele, que parecia mais pálida do que eu me lembrava, pairava sobre o topo do saco. Estava com medo, mas eu sabia que ele não acreditaria enquanto não visse o corpo de Sedric com os próprios olhos.

Indo até ele, puxei o zíper devagar e Liam afastou a mão. Não queria que

visse isso, não se não quisesse, então deixei que meu corpo bloqueasse seu campo de visão.

— Estou pronto.

Não está, não.

Nenhum de nós estava, não importava o que disséssemos. Indo para trás, permiti que visse a bala solitária no meio da cabeça do pai. O corpo de Liam se curvou para a frente quando suas pernas ficaram moles, mas o segurei e impedi de cair enquanto os soluços saíam de seu corpo; não só da boca, o corpo todo se agitava com soluços doloridos que faziam minha garganta se apertar e meus olhos arderem. Chorou abertamente em meus braços antes de finalmente se virar para encarar o pai. Beijou a bochecha dele e o abraçou apertado.

— Sinto muito. Eu sinto muito, pai. Me desculpe. — Chorou.

Não me importava o que dissesse, nós estávamos indo para a casa.

Ele ia levar o pai de volta para a casa, para Chicago, onde era o lugar dele. Teríamos a nossa vingança, mas ele precisava disso, e francamente, eu também. Todos precisávamos.

Alguém ainda tinha que informar Declan e Coraline, e eu sabia que esse alguém seria eu.

Segurando meu marido, uma necessidade ardente viajou por meu corpo todo. Algo parecido com adrenalina, mas mais sombrio, muito mais vingativo, correu por minhas veias e fiz uma promessa silenciosa: *Nunca mais!*

Vinte E Seis

“Corações podem se partir. Sim, corações se partem. Às vezes acho que seria melhor se morrêssemos quando isso acontece, mas não morremos.”

— *Stephen King*

Coraline

Secar meu rosto continuamente não ajudava. Nada parecia amenizar a dor, ou parar as lágrimas. Estava sentada na beira da nossa cama esperando meu marido. Ele chegaria a qualquer momento, e eu precisava ser forte por ele, mas as malditas lágrimas não paravam de cair. Quando a porta se mexeu, me senti rápido com as mãos do lado do corpo.

— Você viu o jornal? Mel e Liam são malucos. Estou famoso, amor... bom, minha arma e minha voz alterada são. Quem diria que seria tão fácil — pausou tirando os sapatos e olhou para mim. — Qual o problema?

Não falei nada, optando por ir até ele antes de agarrar os lados de seu rosto e o beijar profundamente. Ele me puxou contra si, e enrolou os braços no meu corpo antes de se afastar e sorrir.

— O que eu fiz para merecer isso? Me conte para eu poder fazer de novo!

Não queria fazer isso. Não podia fazer isso com ele. Tinha perdido o homem que o acolheu e o tratou como um filho a vida toda — tinha perdido o verdadeiro pai. As lágrimas voltaram e mordeu a língua. Mel tinha falado no telefone para falar logo, que ia doer não importava como desse a notícia, mas eu não queria vê-lo sofrendo.

— Coraline, fale comigo por favor — sussurrou e colocou uma mão no meu rosto. — Eu fiz alguma coisa? Sei que estou sendo muito superprotetor, mas não consigo evitar, só me preocupo com você.

Coloquei meu dedo nos lábios dele e respirei fundo.

— Mel e Liam voltam amanhã cedo.

— O quê? Por quê?

— Amor, eu sinto muito. Sedric se foi — permiti que as palavras corressem para fora.

Ele estalou os olhos e deu um passo para longe de mim.

Tudo que tinham me contado saiu da minha boca de uma vez só.

— Avian tentou matar Evelyn e Ethan, mas Sedric os tirou do caminho e... e levou um tiro... e não se levantou. Mel...

— Pare! — Declan gritou para mim.

Tentei encostar nele, mas me afastou e balançou a cabeça em negativa.

— O que está dizendo? O quê? Eu não... não entendo. Falei com ele e a Evelyn só faz algumas horas. Por que está falando isso?

— Declan.

— Não, isso é loucura. Está enganada. — Me cortou e fui na direção dele mais uma vez, dessa vez o puxei em um abraço. Só ficou ali tenso. — Está

errada.

O corpo dele começou a tremer enquanto se segurava em mim.

— Está enganada. Não posso perder dois pais, Cora.

Mas ele tinha perdido e eu queria estar errada. Queria mesmo, porque tudo que eu conseguia ver eram os dias sombrios que viriam pela frente.

Como foi que isso aconteceu?



Neal

Eu precisava vê-la. Tinham se passado apenas algumas horas sem ele e ainda parecia que haviam acabado de me contar. Ardia pensar na realidade. Minha garganta parecia estar se fechando, como se meu coração tivesse rastejado traqueia acima, apenas querendo sair. Meus olhos doíam, e queria os arrancar, nem que fosse só para aliviar o ardor constante. Mel tinha levado Ethan e a mãe para casa, me deixando com Liam e Kain. Nenhum de nós falou. Apenas nos sentamos na nossa sala de espera privada em silêncio até eu não aguentar mais. Tinha que vê-la.

Nos recusávamos a sair sem nosso pai. Nos recusávamos ao deixá-lo lá sem a gente e em uma caixa gelada como se não fosse ninguém. Não era certo. Tinha planejado ficar no hospital a noite toda quando Olivia ligou pela nona vez. Nem sabia direito porque tinham se incomodado em deixar um telefone com ela, mas tinha certeza de que era relacionado ao Avian — o maldito filho da puta. Eu ia puxar os pulmões dele pelo cu.

Quanto mais eu pensava nele, mais pensava nela. Eu tinha que vê-la, precisava saber se ela estava ciente disso... se fazia parte de seu plano desde o início.

Liam nem pareceu notar quando me afastei, ele apenas ficou sentado com Kain, que permaneceu ao seu lado como uma maldita pedra. Nem parecia que estava respirando. Eu não queria deixá-lo, mas precisava saber.

Chegando em casa, indo até Olivia, ouvi vozes.

— Evelyn, pare, por favor! — Ouvi o grito estrangulado ao andar na direção do porão. Lá, na cama, estava Olivia tentando afastar minha mãe, que estava em cima dela. Continuava a esmurrando, e seus punhos estavam cobertos de sangue ao se encontrarem com o rosto de Olivia.

— Sua puta! Te recebi na minha casa, na minha família, e é isso que faz? Isso é tudo culpa sua! Vou te matar! Vou te matar, caralho! Como ousa! Sua vagabunda imunda! Morra! Só MORRA! — Puxou o braço para trás e deu um último soco, até que finalmente, a tirei de cima de Olivia. Ainda enraivecida, lutou para sair do meu aperto e me deu um tapa forte na cara. Com lágrimas nos olhos, me encarou com raiva.

— Isso é culpa sua! — Gritou comigo antes de apontar para Olivia, que agora tinha um lábio cortado, um nariz quebrado e um talho na testa. — Trouxe esse lixo, essa cobra, essa puta do mal, para as nossas vidas, nossa família. Ela queria todos nós mortos e agora vai ter o que desejava. Por uma vez na sua maldita vida, Neal Callahan, pare de ser uma decepção! Sempre

estive do seu lado, sempre quis o que é melhor para você, e é assim que me agradece? Me destruindo? Não consigo nem olhar para a sua cara. Como pôde fazer isso comigo?! — Cuspiu aos meus pés.

— Evelyn, vem cá — Mel cochichou, mas ela se recusou a se mexer. Com um suspiro, Mel puxou uma seringa e enfiou no pescoço dela. Fui ajudar, mas Mel balançou a cabeça antes de passar o braço da minha mãe sobre os ombros e ir na direção da porta.

— Não entendo. O que aconteceu com ela? O que está acontecendo? Não vejo ninguém há dias. Não que eu queria ver alguém dessa família idiota do caralho. Ninguém me deu nada para comer.

Alguma coisa dentro de mim se quebrou. Minhas mãos estavam no pescoço dela antes da minha mente tomar uma decisão consciente de se mexer. Apertei o mais forte que conseguia.

— Meu pai está morto e está chateada porque alguém não te deu um lanche? — perguntei, me sentindo surpreendentemente calmo enquanto ela se debatia. As unhas dela arranhavam meus braços enquanto lágrimas inundavam seus olhos vermelhos. Em vez do terror absoluto que imaginei que sentiria quando esse dia chegasse, uma calma sobrenatural tomou conta de mim. Não senti nada além de um desejo repentino de livrar o mundo desse vírus nojento que eu havia cegamente colocado contra minha família.

— Neal... esse... não... como... você... — falou engasgando-se.

— Você não me conhece — falei, me surpreendendo mais uma vez com o quanto não me sentia afetado. Apertando tão forte quanto conseguia o pescoço dela, senti alguma coisa quebrar, não dentro de mim como costumava sentir ao lidar com ela, mas literalmente senti e ouvi o som bruto e doentio quando sua traqueia finalmente cedeu sob a pressão do meu aperto e ela parou de resistir. O corpo dela amoleceu e encarei seus olhos frios e vazios. Mal tinha uma diferença entre agora e semana passada.

E foi isso.

Ela se fora.

Simples assim, nada chique, não pela mão do Liam ou da Mel, mas pelas minhas. E não me arrependia. Não senti nenhum remorso ao olhar sua carcaça que já esfriava.

— Eu cuido disso, Neal, agora vá ver sua mãe — Mel disse atrás de mim.

— Ela vai acordar a qualquer momento, e agora ela precisa de um dos filhos.

Dei mais uma olhada na Olivia antes de me levantar.

Mel segurou meu braço antes que conseguisse sair da sala.

— Nós vamos nos vingar, eu juro, Neal.

Não sabia como responder enquanto meu coração tentava escapar pela garganta mais uma vez. Indo para o quarto dos meus pais, subi as escadas e era como se alguém estivesse tentando me puxar de volta. Talvez fosse a alma demente da Olivia. Ou talvez eu só estivesse condenado.

Entrando no quarto, encarei minha mãe enquanto ela agarrava o que imaginei ser o travesseiro do meu pai. Parecia que estava tentando absorver

qualquer essência que ele tivesse deixado. Me sentando ao lado da cama, nem tentei impedir o fluxo das lágrimas.

O que acontece agora?

Vinte E Sete

“Não vou dizer para não chorar, pois nem todas as lágrimas são um mal.”

— J.R.R. Tolkien

Liam

PASSADO

Ele me deu um soco tão forte que dei um giro antes de cair no chão. Atordoado, fiquei deitado ali por um momento antes de conseguir me levantar e tirar o protetor de cabeça.

— Você roubou!

— Não, você só é uma bosta —meu pai falou com uma risada e me jogou uma garrafa d’água.

Puxei as luvas o mais rápido que pude, desesperado para matar minha sede.

— Minha professora me disse para não usar a palavra “bosta”, porque ela sabe que sou mais bem-educado do que isso.

— Ela disse que você é bem-educado, não eu, garoto. — Revirou os olhos antes de derramar a própria garrafa sobre a cabeça. Me levantando, segui o exemplo dele e derramei o líquido congelante no meu corpo. Tremi enquanto a água pingava do meu rosto na lona do ringue.

— Bem, é mais educado do que eu —respondi ao chacoalhar a água do cabelo. — Ao menos deveria ser, certo? É velho.

Franziu a testa para mim antes de jogar uma luva na minha cabeça. Me abaixando para desviar, dei um sorriso.

— Regra número vinte: Seu pai nunca é velho e seria sábio não alegar que ele é. Também, se lembre da regra número vinte e três; só porque alguém é velho, não significa que seja sábio.

— Não pode inventar as regras no meio do caminho! — Gritei para ele. — Disse que elas foram passadas pelo seu pai e o pai dele antes disso. Disse que era uma tradição.

— Liam, você tem treze anos, não me cobre sobre tudo que eu disser, é irritante. Deveria esquecer dessas coisas —respondeu ao me ajudar a sair do ringue.

— Por que eu esqueceria? Você se irrita quando precisa repetir as coisas. — Franzi as sobrancelhas.

Ele suspirou e bagunçou meu pescoço.

— Você é sério demais, Liam. A vida é curta; se rebele um pouco. É saudável, então aproveite a vida. Leia um quadrinho, coma demais, não tem problema fazer isso de vez em quando —me falou ao apertar o botão do elevador.

— O vovô diz...

— O vovô é um chato, e ninguém consegue fazer ele feliz. Seja quem é. Ouvi falar que o baile da escola está chegando. Quem você vai levar?

— Ninguém. — Fiz uma careta ao me encostar na parede do elevador.
— Ninguém?
— Sim, porque não vou. Ainda odeio a escola. Só vou por você.
— Ora, muito obrigado —riu—. E você vai ao baile.
— Por quê? — Grunhi e dei um tapa na minha testa. — Eu odeio todos eles.

— Porque te deixa desconfortável e precisa se acostumar a fazer coisas que te deixam desconfortável.

Murmurei um juramento baixinho e ele me olhou, me desafiando a o contrariar.

— Tudo bem, eu vou. Mas vou odiar tudo.

— Pode me agradecer depois.



PRESENTE

— Liam, precisa comer alguma coisa —Mel sussurrou depois que embarcamos no jato. Não conseguia me lembrar dos eventos que me trouxeram até aqui. Olhei pela cabine, tentando entender por quanto tempo estive desacordado, quando percebi um tipo de sopa e fatias de pão na minha frente.

— Não estou com fome.

— Tudo bem. Então pode dar comida para o Ethan enquanto eu dou uma olhada na sua mãe? — perguntou enquanto segurava a mamadeira e Ethan nos braços.

Não queria lidar com isso agora.

— Mel, não, não consigo.

O colocou nos meus braços e me deu a mamadeira apesar do meu protesto. Ethan olhou para mim, esperando, e só pude olhar seus olhos verdes, olhos que refletiam os meus, e congelei.

— Papa —me chamou e respirei fundo antes de o ajeitar para mamar.

Sugou feliz e eu observei. Parecia em paz, alegre. Relaxando na minha poltrona, o segurei perto do coração. Pegando o pão com minha mão livre, comi junto com ele. Um momento depois, Mel voltou do quarto privado do jato e se sentou em silêncio à minha frente.

— Como ela está? — perguntei ao morder outro pedaço de pão. Não tínhamos conversado de verdade, e porque eu era um covarde, tinha pavor de precisar a encarar.

— Dormindo.

Com um aceno de cabeça, olhei pela janela para o mar de nuvens. Parte de mim queria acreditar que ele estava nesse voo conosco, relaxando nas asas, mas para fazer isso, significava que eu teria que aceitar o fato de que ele se fora e isso era algo que me recusava a fazer.



PASSADO

Estava sentado no banco de trás do carro com meu pai enquanto

passávamos pelas ruas escuras de Chicago. Olhei para ele e parecia calmo enquanto terminava suas palavras cruzadas. Todas as beiradas de seu terno estavam firmes e vincadas. Seu relógio brilhava na luz medíocre, e seu cabelo escuro estava penteado para trás.

— Relaxe —aconselhou.

Com uma careta, me reclinei no banco.

— Estou relaxado.

— Parece nervoso.

— Não estou nervoso. Você que está assassinando a palavra cruzada — respondi.

Me olhou de soslaio, a sobrancelha erguida.

— Bem, desculpe-me, sr. Sabe-Tudo, por que não arruma então? — Entregou para mim.

Pegando a caneta e o jornal, balancei a cabeça para algumas das respostas dele.

— Dezessete letras para assassino silencioso é *Monóxido de Carbono*. Cento e oito níveis pertencem a onze letras – a resposta é *Willis Tower*. A resposta da quatro na vertical é *Buckingham Fountain*, não Palácio, é por isso que não conseguiu preencher o espaço.

— Exibido —grunhiu ao pegar o jornal da minha mão ao mesmo tempo em que o carro parava. — Anda, chegamos.

Pulando para fora, coloquei o cabelo para trás, na esperança de o manter longe dos olhos. Ele colocou o chapéu e entregou a maleta para o motorista. Fez cara séria de novo ao me encarar.

— Te prometi que no seu décimo quarto aniversário eu te mostraria o meu trabalho. Você não vai desviar o olhar. Vai ficar de cabeça erguida e me deixar orgulhoso, ou não vou desperdiçar meu tempo com você, estamos entendidos?

— Sim —, falei. Então, estreitou os olhos para mim —quer dizer, sim, senhor.

Com um aceno, entrou em um bar com luzes verdes neon piscantes acima da porta. O lugar ficou silencioso e todos saíram do caminho dele enquanto avançava. Alguns até saíram dos assentos e foram do bar para o canto enquanto caminhamos até o fundo, enquanto outros acenavam a cabeça em sinal de respeito. Sempre soube que meu pai era respeitado, e já tinha entendido que as coisas que fazia nem sempre eram boas. Mas essa era a natureza do negócio da família. Se provasse que era capaz, ele disse que eu faria grandes coisas e eu queria isso. Queria que as pessoas me respeitassem, me temessem, ficassem de pé quando eu entrasse na sala.

Fomos para o porão, e lá eu vi um homem, pingando sangue e suor, amarrado a uma cadeira no meio do cômodo. Os homens ao redor dele deram um passo para trás quando viram meu pai. Ele tirou o chapéu e entregou para um dos homens antes de fazer a mesma coisa com o paletó. Passou um bom tempo enrolando as mangas da camisa, e eu sabia que estava gostando disso.

— Então é um policial, O'Neil? — perguntou por fim. — Geralmente nós

te daríamos uma surra antes de colocar uma bala na sua cabeça. Odeio desperdiçar meu tempo com imundície. Mas hoje é aniversário do meu filho e antes de irmos caçar amanhã, gostaria que ele praticasse um pouco.

Um dos homens entregou um arco e algumas flechas, que meu pai testou com as pontas dos dedos antes de ir até o outro lado da sala. O'Neal foi puxado para a outra ponta e um copo de cerveja estava equilibrado sobre sua cabeça.

— Liam, fique na frente dele.

O quê?

Meu queixo caiu, mas não discuti, apenas obedeci e dei um passo para a frente dele.

— Se vire e olhe para ele —dicionou enquanto eu fazia como mandava. Assim que parei, uma flecha voou ao lado da minha orelha e parou no ombro do homem. A ouvi cortar o ar antes de acertá-lo. Fiquei o mais imóvel possível enquanto meu pai atirava outra, e mais uma, e ainda outra, e toda vez ele acertava um ponto diferente no corpo do homem. A cerveja agora estava estilhaçada no chão.

— A última é sua, filho —informou, e me virei e o encontrei esticando o arco na minha direção.

O peguei devagar e olhei para ele.

— Acabaram minhas flechas, então vai ter que as puxar dele, assim como faz quando vamos caçar veados.

Não queria nem chegar perto do homem sangrando, mas me recusava a decepionar meu pai. Indo na direção de O'Neil, agarrei a flecha e empurrei para que saísse do outro lado. O homem chorou e gritou, mas o que me incomodou foi o fato de que estava se mexendo.

— Se mexa se quiser, mas só vai doer mais ainda —falei antes de começar a tirar as outras. Então fui para o lugar do meu pai no fim da sala.

— Cotovelo baixo —guiou enquanto eu me posicionava. — Puxe gentilmente e apenas deixe que voe.

E foi o que fiz. A primeira o acertou na coxa, a próxima no braço, e a outra no estômago.

— Pare —meu pai falou ao tomar o arco e as flechas das minhas mãos. — Estou me cansando disso, mas pelo menos acertou.

Com isso, pegou as três últimas flechas e as atirou nos dois olhos de O'Neil, e a última no coração antes de olhar para mim.

— Ainda precisa praticar — afirmou antes de se virar para falar com seus homens.

Assisti enquanto puxavam o homem da cadeira e o deitavam no chão. O sangue que saía dele se arrastava devagar na minha direção.

— Liam.

— Sim, pai?

Ele lavou as mãos e desenrolou as mangas antes de colocar o paletó e o chapéu de volta.

— Estamos indo para a casa.

— O que acontece com o policial agora?

Com os lábios franzidos, me examinou com o olhar.

— O que quer dizer “o que acontece com ele”?

— O que faz com o corpo dele, não pode só jogar no lago... pode?

— Isso depende. — Ele e os homens riram quando colocou a mão no meu ombro e me guiou de volta até o bar.

Esprei até nós dois estarmos sentados antes de me virar para ele.

— Depende de quê?

— Do que a equipe de limpeza decidir fazer com o corpo dele. Uma coisa que sempre vai precisar é de uma boa equipe de limpeza. Despesas monetárias não devem ser uma questão, os inspecione pessoalmente. Garanta que ninguém próximo de você se envolva com o produto que fornecemos. Entendeu?

Confirmei com a cabeça e me inclinei para trás. Então me lembrei de algo importante.

— Vamos mesmo acampar amanhã?

— Aham. Talvez a gente consiga convencer sua mãe a não te afogar em repelente de novo — zombou.

— Não apostaria nisso.



PRESENTE

— Liam? Liam? — Mel cochichou.

Abri meus olhos e a encontrei acima de mim, sorrindo. Adorava acordar com a voz dela. Estendi a mão e acariciei seu rosto.

— Oi, você.

Ela deu um sorriso triste e tocou minha bochecha.

— Nós pousamos. Precisamos ir.

Parei enquanto tudo voltava à memória. Tinha tido um momento de trégua, um momento quando pensei que fosse só um pesadelo, mas era real e doía ainda mais.

— Eu sei — Mel sussurrou como se pudesse ler meus pensamentos. — Eu sei, mas precisamos descer do avião, Liam.

Confirmando com a cabeça, me levantei e peguei o paletó e a mala. Notei que Jinx estava carregando Ethan, e por algum motivo, me incomodou. Pegando meu filho do colo dele, me virei e saí do jato sem dar uma palavra.

Saí e encontrei Declan e Coraline abraçando minha mãe, que pela primeira vez na minha vida toda, estava usando calça e blusa de moletom. Parecia quebrada. Meu coração doía e o sangue fervia só de vê-la.

Coraline ajudou minha mãe a entrar no carro antes de segui-la, deixando Declan, Neal e eu a sós. Ethan cutucou meu rosto como se para me lembrar da sua presença, antes de Mel chegar e o pegar. Parte de mim não queria soltar, mas sabia que seria melhor para meus irmãos e eu termos essa conversa sozinhos.

Declan e eu respiramos fundo quando Fedel, Kain e Jinx tiraram nosso pai do compartimento de carga do avião. Meu pai agora era carga. Não tinha certeza de como Mel tinha conseguido, ou quem tinha subornado ou ameaçado, mas o corpo dele havia sido tirado do necrotério, limpo, vestido e colocado no nosso avião sem problemas.

Declan balançou a cabeça, a mandíbula tensa.

— Isso é uma merda.

— Declan — Neal tentou.

— Não. Isso é culpa da porra da sua esposa. Quem garante que não foi ela que os entregou?! Estamos te dizendo há anos que ela era um lixo e estava cego demais por causa daquela maldita boceta.

— Vai se foder! Não sabe de merda nenhuma! Seu imprestável.

— Chega. — Cortei. — Só tem um homem responsável por isso, e nós teremos nossa revanche. Até lá, não ferrem os últimos momentos antes de enterrarmos o pai agindo como crianças de cinco anos, não vou permitir. Mato vocês dois antes de deixar que fodam com tudo — falei antes de ir até o carro onde minha mãe estava sentada. Teria ido com Mel, mas precisava de um minuto a sós com ela. Quando entrei, já estava enrolada e adormecida de novo. Coraline saiu do carro e tomei o lugar dela.



Melody

Voltei minha atenção para Fedel e o informei enquanto ele segurava a porta para mim. Depois que me sentei, coloquei Ethan na cadeirinha antes de puxar um cobertor sobre ele. Fedel se sentou na frente enquanto Jinx tomou o banco do passageiro para si.

— Estou recebendo atualizações do Monte. Está vivo, mas tiveram que amputar a perna esquerda dele — falei para Fedel e ele acenou. — Preciso de você presente e focado, Fedel.

— É claro, *signorina*. O que precisa? — perguntou.

— A família já foi avisada?

— Sim, a notícia se espalhou e famílias já estão deixando presentes e fotos nos portões — respondeu enquanto procurava alguma coisa nas fotos do celular.

— E a imprensa?

— Estão focados nos novos terroristas, Rsamas. Na verdade, estão dizendo que o grupo está por trás do atentado do franco-atirador — Jinx respondeu e encarei a nuca dele.

— Quantas pessoas *sabem* sobre o Rsamas? — A única maneira disso funcionar seria se pouquíssimas pessoas soubessem o que estava acontecendo de verdade.

— A família, a agente, Kain, Monte, Jinx e eu — Fedel respondeu ao parar no sinal vermelho.

Olivia estava morta, e tinha cuidado do corpo dela com a ajuda de um tonel de ácido. A agente estaria morta em breve. A família estava do nosso lado, o

que só deixava os quatro.

— Vamos manter assim. Acobertem tudo se alguém começar a especular. Fui clara?

— Sim, *signorina* — os dois disseram.

— Pedi os detalhes do funeral, onde estão?

Jinx me entregou o tablet, me permitindo passar por tudo o mais rápido possível.

— Nada de rosas vermelhas. Evelyn gosta das brancas. Se ela gosta, significa que Sedric gostava também. O funeral não será na mansão. Podemos fazer nos penhascos, que vão os lembrar da Irlanda. É o melhor que podemos fazer. Prepare mesas, cadeiras e um bar para pelo menos duzentas pessoas. Quero proteção pesada nas árvores e lá embaixo. Onde encontrou esse bufê?

— Eu e alguns dos homens, incluindo os irlandeses, fomos ao restaurante. Ela é boa, *signorina*, pode confiar — Fedel respondeu.

— Tudo bem, pode ser, mas mande enviarem uma amostra hoje à noite. Se tiver gosto de merda, a responsabilidade é sua.

— Sim, *signorina*.

Inspirei profundamente antes de me inclinar para trás. Observei enquanto Ethan balbuciava, e ri quando tentou bater na janela.

— Chefa?

— Jinx?

— Devemos nos preocupar com a Olivia? — perguntou, e fui lembrada do fato de que mais ninguém sabia do que tinha acontecido.

— Ela não é mais um problema.



Liam

PASSADO

— Pai, não quero me casar com ela — falei ao entrar no escritório dele.

— É uma pena, porque vai fazer isso um dia — falou, sem se incomodar em olhar para mim.

Murmurando baixinho, fui até o sofá dele e me joguei sobre o móvel.

— Pés no chão, não vou ouvir gritos da sua mãe de novo por estragar a mobília dela.

Grunhi.

— Pai, é disso que estou falando, você é tão domado.

— Domado? Estava ouvindo da porta do quarto ontem à noite de novo?

— Eca, pai! — Tive ânsia de vômito enquanto ele ria da minha cara. — Essa imagem mental vai ficar na minha mente para sempre. Está me traumatizando!

— Você que tocou no assunto. Quando volta para a escola? — falou ao rir enquanto grampeava alguns documentos.

— Está tentando se livrar de mim? — Me estiquei para olhar para ele.

— Sim, para eu poder voltar a ser *domado*.

— Para com isso. A piada morreu! Podemos focar em mim por um

momento?

— Você tem dezoito anos. Achei que isso significasse que eu poderia parar de focar em você!

O olhei com raiva ao me sentar e esperar.

— Silêncio, finalmente. Achei que nunca descansaria com todos vocês em casa de novo. — Sorriu.

— Não vou me casar com ela. Não preciso de uma babá depois que você bater as botas.

— Quem falou de alguma porra de bota? — ralhou.

Odiava quando eu o provocava sobre ficar velho. Uma vez, aponteí alguns de seus cabelos brancos, e em resposta à minha observação astuta, jogou um vaso na minha cabeça.

Ele congelou antes de voltar sua atenção para mim.

— Está pensando em mandar me matar, filho?

Revirando os olhos, fiquei de pé.

— Sim, claro, velhote, é isso que estou planejando. Vendo que come como... bem, eu. Não ficaria surpreso se caísse duro amanhã. A mãe não estava gritando sobre o seu coração um dia desses?

— Estou bem, eu fiz um acordo —replicou.

— Com quem, Deus ou o Diabo? — Dei um sorriso ao ir na direção do conhaque dele.

— Não ouse. Sua mãe quase me matou quando descobriu que te deixei beber.

— Ela saiu fazer compras com a nova namorada do Neal, Olivia Coleman —informei.

Pausei enquanto ele pensava no assunto antes de confirmar com a cabeça. Servi um drinque para ele também.

— O que acha dela? — perguntou.

— Ela é... bonita. De um jeito meio fabricado.

Ele revirou os olhos.

— Mais fundo do que isso, Liam, o que acha *mesmo* dela?

Só tínhamos jantado com ela algumas vezes, mas não tinha certeza.

— Ela fala muito, e gosta da câmara. Acho que tem potencial para ser uma grudenta de nível cinco. Não é burra, mas não é muito inteligente também. Em suma, não posso confiar nela até a conhecer melhor. Por quê? Não gosta dela?

— Ela não é o tipo de mulher que eu queria para o Neal. — Parou para pensar. — Ele precisa de uma mulher que pode o manter com os pés no chão e trazer o melhor dele à tona.

— Espera aí, então pensou muito sobre o tipo de mulher que Neal precisa, e está só me jogando para os italianos?

— Parece estar com ciúmes, Liam —falou com uma risadinha. — Eu não tenho favoritos.

— Mentiroso —murmurei. — Se ele gosta da Olivia, que seja. Parece que

ela o faz feliz, mas por outro lado, um cachorrinho não faria a mesma coisa?

— Ei. — Franziu a testa para mim.

— O quê?

— Ele é seu irmão mais velho, o respeit.

— Falar é fácil.

— Tudo bem. Se não quer se casar com Melody Giovanni, então pode se casar com a srta. Coleman.

— É como perguntar se eu prefiro ser atropelado por um trem agora ou mais tarde! Não quero me casar antes de assumir. Não deveria ser uma cláusula para eu ser *Ceann Na Conairte*. — Ele tinha todas essas malditas regras. Tinha me forçado a aprender tudo sob a porra do sol, e ainda me tratava como uma criança.

— Giovanni ou Coleman? — perguntou como se estivesse entediado.

— Eu...

— Não vou perguntar outra vez. Giovanni ou Coleman?

— Tudo bem, Giovanni. Vou esperar o trem. Talvez eu consiga pensar em um jeito de sair desse contrato. Não sei como pode confiar neles com o tanto de merda que os italianos nos fizeram passar. Agora devo dormir ao lado de uma.

— Pelo menos a comida vai ser boa —replicou.

— Temos chefs para isso – o que está olhando? — Fui até ele e vi um mapa sobre a mesa. Eram as novas rotas de entrega dos nossos suprimentos.

— Ora, vejam só, você *consegue sim* parar de falar de garotas por um minuto —meu pai comentou.

Cuzão.



PRESENTE

Estava na varanda encarando a lua com uma garrafa de conhaque na mão. Bebendo direto do gargalo, tremi quando os braços de Mel se enrolaram em mim. Sem dizer uma palavra, fiquei lá e aproveitei o calor da presença dela. Estava com frio e nada conseguia me esquentar como ela. Beber não ajudava, lágrimas queimavam, mas ela e Ethan resolviam.

— Sei que preciso ser mais forte, que preciso ser um líder —, sussurrei para ela. — mas eu...eu...

— Eu entendo, Liam. Já está tudo resolvido para amanhã, você só precisa aparecer.

Não.

Balançando a cabeça mais uma vez, me virei para a olhar.

— Preciso que me dê o discurso.

— O discurso? — questionou confusa.

Olhando para baixo, engoli em seco e tentei formar as palavras.

— Amanhã, preciso ser não só o chefe dessa família, mas o líder do clã irlandês inteiro. Além disso, sua gente vai estar lá também. Não posso chorar; não posso ser nada além de forte porque todos os olhos estarão sobre mim,

mas no momento, nem consigo respirar. Então preciso que faça o que sempre fez e me diga a verdade. Você rasga as pessoas e coloca todas as cartas na mesa. Preciso disso. Preciso saber como consegui funcionar depois que Orlando morreu. Chorou por uma noite e na outra estava o usando como isca. E eu te conheço, você o amava, não é tão fria quanto quer que as pessoas acreditem. Estava sofrendo. Preciso que fale comigo, porque aparentemente não consigo falar por mim.

— Meu pai e eu tínhamos um relacionamento muito diferente do...

— Mel... esposa... por favor.

Ela secou os cantos dos meus olhos e respirou fundo antes de se afastar de mim.

— Você tem esta noite — falou estoica. — Só isso, uma noite. Pode chorar, pode gritar, pode amaldiçoar Deus. Mas quando o sol nascer, precisa estar com suas merdas no lugar, Liam, porque esse é o preço de ser o chefe. Não podemos ficar de luto com eles. Não podemos ficar deitados na cama o dia todo, não podemos nos preocupar com as possibilidades.

“Sedric está morto. Ele não vai voltar, e nem você nem eu temos poder para mudar isso. Você vai acordar, e por um momento vai esquecer que ele se foi, e bem quando estiver prestes a sorrir, vai se lembrar. Uma música vai tocar, ou vai comer o prato favorito dele, beber o conhaque preferido, ir ao lugar que mais gostava, e a dor vai te cortar inteiro, mas vai precisar lidar com isso. Nós precisamos; nós vamos segurar essa família no lugar porque sem nós, tudo se despedaça. Tudo pelo que trabalhamos e pelo que ele deu a vida se torna sem sentido, e se isso acontecer, então Sedric terá morrido por nada. Aquela bala foi o último presente dele para você, e não tem direito nenhum de o desperdiçar. Nós nos dobramos, mas não quebramos, e quando voltamos, alguém sempre sofre. Amanhã, vamos garantir que a mensagem seja clara: jamais seremos quebrados.”

Quando terminou de falar, a puxei contra mim, e deixei que a garrafa caísse e se despedaçasse. A beijando, a peguei pelas coxas, decidido a mostrar o quanto a amava. Já tinha chorado no necrotério e amaldiçoado todas as deidades que conhecia. No momento, só queria lhe fazer gritar meu nome e me perder nela.



PASSADO

Segurei a mão dela, tentando a apressar para o meu quarto enquanto ria. Estávamos ambos um pouco bêbados, mas quem ligava? Além disso, era minha última noite de liberdade. Assim que chegamos, o vi virando o canto do corredor. Ele levantou a cabeça do livro em suas mãos para nós dois.

— No flagra — Natasha riu.

— Entra — pisquei para ela, e ela sorriu antes de fazer o que mandei.

Me virando para meu pai, observei ele continuar o caminho até parar ao meu lado.

— Quanto se importa com ela? — A voz monótona dele soou enquanto

folheava o livro.

— Pai...

Lançou um olhar duro, me interrompendo.

— Olha, é minha última noite antes de conhecer a Melody. Gostaria de me divertir um pouco, se não se importa. Não é sério. Juro, assim que assinarmos o contrato, minha lealdade será dela e dessa família.

— A família já deveria ter a sua lealdade — retrucou.

— Você sabe o que quis dizer. — Ou pelo menos esperava que soubesse. Eu sabia o que provavelmente estava passando pela cabeça dele.

— É melhor ela não engravidar ou eu mesmo a mato. Estou fazendo isso pelo seu futuro... um dia vai me agradecer, filho —foi tudo o que disse antes de prosseguir pelo corredor.

Agradecer? Fala sério.



Melody

Enrolada nos braços dele, ouvi ele respirar enquanto brincava com meu cabelo e acariciava minha mão. O sol estava lentamente começando a despontar no nosso quarto, mas ficamos parados, combatendo as evidências de um novo dia. Infelizmente, não havia como parar o alarme. Respirando fundo, ele se sentou e passou as mãos pelo cabelo antes de se espreguiçar. Então se virou para mim.

— Olivia? — perguntou.

— Morta. Neal a matou. Eu cuidei do resto. Uma pena, porque tinha planejado a enterrar viva.

— Não —refletiu. — Foi melhor ter sido Neal. Ela não merecia mais nada do nosso tempo. Não era nada e morreu como nada. O nome dela jamais será falado outra vez. E o funeral do meu pai?

— Vai ser às onze e o memorial será perto do rio Illinois em LaRue Pine. Tudo já está resolvido.

— Eu quero usar um...

— Fedora?

Ele me olhou estranho, mas confirmou com a cabeça.

— É.

Me sentando, saí da cama e fui até o closet dele.

— Mandei Fedel sair e comprar alguns, junto com algumas opções de terno.

Havia cinco roupas diferentes que eu tinha preparado para ele, e todas tinham um Fedora que combinava.

O senti vir até minhas costas, enrolar os braços ao meu redor, e me puxar contra o peito.

— Escolha o que quiser, também mandei trazer alguns para Neal e Declan. Tenho vestidos para Evelyn também. O café da manhã é às...

— Fez tudo isso? — sussurrou e beijou meu ombro.

Sorri e me virei para olhar para ele.

- Coraline ajudou.
- Você é perfeita. — Tentou sorrir. E só quando fez isso que percebi o quanto sentia falta de vê-lo feliz.
- Vou me vestir. — Sorri, mas ele segurou minha cintura.
- Obrigado, esposa —falou ao beijar minha testa.
- Não precisa me agradecer. Isso é o que famílias fazem, certo? O sorriso dele virou uma risadinha.
- É, isso é o que famílias fazem.

“Viver nos corações que deixamos para trás é não morrer.”

— *Thomas Campbell*

Melody

Isso não era sobre mim, nem Orlando. Contudo, uma pequena parte de mim se sentia culpada de não ter feito nada do tipo para ele. Nunca tinha visto tantos irlandeses em um lugar só fora da Irlanda. Até alguns dos meus estavam aqui. Só tinham se passado dois dias, mas alguns tinham conseguido voar a tempo, enquanto outros dirigiram por horas só para chegar até Chicago e ir ao funeral com vista para o rio. Era lindo com nada além de verde ao nosso redor, e um rio azul escuro lá embaixo.

Sentada na mesa mais próxima da beirada do penhasco, encarei a foto de Sedric ao lado do púlpito. Era o dia de verão perfeito para isso. O sol estava escondido atrás das nuvens, mas ainda estava quente, e até o vento tinha parado, como se também quisesse demonstrar respeito.

— Sedric me criou, e desde que me acolheu em seu lar eu não o via como meu tio, mas meu pai, que eu amava... amava muito. Saúde —Declan terminou de tomar a dose antes de ceder seu lugar para Coraline.

Ela o abraçou e beijou antes de assumir a posição. Era a primeira vez que a via sem salto.

— Olá —disse no microfone. — Muitos de vocês me conhecem como Coraline Callahan, esposa do Declan. Sedric e eu não éramos muito próximos. Mas ele era gentil comigo. Me fazia rir, fazia todo mundo rir sem nem tentar. Tinha uma natureza dupla; uma hora ele tinha essa habilidade de congelar um cômodo todo, e na outra, você se esquecia de quem ele era. Era tão cheio de vida, tanto que quase dava para esquecer que ele podia morrer. Pessoas como ele deveriam viver para sempre. Deveriam viver para ver mais netos, mais brigas, mais amor. Gostaria de pensar que ele vai, que está aqui nos assistindo falar sobre ele com uma tigela de pipoca doce no colo porque ainda tem medo de que Evelyn descubra que ele pegou pipoca salgada com manteiga extra.

Ouvi um choro baixinho vindo da ponta da nossa mesa e vi Evelyn nos braços de Neal, rindo e chorando ao mesmo tempo.

— Sedric Callahan era único, e o mundo é um lugar mais sombrio sem ele. Nunca vamos lhe esquecer. Saúde. — Limpou os olhos e virou a bebida antes de voltar para a mesa.

Neal se levantou e foi até o lugar que Coraline tinha acabado de vagar com uma garrafa na mão. Senti Liam ficar tenso ao meu lado como se não tivesse certeza do que pensar do irmão dando um discurso. Colocando minha mão na coxa dele, ele a cobriu com a dele.

— Ainda estou sem saber o que dizer —Neal começou. — Para alguns de vocês, isso pode não ser uma surpresa. Nunca soube o que dizer ou onde estar ou o que fazer. Só seguia a deixa do meu pai e esperava, rezava para estar

dando orgulho para ele. Não tem como negar que meu pai e eu tínhamos problemas, seria um desafio encontrar qualquer pai e filho que não tivessem, mas sabia que se importava comigo. Muitos homens na posição dele não têm tempo para cuidar dos filhos, mas ele cuidava. Sempre dava uma olhada em mim quando podia.

“Ele achava que eu não sabia. Toda manhã cedinho, antes mesmo do sol nascer, ele dava uma olhada em mim. De quando eu tinha oito anos até os dezoito... sim dezoito, e eu não era pequeno nem com oito, ele entrava no meu quarto e falava comigo sobre o dia dele, sobre as merdas idiotas que eu fazia. Esperava ansioso esses momentos em que a porta se abria, e fiquei arrasado quando eles acabaram.”

Abaixou a cabeça e acenou como se estivesse recebendo ordens do que dizer, mas eu sabia que só estava tentando se forçar a permanecer forte.

— Quando eu tinha catorze anos, ele se feriu gravemente e tinha perdido um amigo. Depois que estava se sentindo melhor, e depois de voltar do funeral do amigo, mais uma vez entrou no meu quarto, se encostou no batente e falou “não planejo morrer tão cedo, filho, mas se por algum motivo eu me for, é bom que façam um banquete enorme e se despeçam de mim como a porra de um rei. Ah, e pode contar para a sua mãe que eu a enganei para sair comigo, e que matei mesmo o peixe..., mas tenha certeza de que estou mesmo morto antes de contar”.

Com um sorriso no rosto, revirei os olhos. Do meu lado, Liam riu. É claro que Sedic teria dito algo assim.

— Eu sabia — Evelyn murmurou balançando a cabeça enquanto ainda mais lágrimas caíam. Me perguntei se um dia elas cessariam.

— Por ele. Saúde. — Neal levantou a garrafa e tomou um longo gole que deixaria qualquer Viking ou irlandês orgulhoso. Todos beberam em resposta, até mesmo Liam.

Liam ficou de pé e foi na direção do irmão e se abraçaram antes dele ir até o microfone. Olhou para todos nós antes de começar seu discurso.

— *Deartháireacha, deirfiúracha, máithreacha, teaghlaigh.* — Irmãos, irmãs, mães, família. Falou em irlandês e depois, para minha enorme surpresa, mudou para italiano e disse — *famiglia allargata*, família estendida, muito obrigado pela presença. Sempre soube que meu pai significava muito para muitas pessoas, contudo, ver isso agora é um choque de humildade. Muitos de vocês largaram tudo só para estar aqui em sinal de respeito, amor, e sejamos sinceros, um pouco de medo.

Algumas risadinhas se espalharam pela multidão.

— Mas grandes homens devem ser temidos, e meu pai era um grande homem. Até seus defeitos eram grandes. Ele se foi e me vejo encarando passos tão grandes que só podem ter sido de um gigante. Estamos aqui porque de alguma forma ele descobriu como unir todos nós. Irlandês, italiano, não importava. Não tem nada que eu possa dizer sobre meu pai que já não saibam. Tenho histórias de quase três décadas, desde a primeira vez que me derrubou

quando criança até quando estava torcendo meu braço para me casar com uma italiana, a mais combativa de todas, ainda por cima.

Queria dar com uma pá na cabeça dele, mas isso só provaria o argumento. Evelyn se inclinou na minha direção, pegou minha mão e apertou.

— Ele me disse que tudo que eu fazia como líder dessa família não era apenas para mim, ou para a família imediata, era para garantir que todos nós continuássemos fortes. Ele queria que eu fosse alguém que não só se importasse com a nossa herança, mas também lembrasse as pessoas de que não importa onde estão, se precisarem de ajuda podem nos pedir. Devo toda minha força a ele, e vou usar ela para garantir que o homem responsável pela sua morte queime.

Os vivas deles pareciam uma trovada quando começaram a cantar, erguendo as bebidas em homenagem a Sedric. Não era triste, era bonito, de braços dados e o mais alto que conseguiam, cantaram para ele em direção ao céu.



Liam

Todos estávamos sentados em silêncio no escritório, bebendo doses de duas garrafas de conhaque noventa anos que Neal tinha buscado na adega.

— Qual era o nome do primeiro carro dele? — Declan perguntou.

— Hennessy — murmurei e estendi a mão para a dose, mas Declan me bloqueou.

— Errado. Era Fiona. De onde tirou Hennessy?

Olhei para Neal, esperando-o corroborar.

— Você disse o *primeiro* carro, que foi a caminhonete Hennessy que o avô deu para ele quando tinha dezesseis anos, não o primeiro carro depois de se casar. — Neal riu e tomou duas doses.

— Dá aqui meu prêmio — sorri ao virar a dose.

— Ele deu o discurso “*seja um homem*” para vocês? Ou esse foi um especial do Neal? — Neal perguntou.

Declan grunhiu, se reclinando no sofá.

— Aquele discurso, eu nem me metia na metade das encrencas que vocês dois...

— Bosta nenhuma! — Gritei para ele. — Só nunca era pego, seu filho da puta sorrateiro. Comparado com algumas das merdas que fez, Neal e eu éramos santos. Ele quase te matou quando fez Coraline se sentar com a gente na igreja com só uma semana de namoro.

Neal riu.

— Pelo menos ele se casou com ela. Por acaso entraram escondido com duas garotas no seu quarto só para o pai pegar vocês no ato?

— Não — Declan e eu falamos ao mesmo tempo, mas ele apenas confirmou com a cabeça.

— O que ele fez? — Declan perguntou.

— Quantos anos você tinha? — Era isso que eu queria saber.

— Tinha dezessete, e foi na noite depois do Baile de Natal da mamãe. Tinha duas gostosas se jogando para cima de mim. Logicamente, estava superanimado, e tudo estava indo muito bem até o pai entrar. A cara dele caiu; me deu aquele olhar sem emoção e só foi embora. Eu, sendo o idiota que era, terminei e mandei elas saírem. Assim que ele entrou, esqueci o que estava tentando dizer, mas para resumir, disse que tinha *necessidades*. Ele me disse que eu era um idiota, que estava derramando minha semente em mulheres que só queriam o dinheiro da família. Que ser homem não era sobre suprir minhas necessidades, mas garantir que a de todos ao meu redor estivessem supridas, e que se não entendia isso, era um idiota que ia acabar pagando pensão alimentícia pelo resto da vida. Finalizou dizendo “tome um banho, está fedendo a desespero”.

— É, esse foi o discurso que eu ouvi —Declan falou com uma risada.

— Não, nunca tive esse problema —menti e me recostei na poltrona.

— É, claro. Sabe que a gente te conhecia antes da Melody, certo? Dormia com qualquer coisa que tivesse pernas. Estou surpreso pelo pai não ter cortado...

— Ugh! Cala a boca —me encolhi de vergonha, mas depois confirmei. — Não quero pensar nas mulheres antes de Melody, principalmente porque acho que ela tem ouvidos pela sala toda e vai me arrebenatar depois. Era como se o pai soubesse como seria entre nós. Estou grato que ele continuou insistindo mesmo quando eu discordei.

— Brigou com ele para não se casar com Melody? — Neal perguntou em choque. — Sempre achei que fosse o soldadinho perfeito e fizesse qualquer coisa que pedisse.

— Não, na verdade eu estava puto porque você pôde se casar com uma mulher de quem gostava, enquanto eu estava preso com uma menina italiana que nem conhecia. Então o Declan teve que se apaixonar pela Coraline em uns dez minutos, fazendo eu me sentir pior ainda. A gente discutia sobre isso com frequência, e finalmente aceitei, o que me levou a dormir por aí. Acho que ele só tolerava porque eu não estava mais reclamando.

— Não foram dez minutos —Declan murmurou entre goles. Neal e eu lançamos um olhar cético. Ele estava perdido desde que pôs os olhos nela. Não fazia ideia de porque estava tentando fingir o contrário.

Neal balançou a cabeça e fez careta ao virar outro drinque.

— Ele me disse para não me casar com Olivia. Disse que ela não era a mulher que eu precisava. E fiquei tão puto, que falei para cuidar da própria vida, eu estava feliz.

“Tivemos uma briga enorme, e exigi que me dissesse se realmente se importava comigo ou se queria que eu ficasse sozinho e amargurado a vida toda, ele balançou a cabeça e me deu as costas. Aqui estou eu anos depois, desejando ter calado minha maldita boca e lhe dado ouvidos. Agora a morte dele está sobre meus ombros.”

— Seus ombros? — Ele estava se culpando por isso?

— Você matou a Olivia — Declan sussurrou ao servir mais uma rodada.

— Verdade, mas também fui eu que a trouxe para a família. O que é pior é que fui pego de surpresa. Nunca achei que fosse ficar tão fodido assim. Se não tivesse me casado com ela, ela não teria ajudado aquele filho da puta arrombado, e talvez o pai ainda estivesse aqui.

— Gostaria de poder colocar esse peso sobre seus ombros, irmão — sussurrei ao respirar fundo e balançar a cabeça. — E por mais que o que disse sobre Olivia seja verdade, não foi sua culpa. Foi minha. Eu assumo a responsabilidade por isso. Está sobre meus ombros, e apenas os meus. Avian me ligou nem uma hora antes do pai ser morto. Fui eu que acendi o fogo sob a bunda dele, e foi minha culpa que ele reagiu.

Parei ao tomar meu último drinque antes de ficar em pé.

— Se ele acha que isso acabou, ou que estou caído e fora da briga, está enganado pra cacete. Vou voltar com sangue nos olhos, e não vou parar enquanto ele não morrer da pior forma possível.

Fez-se silêncio antes de eu pegar o único copo que não havia sido esvaziado e o derramar no chão em homenagem a ele.

Colocando minhas mãos nos ombros deles, me inclinei para mais perto.

— Descansem, irmãos, porque amanhã começamos de novo.

Antes de voltar para meu quarto passei pelo da minha mãe. Esperava que ela estivesse na cama, mas em vez disso, estava sentada no chão cercada de fotos, roupas de bebê, chapéus e brinquedos. Estavam por toda parte enquanto ela olhava tudo devagar.

Me ouvindo, olhou para cima, sorriu e estendeu a mão para mim. Pisando na ponta dos pés para não estragar nada, fui até o pé da cama e me sentei no chão ao lado dela. A primeira coisa que me deu foi uma foto minha de recém-nascido.

— Ele estava com tanto medo de te esmagar. — Riu. — Mas depois que olhou para ele, nunca mais quis te soltar.

Engolindo, olhei outra foto de Neal e eu. Estava no colo do meu pai e ele me carregava com um olhar maravilhado espalhado por todo o rosto.

— Não sabe disso, mas eu meio que sou uma acumuladora... uma acumuladora organizada, mas acumuladora mesmo assim. — Ela levantou a roupa que eu estava vestindo na foto antes de olhar pelo quarto. — Guardei muitas dessas coisas porque seu pai falou. Todo ano novo ele dizia que tinha enganado a morte e um dia ela o pegaria.

— Ele me disse que não acreditava na morte. Que ele tinha um plano. — Logicamente, sabia que isso não podia ser verdade, mas não tinha percebido o quanto a mera ideia do argumento dele tinha me confortado até agora.

Ela riu e revirou os olhos.

— Lorota pura. Pensava nisso frequentemente e se preocupava que vocês não fossem velhos o suficiente quando ele morresse. Teve muitas ocasiões em que passou perto, mas disse que só tinha de aguentar tempo o suficiente para você assumir. Não porque ele morreria, mas porque você estava pronto. Ele

foi jogado nessa vida, mas queria que você a *escolhesse*.

— Não pareceu ser uma escolha. — Nunca conheci nada além dessa vida. Tinha sido esculpido e treinado para ela.

— Se realmente não quisesse fazer isso, ele teria assumido de novo. Teria focado em Neal ou Declan. Só precisava falar, mas ele sabia que você era diferente. Tinha muita fé. Às vezes me dizia que parecia que estava te segurando sobre um penhasco enorme e observando os homens se curvarem a seus pés.

Isso com certeza explicava por que assistimos *O Rei Leão* tantas vezes quando eu era criança. Minha mãe puxou uma caixinha de música de debaixo da cama. A abrindo, vi que continha uma pequena pilha de cartas. Ela escolheu uma e me entregou.

— Todo ano seu pai escrevia uma carta nova para vocês só para prevenir. Pedi para guardar as antigas, mas ele as queimava. Seus sentimentos e ideias mudavam todo ano, e queria que tivessem a melhor versão, a mais recente. Ele escreveu essa aqui há algumas semanas quando Mel pediu que criasse vidas novas para todos nós — falou quando eu peguei a carta das mãos dela.

— Ele escreveu uma para você?

— Sim. Mas ainda não estou pronta para ler. — Deu um sorriso triste antes de pegar outra pilha de fotos.

— Pode ler essa aqui comigo?

Balançou a cabeça e deu um beijo no meu rosto.

— Vá ler com a sua esposa e seu filho, Liam.

— Mãe, me promete que você não vai...

— Me matar? — Levantou uma sobrancelha e fez careta. — Não poderia, mesmo se quisesse. Seu pai me fez prometer que eu jamais faria isso não importa o quanto me sentisse mal... que cuzão.

As lágrimas encheram seus olhos de novo.

— Provavelmente vai dizer de novo nessa carta e com a minha sorte, vou viver até os cento e dois anos.

Beijando a testa dela, a puxei para um abraço de lado.

— Ethan vai precisar da avó. Ele não tem mais nenhum vivo... sem pressão.

Riu e retribuiu meu aperto antes de soltar.

— Tudo bem, vai. Não quero desmoronar de novo agora.

Secou as lágrimas e voltou a olhar as fotos.

— Eu te amo demais, mãe — falei quando fiquei de pé.

— Eu sei. Também te amo — respondeu enquanto eu ia até a porta.

Saindo do quarto, fechei a porta e encontrei duas empregadas.

— Mande alguém a escutar de hora em hora até as luzes se apagarem ou não ouvirem mais nada, então deem uma olhada nela — instruí.

Confiava na minha mãe, só não nesse estado, e me recusava a enterrá-la também. Podia ficar puta o quanto quisesse, mas eu preferia prevenir a remediar.

Indo para meu quarto, entrei a tempo de ver Mel dando o purê de maçã para Ethan enquanto ouvia as notícias. Tinha colocado uma das minhas camisas e estava absolutamente deslumbrante.

— Oi. — Sorriu para mim enquanto Liam se esticava para pegar um bocado do purê. Indo até eles, me sentei ao lado dela.

— Pode ler isso enquanto eu termino de dar comida para ele?

Confirmou com a cabeça e nós trocamos; o purê de maçã pela carta.

— O que é? — perguntou enquanto abria.

— Uma carta do meu pai — falei, sorrindo para Ethan.

Não disse nada enquanto puxava a folha de papel dobrada para fora do envelope.

— Liam, se você me matou, irei te assombrar pelo resto da sua vida.

Eu ri. Claro que ele ia começar assim.

— Cuzão.

— E não me chame de cuzão, é falta de respeito.

Congelei e olhei sobre o ombro dela, e certamente lá estava. Mesmo na morte, ele sabia o que eu ia fazer. Não tinha certeza se ficava puto ou maravilhado.

— A carta de todos sempre vem facilmente, exceto você e sua mãe. Talvez seja porque eu consigo me imaginar na pele dos dois. Entendo a pressão que sente sobre seus ombros agora, o quanto acha pesado cada passo, e entendo a sensação de não ter um pai a quem recorrer. A minha vida era estar presente e te dar as ferramentas que precisava para conseguir continuar sem mim.

“Uma dessas ferramentas, na verdade, foi Melody, e sim estou a chamando de ferramenta, arma, sua perna para se firmar quando precisar de ajuda. Eu sabia quem ela era, sabia que era quem comandava a família, sabia que Orlando estava morrendo. Foi um dos motivos de eu ter insistido tanto para se casarem. Por mais legal que fosse a paz com os italianos, me importava mais com ter vocês dois com pares à altura. Esse é mesmo o segredo de conseguir dar conta; ter alguém do seu lado disposto a lutar por você, morrer por você, matar por você, então não me arrependo de mentir para vocês. Assisti os dois plenamente deslumbrado e maravilhado. Nunca tinha visto um par tão equiparado, tão amado e tão maluco. Essa é a melhor carta que já escrevi porque agora eu sei, sem dúvida nenhuma, que não precisa mais de mim.”

Isso não é verdade.

— Eu me conforto em saber que deixa esse mundo sem arrependimentos. Vi meu filho crescer de um menino para um homem, e ter um filho também. Sei que dói, ou pelo menos é melhor que doa um pouco, seu pentelho, porque dói em mim também. Estou orgulhoso de você. Te amo profundamente, e quero que fique de olho na sua mãe. Quero que pare e respire, tenha um momento para si todo dia, Deus sabe que vai precisar. Quero que se lembre de ri, lembre-se que está tudo bem ser feliz sem mim.

“Lembre-se da sua esposa e do seu filho, e as vidas que quer que eles tenham. Mas tudo isso acontece depois que cuidar de Avian. Limpe cada

pedacinho daquele filho da puta da face da terra e depois garanta que nada do tipo aconteça novamente. Sinto muito por essa carta não ser mais longa. Mas suas cartas nunca foram. Não quero que fique preso pensando em mim. Adeus, filho. Fique firme e saiba que não tem nada que não possa fazer. Espero que essas palavras te ajudem se precisar do meu conselho no futuro. Sempre te amarei, seu pai.”

Olhei para ver o que mais tinha no papel e ri. Ele tinha, pela primeira vez na vida, escrito todas as regras para mim.

Ela dobrou a carta e eu encarei Ethan lambendo os lábios. Quando coloquei o cabelo dele para trás, ele agarrou minhas mãos. A dor ainda estava lá, mas a raiva a eclipsava.

— Amanhã nós começamos de novo — falei para ela.

— Amanhã —concordou.

Vinte E Nove

“Heróis não existem. E se existissem, eu não seria um deles.”

— *Brodie Ashton*

Presidente Coleman

Queria odiá-los, mas como poderia fazer isso se tinha vendido minha alma? Toda vez que entrava no meu escritório, o escritório sobre todos os outros, via os rostos deles, ouvia suas vozes.

Fantoche. Tinham me chamado assim, e era verdade. Por meses, quase tinha me esquecido de como cheguei aqui. Era bem simples com um deles trancado na cadeia e a outra só Deus sabe onde. Agora que estavam de volta, meu propósito de vida parecia requerer que eu os honrasse e sorrisse para eles. O que piorava tudo era o fato de que as pessoas acreditavam mesmo neles. Eram como os Kennedy, os Vanderbilt ou os Rockefeller.

A Constituição dizia que “nenhum título de nobreza será concedido pelos Estados Unidos”, e mesmo assim os Callahan era uma família sem igual. Eram uma dinastia, e mesmo que os historiadores digam que isso não dura, estão errados. Dinastias tinham a mania de sumirem na obscuridade, te fazendo acreditar que não estavam lá até que voltassem ainda mais fortes.

Sempre acreditei que os Callahan fossem como baratas. O dinheiro deles era manchado de sangue e drogas, mas ainda era dinheiro. E quando minha Olivia conheceu Neal, eu simplesmente sabia que haveria um preço a pagar. Mas também sabia que ela, e nossa família, sempre estariam cuidados. Odiava os Callahan, mas odiava ainda mais o fato de precisar deles. Ser “o homem mais poderoso do mundo” tinha um preço, e quando isso acabasse, eu conseguiria relaxar de novo.

— Sr. presidente — Mina falou ao entrar como de costume, com o celular na mão.

— Chega de coletivas de imprensa. — Grunhi e me joguei para trás na cadeira.

— Na verdade, o diretor do FBI está aqui. Ele quer ter uma palavrinha com o senhor — respondeu.

Sabia que os Callahan tinham algum tipo de vendeta contra o homem, mas não fazia ideia do motivo. O pobre coitado provavelmente não fazia ideia de porque o mundo todo estava saindo de seu controle e agora estava preocupado com seu emprego.

— Achei que tinha mandado ele ir para a Turquia? — questionei.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Vou falar para entrar.

Suspirando, fiquei em pé atrás da mesa e endireitei a gravata enquanto ele entrava com as mãos nos bolsos. Andava com a cabeça erguida, e parecia comandar um ar de importância.

— Sr. Doers, achei que já estaria em um avião a essa hora. — Estendi

minha mão na direção dele, mas não a pegou. Em vez disso, olhou ao redor do Salão Oval como se estivesse escolhendo alguma coisa para levar embora.

Passou a mão no vaso azul e depois olhou o dedo.

— O que está achando do escritório, Sr. presidente? — perguntou ao ir até os sofás e se sentar. Desabotoando o paletó, cruzou as pernas e olhou para mim.

— Estou começando a gostar dele.

Confirmou com a cabeça antes de ficar em pé de novo.

— Bem, foi bom falar com o senhor.

— Espera, veio até aqui só para perguntar se estou gostando do Salão Oval? — De todas as coisas que deveríamos estar discutindo agora, essa tinha que ser a última da lista.

Ele pausou.

— Não. Só queria ver o macaco de terno que achou que podia me dar ordens.

— Com licença? — Ele tinha passado do limite. — Está na hora do Sr. entrar na linha.

— Ou o quê? Vai chamar seus *sugar daddies*? — zombou. — Essa casa, droga, a porra do país inteiro, pode ter a impressão de que você manda nas coisas, mas nós dois sabemos que sequer é capaz de pensar por si mesmo. Não vai me demitir, e não porque não quer ceder para os *terroristas*, mas porque recebeu ordens de não o fazer. É um macaco em um terno que não merece esse escritório nem a confiança das pessoas que te servem. Dediquei a *minha vida* a garantir que o lixo permaneça na rua e fora dessa casa, fora desse governo, e ainda assim aqui está, coberto de sujeira e empestando o lugar. Vou destruir sua gente, e depois você vai sumir como o pior presidente da história. Só vim aqui hoje para ter uma imagem mental do *antes*.

Chega. Já estava cansado dessas malditas pessoas falando comigo como se eu fosse a porra de uma criança.

— Sou o presidente desse maldito país e você trabalha para mim, diretor Doers. Qualquer que seja a guerra que começou com os Callahan precisa acabar. Beije a merda do anel e siga em frente. Pessoas estão morrendo.

— Não dou um caralho de asa para as pessoas — falou sem emoção. — Me importo com a ordem, com o equilíbrio, com a porra da república. Melody e Liam Callahan não são deuses. São homens, homens que não deveriam poder ter o mundo sob seus pés. De alguma forma essas crianças jovens e imprudentes foram de vender crack na rua para ter o presidente dos Estados Unidos no bolso. Acha que comecei uma guerra? Uma guerra estava por vir independentemente disso. Os Callahan não vão parar; não entendem o lugar deles no mundo, e quanto mais fortes ficam, mais esquecem que também podem sangrar. Uma lição que só comecei a ensinar agora.

Estalou na minha mente tão rápido que meu queixo caiu em choque.

— *Você* matou Sedric Callahan.

De novo, parecia desafetado. Era como se o homem não tivesse emoção

alguma. Estava encarando a casca de um homem, uma figura escura... a morte.

— Estou restaurando a ordem; e não vou parar até que eles sumam, até aquele filho meia casta deles. — Indo até o vaso outra vez, ele o pegou e deixou se estilhaçar no chão. — Aliás, talvez queira perguntar para eles o que aconteceu com sua filha — disse ao limpar as mãos e se virar para sair. Ele abriu a porta e lá estava Mina. Olhou para ele e imediatamente saiu de seu caminho.

— Entre em contato com a Olivia, agora — ordenei.

Acenou com a cabeça, já discando.

Tocou.

E tocou.

E tocou.

Era o único som que conseguia ouvir no plano de fundo enquanto tentava me lembrar da última vez que tinha falado com ela.

“Sou um lutador. Acredito no negócio do olho por olho. Não sou nenhum doador da outra face. Não tenho respeito algum por um homem que não revida.

Se matar meu cachorro, é bom esconder seu gato.”

— *Muhammad Ali*

Melody

— NOTÍCIA URGENTE: é com grande pesar que reportamos que a agente sequestrada do FBI, Rebecca Pierce, foi assassinada. A cabeça desmembrada dela foi encontrada aos pés da estátua do Lincoln Memorial por dois pedestres que imediatamente alertaram as autoridades. O resto do corpo ainda não foi encontrado. O FBI está tentando vasculhar os vídeos de segurança por qualquer pista, contudo parece que todas as câmeras na área e ao redor foram desabilitadas na hora do acontecimento. Como isso poderia acontecer? Agora com nosso analista sênior...

Encarei a televisão sem dar atenção para a baboseira e falsa simpatia se derramando dos lábios da repórter. Dando as costas para a imagem, observei Liam entrar no meu closet e virar a estante de roupas para chegar no meu esconderijo secreto de armas. Tinha colocado duas delas nas costas e deslizado uma faca para dentro do sapato. Eu não estava cem por cento de acordo com o plano dele. Mas teria que dar isso a ele.

Tínhamos chegado a D.C. essa manhã, com Neal e Declan. Fedel e Kain tinham ficado em Chicago com Coraline, Evelyn e Ethan.

Evelyn tinha passado a maior parte dos dias na cama ou organizando coisas. Ela tinha sido a mais difícil de convencer da mudança para o esconderijo. Todos eles estavam fora do mapa, e nenhum deles apareceria antes que isso acabasse. Liam mandou Fedel replicar o quarto de Evelyn no esconderijo.

Nossa casa em Washington havia virado um centro de comando. Toda a mobília tinha sido empurrada para o lado para abrir espaço para os computadores e armas. Neal, Declan e Liam estavam todos coçando por sangue. E ironicamente, era eu que estava os segurando para não atearem fogo na Costa Leste toda.

Colocando o soco inglês no bolso, Liam colocou o chapéu na cabeça e deu um passo à frente.

Me puxando, me deu um beijo forte com as mãos na minha cintura e bochecha. Enrolei meus braços nele e retribuí o beijo antes de me afastar. Ele fazia isso agora, toda vez que nos separávamos por algumas horas; me beijava como se fosse a última vez que nos veríamos. Eu amava e odiava, tudo ao mesmo tempo.

— Divirta-se no almoço — falei para ele quando desviou de mim em direção à porta.

— É o plano — respondeu.

Sacudindo a cabeça, peguei um par de pérolas e saltos pretos. Indo para a sala onde Declan tinha montado quatro computadores, olhei as telas. Todas continham linhas e mais linhas de código. Ele estava ali há cinco horas, e apesar de estar bem-vestido, as olheiras eram evidência de como estava lidando com tudo.

Entendia como se sentiam, mas estava começando a me cansar de agir como mãe deles. Indo até a cozinha, peguei uma maçã, um sanduíche pronto e uma garrafa de água antes de ir até lá e entregar para Declan. Quando me olhou, meu telefone apitou avisando que o carro tinha chegado.

— Não estou com fome.

— Não dou a mínima. Não vou enterrar mais um de vocês, nem quero que foda com meu plano. Vamos.

Revirando os olhos, ele pegou o sanduíche e me seguiu pela porta.

— Estou com a lista e as fotos. Quando quer lançar isso?

— Vamos esperar até Liam e Neal voltarem — respondi.

Olhei com raiva para o motorista quando Declan se sentou ao lado dele. Não gostava de trocar de pessoal mesmo que fosse internamente.

Nota mental: visitar Monte.

As ruas passavam em um borrão colorido, e quando me reclinei, pensei sobre como tinha passado os últimos dias hackeando e redirecionando endereços de IP por três continentes diferentes, só para poder vasculhar arquivos do FBI e encontrar todo policial infiltrado e informante no país. Todas as fotos deles, novas e velhas, haviam sido compiladas em um vídeo de três partes que o Rsamas publicaria hoje à noite. E amanhã de manhã, haveria sangue fluindo nas ruas.

— Vou mandar a mensagem na maior quantidade de línguas possível — Declan falou enquanto digitava no notebook, e me juntei a ele pegando o tablet e lendo o histórico das salas de bate-papo.

— Parece que eles ganharam alguns milhares de seguidores. Quem diria? — Sempre se podia contar com o ódio das pessoas para propagar más notícias. Além disso, o próprio Rsamas já tinha assumido o crédito pelas nossas ações nas salas de bate-papo. Precisávamos ficar de olho neles; se conseguimos lhes encontrar em menos de uma hora, o FBI também conseguiria. Declan e eu tínhamos passado metade da noite garantindo que não seriam rastreados... ainda. Tinha uma hora e um lugar para esses idiotas serem pegos, e não era agora.

— Chegamos, *signorina* — o motorista disse ao encostar no portão. Estacionando o carro, deu a volta e abriu a porta para mim enquanto Declan me entregava meus óculos escuros. Tinha só alguns fotografos do lado de fora com luzes piscantes, e sorri e acenei enquanto eu e Declan passávamos pela segurança. Fora dos portões, os guardas vasculhavam as malas e escaneavam nossas roupas. Geralmente, podíamos passar sem impedimento por sermos família.

Passaram o detector de metais em nós, e quando mostrei minha identidade, o guarda balançou a cabeça em negativa.

— Sinto muito, senhora, mas não foi autorizada — o guarda gordo declarou ao devolver minha bolsa.

— Perdão? — falei devagar enquanto o encarava.

— Ninguém entra na Casa Branca sem ser autorizado. — Ele apontou para o checklist.

— Posso perguntar quem esqueceu de colocar a família do presidente na lista? — perguntei de novo tentando manter o sorriso no rosto.

Franziu as sobrancelhas e deu de ombros.

— Senhora, eu não faço as regras. O FBI é quem dita as regras. Tenho certeza de que foi um erro.

Minha mandíbula se apertou enquanto eu o encarava, fazendo o melhor para não afundar a cabeça dele com meu celular.

— Eles foram liberados — Mina declarou ao vir até nós.

— Tenho que receber uma ligação.

Mina discou e ele atendeu o telefone dentro da pequena cabine branca.

— Os Callahan foram liberados — falou ao telefone e o homem confirmou com a cabeça.

Indo em frente, balancei a cabeça. Entrar na Casa Branca era como entrar em uma redação. Membros do corpo de imprensa da Casa Branca andavam por toda parte. Estavam lendo, gravando e tentando conseguir qualquer informação possível de qualquer um que falasse com eles. Contudo, oficial nenhum parecia dar qualquer atenção a eles.

— Como podem ver, nossa casa está pegando fogo — Mina franziu a testa enquanto andava em frente.

— É temporário — Declan a lembrou com frieza.

Olhou para ele com uma sobrancelha erguida, mas não disse uma palavra. Depois se virou para me olhar.

— Só para que saiba, Avian passou aqui mais cedo.

— Deixa eu adivinhar, ele não iria cair sem brigar? — perguntei enquanto íamos na direção do Salão Oval.

— Sabia que ele não iria?

— Estava contando com isso.

Sorri para a secretária do presidente que gesticulou para entrarmos por trás do telefone. Parecia estressada enquanto lidava com várias ligações.

— Temos uma coletiva de imprensa em algumas horas; por favor não acabe demais com ele hoje — Mina falou com um suspiro ao abrir a porta.

Olhei para ela pela primeira vez; era a única que não parecia estressada ou preocupada. Era como se estivesse apenas seguindo o fluxo. Na verdade, ela estava *bonita*.

— Você está me devendo uma conversa — falei para ela e tentei conter um sorriso quando vi o medo passar por seus olhos.

— Sr. presidente, primeira-dama — Declan disse quando entramos.

Os dois estavam de pé perto da mesa.

— Onde está Olivia? — a primeira-dama gritou ao correr até mim e agarrar meu braço com as unhas longas e pintadas. — O que fizeram com nossa filha? Sei que fizeram alguma coisa! Ai meu Deus, sabia que alguma coisa estava errada.

Meu primeiro instinto foi quebrar a maldita mão dela, mas por enquanto precisava deles no nosso lado.

Balancei minha cabeça para ela e sussurrei em uma voz abalada:

— Ela... ela está morta.

— Ah... ah... ah meu Deus — arfou quando seu corpo ficou mole.

A segurei enquanto seu corpo se desfazia em soluços. Olhei com raiva para Declan que parecia mais entediado do que triste, até que finalmente cedeu e a tirou dos meus braços. Então me virei para encarar Coleman.

Ele era uma estátua com olhos lacrimejantes; elas deviam arder enquanto ele me olhava com puro ódio.

— Você fez isso, você a matou.

Franzi a testa. Queria ter matado.

— Não. Não, prometo que não fiz isso.

— Está mentindo! — gritou comigo.

Indo até ele, peguei suas mãos e olhei em seus olhos.

— Eu juro, não a matei. E em todo o tempo que nos conhecemos, alguma vez menti para você? Sempre disse a verdade mesmo quando não quis ouvir. Olivia era da família, e ainda que tenha nos traído, jamais mataríamos alguém da família.

— Como assim *traiu vocês*? — A aspirante a Jackie Kennedy perguntou de trás de mim ao se sentar no sofá.

Declan apenas ficou em pé ao lado dela. *Belo consolo.*

Suspirando, a olhei de volta.

— Ela estava trabalhando com Avian, ele odeia essa família, e quando descobrimos, a usamos para conseguir informações sobre ele. Mas quando ele descobriu, a matou... as coisas que fez com ela. Nos mandou uma mensagem sobre o destino dela ao mesmo tempo que mandou uma sobre o Sedic. Acabamos de descobrir, por isso viemos aqui. Ele veio te visitar, não é? Ele te contou?

Lágrimas falsas encheram meus olhos enquanto o encarava.

Ele confirmou com a cabeça.

— Me perguntou se eu tinha falado com ela.

— Estava brincando com você. Quer te quebrar. Ele é doente, quer ser o cara mais forte na sala, e sua filha, minha cunhada, entrou no caminho dele.

— Você nos meteu nisso! Você nos arrastou para essa guerra, é tudo culpa sua! — a esposa dele berrou, e me debati com a vontade crescente de lhe matar.

— Avian vai pagar por isso, juro por Deus que ele vai pagar por tentar destruir sua família — *nossa* família. Só precisamos da sua ajuda. — Olhei nos

olhos do Coleman. — Ela era sua única filha, e ele sequer nos deu o suficiente para enterrar.

— Saia —me cortou. As lágrimas caíram dos olhos dele quando foi abraçar a esposa.

— Eu sinto muito. Já cuidei de todos os detalhes, e quando estiverem prontos para conversar, por favor me liguem... sei que precisam de tempo. Todos precisamos. Mas o tempo não está do nosso lado —sussurrei para eles ao me virar para a porta onde Declan esperava.

Fechando a porta atrás de nós, ele balançou a cabeça com falso desgosto.

— Como finge suas emoções sem se enojar?

— Lembrando que existe um plano maior. Nós precisamos deles, e eles precisam de um inimigo. Avian fez o que achei que iria fazer. Um homem como ele jamais iria embora sem mais nem menos, e com certeza deixaria isso claro. — Sequei as lágrimas retardatárias dos meus olhos com facilidade.

— Como sabia que Avian sabia da Olivia? — perguntou enquanto avançávamos pelo corredor novamente.

— Olivia não fala com ele há dias, e não estava em nenhuma das fotos de paparazzi do funeral. Ele teria feito a ligação, e o conhecendo, mal podia esperar para usar isso para machucar Coleman por tentar o afastar. — Achou que ninguém conseguiria encontrá-lo, mas surpresa, puta, eu era uma caçadora de pessoas. Ele pensava como eu, ou eu pensava como ele, talvez apenas estivesse no nosso sangue. De qualquer forma, eu iria fazer tudo que podia para manter a vantagem.



Liam

Tinha que ter pelo menos cinquenta pessoas dentro do restaurante, todas falando, rindo, e cuidando de suas vidas como se nada pudesse interromper seu dia especial. Mas eu estava surdo para tudo isso. Podia ver as bocas deles, cheias de comida, em alguns casos rindo plenamente. Sabia que estavam lá, mas não importavam para mim. Cada passo pelo chão de mármore bege me levava cada vez mais perto dele. Podia sentir meu pulso acelerando e as mãos espasmando com a necessidade de o estrangular. Queria arrancar os intestinos dele pelo cu e os enfiar de volta pela garganta.

Os guardas dele abriram caminho, me deixando avançar. Desabotoando o casaco, não tirei as luvas mesmo quando me sentei na última mesa, bem na frente da escória que tinha matado meu pai.

Não deixe suas emoções assumirem o controle, Liam. A voz de Mel ecoou alto na minha cabeça.

— Sr. Callahan. — Tentou conter a surpresa enquanto bebia suco de laranja para ajudar a bocado de cordeiro a descer. — Como posso ajudar?

Sorri e relaxei.

— Já assistiu A Princesa Prometida?

— Meu tempo é precioso. Tento não o desperdiçar com filmes, *filho*. — Ele sorriu ao cortar o cordeiro sangrento.

— Uma pena. É um clássico, e eu saberia, sou um entusiasta do cinema. Meu personagem favorito é Inigo Montoya, cujo pai foi assassinado. Ele jura que quando encontrar quem matou o pai, a primeira coisa que diria é: “*Meu nome é Inigo Montoya. Você matou meu pai. Prepare-se para morrer.*”

— Mesmo? E presumo que no fim desse conto de fadas, seu herói mata o assassino do pai?

— Mas é claro. De que serve um filho que não vinga o pai?

Ele riu.

— O filho jamais deveria ter causado a morte do pai para início de conversa. Ou melhor ainda, o velho idiota não deveria ter se aposentado. Ouvi dizer que pode matar algumas pessoas.

Minhas mãos pularam.

— Callahan, estou tentando aproveitar meu almoço aqui. Então por que não vai logo ao ponto? Ou melhor ainda, fique de joelhos. Nós dois sabemos que não tem mais cartas para jogar. Aquela sua trama terrorista foi fofa. Mas só começou a arranhar a superfície do que significa me enfrentar de verdade. Poderia facilmente ter sido aquele seu filho vira-lata, ou sua mãe, ou aquela minha neta vagabunda. Ela lembra o pai um pouco demais para o meu gosto. — Estava tentando encontrar minha raiva, e mais um comentário daquele tipo a acharia.

Calma, Liam. Não deixe que ele te desvie do plano. Ouvi Mel na minha mente.

Sorrindo com educação diante da estupidez e ignorância, impedi que me afetasse. Só agora que eu realmente entendia quanto esforço era necessário para esperar o momento certo.

Por sorte, *esse* era o momento.

— Meu nome é Liam Callahan, você matou meu pai... e, bem, acho que a morte é boa demais para você. Não é mesmo, irmão?! — Gritei a última parte e com um estalar dos meus dedos, Neal apareceu com outros sete dos nossos homens. Estavam todos vestidos de preto, com os rostos cobertos, e de armas na mão.

Antes que qualquer pessoa no restaurante tivesse um momento para pensar, abriram fogo. Atiraram em todo homem e mulher com precisão, incluindo os três agentes designados para proteção de Avian. Os olhos dele se estalaram enquanto olhava o caos se desdobrando ao redor; o sangue que respingava nas paredes, as pessoas que gritavam pela própria vida ao correrem até portas que não se abriam.

Estendi a mão para pegar o suco de laranja e fiz um brinde a ele.

— O que estava dizendo sobre arranhar a superfície? Posso não poder te matar ainda, mas vou garantir que sofra mil mortes antes de te destripar como o porco que é.

Me levantando, peguei o celular e liguei para a emergência.

— Socorro por favor... Rsamass... — Segurei o telefone no alto para poderem ouvir o tiroteio.

— Senhor! Senhor! Onde você está?

— The Blue... Gard.

Desconectei a chamada e chutei o telefone para o lado de um corpo próximo. Se arrastou pela poça de sangue que cobria o chão e parou a centímetros do cadáver.

— Isso é descuido, esse restaurante é seu. Acha mesmo que consegue se safar disso, caralho?!

— Na verdade, o restaurante não é meu. Imaginamos que viria aqui acreditando que não iríamos querer chamar atenção para o nosso negócio. Espera... — Fiz uma pausa dramática. — Agora que mencionou, está certo, ia parecer estranho que o diretor saiu dessa ileso. — Puxei a arma das minhas costas e mirei baixo, atirando no joelho dele. Caiu no chão e mordeu a língua para conter o grito.

Me agachando, olhei nos olhos dele.

— Lembre-se da porra do meu rosto. Lembre-se enquanto está sentado com os cadáveres apodrecendo, que você fez isso. Desencadeou isso e não tem como voltar atrás. Um homem não pode viver com dois nomes. Vai sofrer a morte por mil cortes. Considere esses os dois primeiros.

Colocando a arma contra o mesmo joelho, atirei de novo.

— VAI SE FODER! — gritou e arfou. — Vou fazer da sua vida de merda um inferno, Callahan! Se acha que isso significa que me superou, então está enganado para caralho!

— Conserve suas forças, diretor, vai ter que dar um discurso em breve. Rsamas acabou de assumir a responsabilidade por isso aqui. Vai aparecer no noticiário das quatro... depois que te ajeitarem, claro — falei ao passar por cima dele.

— Até a próxima — Neal murmurou por trás da máscara. Saímos de lá sabendo que não havia uma alma sequer além de Avian que sairia viva, e eu sabia que ele não iria falar. Não agora pelo menos. Mel tinha certeza de que ele tinha alguma coisa, um último *vai se foder* para nos dar se simplesmente o matássemos. Eu estava disposto a correr o risco. Ela e Declan poderiam hackear o que quer que fosse, não poderiam? Aparentemente ela não concordava. Mas estava certa, nossos futuros dependiam de ele ter ou não outra bomba para soltar nas nossas cabeças.



Melody

Ela entrou no meu carro, tirou os óculos de sol e os colocou na cabeça. Cruzando as pernas, se ajeitou para me olhar.

— O que posso fazer pela todo-poderosa Melody Callahan agora? — tentou brincar, mas sabia que estava desconfortável.

— Você acha que é melhor do que eu? — perguntei enquanto mexia no celular.

— Não.

— Algum dia desejaria tomar meu lugar?

- Não entendi.
- Responda a pergunta, Mina — respondi sem emoção.
- Tomar seu lugar? Não. Por que desejaria isso?
- Tem uma filha de dois anos, certo? — perguntei.

Ela congelou antes de engolir.

- Se te ofendi...
- Está desperdiçando saliva.
- Sim, tenho uma filha. O nome dela é Sayuri.
- O pai dela?

Se mexeu no assento.

- Nunca quis estar na vida de nenhuma de nós.
- Bom, porque quero que se aproxime de Neal Callahan — falei e o queixo dela caiu.

— Perdão? Me aproximar?

— Trepar com ele — falei mais claramente. — Declan tem a esposa. Liam me tem, e Neal precisa de alguém. Está funcionando só com raiva e adrenalina pura, mas uma hora isso vai acabar, e não quero que ele procure conforto fora da família.

— Perdão, está tentando me prostituir para o *Neal Callahan*?

— Prostituir? Claro, podemos chamar assim, mas isso me faria duvidar da sua inteligência, porque só precisa pensar nos prospectos de entrar nessa família, não seria mais uma *empregada*. Tem se saído bem, mas no fim do dia, ainda é uma empregada. Já viu nosso lado mais sombrio e ainda está aqui. Sabe o que fazemos, e melhor de tudo, tem medo de mim. O que significa que o que aconteceu com a última esposa do Neal não vai se repetir.

Era como olhar um peixe, o jeito como abria e fechava a boca.

— Achei que Avian a tinha matado.

— Nós mentimos. Neal a matou por nos trair. Mas você é durona, não é? Tem faixa preta em taekwondo e jiu jitsu.

Não disse nada enquanto as engrenagens giravam devagar na cabeça, devagar demais para o meu gosto.

— No momento, essa família está caótica. Meu trabalho é garantir que tudo esteja equilibrado e que nossos esqueletos continuem no armário. Você é inteligente, linda e uma lutadora. Neal vai aprender a te adorar. Ele é o tipo de homem que justifica a existência por aqueles ao seu redor, e, portanto, faz o melhor que pode para agradar. Com uma filha e sendo a mão direita do presidente, nós duas sabemos que os homens não fazem fila por você. Você os intimida. Não tem família além da sua filha, e se agarra nela e no seu emprego para sobreviver. Estou oferecendo um lugar à mesa, Mina, a mesa dos Callahan, e nós duas sabemos o quanto esse lugar é poderoso.

— O público ainda não sabe sobre Olivia — sussurrou ao colocar o cabelo para trás, e podia ver que estava tomando meu lado, só precisava de um último empurrãozinho.

— Esta noite, vou divulgar uma lista de agentes infiltrados do FBI. O nome

de Olivia será um deles. Terá morrido em serviço ao país. Não será necessária muita imaginação para entender como você e Neal tinham uma amizade que floresceu em algo mais. Em dois ou três anos, poderão ir a público com o relacionamento. — Odiava que teria que elevar Olivia a uma porra de mártir, mas novamente, estava focada no resultado geral. Dessa forma, o presidente manteria uma imagem boa e permaneceria do nosso lado. Eu só teria que me satisfazer com o conhecimento de como ela realmente acabou.

— O que Olivia poderia estar fazendo como agente infiltrada do FBI em uma família da elite americana?

Era uma boa pergunta.

— Crimes de colarinho branco — respondi. — Golpes de obras de arte de milhões de dólares e coisa do tipo. Se encaixa perfeitamente. Está tudo pronto; só preciso que concorde.

— Não faço o tipo do Neal.

— Você é mulher?

— É claro!

— Então faz o tipo dele — respondi, esperando.

Fez que sim com a cabeça.

— Tudo bem. Por favor, só me prometa que minha filha estará em segurança não importa o que aconteça.

— Agora ela é a prima mais velha do Ethan. Prometo que mal nenhum vai acontecer com ela. Agora saia do meu carro.

Quando ela saiu, Declan e o motorista assumiram seus lugares na frente.

— Sobre o que foi isso? — Declan se virou para olhar para mim.

Não respondi, só continuei vendo as notícias no celular, até finalmente ver a manchete de urgência que estava procurando.

O massacre do The Blue Garden.

— Liam e Neal já almoçaram. — Informei.

Trinta E Um

“Em tempos de engodo, dizer a verdade é um ato revolucionário.”

— *George Orwell*

Melody

— Vá para a cama, amor.

A voz de Liam me assustou. Pulei e saquei minha arma antes que conseguisse chegar mais perto.

Olhou para baixo e depois para mim.

— Sério?

— Desculpe —murmurei. E quando apertei o canto dos olhos, pousei a arma ao lado do mouse pad. Me alonguei, e todos meus ossos estalaram como se tivesse envelhecido do dia para a noite.

Puxando uma cadeira para o lado da minha mesa, sentou-se ao meu lado.

— São três da manhã, amor, precisa descansar, pode terminar isso depois.

— Quero terminar agora —falei enquanto me ajeitava no assento de novo.

Olhando de relance para Liam, percebi que me observava intensamente. Tentei não focar no fato de que não estava usando nada além da calça do pijama.

— O quê?

Balançou a cabeça e continuou encarando.

— Só estive pensando muito ultimamente.

— Sobre o plano? Porque é...

— Não. Sobre você —informou ao se inclinar para a frente. Seu rosto estava sério e parecia que estava tentando me ler.

— Tudo bem... — Não tinha certeza de onde essa conversa estava indo. Ele geralmente me dava mais para trabalhar, mas parecia estar raciocinando também.

— E como meu pai queria que me casasse com você —acrescentou. — Fico pensando em quanto briguei com ele sobre isso. O quanto não queria estar com você. E ainda assim, avançamos alguns anos e aqui estou eu, incapaz de imaginar um mundo sem você. Te conhecer foi o melhor presente que ele me deu.

Não tinha certeza do que responder, não era boa com palavras. Em vez disso, peguei as mãos dele e beijei os nós dos dedos.

— Vou pegar café para a gente já que não vai vir para a cama. — Sorriu ao se levantar da cadeira.

Não queria que ele pensasse que não me importava. Ficando em pé, fui atrás dele e o abracei por trás quando entrou na cozinha escura. Quando beijei sua coluna, ele inclinou a cabeça para trás.

— Eu te amo —sussurrei.

Se soltando das minhas mãos, ele se virou e me ergueu.

— Sei que sim —murmurou a dar um beijo suave em meus lábios.

Teria sido incrível se meu maldito estômago não tivesse roncado alto.

Ele sorriu no nosso beijo.

— Bom, isso não é sexy — murmurei.

— Não, é fofo. Vem cá — respondeu ao me colocar de volta na ponta dos pés e me guiar para dentro da cozinha.

Pegou uma frigideira e alguns ovos da geladeira.

— O que está fazendo? — Observei encostada na pia.

— Considerando que é a pior cozinheira do planeta, pensei em fazer um queijo quente com ovo — falou com simplicidade ao pegar pão na despensa.

— Consigo fazer um queijo quente com ovo, Liam. — Cruzei os braços, lancei um olhar raivoso para suas costas e ele me olhou divertido.

— Sêrio?

Não gostava da surpresa nos olhos dele. Pisando duro da pia até o fogão, peguei os ovos e tentei quebrá-los sobre a frigideira. Infelizmente, o primeiro estafou na minha mão.

— Não ouse! — Ralhei e ele conteve uma risadinha ao me entregar um pedaço de papel toalha. Limpei minhas mãos.

— Tente de novo — respondeu e me deu outro ovo.

Não peguei.

— É mais fácil você fazer?

— Ah... de jeito nenhum, esposa. Você se meteu nisso, e não vou te deixar escapar. — Entrou no meu caminho.

— Eu posso te dar uma surra. — O medi com os olhos.

— E ainda não teria seu queijo quente com ovo. — Sorriu e ergueu o ovo idiota. — Vem, eu te ajudo.

Revirando os olhos, me virei e ele ficou atrás de mim. Colocou o ovo na tigela transparente com o resto e me entregou uma faca. Sem pensar, a primeira coisa que fiz foi a virar na minha mão para medir o peso antes de ajustar a pegada.

Ele segurou meu pulso.

— Esposa, não vai usar isso como arma agora. Só vamos pegar um pouco de manteiga.

Colocou a manteiga na minha frente.

— Por que preciso de uma faca para isso? — Perguntei ao levantar a barra toda com os dedos e jogar na panela.

— Mel! — Grunhiu e riu ao mesmo tempo ao colocar a cabeça contra a minha.

— O quê? A manteiga é para engordurar a panela e as coisas não grudarem, certo? Então eu coloquei a manteiga na panela!

— Sim, um pedaço *pequeno* dela, não o treco todo! — murmurou enquanto assistíamos a manteiga derreter na frigideira escaldante.

— Bom, agora temos extra. — Odiava cozinhar.

— Agora nós vamos morrer de diabetes — disse, e podia sentir que estava sacudindo a cabeça atrás de mim.

Estendendo a mão para o armário, pegou uma tigela e tirou um pouco da manteiga derretida antes de abaixar o fogo.

— Gosto de grelhar o pão e o queijo antes de fritar o ovo. — Instruiu enquanto esperava eu pegar o pão. Pegando duas fatias as coloquei na frigideira e ele pôs o queijo por cima.

— Quanto tempo esperamos?

— Até começar a ficar dourado e o queijo derreter. Se queimar estamos ferrados, pois não tem mais pão — respondeu.

Me inclinei e olhei com atenção o fazendo rir de novo. Apenas ignorei.

— Agora pegue o ovo e quebre em cima do pão — sussurrou atrás de mim. Estava tão perto que podia sentir seu hálito quente no meu pescoço.

Pegando o ovo, a mão dele cobriu a minha com cuidado enquanto me ajudava a bater o ovo no canto da panela, e com uma mão, o derramamos sobre o queijo.

— Perfeito.

Tremi e não respondi. Quem diria que cozinhar poderia ser tão sexual? As mãos dele foram para os meus quadris enquanto me mostrava como virar o pão e deixar os ovos com a gema mole.

— Bom.

Maldito seja.

Por algum motivo, nenhum de nós falou mais. Ele me ajudou a terminar os sanduíches e pegamos dois copos de leite antes de irmos até a ilha da cozinha. Se sentou no banco e eu me sentei sobre o balcão.

— Uma vez meu pai tentou me ensinar a cozinhar — confessei ao morder um pedacinho do meu sanduíche.

— Mas você não deixou? — Sibilou quando o ovo queimou sua língua.

— Disse para parar de me tratar como uma *menina*. Achei que ele quisesse que eu aprendesse para não focar nas armas. Então enquanto tentava me ensinar, eu fazia malabarismo com facas. Deus, eu o deixava maluco às vezes. Em retrospecto, provavelmente não foi uma escolha muito sábia. — Ri.

— Acho que foi. Gosto de você dependendo de mim, não importa o motivo. Minha mãe me ensinou a cozinhar, na verdade. Ela me disse que as mulheres amavam um homem que sabia cozinhar. Acho que estava certa.

— Imagino que seja legal. Mas eu preferiria que meu homem tivesse um tipo diferente de habilidade. — Pisquei ao beber meu leite.

— Seu homem? Alguém ficou possessiva — respondeu ao dar outra mordida.

— Pode apostar.

— Declan me disse que teve uma conversa particular com Mina. — Mudou de assunto.

— Que jeito de acabar com o clima. — Franzi o cenho.

— Sou seu homem, e tenho as habilidades para trazer o clima de volta sempre que quiser. — Dessa vez, ele piscou para mim ao pegar o copo.

— Bem, me desculpe, Casanova. — Sorri.

— Pode apostar.

— Para responder sua pergunta, pedi a Mina para se envolver romanticamente com Neal — falei, dando mais uma mordida no sanduíche.

Ele congelou no meio da mordida e olhou para mim.

— O quê?

— Agora, antes que fique puto comigo por não te falar o que ia fazer, lembre-se de como estava ontem de manhã. Tinha só uma coisa na cabeça; quero pegar Avian tanto quanto você. Mas também quero garantir que ainda estaremos andando sobre uma superfície sólida quando tudo isso acabar.

— Mel...

— Neal precisa de alguém, Liam. Só pense nisso. Às vezes você transa comigo para conseguir se acalmar e relaxar. Não me importo. Gosto de que o fato de me possuir te faz se sentir melhor. Mas Neal não tem ninguém agora, e eu preferiria que a próxima mulher que ele trouxer para a família não fosse burra o suficiente para me trair.

— Mel...

— E talvez ache que ele não está pronto. Quer dizer, ele gostava da Olivia, mas o jeito mais rápido de superar alguém é ficar sob outra pessoa. Ela...

Ele estava em pé antes que eu conseguisse piscar. Seus lábios colidiram com os meus e agarrou meu cabelo com força.

— Pode por favor parar de me interromper para eu poder dizer que concordo com seu plano? — falou a centímetros dos meus lábios. Conhecia aquele olhar. Estava vidrado e cheio de luxúria.

— Não vamos acabar de comer, vamos? — Perguntei ao soltar meu sanduíche sobre o prato sem desviar o olhar.

— Ter alguém para amar faz eu me sentir melhor, Melody. Não é só seu corpo. Quando estou dentro de você, quando está gemendo meu nome, estou feliz porque estou o mais próximo possível de você.

Creeeeeeeeeec.

Minha pobre camisa foi rasgada do meu corpo, e sem sutiã, meus mamilos endureceram. A boca dele estava no meu pescoço; as mãos agarraram minha bunda quando me levantou e nos levou da cozinha para a sala. Eu sabia que seria bruto, do jeito que eu gostava, mas naquele momento, desejei ter tido tempo para me alongar antes.



Liam

Assim que a deitei no sofá, as pernas se enrolaram em mim como uma cobra e ela nos jogou para o chão. Pegando minhas mãos, ela as colocou sobre minha cabeça.

— Se se mexer, vou ter que te machucar, marido — sussurrou para mim e sorri ao levar minhas mãos até seus seios. Ela as encarou por um momento antes de dar um tapa na minha cara.

— Porra — sibilei e senti a bochecha arder, mas ela não parou por aí. Se inclinando para trás, ela me agarrou, me fazendo pular em suas mãos.

— Mãos para cima —ralhou. E dessa vez obedeci. Se ajeitando até chegar na minha calça do pijama, puxou o cordão até soltar e depois o usou para atar minhas mãos.

— Mel...

— Sem falar —ralhou mais uma vez.

Me beijou com força antes de ir para meu pescoço. Então se esfregou em mim enquanto seus beijos febris se tornaram mordidas. Sibilei de prazer e dor. Devagar ela foi trabalhando para chegar ao sul, deixando beijos leves por todo meu peito. Sabia aonde ela estava indo com isso – estava determinada a me deixar maluco só com a língua. Meus quadris foram para a frente quando ela me segurou de novo e beijou meu umbigo.

— Me pergunto quanto tempo consegue aguentar.

— Mel, não...

Mas não havia como lhe parar enquanto lambia da base do meu membro até a ponta de novo e de novo. Mordendo o lábio, respirei fundo pelo nariz.

— Porra —sibilei quando finalmente me colocou em sua boca quente. Me enrolei para a frente a assisti enquanto me cobria inteiro. Estava se divertindo com como eu tremia a cada toque dela, e como estava rangendo os dentes.

Chupou mais forte enquanto os dentes raspavam de leve meu comprimento, mas me recusei a dar essa satisfação a ela. Parando, ela se sacudiu para fora dos shorts e da calcinha antes de rebolar contra mim.

— Puta que o pariu, Mel, tira essa merda de mim —xinguei quando ergui meus pulsos para tocá-la, mas os estapeou com um sorriso. — Ahh... — gemi quando desceu devagar sobre mim.

Torcendo as amarras nos pulsos, as trouxe até meus dentes e puxei com toda a força até arrebentar. Uma vez livre, agarrei a cintura dela e a segurei apertado enquanto a colocava sob mim.

— Até que demorou.

Suas pernas se enrolaram na minha cintura e a beijei com força, mas segurei suas coxas.

Tirando fora devagar, as costas dela se ergueram do chão em um arco.

Blam.

— Porra —gemeu.

Tomando um dos mamilos na boca, mordi enquanto usava a mão para puxar o outro.

Blam.

— Liam, por favor, só me fode —implorou.

De novo, tirei fora devagar e ela xingou.

— Maldito se...

Blam.

Me encarou com frustração e eu apenas sorri. Se forçando a se agitar contra mim, cedi às necessidades dela. Agarrando suas coxas, me joguei contra ela forte e rápido.

— Isso. Ah porra, e- eu... — Os seios dela balançavam tanto que foi

obrigada a segurá-los.

— Isso mesmo amor, goza — sussurrei para ela. — Goza para mim.

— Liam! — respondeu meu chamado.

Mas se ela achou que eu tinha acabado, estava muito iludida.

— De joelhos. — Comandei.

Sem questionar, fez como mandado, me dando uma vista perfeita de sua bunda. Me esfreguei contra ela, que gemeu.

PAF.

— Porra! — Gritei quando a bunda dela tremeu e minha mão ficou marcada na pele.

PAF.

Estava pingando por mim e lambi tudo enquanto ela tremia.

PAF.

Um dos joelhos dela cedeu.

PAF.

— Ah! — Gozou para mim, e mais uma vez me deleitei no sabor dela.

— Não deveria me tentar dessa forma, esposa. Gosto demais de te ver tremer e gemer — sussurrei.

PAF.

A bunda dela estava tão vermelha que meu pau latejava com a imagem. Precisava dela agora. A agarrando, meti com tudo.

— Jesus, porra...!

— Jesus não, só eu. — Sorri ao agarrar um punhado do cabelo dela e a foder. — Quase lá — sibilei quando o suor da minha testa pingou nas costas dela. — Mel!

Gozei tão forte que meu corpo todo sacudiu. Sem qualquer força restante no corpo, caí ao lado dela.

— Porra. — Inspirei profundamente para tentar recuperar o fôlego.

— Porra — respondeu ao se enrolar do meu lado.

Colocando os braços em volta dela, a puxei para ainda mais perto, e nós dois descansamos no escuro sem dizer uma palavra. O único som era nossa respiração pesada até...

BIP.

BIP.

— O que é isso? — perguntei quando ela se sentou rápido.

BIP.

Na terceira vez, ela pulou e correu até o escritório. Com um grunhido, a segui até as telas de computador. Tudo parecia igual, arquivos e mais arquivos de informação inútil.

— Puta merda — cochichou, clicando em tudo.

— O que foi? — perguntei sem conseguir olhar para seu rosto, porque estava muito mais que hipnotizado com todo o resto dela.

— Eu sabia — murmurou com uma mão no lábio.

Isso chamou minha atenção, e quando cheguei mais perto, vi imagens, impostos, arquivos, empresas... e tudo era sobre nós.

— O que é isso?

— Coloquei um analisador de pacotes nos computadores do Avian. Estive peneirando os dados tentando encontrar qualquer coisa que ele tem sobre nós. É isso aqui, uma linha do tempo de tudo que já fizemos, e evidências que ocultou para nós e os Valero. Está tudo aqui.

— Consegue deletar? Tem cópias em outro lugar? — Se cuidássemos disso agora, podíamos matar o filho da puta.

Ela não falou, e do nada um timer de vinte e quatro horas apareceu.

— Mel, o que está acontecendo? Por que só encontramos isso agora? — Tive que estalar meus dedos na cara dela para conseguir sua atenção.

— Essa é a única cópia.

— Bom, então apague.

Ela balançou a cabeça.

— Não consigo hackear, preciso apagar direto de um dos computadores dele. Só preciso descobrir qual é. Vou levar dias para apagar tudo.

— Tudo bem, então nós esperamos.

De novo ela balançou a cabeça e apontou para o relógio.

— Ele planeja divulgar tudo isso em vinte e quatro horas.

— Isso é suicídio!

Enquanto nos encarávamos sem saber o que dizer, alguém tocou a campainha, e quando Mel abriu as imagens de segurança, o vi de pé lá fora com um charuto em uma mão e uma bengala na outra. Estava vestindo o melhor terno que tinha.

— Avian — falei pelo interfone.

— Bom, estão acordados — falou olhando para a câmera. — Abra a porta para todos morrermos juntos.

Foi aí que a ficha caiu. Estávamos fingindo ser terroristas, sabendo muito bem que jamais nos explodiríamos para afetar Avian. Contudo, ele tinha feito o exato oposto disso. Sabia que não podia vencer, então estava levando todo mundo com ele. Ia expor todos nós.

Ele era o homem bomba.

Trinta E Dois

“Se não caçar e matar, vai caçar e matar você.”

— *Flannery O'Connor*

Liam

— Então deixa eu ver se entendi, ele só entrou aqui e disse que queria morrer? — Neal perguntou enquanto Mel e eu encarávamos um Avian amarrado por trás de um espelho espião.

A sala em que ele estava era menor do que as que tínhamos em Chicago. Contudo, nossa casa em Washington não havia sido projetada com as mesmas funções. Era uma sala cinza sem graça sem aberturas para iluminação natural. Só havia uma porta e o painel de vidro que nos permitia ver o lado de dentro. Essa cela improvisada era o único item de segurança que tínhamos investido nessa casa. Mas daria conta do recado.

Ele não estava lutando. Estava tão confortável quanto alguém que estava amarrado quase nu a uma cadeira poderia estar. Tudo que vestia era a cueca e uma bandagem ao redor do joelho. O sangue já estava começando a vaziar. Obviamente, não tinha se dado ao trabalho de ir ao médico, mas não parecia estar com dor. O que era estranho, considerando que Declan e Neal tinham descido o cacete nele antes de o arrastarem para dentro. O lábio estava cortado, o olho roxo, e tinha alguns arranhões por toda a extensão dos braços, pescoço e rosto.

— Mais alguém acha que ele é doido? — Neal prosseguiu. — Essa não pode ser a última jogada do cara. Ele não destruiria tudo que passou a vida a construindo sem mais nem menos.

— Concordo, isso é bem fodido, até para ele. Mas estou olhando as coisas e é tudo verdadeiro. São nossas contas bancárias de verdade, até as *offshores*, nossos parceiros de negócios, localização de fábricas; ele queria que a gente visse que ele sabe de tudo. E temos vinte e quatro horas antes que isso seja enviado para todas as maiores redes de notícias do mundo — Declan cortou enquanto teclava olhando a tela do computador. — Ele tem até os nomes e e-mails de todos os jornalistas que queria que recebessem os arquivos listados e prontos para envio.

Provando que ele queria controlar até a própria queda.

Olhei de relance para Mel a vi encarando Avian com intensidade. Não podia evitar me perguntar se estava pensando o mesmo que eu. Quão rápido poderíamos fugir disso? Poderíamos fugir? Teríamos que fugir não só das nossas vidas, mas também precisaríamos mudar nossos rostos. Estaríamos no topo de toda lista do FBI, CIA e toda outra sigla possível. Seríamos as pessoas mais procuradas do mundo. Como poderíamos fugir com Ethan? O rosto dele estaria por toda parte, assim como os nossos. Congelariam todos nossos bens e desmantelariam operações legítimas e ilegais. Quando mais eu pensava em fugir, menos parecia ser uma opção. O que nos deixava com duas opções:

ficar e vencer, ou ficar e morrer — porque não conseguiriam nos pegar vivos.

— Deveria falar com ele — comentei com ela. Porque se eu falasse provavelmente pularia a parte da conversa e iria direto para esmurrar a cara dele.

Ela se dirigiu a Neal.

— Traga Monte para cá o mais rápido que puder, ele está no centro de reabilitação.

Ele fez que sim com a cabeça e saiu apressado.

— Já volto — Mel disse para nós dois ao sair.

Mas que porra? Não tínhamos tempo para isso.

— Será que sou o único ciente do relógio do apocalipse fazendo tique taque no momento?! — Declan perguntou e bateu na mesa. — Não vamos conseguir hackear isso. Devo chamar Fedel e a família para nos encontrar? Temos que ir agora para ter a maior vantagem de tempo possível.

— Não vamos fugir — informei enquanto Mel voltava com uma garrafa de uísque, um kit de primeiros-socorros e uma pequena mala.

Não falou nada para nenhum de nós antes de entrar na sala e fechar a porta com o pé.

— Liam...

— Declan, não vou falar outra vez. Não vamos fugir. Cale a boca. Sente aí e espere. Ele quer nos tirar do sério de novo, e está deixando que ferre sua cabeça. Agora foco! — Berrei para ele, quando sinceramente, estava falando comigo mesmo.

Focando nela, a observei soltar a bandagem e expor a carne, sangue, osso e pele do joelho dele. Pegou o uísque e derramou sobre a ferida, a perna teve um espasmo, mas ele não gritou nem se encolheu. Percebendo isso, ela me olhou rápido antes de pegar uma bandagem nova e enrolar no joelho dele. Se não respondesse a isso, então o torturar até conseguir a informação não seria possível. Na verdade, iria querer que desperdiçássemos ainda mais tempo nele enquanto o relógio corria.

Quando acabou, ela pegou um frasco de ibuprofeno do kit, inclinou a cabeça dele para trás e beliscou a garganta para fazer com que abrisse a boca. Derrubando as pílulas lá dentro, lavou tudo com uísque.

— Pelo menos ele é humano — falei sozinho enquanto ele tossia e se engasgava.

Todos tínhamos a habilidade de controlar a dor, mas algumas coisas eram apenas da natureza humana, como cuspir um líquido que havia sido forçado pela garganta.

Devagar, ela arrumou tudo.

— Está desperdiçando tempo — falou pela primeira vez desde que chegou.

— Tenho todo o tempo do mundo — respondeu.

— Mentira — riu. — Posso ver o medo nos seus olhos. Está pensando em quão longe conseguiria chegar se fugisse.

— Me surpreendeu, Avian, isso eu admito. Nunca imaginei que desistiria

tão fácil.

Ele riu. Riu como um ensandecido, e me perguntei se era daí que Aviela tinha herdado a loucura.

— Não desisti, Melody. Eu ganhei. — Sorriu. — Seu marido me fez ver isso com o pequeno massacre de ontem. Meu nome já está manchado para o público. E por algum motivo não me incomodou tanto quanto eu achei que iria. Obrigado a todos vocês por essa maravilhosa revelação, parece que um fardo foi tirado dos meus ombros. Tiraram a única coisa que *achei* que importava para mim. A única coisa que pode me satisfazer agora é saber que os destruí.

“O mundo de vocês acabou. Eu fiz isso, e nunca mais pessoa alguma vai se erguer ao mesmo status que essa família. Vão passar o resto da vida fugindo como ratos até que alguém os mate. Acharam que eram implacáveis. Acharam que eram intocáveis. Estavam errados. Só existe um. Só existe eu. Então me digam, quando a sensação de saber que estavam sob meus pés esse tempo todo?”

— Não se esvaia em sangue quando isso acabar. Tenho certeza de que Liam gostaria de retribuir pelo pai dele da forma correta — respondeu ao sair da sala.

— Tique taque! — berrou antes de liberar outra risada maníaca. Mel não respondeu ao fechar a porta atrás de si.

— Se algum eu dia perder a cabeça, tem minha permissão para me sacrificar — disse ao soltar a mala sobre a mesa.

— Anotado — respondi enquanto ela entregava um relógio para cada antes de colocar outro no próprio pulso.

— Vamos invadir o escritório do Avian, e vou hackear o computador dele — informou.

— Como sabe que é o computador certo de onde veio esse programa? — Declan perguntou.

Ela balançou a cabeça.

— Não sei. Você e Monte vão hackear todos esses repórteres. Do jeito que fizeram quando estavam tentando esconder minha mãe de mim. Mesmo quando o timer terminar, quero garantir que não vão conseguir acessar nada dessas informações.

— Por que não anexa um vírus? Desse jeito se abrirem algum dos arquivos, vai destruir o HD deles — sugeri e os dois congelaram.

— E é por isso que você é o chefe, caralho! — Declan aplaudiu.

Mel foi para o lado dele e olhou para a tela.

— Não temos tempo para fazer um do zero, já tem algum no seu sistema? — perguntou.

— Na verdade, tenho sim — Sorriu. Contudo, ao clicar em uma pasta, o sistema todo se desligou.

— Que porra é essa?! — Berrei para ele, podia sentir meu coração na garganta enquanto Mel o empurrava para fora do caminho e religava tudo só

para o relógio aparecer de novo. Girou descontrolado até que, finalmente, parou.

— Merda! — Mel gritou ao agarrar o kit de primeiros-socorros e arremessar contra o espelho espião.

Nem conseguia falar. O que antes eram vinte e duas horas, agora eram onze. Onze malditas horas.

— Tentou anexar alguma coisa ao meu programa? *Tsk tsk*. Eu não avisei que isso cortaria o tempo pela metade? Foi uma surpresinha que sua mãe adicionou quando fez o programa. Pelo menos ela serviu para alguma coisa. — Avian riu.

Não consegui me segurar e peguei o soco inglês. Entrei com tudo na sala, praticamente derrubando a porta. Agarrei o pescoço dele e bati no rosto.

— Seu filho da puta idiota!

O soquei e o osso zigomático estalou com a força do golpe.

— Se acha que vou cair assim, está enganado!

Soquei o nariz dele, gostando da sensação quando quebrou em dois lugares.

— Liam — Mel chamou às minhas costas.

Agarrando a garganta dele enquanto meu outro punho pairava no ar, falei:

— É melhor rezar, velhote.

Sorriu e o sangue escorreu da boca dele como uma cachoeira, alguns dentes foram junto.

— Eu não temo a morte. Não temo a exposição. Não tem controle nenhum aqui. Tique taque.

— Liam — Mel chamou de novo.

O soltando, chutei o peito dele com tanta força que ele e a cadeira caíram para trás.

Saindo da sala, tirei o soco-inglês da mão.

— Que caralho aconteceu? — Neal gritou ao entrar na sala e ver o relógio.

Empurrou a cadeira de Monte para dentro, que estava vestindo shorts e camiseta. A perna esquerda dele não existia mais e estava com a direita engessada. Graças a Deus ainda tinha as mãos.

— Ele te informou? — perguntei.

— Achei que tivéssemos umas vinte e poucas horas ainda, não? — perguntou.

— Se tentar corromper ou mudar o programa, ele corta o tempo pela metade. Então se não conseguimos desabilitar desse lado, vamos começar a hackear os computadores dos jornalistas. Preparar o vírus do lado deles e eliminar todos os e-mails que estiverem entrando, junto com qualquer outro lugar para onde ele pensou em enviar isso — Mel informou ao passarmos correndo e subirmos as escadas.

Nenhum de nós falou. Fomos direto pegar as armas no closet dela.

— Liam, ligue para a Coraline — Mel disse e congelei enquanto ela carregava a arma.

— Não — falei. Sabia o que isso significava, e não ia aceitar.

— Tudo bem, eu ligo — disse e pegou o celular.

— Mel, nós vamos sair dessa.

— Tem certeza disso? — ralhou comigo e ficou de pé. — Porque eu não tenho. Não era assim que deveria ter acontecido! Planejamos para toda ideia babaca que aquele cuzão pudesse ter! Todas menos essa! Temos onze horas, Liam.

— Acha que não sei disso? Eu vi a porra do relógio, Melody. Estava lá, mas tem que ter um jeito de sair dessa. Não vou aceitar que ele é mais inteligente que nós! Vamos lutar, ou vamos morrer. Achei que esse era o código que seguíamos!

— Era, até que tivemos um filho! — gritou para mim e sua cara ficou vermelha, o corpo todo tremendo. — Sei o quanto foi difícil crescer com um dos pais. Você teve os dois, mas Ethan não vai ter nada nem ninguém. Vai ter que passar o resto da vida escondido e envergonhado. Me dê licença por um minuto enquanto eu lido com as malditas emoções humanas que estava tão determinado a me fazer sentir. Me dê licença enquanto eu tento pensar se ir à luta compensa desistir da chance de fugir com você e nosso filho! Me dê um minuto, Liam!

Me empurrou para fora do caminho já discando.

— Coraline... Coraline, cale a boca e me escute, droga. — Secou uma lágrima. — Quero que você, Evelyn e Ethan estejam de malas prontas e preparados para sair em uma hora. Jinx vai chegar logo – não, só leve o suficiente para um voo longo, mas não o suficiente para os atrasar. Isso é uma fuga. Não tenho tempo para explicar, só faça isso e garanta que ninguém pare vocês. Posso ouvi-lo por um momento?

Minha cabeça estava baixa quando ouvi a voz dela se partir ao ouvi-lo no telefone. Me agachando, abaixei a Glock enquanto ela falava.

— Vamos ter mesmo que te ensinar a dizer “Mama” — murmurou no telefone.

Ele devia ter dito “Papa” de novo, e não consegui evitar me orgulhar dele. Toda vez que ouvia, ficava surpreso e extasiado de novo. E se eu nunca ouvisse isso de novo?

Fuja. Ainda temos tempo para fugir. Seríamos fantasmas quando as coisas fossem a público.

— Papa.

Mel colocou o telefone na minha orelha. Olhei para ela, mas ela não me olhou.

— Fique em segurança, Ethan. Estaremos com você logo, prometo — falei para ele.

— Papaaaaaaaa. — Ele riu sem me entender.

Dizendo adeus, ela desligou antes de vir até mim antes de começar a carregar as armas em suas mãos e colocar dois cliques extra nas costas.

— Quer fugir? — perguntei sério. — Porque se quiser, eu fujo. Dou as costas para tudo agora mesmo e passo o resto da vida com você e nosso filho

em alguma caverna por aí, se é o que quer.

Colocou a cabeça contra a minha e ficamos em silêncio só por um momento, porque era tudo que tínhamos.

— Ele não vai ganhar assim. Nós não vamos para a cadeia — sussurrou.

Então estava decidido. Nós iríamos lutar. E se não parássemos isso, íamos morrer; ou nas mãos da polícia quando ela viesse, ou nas nossas mesmo.

Trinta E Três

“Essa é a sua vida e está acabando um minuto de cada vez.”

— *Chuck Palahniuk*

Melody

Respirei fundo ao sair do carro e ir na direção do prédio federal. Parecia que tudo e todos estavam trabalhando contra nós. Era assim mesmo que nossas vidas iam acabar? Era o carma? Seríamos torturados por todos nossos pecados antes de morrer?

Com cada passo pelo cascalho branco na direção do prédio, meu coração martelava minhas costelas enquanto o vento quente de verão como a lâmina cega de uma faca de manteiga. Podia sentir as gotas de suor escorrendo pelo meu rosto, pescoço e seios enquanto a história das nossas vidas passava como um filme na minha cabeça – a primeira vez que vi Liam; a primeira vez que atirei nele; a primeira vez que trepamos seguida da primeira vez em que fizemos amor de verdade; nossa primeira morte juntos; nosso primeiro aborto; e nosso primeiro filho.

O sol parecia uma enorme luz de interrogatório na minha pele e gemi baixinho de desgosto. Nunca tinha odiado tanto o sol quanto naquele momento. Me sentia tão exposta, não se fazia esse tipo de merda à luz do dia – todos estavam acordados, alertas, se mexendo.

— Temos mais nove horas, Mel — a voz de Liam soou no meu ouvido. Sabia que tínhamos nove horas, porra; tinha assistido o tempo voar enquanto estávamos presos no tráfego da hora do rush. Era um tipo de especial de inferno ficar preso em um carro enquanto o tempo passava. Uma hora toda, se fosse um pouco mais ingênua, acharia que Avian tinha planejado isso também.

— Bolsa e identidade, senhora — o segurança falou na porta.

Entreguei os dois, e quando passei pelo detector de metais, uma mulher apalpou os lados do meu vestido.

— Diga a natureza da sua visita.

— Tenho uma reunião com o diretor Doers — menti.

Acenou com a cabeça e devolveu minha bolsa e identidade.

— Desculpe toda a segurança extra, sra. Callahan. Com as ameaças atuais, temos que ser diligentes. Siga até a recepção e vão te deixar entrar.

— É claro, entendo perfeitamente. — Sorri ao colocar a bolsa sob o braço e andar até o balcão preto à frente dos elevadores. Logo que voltamos para Washington, tínhamos planejado invadir o Edifício J. Edgar Hoover. Já sabia que precisaria dar uma olhada no computador de Avian, considerando que não conseguia o hackear de fora. Contudo, nosso plano contava com apenas a equipe noturna presente, não todos os malditos agentes.

Tinha atravessado as linhas inimigas e entrado no território deles.

— Bem-vinda ao Edifício J. Edgar Hoover, sra. Callahan. Não sabia se a senhora viria. Seu marido já está lá em cima.

— Vim direto do spa. Tinha esquecido totalmente dessa reunião — ri.

— Não tem problema. A srta. Mina Sung já liberou vocês em nome do presidente. Contudo, como informei seu marido, o diretor Doers ainda não chegou — a mulher falou de trás do balcão.

Não *queria* usar o presidente ou Mina para isso — era descuidado; contudo, não tinha jeito da gente invadir sem chamar atenção desnecessária.

— Tudo bem. — Me inclinei contra o balcão. — Ele nos disse que podíamos esperar no escritório dele. Meu marido já está lá?

Ela fez uma careta.

— Sinto muito, senhora, isso é contra os protocolos.

Quem dava a mínima?

— Sarah — li o crachá dela. — Ele precisa te ligar ou algo assim?

Ela se endireitou na cadeira.

— Sinto muito senhora. Mesmo que ele me ligasse e desse permissão, não poderia fazer isso simplesmente porque é quebra de protocolo e poderia perder o emprego. O melhor que posso fazer é te dar um passe para subir e esperar com seu marido.

— Obrigada. — Peguei o passe e fui devagar até os elevadores. Quando o olhar dela se desviou para outra pessoa, mudei a direção, fui para o corredor de aparência esterilizada que levava até o banheiro.

Olhando todos os reservados para garantir que estava sozinha, tirei minhas pérolas e as enfiei rapidamente no tubo da ventilação.

Santo Deus, que isso funcione. Tinha que funcionar. Era nossa única chance.

Fui de volta até os elevadores com tanta calma quanto podia e vi, para meu grande alívio, que a atenção dela já estava voltada para um recém-chegado. As portas do elevador se abriram e eu entrei.

— Segure-o — alguém gritou quando as portas começaram a se fechar, mas não me preocupei.

— Está feito? — Liam perguntou no meu ouvido.

— Sim. Estou aqui — sussurrei.

Quando as portas se abriram, o vi sentado no hall logo à frente enquanto agentes continuavam trabalhando atrás de uma porta de vidro em fileiras de cubículos cinzas.

— Quanto tempo acha que teremos? — cochichei ao me sentar do lado dele.

— Para esvaziarem o prédio todo? Algumas horas se tivermos sorte. Ative agora.

Pegando o celular, disquei 411.

— Sr. e sra. Callahan, aceitam alguma coisa? — um homem com arquivos debaixo do braço parou e perguntou.

— Não, estamos bem, obrigado. Parecem ocupados o bastante — Liam respondeu.

Não prestei atenção na conversa dele. Em vez disso, encarei o relógio.

— Está começando — Liam sussurrou e seguiu o olhar dele na direção da ventilação. A fumaça branca começou a se espalhar como a praga. No início foi devagar. Então começou a entrar por todos os tubos. Não era mortal, mas eles não sabiam disso.

— Soem a porra do alarme logo — sibilei entredentes.

Não precisei esperar muito antes que disparasse.

— CÓDIGO PRETO! Tudo mundo para as escadas! — um homem gritou enquanto a fumaça continuava entrando.

A visibilidade era quase nula, e Liam e eu fomos forçados a nos guiar pelas paredes. Nós não falamos, optando por focar nas sombras da sala enquanto andávamos pelos escritórios. A sala de Avian era trancada com um teclado eletrônico, mas nós já sabíamos a maioria dos códigos. Inserindo a senha, Liam segurou a porta para mim.

Liam foi até a mesa e ficou em pé sobre ela para fechar a ventilação dentro do escritório. Depois abriu a janela.

Me sentando à mesa dele, notei todos os prêmios e fotos com pessoas proeminentes; presidentes, líderes mundiais, a Rainha do caralho da Inglaterra, até o maldito Papa. Estava disposto a jogar tudo isso fora, esse era o tanto que nos odiava, o quanto queria nos destruir... a insanidade deve mesmo ser coisa da minha família.

Filho da puta hipócrita.

— Declan está online. — Liam chegou atrás de mim quando comecei a tarefa monumental de tentar hackear o computador.

— Como está aí, Declan? — perguntei ao entrar no mainframe de Avian.

— Devagar. Tem nomes demais e tempo de menos para passarmos por todos e parar um por um. Por favor, pelo amor de Deus me diga que está no computador certo.

Meu coração bateu mais forte quando encontrei o programa. Podia mesmo ser tão fácil?

— Acho que sim.

Assim que iniciei a aplicação, o timer se descontrolou de novo. O que estava com pouco menos de nove horas, se reiniciou para pouco mais de quatro. Era como levar um tapa na cara e ter o coração arrancado do peito.

— Mas que merda! — Liam sibilou ao meu lado.

— Precisam sair daí agora, não é o computador certo e Washington inteira está prestes a entrar nesse prédio — Declan falou.

Nem queria tocar naquilo. Não conseguia. Mas para onde correríamos se não terminássemos isso? Sabíamos disso ao vir aqui, e mesmo assim tínhamos nos encurralado nesse canto.

— Tente de novo — Liam me disse.

Minhas mãos estavam no teclado e as linhas de código corriam pela tela. Era um labirinto de armadilhas, algumas eu via, outras estavam escondidas, esperando que eu fodesse tudo para o maldito relógio se dividir de novo.

— Mel, tente de novo — falou.

Com um clique quase silencioso, o timer girou. Duas horas, dois minutos. Era como se soubesse cada movimento meu antes que eu o fizesse. Como se Avian estivesse me provocando através da tela.

— Não vamos ganhar essa, Liam — as palavras saíram da minha boca e nunca na minha vida toda tinha me sentido tão fracassada.

Houve silêncio entre nós enquanto as sirenes soavam estridentes lá fora.

— Eu sei —, Liam admitiu por fim — mas nós não desistimos, nós lutamos contra isso até não conseguirmos mais. Declan, ainda está ouvindo?

— Sim, Neal está ouvindo também.

— Ethan pegou o avião? — Mantive a voz tensa.

Pare de ser covarde, Melody.

— Estão no ar enquanto falamos — Neal respondeu. E com isso, o medo se foi. Tinha aceitado a situação e me recusava a quebrar.

— Bom, deve ter uma hora ou duas depois disso ir à público. Façam as malas e vão embora — mandei.

— E quanto a Avian? — Neal disparou.

Ele que se foda!

— Deixem aí, é o que ele queria. Quando a polícia vier dar busca, vão encontrá-lo também.

Houve um curto silêncio antes de Declan se pronunciar.

— E vocês?

Liam pegou a arma e esvaziou o clipe até sobrar apenas uma bala.

— Não se preocupe conosco, irmão.

— Liam, ainda temos duas horas. Ainda podemos fazer isso! — Neal gritou quando entendeu o que planejávamos fazer.

Liam olhou para mim e confirmou com a cabeça.

Chega uma hora em que se tem que aceitar a derrota e entender que não era intocável. Que haveria alguém ainda mais implacável do que você. Que de alguma forma, de algum jeito, alguma maneira miserável, o mundo tinha que reiniciar. Tivemos um bom... um ótimo reinado. Seríamos lembrados para sempre. Chicago, droga, a porra do país todo, jamais se esqueceria de nós.

— Mel, que caralho está fazendo? — Declan gritou quando cliquei na próxima armadilha.

— Estou acabando com a tortura — falei para ele ao clicar na bomba. Duas horas viraram vinte e três segundos.

— Vocês dois perderam a porra do juízo? — Neal berrou.

— Adeus, meus irmãos — Liam se despediu antes de desconectar a ligação.

Tirando o fone do ouvido, puxei minha arma como Liam tinha feito e deixei só uma bala no pente ao me levantar para olhar para ele. Olhamos nos olhos um do outro, o verde dos dele parecia me perfurar.

Doze.

— Não gosto do Fedora — falei ao apontar a arma para a cabeça dele.

Onze.

— Marrom não é sua cor — confessou, a arma dele a centímetros do meu rosto.

Dez.

— Quando te conheci, odiei o fato de ter que te matar porque te achei atraente.

Nove.

Ele sorriu, eu adorava aquele sorriso.

— Eu só queria muito te comer.

Oito.

— Eu já sabia disso.

Sete.

— Sei que sabia, só precisava dizer isso em voz alta. Por sinal, você foi a melhor transa que já tive.

Seis.

— Seu filho da puta — falei mesmo sem conseguir segurar a risada.

Cinco.

Meu coração acelerou e apertei mais a arma.

— Você queria ter mais filhos? — perguntou, engolindo devagar.

Quatro.

— Não tinha pensado nisso. Queria ser uma mãe melhor para o Ethan primeiro. Ele finalmente estava começando a me aceitar — sussurrei.

Três.

Lágrimas idiotas do caralho.

Precisei de todo meu esforço para conter o rio de lágrimas enquanto minha determinação desmoronava. Ele estendeu o braço e as secou com o polegar.

Dois.

— Não sou a emotiva desse relacionamento. — Sorri para ele.

Um.

— Eu amo você, Melody Nicci Giovanni-Callahan.

E puxamos os gatilhos.

Trinta E Quatro

“Morte acaba com uma vida, não com um relacionamento.”

— *Mitch Albom*

Liam

Era necessário ser um filho da puta muito frio para olhar nos olhos do amor da sua vida e colocar uma bala no crânio da pessoa. Sabia desde o primeiro momento que falamos disso que não conseguiria ir até o fim. Contudo, fiquei chocado que ela também parecia incapaz de fazer. Me encarou, a arma ainda erguida e quente da bala que tinha disparado na parede atrás de mim, enquanto a minha permanecia alojada no porta-retrato atrás dela.

Abaixando minha testa contra a dela, ficamos ali por um momento enquanto respirávamos o aroma um do outro. Será que éramos fracos por não matarmos um ao outro, ou isso nos fazia fortes? Não sabia mais. Me sentia morto por dentro, mas ainda estava com ela e só isso importava.

— Não me deu chance de dizer “*eu amo você também, Liam Callahan*” — sussurrou.

Queria sorrir, mas não conseguia. Era o fim. Se afastando de mim, ela se virou para o computador. Os números do relógio estavam todos no zero.

— Precisamos ir — falei para ela ao mesmo tempo que os dados começaram a se embaralhar, e todos os arquivos foram enviados para vários jornalistas.

— Mas que caralho? — Mel murmurou antes de se sentar.

— Mel, nós precisamos...

— Os arquivos estão se apagando sozinhos — falou baixinho.

Meu coração deu um salto.

— O quê?

Ela tentou digitar, mas o sistema imediatamente a bloqueou e as páginas, fotos, contas, tudo que ele tinha sobre nós, se apagou. Era como assistir ao fim de um jogo de paciência onde as cartas se espalhavam antes de sumir completamente.

— Você fez isso? — perguntei.

— Não. Não tinha nada que eu pudesse fazer. O programa estava além da minha habilidade.

Parou quando um vídeo apareceu de repente, e lá estava Avielá com um sorriso largo e uma taça de vinho branco na mão.

— Tendo dificuldades aí, pai? — zombou. — Queria poder ver sua cara agora. Minha nossa, deve estar quase explodindo de raiva. Provavelmente quer descer o cacete em mim. Me esfaquear mais algumas vezes, me trancar em algum buraco até eu me comportar. É uma pena; provavelmente já me matou a esse ponto. Fisicamente, pelo menos. Mas não me importo, estou morta há um bom tempo e aguentei suas merdas por mais tempo ainda. Posso não ser forte o suficiente para te destruir, mas com certeza não vou facilitar

para você obliterar minha filha.

“Isso mesmo – se tratando de ser ela ou você, sempre vou escolher ela. Achou que conseguiria mudar isso de alguma forma? Pois te deixei acreditar que eu não me importava, atirei nela, quase matei a família dela, só para poder ter esse momento. Essa única vitória. Tudo que já me fez coletar sobre ela está aqui. O trabalho da minha vida – o único scrapbook que tenho dela – e estou apagando tudo. Não existem cópias, codifiquei tudo para se destruir quando esse programa disparasse. Faça o seu próprio trabalho sujo, seu filho da puta arrombado e doentio. Xeque-mate, papai.”

Meu queixo caiu quando ela levantou a taça para ele – para nós.

— Te vejo no inferno — falou depois de beber a taça toda. — Ah, e mais uma coisa, se estiver no seu escritório, é melhor sair daí, deixei alguns explosivos preparados para acabar com esse lugar. Se conseguir sair com vida, diga ao meu bebê que eu disse oi... e que sinto muito por precisar lhe machucar.

Com isso, ela sumiu, e eu não tinha certeza de como reagir. Melody estava sentada em choque, os olhos viajando pela tela do computador enquanto os arquivos continuavam se apagando e tudo era formatado. Tentou clicar no vídeo de novo, mas uma explosão repentina violenta a impediu, fazendo as janelas e as paredes à nossa volta trincarem.

— Mel, precisamos sair daqui! — Gritei quando o chão tremeu aos nossos pés. A fundação do prédio sem dúvida estava cedendo.

— Me dê um segundo — falou ao pegar o celular e o conectar no processador.

Que caralho ela poderia estar fazendo nesse momento?

Correndo para olhar lá fora, vi as autoridades lá embaixo já evacuando o quarteirão.

Outra explosão barulhenta ecoou pelo prédio, fazendo qualquer coisa que ainda não tivesse caído ir ao chão.

— Mel!

— Vamos — falou ao tirar os saltos e ir até a porta.

Assim que ela a abriu, fumaça cinza pesada e grossa nos engoliu. Fios elétricos se penduravam do teto, e partes das paredes caíam.

Ela correu quando o chão sob seus pés sumiu de repente.

— Mel! — Pulei para a frente e agarrei o braço dela. — Não te deixei viver só para morrer saindo daqui!

— Não pedi para ser salva, seu cuzão! Me solte. Podemos sair por aqui.

Revirando os olhos, fiz como ela pediu e a soltei sem qualquer aviso. Ela caiu com força contra a mesa sob nós.

— Puta merda, Liam!

— Desculpe. Estava ocupado sendo um cuzão — ri quando ela rolou de cima da mesa e pulei para baixo.

Fiquei de pé só para levar um soco no queixo.

— Puta! — Rosnei e limpei o sangue do canto da boca.

— Pare de choramingar, precisamos chegar até as escadas.

Agarrando o braço dela, a puxei para mim e a beijei. Meus dedos se entrelaçaram no cabelo dela enquanto ela segurava meu pescoço.

— Isso não acabou — falei para ela ao pegar sua mão e correr. Coloquei o braço sobre a boca, tentando manter a fumaça cheia de cinzas fora dos pulmões.

Chegamos até a escada e descemos um lance quando o teto cedeu atrás de nós.

— Tem alguém aí? Me ajude, por favor! — um homem pediu de um andar abaixo. A perna dele estava quebrada; estalada em um ângulo esquisito e ensanguentada.

Mel olhou para mim, irritada.

Podemos só largar ele aí.

— Alguém me ajude! — implorou.

— Podemos usá-lo para escapar — sussurrei. Afinal, ainda estávamos cercados por quase todas as agências de aplicação da lei. Eles estariam se perguntando por que não saímos do prédio durante a evacuação inicial.

Mel se mexeu na direção dele e apertou o polegar contra o pescoço do homem até que desmaiasse.

— Ele não precisa nos ver para nos ajudar — falou.

Bom argumento.

Colocando os braços dele sobre nossos ombros, descemos as escadas. As pernas dele se arrastavam com cada passo, mas havia um preço para ser salvo, certo?

— Mais três! — um bombeiro gritou enquanto corria até nós. Nós dois mantivemos a cabeça baixa e encaramos o cascalho enquanto viam até nós.

— Senhor, senhora!

— Estamos bem, mas ele está gravemente ferido — Mel disse quando nos enrolaram em cobertores.

— Tem mais alguém lá dentro? — um policial gritou sobre o rugido das sirenes e da multidão crescente que tinha se reunido para assistir o prédio queimar.

— Não conseguimos ver nada. Nos perdemos e ficamos presos, e encontramos ele enquanto tentávamos sair — berrei.

Acenaram ao mesmo tempo em que houve outra explosão lá dentro, estilizando todas as janelas no andar mais alto.

— Andem. Andem! Saiam do caminho! — o policial gritou ao nos guiar até a ambulância.

— Estamos bem, só quero ir para a casa — Mel falou para eles.

— Senhora, precisamos dar uma olhada...

— Eu vou para a casa. Essa maldita cidade está tentando me matar! Massacres, bombardeios! Parece que estou na porra de uma guerra! — ralhava ao mesmo tempo que outra bomba explodiu. A parte de trás do prédio começou a entrar em colapso, mandando uma nuvem espessa de fumaça na

nossa direção.

Não era ideal, mas nos deu a cobertura necessária para escapar.

— Liam! — Mel berrou com um sorriso na cara enquanto saíamos da cena.

— O quê?

— Nós ganhamos?

— Quase.

Afinal, ainda tínhamos que lidar com Avian.



Melody

Sujeira e poeira cobriam cada pedacinho de mim. Meu cabelo estava pesado de pó, e notei que até as pontas estavam queimadas. Liam estava igualmente mal, e pela expressão convencida em nossos rostos, seria difícil imaginar do que tínhamos acabado de escapar. Entramos no porão, esperando encontrar ninguém além de Avian.

Contudo, Monte, que estava sentado na frente do computador, apontou a arma para nós quando entramos.

— Sério? — Liam disse, erguendo uma sobrancelha na direção dele.

— Chefe! O que aconteceu? Tudo sumiu. Como fez isso? — perguntou ao girar a cadeira para olhar para nós.

— Que porra é essa? — Liam grunhiu quando percebeu Neal e Declan arrebatando Avian. — Achei que tinha mandado eles irem embora!

— Neal disse que não tinha mais nada a perder, Declan ligou para Coraline e depois os dois entraram lá antes que eu pudesse falar alguma coisa — Monte respondeu.

— Sério? Antes que pudesse falar com eles? — Até com uma perna só ele podia ter dito alguma coisa.

— Tudo bem, talvez eu quisesse que o filho da puta que tomou minha perna tivesse o que merecia. — Tentou segurar o sorriso.

Balançando a cabeça para ele, fui até lá e peguei o guidão da cadeira e empurrei até a janela.

— Então eis aqui seu assento na primeira fileira — falei. Dei um tapinha no ombro dele ao mesmo tempo que Liam entrou na sala.

— Chega! Quero ele vivo para poder lhe matar devagar — Liam falou para os irmãos.

Eles congelaram, os rostos cobertos de respingos de sangue, sem dúvida chocados em vê-lo.

— Liam, que merda está fazendo?

— Saiam — falei para eles quando entrei.

Soltando os socos-ingleses, saíram da sala, mas não antes de cuspir em Avian.

A cabeça de Avian caiu, e sangue pingou da ponta do nariz. Ele respirou fundo algumas vezes antes de cuspir sangue. Com o pouco de força que restava, se ergueu de novo na cadeira. Um dos olhos dele estava fechado de tanto inchaço, e roxo. Tinha que admitir, ele era um velho durão.

— Pela reação dos seus irmãos, imagino que esteja feito? — perguntou para Liam enquanto seu olho bom nos analisava. — Têm mais coragem do que pensei. Tinha certeza de que iriam se matar. É da sua natureza.

— Valeu a pena, Avian? — perguntei. — Estive no seu escritório, vi todo seu trabalho duro e você jogou tudo fora. Não entendo isso.

— Não dá para vencer se não estiver disposto a perder tudo. Não tenho medo de nada. Não perco nada. Não me enluto por ninguém, e em troca, posso passar minha vida torturando vocês da forma que fizeram comigo. O medo exalando de vocês fez valer a pena. Além disso, se eu quisesse mesmo, poderia ter feito um acordo com o Departamento de Justiça e passado o resto da vida em prisão domiciliar.

— Achou que conseguiria se safar disso? — Liam questionou. — Por que não ir direto ao Departamento de Justiça e fazer o acordo? Por que permitiu que fizessemos isso com você?

— Não tenho medo de dor. A recebo de braços abertos. Ela nos faz fortes. Ossos, hematomas, cortes, tudo isso sara. Minha mente é algo que jamais poderão tocar.

— O Departamento de Justiça não chegaria nem perto de você — falei. Ele riu e cuspiu mais sangue.

— Não cheguei até onde estou sem coletar alguns podres. Antes de Olivia, subornei suas empregadas, vasculhei seu lixo e hackeei satélites só para triangular a posição do seu jato. Tenho podres sobre todos eles. Me jogariam em uma ilha deserta antes de me deixar contar todos seus segredos. Sou o caçador supremo, sei como proteger minha retaguarda.

— Quer dizer que minha mãe era — corrigi.

Ele negou com a cabeça.

— Sua mãe não conseguia se mexer sem mim, muito menos pensar. Ela fazia o que mandavam. Não era uma caçadora, era isca, um peão.

— Ela era mais inteligente do que todos nós imaginamos. — Peguei o celular e dei play no vídeo.

— Tendo dificuldades aí, pai?

Assisti os olhos dele se esbugalharem e seu queixo cair em choque.

— Não — sussurrou, antes de começar a gritar. — Não! Sua puta idiota! NÃO!

— Bem, sr. caçador, parece que a raposa te enganou — Liam disse enquanto Avian se debatia na cadeira. Andou em volta dele, ficou às suas costas e colocou uma mão sobre seu ombro. Se inclinou até o ouvido dele e sussurrou: — Mas não tem problema, você não tem medo da dor, certo?

— Vou perguntar de novo. — Sorri ao guardar o celular. — Valeu a pena?

Liam começou a tirar a camisa.

— Esposa, talvez eu não chegue a tempo para o jantar — me disse com calma, e eu sabia o que ele queria. *Vingança*. Sangue pelas próprias mãos pelo pai dele, e deixaria que tivesse isso. Pegando a camisa da mão dele, concordei com a cabeça.

— Leve o tempo que precisar — falei antes de me dirigir a Avian. — Adeus, avô. Nunca foi um prazer.

— Isso vai ser bem bárbarico — Liam cochichou para ele quando saí.



LIAM

Assobieei enquanto o empurrava até o crematório. Gritava contra a fita adesiva, mas era música para meus ouvidos. Batendo no botão, as portas de aço se abriram e o calor do forno pré-aquecido escapou. O fogo rugiu, me animando ainda mais. Ele não conseguia mexer nada além do pescoço depois do episódio na cadeira.

— Já leu *Mil Formas Horríveis de Morrer*? — perguntei sabendo que ele não conseguiria responder. — É um ótimo livro – crucificação, poço de cobras, empalamento. Eu só ia escolher um número aleatório, mas minha esposa disse que precisamos ir lidar com o Rsamas agora. Já gastei tempo demais da *nostra vida* com você.

Não lutou contra as amarras pois já estava fraco pela perda de sangue. Dei tapinhas no peito dele e sabia que ardia.

— Fique vivo por mais alguns momentos. No fim, preciso te ver queimar. Vai morrer pelo fogo, enquanto nós renascemos pelas chamas que Aviela lançou sobre seu escritório. É tudo muito poético, não acha? Nem todos podemos ser a fênix, alguns precisam ser as cinzas.

Apertando o botão, assisti com alegria quando as chamas o cobriram antes da porta se fechar.

— Só pense nisso como sua volta para o inferno — falei quando os instintos dele assumiram o controle e começou a se debater.

Seus gritos abafados altos poderiam ter acordado um defunto.

— Xequemate — disse me virando quando o portão se fechou.



Melody

Quando Liam chegou ao avião, olhei sobre as poltronas e acenei para ele.

— Finalmente — Declan murmurou do assento da primeira classe atrás de nós.

— Filho da puta avaro, nem nos deixou assistir — Neal zombou.

Me virei na direção dos dois, que imediatamente colocaram os fones e relaxaram nas poltronas.

— Desculpe o atraso — falou ao colocar a mala no compartimento de cima.

— Se divertiu? — perguntei sabendo muito bem que sim.

Ele sorriu e piscou em resposta.

— Jinx sabe onde nos encontrar? — perguntou alguns segundos depois e eu confirmei.

Tinha mandado uma mensagem para Coraline dizendo para pararem na Inglaterra. Não estavam no ar há tanto tempo de qualquer forma. Todos precisávamos de uma folga do caos; mesmo que fosse só por um dia ou dois.

Um movimento repentino chamou minha atenção, e olhei para a frente e vi Mina, com uma garotinha nos braços e falando com a comissária de bordo. Ela passou pela nossa fileira e ficou em pé ao lado dos assentos de Neal e Declan. Observei quando ela olhou as passagens, que sem dúvida eram as que mandei para ela, antes de olhar para Declan.

— Acho que está no meu lugar — a voz suave, mas confiante dela fez Liam me olhar surpreso.

— Ah, desculpe — Declan disse ao se levantar e olhar confuso ao redor. Então se arrastou para o assento certo. A garotinha nos braços de Mina se esticou e cutucou Neal, tentando chamar sua atenção.

— Desculpe por isso — Mina falou.

— Não tem problema. — Sorriu.

Me virei no meu assento e olhei para a frente com um sorrisinho no rosto.

— Senhoras e senhores, por favor liguem suas telas para assistir uma mensagem do presidente dos Estados Unidos — o piloto falou no sistema de som.

— Bem na hora — Liam cochichou antes de ligar.

— Boa noite. Esta noite, fico feliz em informar o povo americano e o mundo que os Estados Unidos conduziram uma operação que resultou no desmembramento e erradicação do grupo terrorista conhecido como Rsamas.

“Como sabem, eles foram responsáveis pelo assassinato de dúzias de homens e mulheres inocentes no último mês. Hoje, sob meu comando, agentes especiais conduziram uma operação na cidadezinha de Roster, Alabama. Depois de uma troca de tiros, os homens responsáveis pelo massacre no The Blue Garden, pelo bombardeio do Edifício J. Edgar Hoover e pelo assassinato de agentes federais no país todo, incluindo a minha filha, assim como muitos de seus filhos e filhas, foram levados à justiça.

“Hoje, todos aqueles que buscam trazer o terror são lembrados da grandiosidade e da tolerância zero desse país, além da determinação do povo americano. Não vamos nos curvar ao terror. Vamos encarar de frente e dizer que hoje não. Nunca. Dessa forma, um memorial será construído para honrar os caídos. Nós devemos – e iremos – permanecer vigilantes. Obrigado. Que Deus abençoe a todos, e que Deus abençoe os Estados Unidos da América.”

Os passageiros romperam em vivas e Liam beijou as costas da minha mão.

— Ganhamos. Acabou — sussurrou.

— Isso nunca mais pode acontecer — sussurrei de volta.

— Eu sei.

Confirmei com a cabeça, mas não conseguia falar. Sim, tínhamos vencido e essa guerra eu iria garantir que seria a última que lutaríamos. As coisas teriam que mudar. Mas no momento – no momento eu só me importava com ter meu filho no colo e meu marido ao meu lado.

Epílogo

“Roupas cobertas de vermelho,
Pálpebras doloridas e azuis,
Jamais esqueça dos implacáveis
Pois eles jamais se esquecerão de vós.”

— J.J. McAvoy

MELODY

Estava sentada pacientemente de pernas cruzadas e mãos dobradas. Estava fazendo o melhor que podia para manter a calma enquanto a professora à minha frente discorria sobre o que possivelmente havia de errado com meu filho.

— ... pessoalmente, acho que seu filho tem distúrbio de ansiedade social. Raramente brinca ou fala com as outras crianças. Na verdade, em todo o tempo dele aqui, nunca o vi se interessar por nada além de seus rabiscos. Entendo que ambos são incrivelmente...

— Perdão, meu filho está indo mal na sua matéria? — perguntei por trás de um sorriso.

— Não, mas...

— Ele foi desrespeitoso de alguma forma?

— De novo, não.

— Você é uma psiquiatra licenciada?

As narinas dela se alargaram quando respirou fundo.

Sorri.

— Tomarei isso como um não. Você é uma professora, uma professora muito bem paga, devo acrescentar. Afinal, essa é a melhor escola particular do estado. Agora, se tivesse se preocupado em olhar para esses *rabiscos*, veria que ele é muito talentoso e tem uma mente muito criativa. Imagino que o motivo dele não ser responsivo na sua aula é porque está entediado, pois os exercícios que passa, ele termina em alguns minutos quando chega em casa. Então em vez de culpar meu filho ou tentar o diagnosticar, o que já estabelecemos não fazer parte do seu trabalho, por que não tenta alguns outros métodos?

O queixo dela caiu como se não estivesse esperando que eu dissesse alguma coisa, como se eu devesse só levar meu filho para ter a cabeça examinada.

— Acho que acabamos por aqui, srta. Henderson, obrigado por nos chamar.

— Liam ficou em pé e ajustou o terno e a grava antes de me oferecer a mão.

— É claro, sr. Callahan. E governadora, só gostaria que soubesse que sou uma grande apoiadora de...

— Adeus, srta. Henderson — a interrompi e peguei a mão de Liam enquanto ele nos guiava para fora.

Fedel e Monte estavam parados na porta.

— Por que a cara de tristeza, minha riqueza? — perguntei para meu filho que balançava as pernas para lá e para cá no banco do corredor.

— Estou encrencado? — perguntou baixinho.

— Não, sua mãe aqui gritou com sua professora — Liam zombou.

A cabeça coberta de cabelos castanhos escuros bagunçados saltou para cima e o queixo caiu.

— Mamãe! — repreendeu.

— Eu não gritei. Apenas corrigi o erro dela, só isso — informei e ele cruzou os braços e me encarou como se não acreditasse.

— Não quero ser transferido para outra sala de novo, agora que estou começando a gostar dessa — grunhiu com a cabeça nas mãos.

Ficando de joelhos na frente dele, afastei suas mãos do rosto. Mas ainda se recusou a olhar para mim.

— Wyatt, olhe para mim, por favor.

Ele suspirou e me observou com aqueles grandes olhos castanhos familiares, ainda que os dele tivessem pontinhos verdes na íris.

— Se gosta da sala, por que não fala? Ou conversa com os outros alunos? Sei que não é tão tímido assim. Você e Ethan conseguem falar mais que maritacas. — Disse com um sorriso e fiz cócegas na barriga dele.

Tentou não sorrir ao se debater para longe de mim.

— Não sei. Podemos ir para a casa agora? — Olhou para Liam que estava em pé atrás de mim.

— Tudo bem — falei ao estender a mão para ele, que correu para ficar entre Liam e eu e agarrar a mão dos dois.

— Papai, podemos comer hambúrguer do Sal's? — implorou.

— A vovó vai dar um piquenique hoje à tarde, não quer estar com a barriga cheia, não é? — Liam perguntou.

Wyatt só olhou para ele.

— Papai, eu já tenho sete anos, meu estômago é maior. Posso comer tanto quanto o tio Neal.

Senhor, espero que não! Pensei ao sair da escola.

Nosso carro, junto com outros dois, um na frente e outro atrás, encostou. Kain saiu e abriu a porta para nós, e Wyatt entrou, tirou a mochila e jogou para o lado.

— Nos leve para o Sal's, por favor — exigiu antes de colocar o cinto.

— Wyatt, eu disse não — Liam repreendeu quando entramos no carro para nos sentarmos ao lado dele.

— Não podemos negociar? Prometo comprar um para o Ethan e um para a Dona dessa vez. — Sorriu e eu ri alto.

— Quer negociar ou chegar a um meio termo? — perguntei ao passar minha mão no seu cabelo.

Deu de ombros.

— O que me der um hambúrguer.

— Regra número sete — Liam lembrou.

Wyatt fez beicinho e cruzou os braços.

— Nunca discuta com o chefe.

— Isso mesmo, então por que ainda estamos falando nisso? — perguntou.

— Tudo bem, me deixe morrer de fome. Dona nunca mais vai falar com você — suspirou e colocou a mão no bolso do paletó azul para pegar o aparelho de mp4. Ligando a música, nos ignorou e tentei com todas as forças não rir.

Liam grunhiu e apertou os cantos dos olhos.

— Posso ouvir meu pai rindo de mim. Mas sinceramente, não me lembro de ser tão exasperador — Liam cochichou.

Apertei a coxa dele.

— Tenho certeza de que não. Relaxe, ele só está imitando Ethan — falei.

— Você tinha que engravidar tão rápido depois do Ethan? Como se lidar com ele não fosse mais do que suficiente.

— Com licença? De quem foi a ideia de ter uma segunda lua de mel?

— Nunca tivemos a primeira, então como poderia ter a segunda? Além disso, você amava Londres, *governadora*.

Querida chutar ele. Em vez disso, copiei Wyatt e virei para o outro lado. Ainda não conseguia acreditar que tinham se passado oito anos desde que nos livramos de Avian. Oito anos desde que eu tinha engravidado de novo, gêmeos dessa vez; Wyatt Sedic Callahan e Donatella Aviela Callahan. Amava os dois, mas quando lidava com Donatella, às vezes me sentia da mesma forma que Liam se sentia com Wyatt. Devia ser por serem tão parecidos conosco. Liam comia na palma da mão de Donatella, tão domado que nem era engraçado.

Tinham se passado oito longos anos de caos controlado, e porque Liam e eu nunca desejamos que os eventos do passado se repetissem, mudanças foram necessárias. Estávamos ainda mais afastados do tráfico de drogas. Ainda supervisionávamos a operação, mas não sujávamos mais as mãos. A erva tinha decolado, e tínhamos a maior parcela do mercado. Ainda havia demanda para o de sempre, entretanto – cocaína, cristal e heroína, mas não eram mais feitas em Illinois. Afinal, o plano de Liam para a primeira governadora mulher do Illinois era dizer que ia limpar as ruas e fazer isso mesmo.

Tínhamos tirado uma página do manual dos romanos – basicamente deixávamos os traficantes continuarem vendendo em troca de menos violência. Não era sobre dinheiro, era sobre poder, controle. Avian tinha nos ensinado isso.

Traficantes eram curiosamente civilizados com uma arma apontada para a cabeça deles. Gangues menores e cartéis eram outra história. Tendiam a sair de controle e geralmente éramos obrigados a mandar uma equipe de limpeza. Precisamos matar cerca de doze grupos inteiros antes do resto entender o maldito recado. Não faziam ideia de quem éramos e isso só funcionava ao nosso favor, os assustando para cacete. Com Chicago brilhando daquele jeito, fui eleita não só uma vez, mas para um segundo mandato também. Estava no

cargo há quase cinco anos.

No começo, pensei que Liam deveria se candidatar, mas ele destacou o fato de que precisávamos manter o aspecto de *negócios* das nossas vidas, apesar de eu saber que ele secretamente gostava do título de Chapeleiro Maluco. Tinha dado quase cinco anos a esse estado, e agora todo mundo estava esperando para ver o que eu faria.

— Melody. — Liam me tirou do devaneio e me mostrou um alerta no celular. — Pelo jeito alguém no FBI está dando uma olhada em nós.

Não era incomum. O FBI verificava todos os governadores, principalmente porque, em geral, eram corruptos. A única diferença entre eles e nós era que não podíamos ser pegos. Quando o Edifício J. Edgar Hoover foi reconstruído, Liam e eu doamos cem milhões de dólares para os novos laboratórios de tecnologia. Sem o conhecimento deles, Declan, Monte e eu instalamos um programa de alerta. Se alguém investigasse nossos nomes, ou nossas vidas, éramos informados na hora e decidíamos como lidar com o assunto.

— O que estão olhando? — perguntei enquanto ele rolava a tela.

— Imposto de renda. — Balançou a cabeça antes de colocar o celular no bolso.

— É claro — zombei enquanto Wyatt descansava nos meus braços.

— Mas esse piquenique vai me deixar maluco. — Grunhiu quando estacionamos no parque. — Prometa que vai ser simpática.

— Sempre sou simpática.

— Sabe, depois de tantos anos, ainda não acredito em você. — Piscou para mim.

O ignorando, tirei um dos fones do Wyatt da orelha.

— Chegamos e acho que estou vendo hambúrgueres.

Ele se sentou e espremeu o rosto contra a janela.

— Não consigo ver nada, as câmeras estão na frente.

Maldita imprensa. Não podíamos sair da porra da mansão sem que nos seguissem.

— Vamos sair logo, e por favor seja simpático com seus primos — falei.

— Sempre sou simpático, mamãe — respondeu.

— Tal mãe, tal filho — Liam murmurou atrás de mim, me fazendo dar uma cotovelada nele.



Liam

— Papai! — Donatella gritou assim que saí do carro. Ela correu o mais rápido que podia antes de pular nos meus braços.

— Agora, quem é você? — perguntei e a segurei na minha frente. Era quase uma cópia da mãe; cabelo castanho escuro, um sorriso estonteante, mas tinha os meus olhos... meus olhos verdes.

— Papai, você me conhece. — Fez bico para mim.

— Você parece familiar. Já roubou alguma gravata minha?

— Emprestei algumas.

— Agora eu me lembrei. — A puxei contra meu peito. — Come todo meu cereal favorito, empresta minhas gravatas e prega peças nos seus irmãos.

— Papai! — Ela riu e enrolou os braços no meu pescoço enquanto andávamos para o parque gramado. Escondeu o rosto no meu pescoço, tão irritada com as câmeras quanto eu.

— Sr. Callahan, sua esposa tem planos de concorrer à presidência?

— Sr. Callahan, quais são os planos dela para o resto do segundo mandato?

— Senhoras e senhores, me virei para eles e ajeitei Donatella no quadril. — Quando minha esposa tomar uma decisão, todos serão informados. Agora se nos dão licença, temos um piquenique familiar.

— E hambúrgueres! — Wyatt gritou de mais adiante no caminho. Enrolou os braços na mãe como se isso fosse o proteger de mim. Mel tentou muito conter a risada, e pude ver quando acariciou a cabeça dele.

Wyatt era o bebê dela.

— Temos um piquenique e *hambúrgueres* para comer — falei.

Donatella se soltou dos meus braços e me peguei querendo fazer beicinho quando ela correu até Wyatt e pegou o braço dele antes dos dois irem na direção de Neal, que estava próximo da fogueira.

— Comida ganha de pai. — Mel esfregou na minha cara antes de pegar meu braço.

— É de se imaginar que nunca damos comida para eles — murmurei ao procurar qualquer sinal de Ethan.

Não estava com os filhos da Mina e do Neal. Neal tinha adotado a filha de Mina um ano antes dela dar à luz o filho deles, Sedric. Mina era boa para ele, e mais importante, boa para nós, já que agora era gerente de campanha da Melody. Para Neal, eu sabia que o que mais o atraía nela era a sinceridade bruta, ela era um livro aberto. Tinha falado para ele no primeiro encontro que era Mel que os queria juntos. Ficou puto com ela um total de cinco segundos antes de decidir que cavalo dado não se olha os dentes.

— Cadê o Ethan? — Franzí a testa ainda sem o encontrar.

Não estava com Coraline e Declan, que estavam ocupados dançando enquanto os dois filhos dançavam ao redor deles. Depois que Coraline se recuperou, não conseguiu engravidar. Então em vez disso, adotaram uma menininha, Helen, e depois, através de uma barriga de aluguel, conseguiram ter um menino, Darcy. Helen e Donatella tinham feito uma aliança contra todos os meninos da família. Todas as guerras de água, neve e sujeira eram obra delas.

— Lá está ele. — Mel apontou para Ethan, que tinha colocado o chapéu favorito e estava sentado no galho de uma árvore com um livro. — Parece que está tentando ser maduro de novo.

Como era o menino mais velho, tentava agir como se estivesse acima dos irmãos e dos primos. Queria ser tratado como gente grande.

— Você cuida disso, ou eu? — Mel perguntou.

— Eu vou.

Concordou com a cabeça e foi na direção da minha mãe, que estava sentada atrás do cavalete tentando pintar. Era a única coisa que a fazia feliz agora, exceto a família, é claro. E tinha ficado muito boa nisso. Até tinha feito um retrato da família e conseguido colocar o papai, bem onde deveria estar.

— Ethan — chamei ao olhar a copa da árvore.

— Oi, pai — falou sem desviar o olhar do livro, que não era bem um livro, mas um dicionário italiano.

— Está tentando aprender italiano? — Isso era novidade.

Deu de ombros e olhou para mim.

— Queria saber o que a mamãe estava gritando para você.

— Ela não estava gritando.

— Estava sim. Estava muito brava, e a mãe só fala italiano quando você faz alguma coisa ruim — declarou.

Essas crianças iam me matar.

— Bem, o que conseguiu até agora, espertinho?

Ele sorriu e levantou o papel.

— Mas que caralho.

— Tudo bem, é o suficiente — interrompi.

— É só isso que eu tenho mesmo. Ela fala rápido demais.

— Bom, pode se juntar à família agora?

Olhou para o parque e depois balançou a cabeça.

— São todos bebês, e você me disse que eu tinha que começar a agir como homem.

— Quis dizer que tinha que parar de dedurar seus tios e eu quando fazemos noite do poker sem a sua mãe. — Ele precisava parar de levar tudo ao pé da letra.

— Pai, não quero que a mamãe grite comigo em italiano. Regra número dezesseis: Nunca desagrade a mamãe.

Agora ele estava usando nossas regras contra nós.

— Sim, mas a regra cinquenta e um diz para sempre dizer a verdade para sua mãe *a não ser* que prejudique o bem-estar do seu pai.

O queixo dele caiu e ele pulou da árvore. Eu o peguei, mas fugiu dos meus braços, garantindo que ninguém visse.

— Isso não é uma regra! — disse ao colocar o chapéu de volta na cabeça.

— É sim. — *Agora*.

— Não é, não.

— Ethan, não pode discutir com o criador das regras.

— Quero essas regras por escrito, como a bíblia ou algo assim. — Bufou e eu ri, ele as teria do mesmo jeito que eu.

— Ethan, é um momento de família, vá se divertir e agir como criança, é uma ordem.

Ele fez um biquinho, mas suspirou.

— Tudo bem, mas só porque me disse que eu precisava.

— É claro. — Acenou e começou a andar. De repente me lembrei do que

queria perguntar para ele. — Ethan?

— Oi? — Parou e olhou para mim.

— Por que seu irmão não fala na aula?

Ele sorriu.

— É segredo.

— Ethan.

Suspirou.

— Ele gosta de uma menina e fez ela chorar antes, então agora tem medo de falar qualquer coisa quando ela está por perto. Não fale para ele que te contei, tudo bem? E não conta para a mãe!

— Tudo bem. — Não consegui conter o sorriso.

Então Wyatt tinha uma paixonite. Sabia por que ele não queria que a mãe soubesse.

— Sr. Callahan. — Avery Barrow, meu ex-companheiro de cela do que parecia ter sido uma vida atrás, veio até mim, escoltado por Monte. Tinha se tornado um repórter e correspondente político muito respeitado ao longo dos anos.

— Avery, obrigado por vir.

— É claro, sr. Callahan, presumo que seja hora de pagar minha dívida? — Sorriu e eu confirmei antes de dar as costas para a família.

— Vou precisar que cuide de uma coisa para mim — falei quando Monte entregou uma foto em sua mão.

O queixo dele caiu.

— Algum problema? — perguntei.

Balançou a cabeça em negativa, mas abriu a boca mesmo assim, um pequeno sorriso nos lábios.

— Sempre achei que os vilões perdiam no final. O mundo tinha que se equilibrar.

Minhas sobrancelhas se ergueram na direção dele e eu ri.

— Sabe por que inventaram super-heróis? Por que bilhões se agarram a personagens fictícios em filmes e livros?

Negou novamente.

— Porque sabem que aqui no mundo real, os vilões comandam tudo. Por que mais os bons morrem cedo?

— Estou ansioso para viver por muito tempo — respondeu, me lembrando o quanto tinha mudado.

— Dê uma cara boa para ela, Avery — respondi ao deixá-lo e voltar até minha esposa.

Estava sentada em um cobertor branco enquanto Donatella corria para lá e para cá de tempos em tempos e deixava um dente-de-leão na mão da mãe a cada viagem.

— O que está acontecendo? — Perguntei ao tirar os sapatos e me sentar.

— Ela quer fazer uma coroa de dentes-de-leão, mas o vento fica os assoprando para longe — Mel respondeu quando Donatella voltou com um

único dente-de-leão e o colocou nas mãos dela.

— Doçura, sabe que pode pegar mais de um por vez, certo? — perguntei.

— Eu sei — falou antes de ir pegar mais um.

Olhei para Mel que apenas deu de ombros. As coisas eram feitas do jeito da Donatella ou de jeito nenhum.

— Então Avery...

— Ele vai cuidar de tudo — falei.

— Não vai sentir falta de Chicago? — sussurrou ao olhar para os arranha-céus no horizonte do parque. Já estava se precipitando, mas por outro lado, nós sempre conseguíamos o que queríamos.

— São só oito anos.

Me inclinei para um beijo quando um dente-de-leão foi enfiado na minha cara. Olhei para Donatella, que sorriu quando aceitei. Então sem mais uma palavra, correu de novo.

O coloquei atrás da orelha de Mel antes de dizer:

— Melody Callahan, futura presidenta dos Estados Unidos da América, eu te amo.

— Liam Callahan, futuro primeiro-cavalheiro, eu te amo mais. — E me beijou.

Essa é a minha vida. Nossa vida. E não a trocaria por nada nesse mundo.

FIM

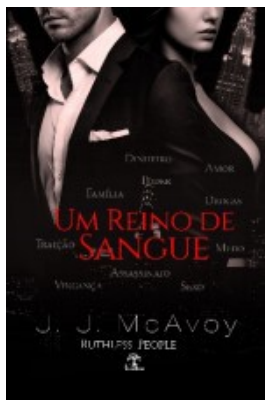
As Regras Da Família Callahan



1. Pela família, se mata. Pela família se morre porque não se pode confiar em mais ninguém.
2. Não faça prisioneiros e não se arrependa disso.
3. Só porque vende drogas para ganhar a vida não significa que pode se vestir mal.
4. Nada de divórcio.
5. Uma família. Um teto.
6. Às vezes para ganhar, é preciso perder.
7. Nunca discuta com o chefe.
8. Dinheiro é dinheiro. Se não consegue ganhar, então tome.
9. Um segredo só é segredo se apenas uma pessoa sabe.
10. Deve se casar antes dos trinta. Escolha sabiamente.
11. Não cague onde come, figurativa e literalmente.
12. Nunca venda produto ruim. É uma desgraça para mim e para a família.
13. Faça com que se lembrem de você a qualquer custo.
14. Seja implacável com os de fora que sabem quem somos de verdade. Seja generoso com os que não sabem. E seja o coração, alma e cérebro da família.
15. Se família trair família, não demonstre misericórdia, nenhum perdão, e os coloque sob o chão.
16. Nunca desagrade sua mãe.
17. Ouça os avisos da sua mãe.
18. Sua mãe é a única pessoa que sempre vai falar honestamente com você. Aceite sem ressalvas.
19. Nunca deixe sua mãe esperando.
20. Seu pai nunca é velho e seria falta de sabedoria alegar o contrário.
21. Um dia seu pai vai morrer. Honre a memória dele e siga em frente.
22. Supere seu pai.
23. Só porque alguém é velho, não significa que seja sábio.
24. Só porque alguém é jovem, não significa que seja tolo.
25. Ouça todas as vozes nas ruas.
26. Nunca esqueça de onde viemos e quanto sacrificamos para chegar até aqui.
27. Nunca esqueça do seu povo. O clã precisa ser cuidado aqui e fora do país.
28. Lembre-se de que é o clã que nos dá nosso poder.
29. Lembre-se de ser generoso com eles e receberemos retorno.

30. Nunca se esqueça da nossa língua mãe. Ensine seus filhos para que possam ensinar os deles.
31. Nunca se esqueça da nossa história, a pessoal e a pública.
32. Aproveite o que tem para nunca desejar perder isso.
33. Nunca aproveite a ponto de ficar burro ou cego.
34. Precisa de pessoas para governar.
35. Respeite os empregados; eles sabem mais do que imagina.
36. Garanta que os empregados tenham tanto ou mais que você em jogo.
37. Seja aquilo que os homens e mulheres temem.
38. Sempre esteja à frente da polícia.
39. Tenha pelo menos um homem infiltrado.
40. Tenha outro homem em quem confia mais infiltrado sem que o primeiro saiba disso.
41. Elos fracos nunca são aceitáveis. Nós somos uma máquina. Se alguém falhar, garanta que nunca falhem de novo.
42. Controle a mídia a qualquer custo.
43. Tenha um plano de saída não só para você, mas para a família toda.
44. Nunca desligue o celular.
45. Lembre-se: conhecimento é poder. Mas poder também força, dinheiro, velocidade e habilidade.
46. Família é família mesmo quando deseja que não fosse.
47. Argumentos feitos com sangue sempre serão lembrados.
48. Ame sua esposa acima de tudo... afinal, é ela que pode te manter aquecido à noite ou garantir que nunca mais acorde.
49. Nunca traia. Casos destroem a família. Nenhum rosto ou corpo vale a pena.
50. Somos Callahans, se alguém nos desrespeita, não apenas acabamos com a pessoa, acabamos com tudo com que se importam e se importaram. Torne a pessoa um exemplo do que acontece quando se mexe com a família errada.

Vem aí



Prólogo

“Me sinto como eu mesma, forte e fraca ao mesmo tempo.”

~ *Venonica Roth*

MELODY

Assim que meus pés tocaram o piso de mármore na entrada da nossa casa, senti o corpo todo relaxar. O frescor do chão aliviou meus pés doloridos enquanto nosso mordomo estendia a mão para meu casaco.

— Bem-vinda ao lar, *signorina*. Gostaria de alguma coisa? — Acenou e dobrou meu casaco sobre o braço.

— As crianças estão na cama? — Perguntei ao me inclinar para pegar os saltos Dolce and Gabbana pretos do chão.

— Sim, *signorina*. E o mestre está no escritório.

O mestre? Com certeza Liam gostava dessa. Sem mais uma palavra, subi as escadas. Mais uma vez por culpa da droga do sindicato dos professores, estava chegando tarde em casa. Conhecendo Ethan, provavelmente estava tentando me esperar acordado. Nunca ia dormir sem me ver antes e esperava ansiosa por isso mais do que qualquer coisa no mundo... ele, de todos meus filhos, fazia meu coração doer da melhor forma possível. Eu não entendia. Mal me reconhecia perto deles... estava em paz. Parecia estranho. Nunca tinha me sentido em paz na vida.

Desde criança, meu pai martelou na minha cabeça que eu era uma Giovanni. Precisava ser forte, implacável. Na adolescência, observei enquanto ele definhava à minha frente, seu legado se apagando junto com ele. Dei minha vida para a família italiana. Já adulta, lutei contra minha mãe e meu avô; o mundo parecia prestes a desmoronar à minha volta. E mesmo assim saí dessa e toda vez que olhava para meus filhos, via essa vitória.

Minha vida havia mudado drasticamente ao longo dos anos e ainda parecia

um sonho.

— Toc, toc — sussurrei. Coloquei a cabeça para dentro do quarto do Ethan e o vi se mexer na hora. Sorrindo sozinha, soltei os sapatos ao lado da porta antes de correr na direção da cama e pular ao lado dele, fazendo cócegas em suas costelas.

— Mamãe! — Riu alto, o corpo se torcendo para longe de mim, o que só me fez dobrar os esforços.

— Alguém está acordado depois da hora de dormir — falei ao me sentar e passar as mãos pelo cabelo castanho bagunçado dele.

— Você prometeu voltar cedo pra casa — disse com uma careta.

— Culpe os professores — disse, segurando o rosto dele.

— Eu v — tossiu antes de conseguir terminar a frase. Mas não foi só uma tosse. Ele segurou o peito, o corpo todo indo para a frente.

— Ethan? Querido? — O agarrei, seu rosto lentamente ficava roxo. — ETHAN! — gritei.

— Mamãe... — arfou, sangue saindo do nariz.

— ETHAN! ETHAN! LIAM! LIAM! ME AJUDE! — O pegando no colo, corri para a porta quando...

BANG!

BANG!

BANG!

Os tiros não paravam, todos na direção de...

— WYATT! DONA!

— *Signorina*, estamos sob ataque! — Fedel gritou entrando no quarto.

— Ataque? Quem? — Porra, nada disso importava. — Pegue ele. Cuide dele agora! — Joguei Ethan nos braços dele.

— *Signorina*, não é seguro!

— SALVE MEU FILHO! — gritei, cuspe voando da minha boca enquanto eu arrancava a foto da família da parede ao lado da mesa de Ethan. Atrás dela, tinha escondido meu fuzil de assalto e uma Glock com três pentes de munição. Os prendendo a mim, nem hesitei antes de chutar a porta do quarto de Dona e Wyatt.

Sangue.

Nas paredes, no chão, mas o pior de tudo — neles.

— Urgr... — Um som que nem parecia humano saiu da minha boca — meus olhos pegavam fogo quando encarei meus filhos. Meus bebês. — Não... não. Não. Não.

Era a única palavra que sabia ao correr até eles. O corpo de Wyatt sobre o de Dona, os dois largados na cama.

— Wyatt, querido — sussurrei, acariciando a cabeça dele. — Vamos, isso não tem graça... saia de cima da sua irmã. Dona, bebê, tire seu irmão daí, tudo bem?

Não se mexeram.

Não respiraram.

Apenas ficaram deitados lá... como coisas mortas.

— Não... não... — me deitando em cima deles, os abracei com força. Não entendia. O que tinha acontecido? O que estava acontecendo?

BANG!

BANG!

BANG!

Os tiros soaram novamente. Nem me preocupei em pegar as armas que tinha largado. Mas até abrir a porta parecia impossível, meu corpo estava ficando dormente. Não tinha certeza se estava desmaiando ou chorando, mas minha visão estava embaçada.

— Mel, corra!

Apenas porque era *ele*. Liam. A voz dele deixou tudo claro novamente e desejei que não fosse assim. Não queria o ver daquele jeito. De joelhos, uma arma apontada para a cabeça. Os olhos verdes estalados de medo, mas por si mesmo, não por mim.

— Mel, vá! VÁ! — gritou antes de o homem dar uma coronhada no seu rosto. O lábio dele se cortou, sangue caindo no tapete persa que eu tinha sido obrigada a comprar em uma daquelas malditas feiras de caridade com a Evelyn.

— Mel — Nunca desviou os olhos de mim, mesmo quando levou outro golpe.

Pare, pensei.

— Pare — sussurrei. — Por favor, pare! — gritei afinal.

— Por favor? O que te disse sobre falar por favor, Melody? — O homem se virou e quando fez isso, todo o ar em meus pulmões evaporou.

— Pai?

— Sou mesmo? Porque a filha que treinei, a filha que criei, não é fraca assim. Melody Nicci Giovanni, a filha do Mãos de Ferro, Melody Sangrenta — essa é quem você é. O quê? Achou que só porque derrotou os russos, sua mãe e seu avô, tudo estava acabado? Que iria em direção ao pôr do sol com sua família irlandesa! NÃO EXISTE SOL PARA VOCÊ, MELODY! Não existe um lugar onde possa se esconder. Sempre vai ter alguém te perseguindo. Quantas malditas vezes preciso te ensinar isso?

— Isso não é real. — Balancei a cabeça e desviei o olhar. — Vou acordar agora.

— Se isso não é real, então não se importaria? — perguntou mais uma vez — com a arma apertada contra a cabeça de Liam e eu sabia que não era real. Sabia disso, mas não conseguia impedir os saltos do meu coração.

— Olha só para você. Jamais deveria ter deixado que entrasse para essa família. Eles te deixaram fraca. Você é uma chefe, Melody. Pertence à Máfia. Não à Família Sol-Lá-Si-Dó. Tire a cabeça da porra das nuvens e aja como quem é.

BANG!

O corpo dele caiu de lado, o sangue empoçando à minha frente... os olhos

dele ainda me encarando.

— LIAM!

Meus olhos se abriram e me levantei da cama, arma na mão, o coração ainda batendo forte no peito, o corpo todo coberto de suor.

— Mel? O que foi? — Liam se ergueu sobre o cotovelo, os olhos semicerrados.

— Nada. Desculpe, volte a dormir — sussurrei, erguendo os lençóis e tirando os pés da cama.

Podia sentir o olhar dele me seguindo até o banheiro.

Fechando a porta às minhas costas, derrubei a arma ao lado da pia antes de estender a mão e abrir a torneira.

— Respire. Só respire — cochichei para minha imagem no espelho enquanto tentava tirar as cenas da minha cabeça.

Liam morto.

Ethan morto.

Wyatt morto.

Dona morta.

Apenas eu. Sempre apenas eu... o pensamento me assustava. Eu, que tinha passado quase a vida toda só, estava com medo de ficar sozinha. Bem quando eu estava me sentindo como uma Callahan é claro que meu pai iria aparecer na minha cabeça para me lembrar de que eu era uma Giovanni antes de tudo.

— Droga, Orlando. Você me fodeu mesmo. — Sorri mesmo que não tivesse graça nenhuma.

Depois de lavar o rosto, saí esperando ver Liam na cama. Em vez disso, estava inclinado contra a parede do banheiro, os olhos fechados e os braços cruzados sobre o peito nu. Preguiçoso, abriu os olhos e me avaliou, os cantos da boca erguidos.

— Tudo bem? — perguntou.

Isso. Esse era o motivo de estar com medo de ficar sozinha... desde que nos casamos, desde que vim para essa casa, ele nunca desviou os olhos, nunca me deixou só. Sempre cuidou da minha retaguarda, então me apoiei nele.

Era fraca por ele.

— Mel?

— Tudo. — Peguei a mão dele. — Vamos dormir, temos muita coisa para fazer amanhã.

Ele grunhiu e me seguiu na direção da cama antes de pular em cima de mim, fazendo nós dois cairmos.

— Te amo. — Riu quando tentei me soltar de seus braços, mas ele me segurou mais forte.

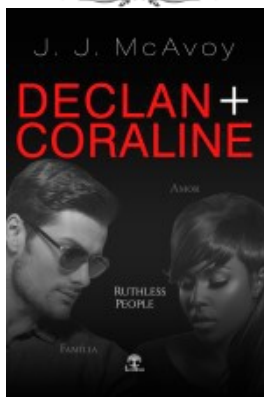
Suspirando, desisti.

— Também te amo.

Como sempre, ele adormeceu com facilidade. Eu, por outro lado, apenas fiquei ali passando as mãos no cabelo dele, totalmente alerta e me lembrando da regra número um que meu pai tinha me ensinado.

Nunca fique confortável porque só vou saber o que é paz no dia em que morrer.

Ruthless People



9786554440059

Este é um prequel e ocorre cerca de dois anos antes de Ruthless People*

Um Prequel de Ruthless People

Você não encontra o amor, ele encontra você.

Coraline Wilson, de vinte e três anos, acaba de sair da faculdade e só quer experimentar a vida ao máximo pela primeira vez. Em sua jornada rumo à autodescoberta, acaba conhecendo Declan Callahan, de vinte e sete anos. Eles se apaixonam dura e rapidamente..., mas suas famílias podem se mostrar problemáticas...



9786554440059

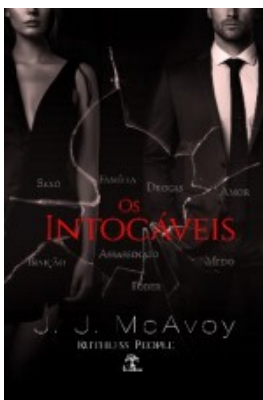
Ruthless People #1... o livro que deu início a tudo.....

Para o mundo exterior, eles parecem a realza americana, doando para instituições de caridade, alimentando os sem-teto e reconstruindo a cidade. Mas por trás das portas fechadas há uma batalha constante pelo domínio entre dois chefes, culturas e corações.

Implacáveis é uma ficção policial romântica que se passa na Chicago moderna e acompanha a vida e o casamento de Melody Giovanni e Liam Callahan - rivais pelo sangue e líderes pelo medo. Seu casamento foi arranjado com o objetivo de pôr fim aos anos de derramamento de sangue entre irlandeses e italianos. Liam supõe que terá uma esposa simplória, que possa controlar, que se submeta a todas as suas necessidades... Logo descobrirá que sua futura esposa não se encaixa nesse molde.

Melody sabe exatamente que tipo de homem Liam é e prefere morrer a abrir mão do poder que passou a vida conquistando.

A máfia do passado evoluiu e, com chefes rivais em busca de suas famílias, Melody e Liam terão de aprender a trabalhar em equipe para derrotar aqueles que estão em seu caminho.



9786554442213

“Um segredo. Múltiplas vítimas.”

Tudo o que foi dito a Melody Callahan sobre seu passado é mentira. Seu pai mentiu. Seu marido mentiu. Mas todos os segredos... são revelados. Sua mãe, Aviela, não somente está viva, como também não parará até destruir tudo o que Liam e Melody passaram o último ano construindo.

Com um novo alvo em suas costas, e a mídia agora focada em sua família à medida que as eleições presidenciais se aproximam, Liam e Melody devem lutar em duas frentes de batalha. Melody está dividida entre estar apaixonada por Liam e querer matá-lo por ter mentido para ela. Estar apaixonada e demonstrar amor são duas coisas diferentes em seu mundo.

Liam quer fazer de tudo para proteger sua família, mesmo que isso signifique ferir as pessoas que ama.

A família é tudo..., mas o que acontece quando querem seu sangue? Tudo pelo que passaram não é nada comparado ao que está por vir...

Sobre a Autora



J.J. McAvoy é autora de séries viciantes como *Ruthless People* e *Children of Vice*, assim como de várias comédias românticas contemporâneas de livros únicos e livros de suspense romântico. Seus títulos têm sido best-sellers na França, Israel e Turquia.

Ela é inspirada por tudo, desde tragédias shakespearianas até a cultura atual. Ela espera, com seus romances, ampliar fronteiras e permitir que os leitores olhem o mundo de outra perspectiva.

Informações Leabhar



Nos acompanhe e fique por dentro das Novidades



Quer receber marcador do livro gratuitamente? Envie o print da compra para o E-mail [Leabhar Books®](mailto:LeabharBooks@gmail.com)

Table of contents

1. Capa
2. Folha Rosto
3. Direitos Autorais
4. Dedicatória
5. Prólogo
 1. Orlando
 2. Sedic
6. Um
 1. Liam
7. Dois
 1. Liam
8. Três
 1. Liam
9. Quatro
 1. Liam
 2. Melody
10. Cinco
 1. Liam
 2. Melody
 3. Liam
11. Seis
 1. Coraline
 2. Declan
12. Sete
 1. Melody
 2. Liam
 3. Melody
13. Oito
 1. Olivia
14. Nove
 1. Liam
 2. Melody
15. Dez
 1. Melody
 2. Liam
16. Onze
 1. Liam
 2. Melody
17. Doze
 1. Melody

2. Liam
18. Treze
 1. Liam
 2. Melody
 3. Liam
 4. Melody
19. Catorze
 1. Melody
 2. Liam
 3. Melody
20. Quinze
 1. Neal
21. Dezesesseis
 1. Melody
 2. Liam
 3. Melody
 4. Liam
22. Dezessete
 1. Liam
 2. Melody
 3. Liam
23. Dezoito
 1. Coraline
 2. Declan
24. Dezenove
 1. Liam
 2. Melody
 3. Liam
25. Vinte
 1. Coraline
 2. Neal
26. Vinte E Um
 1. Liam
 2. Melody
 3. Liam
27. Vinte E Dois
 1. Melody
 2. Liam
28. Vinte E Três
 1. Neal
 2. Declan
 3. Coraline
29. Vinte E Quatro
 1. Melody

2. Liam
3. Melody
30. Vinte E Cinco
 1. Liam
 2. Sedric
 3. Liam
 4. Melody
31. Vinte E Seis
 1. Coraline
 2. Neal
32. Vinte E Sete
 1. Liam
 2. Melody
 3. Liam
 4. Melody
33. Vinte E Oito
 1. Melody
 2. Liam
34. Vinte E Nove
 1. Presidente Coleman
35. Trinta
 1. Melody
 2. Liam
 3. Melody
36. Trinta E Um
 1. Melody
 2. Liam
37. Trinta E Dois
 1. Liam
38. Trinta E Três
 1. Melody
39. Trinta E Quatro
 1. Liam
 2. Melody
 3. LIAM
 4. Melody
40. Epílogo
 1. MELODY
 2. Liam
41. As Regras Da Família Callahan
42. Vem aí
 1. Prólogo
43. Ruthless People
44. Sobre a Autora

Guide

1. [Cover](#)
2. [Beginning](#)

1. [1](#)
2. [2](#)
3. [3](#)
4. [4](#)
5. [5](#)
6. [6](#)
7. [7](#)
8. [8](#)
9. [9](#)
10. [10](#)
11. [11](#)
12. [12](#)
13. [13](#)
14. [14](#)
15. [15](#)
16. [16](#)
17. [17](#)
18. [18](#)
19. [19](#)
20. [20](#)
21. [21](#)
22. [22](#)
23. [23](#)
24. [24](#)
25. [25](#)
26. [26](#)
27. [27](#)
28. [28](#)
29. [29](#)
30. [30](#)
31. [31](#)
32. [32](#)
33. [33](#)
34. [34](#)
35. [35](#)

36. [36](#)
37. [37](#)
38. [38](#)
39. [39](#)
40. [40](#)
41. [41](#)
42. [42](#)
43. [43](#)
44. [44](#)
45. [45](#)
46. [46](#)
47. [47](#)
48. [48](#)
49. [49](#)
50. [50](#)
51. [51](#)
52. [52](#)
53. [53](#)
54. [54](#)
55. [55](#)
56. [56](#)
57. [57](#)
58. [58](#)
59. [59](#)
60. [60](#)
61. [61](#)
62. [62](#)
63. [63](#)
64. [64](#)
65. [65](#)
66. [66](#)
67. [67](#)
68. [68](#)
69. [69](#)
70. [70](#)
71. [71](#)
72. [72](#)
73. [73](#)
74. [74](#)
75. [75](#)
76. [76](#)
77. [77](#)
78. [78](#)
79. [79](#)

80. [80](#)
81. [81](#)
82. [82](#)
83. [83](#)
84. [84](#)
85. [85](#)
86. [86](#)
87. [87](#)
88. [88](#)
89. [89](#)
90. [90](#)
91. [91](#)
92. [92](#)
93. [93](#)
94. [94](#)
95. [95](#)
96. [96](#)
97. [97](#)
98. [98](#)
99. [99](#)
100. [100](#)
101. [101](#)
102. [102](#)
103. [103](#)
104. [104](#)
105. [105](#)
106. [106](#)
107. [107](#)
108. [108](#)
109. [109](#)
110. [110](#)
111. [111](#)
112. [112](#)
113. [113](#)
114. [114](#)
115. [115](#)
116. [116](#)
117. [117](#)
118. [118](#)
119. [119](#)
120. [120](#)
121. [121](#)
122. [122](#)
123. [123](#)

124. [124](#)
125. [125](#)
126. [126](#)
127. [127](#)
128. [128](#)
129. [129](#)
130. [130](#)
131. [131](#)
132. [132](#)
133. [133](#)
134. [134](#)
135. [135](#)
136. [136](#)
137. [137](#)
138. [138](#)
139. [139](#)
140. [140](#)
141. [141](#)
142. [142](#)
143. [143](#)
144. [144](#)
145. [145](#)
146. [146](#)
147. [147](#)
148. [148](#)
149. [149](#)
150. [150](#)
151. [151](#)
152. [152](#)
153. [153](#)
154. [154](#)
155. [155](#)
156. [156](#)
157. [157](#)
158. [158](#)
159. [159](#)
160. [160](#)
161. [161](#)
162. [162](#)
163. [163](#)
164. [164](#)
165. [165](#)
166. [166](#)
167. [167](#)

168. [168](#)
169. [169](#)
170. [170](#)
171. [171](#)
172. [172](#)
173. [173](#)
174. [174](#)
175. [175](#)
176. [176](#)
177. [177](#)
178. [178](#)
179. [179](#)
180. [180](#)
181. [181](#)
182. [182](#)
183. [183](#)
184. [184](#)
185. [185](#)
186. [186](#)
187. [187](#)
188. [188](#)
189. [189](#)
190. [190](#)
191. [191](#)
192. [192](#)
193. [193](#)
194. [194](#)
195. [195](#)
196. [196](#)
197. [197](#)
198. [198](#)
199. [199](#)
200. [200](#)
201. [201](#)
202. [202](#)
203. [203](#)
204. [204](#)
205. [205](#)
206. [206](#)
207. [207](#)
208. [208](#)
209. [209](#)
210. [210](#)
211. [211](#)

212. [212](#)
213. [213](#)
214. [214](#)
215. [215](#)
216. [216](#)
217. [217](#)
218. [218](#)
219. [219](#)
220. [220](#)
221. [221](#)
222. [222](#)
223. [223](#)
224. [224](#)
225. [225](#)
226. [226](#)
227. [227](#)
228. [228](#)
229. [229](#)
230. [230](#)
231. [231](#)
232. [232](#)
233. [233](#)
234. [234](#)
235. [235](#)
236. [236](#)
237. [237](#)
238. [238](#)
239. [239](#)
240. [240](#)
241. [241](#)
242. [242](#)
243. [243](#)
244. [244](#)
245. [245](#)
246. [246](#)
247. [247](#)
248. [248](#)
249. [249](#)
250. [250](#)
251. [251](#)
252. [252](#)
253. [253](#)
254. [254](#)
255. [255](#)

256. [256](#)
257. [257](#)
258. [258](#)
259. [259](#)
260. [260](#)
261. [261](#)
262. [262](#)
263. [263](#)
264. [264](#)
265. [265](#)
266. [266](#)
267. [267](#)
268. [268](#)
269. [269](#)
270. [270](#)
271. [271](#)
272. [272](#)
273. [273](#)
274. [274](#)
275. [275](#)
276. [276](#)
277. [277](#)
278. [278](#)
279. [279](#)
280. [280](#)
281. [281](#)
282. [282](#)
283. [283](#)
284. [284](#)
285. [285](#)
286. [286](#)
287. [287](#)
288. [288](#)
289. [289](#)
290. [290](#)
291. [291](#)
292. [292](#)
293. [293](#)
294. [294](#)
295. [295](#)
296. [296](#)
297. [297](#)
298. [298](#)
299. [299](#)

300. [300](#)
301. [301](#)
302. [302](#)
303. [303](#)
304. [304](#)
305. [305](#)
306. [306](#)
307. [307](#)
308. [308](#)
309. [309](#)
310. [310](#)
311. [311](#)
312. [312](#)
313. [313](#)
314. [314](#)
315. [315](#)
316. [316](#)
317. [317](#)
318. [318](#)
319. [319](#)
320. [320](#)
321. [321](#)
322. [322](#)
323. [323](#)
324. [324](#)
325. [325](#)
326. [326](#)
327. [327](#)
328. [328](#)
329. [329](#)
330. [330](#)
331. [331](#)
332. [332](#)
333. [333](#)
334. [334](#)
335. [335](#)
336. [336](#)
337. [337](#)
338. [338](#)
339. [339](#)
340. [340](#)
341. [341](#)
342. [342](#)
343. [343](#)

344. [344](#)
345. [345](#)
346. [346](#)
347. [347](#)
348. [348](#)
349. [349](#)
350. [350](#)
351. [351](#)
352. [352](#)
353. [353](#)
354. [354](#)
355. [355](#)
356. [356](#)
357. [357](#)
358. [358](#)
359. [359](#)
360. [360](#)
361. [361](#)
362. [362](#)
363. [363](#)
364. [364](#)
365. [365](#)
366. [366](#)
367. [367](#)
368. [368](#)
369. [369](#)
370. [370](#)
371. [371](#)
372. [372](#)
373. [373](#)
374. [374](#)
375. [375](#)
376. [376](#)
377. [377](#)
378. [378](#)
379. [379](#)
380. [380](#)
381. [381](#)
382. [382](#)
383. [383](#)
384. [384](#)
385. [385](#)
386. [386](#)
387. [387](#)

388. [388](#)
389. [389](#)
390. [390](#)
391. [391](#)
392. [392](#)
393. [393](#)
394. [394](#)
395. [395](#)
396. [396](#)
397. [397](#)
398. [398](#)
399. [399](#)
400. [400](#)
401. [401](#)
402. [402](#)
403. [403](#)
404. [404](#)
405. [405](#)
406. [406](#)
407. [407](#)
408. [408](#)
409. [409](#)
410. [410](#)
411. [411](#)
412. [412](#)
413. [413](#)
414. [414](#)
415. [415](#)
416. [416](#)
417. [417](#)
418. [418](#)
419. [419](#)
420. [420](#)
421. [421](#)
422. [422](#)
423. [423](#)
424. [424](#)